

MANUAL PRÁTICO DE DELINQUÊNCIA JUVENIL

TERRORISMO POÉTICO
ARTE SABOTAGEM
TEATRO SECRETO
RELIGIÕES LIVRES
CONCEITOS DISTORCIDOS
IDEOLOGIAS SAQUEADAS
PIRATARIA DE IDÉIAS
SABOTAGEM CULTURAL
FNORD





MANUAL PRÁTICO DE DELINQUENCIA JUVENIL

TERRORISMO POÉTICO

ARTE

SABOTAGEM

TEATRO SECRETO

RELIGIÕES LIVRES

CONCEITOS DISTORCIDOS

IDEOLOGIAS SAQUEADAS

PIRATARIA DE IDÉIAS

SABOTAGEM CULTURAL

FNORD

Prólogo 1

Panfletagem Subliminar

Nada é verdadeiro, tudo é permitido
Leia o texto & mexa sua bunda gorda

Estamos em Território Inimigo & o Inimigo está em nós. A primeira Grande Batalha contra o Império deve se dar dentro de Nossas Cabeças. Libertar nossa imaginação. Poderosos Feitiços Publicitários iludem nossos Desejos mais Puros, Belos & Loucos. Mau Olhado Policial que aprisiona nossa Espontaneidade Selvagem. Engodos Geopolíticos, Castração Gramatical contendo nossa linguagem transgressora.

As raízes do Poder Total do Império estão em nossa psique e regem nosso cotidiano. O Assustador Buraco Negro do Poder que tudo absorve & que tudo subverte & que lucra zilhões com a revolta dos Pobres Formigomens, tristes Ibus declamando discursos libertários para um Céu de Concreto.

Os Protestos & Discursos não devem mais ser Espalhafatosos & Coniventes com a lógica do Espetáculo & da Mídia.

Devem ser em Silêncio & Invisíveis: SUBLIMINARES.

Uma Terrível Conspiração agindo no subconsciente das pessoas.

O Novo Ativismo Global encontra-se num beco sem saída: A "Geração de Seattle" encontra-se presa à sua própria mitologia. Os protestos contra a guerra não deram em nada. Os tanques nas avenidas de Bagdá são um Triste Retrato de uma derrota precoce.

Precisamos de Novas Táticas. Teatro Secreto. Loucos Subversivos agindo na calada da noite. Vândalos & Bárbaros criando Novas Situações que arrebenhem as correntes da Realidade Consensual.

Panfletagem Aleatória despertando Estranhos Atratores numa caótica sociedade fragmentada

"Tornai-vos Invisíveis

Nada é Real-----Tudo é Permitido

Bárbaros Invisíveis que Nada Respeitam

Vândalos que fodem com o Cotidiano (mas que devem, impreterivelmente, Gozar Dentro)"

Comícios em forma de Jogos Secretos. (experimente fazer um comício em que as pessoas nem desconfiem tratar-se de um comício: PANFLETAGEM SUBLIMINAR)

Terrorismo Postal & Sabotagem Ideológica (Santo Hakim), mas lembre-se que a Segunda Grande Batalha se dá no campo da Semântica Corrompida. Aproveite que o Demônio está embriagado com seu Vinho Do Poder & que os Magos não estão do lado do Império.

Faça seu Ativismo Secreto & suas Loucas Conspirações e no mundo real: seja um Delinquente, Inconsequente & Demente.

----Delinqüente (por causa do estupro do espaço)----Inconseqüente (por causa do estupro do tempo)----Demente (por causa do estupro da linguagem).

Panfletagem Subliminar Já.

Prólogo 2

A Balada da Nossa Geração

Somos Muitos & Faremos Muito Barulho

Ironia, cinismo e sarcasmo são nossas armas.

Somos Infantis, Mal Educados & Alienados, somos tudo o que o atual meio libertário mais odeia.

Nós escutamos o som alto sempre que isto nos convém. Achamos que se o vizinho velho morrer de brabo com a altura do som, é porque já era a hora dele.

Nós não bebemos água e não limpamos as unhas.

Nós não temos o costume de lavar as mãos antes das refeições, a menos que elas estejam sujas. E só nós mesmos temos condição de saber o que significa sujeira para nós.

Nós não temos carro, só pra pedir carona & roubamos o que temos vontade sempre que possível.

Queimamos Out-doors & Jogamos Merda nos bancos.

Somos Anti-éticos & Despudorados. Somos Rebeldes & Não temos causa alguma além de nos divertirmos e nos sentirmos livres.

Estamos pouco nos importando com o fato de estarmos destruindo uma propriedade privada. Isso é apenas vandalismo, nossa mais bela manifestação artística.

IMPORTANTE (Leia isso antes de prosseguir)

É **permitida** a reprodução total ou parcial dos textos contidos neste livro mesmo que a fonte, a obra e o autor não sejam citados. Estão todos autorizados a copiarem

os textos, modificarem o que quiserem, assumir a autoria e utilizarem para o que bem desejarem.

Goze sem entraves

Seja realista, exija o impossível

Nada é verdadeiro, tudo é permitido.

Todos os direitos desta obra reservados à
Humanidade
(qualquer cópia feita por alienígenas ou repolhos disfarçados de humanos irá gerar uma tremenda
crise cármica cósmica)



Ficção ou Realidade: A Tosca Dialética da Delinqüência...

É fato que nos últimos dois anos um jovem senhor denominado com a “infame” alcunha de: *Ari Almeida*, vem despertando a atenção de diversos mortais para as suas ações junto de seu grupo: *Os Delinqüentes*.

Não é de hoje que lemos relatos miraculosos de Arte Sabotagem, Terrorismo Poético, Ativismo Estético e outros conceitos mais – influenciados por Hakim Bey e outros neo-

situacionismos – creditados a *Ari Almeida & Os Delinqüentes*. Ficção ou realidade? Muito provavelmente a resposta não pode ser dada. A verdade é que uma tênue diferença separa estes dois conceitos quando pensamos nas ações *Delinqüentes*. Pouco sabemos destes rapazes delinqüentes, a não ser os relatos de seus supostos “ataques” que se passam na fria cidade de Curitiba. O Blogger Delinqüente, lugar onde Ari Almeida posta os relatos, muito bem escritos e articulados, de suas ações *marginistas*, já recebeu centenas e centenas e centenas de acesos. Chamando até mesmo a atenção da grande mídia corporativa, por ironia, um dos inimigos eleitos do bando que de maneira suposta se escondem numa baiúca no bairro Sítio Cercado, na periferia da capital paranaense.

Os Delinqüentes nada mais são do que um nome e um excesso de suposições. Não existem fotos e nenhuma outra referencia mais concreta, digamos assim, a estes senhores, profetas do caos, além dos já citados relatos das peripécias ideológicas libertarias do grupo. E é justamente o relato de todos os ataques realizados até o final de 2003 que este ***MANUAL PRÁTICO DE DELINQUÊNCIA JUVENIL*** apresenta. Uma antologia do Caos Delinqüente Fnord-ico.

É evidente que a intenção que *Ari Almeida & seus Outros Delinqüentes* possuem ao lançar esta compilação completa e desesperada, nada mais é do que criar uma motivação para que outras pessoas meçam suas bundas obesas e ou esqueléticas de suas cômodas e acomodadas poltronas e façam algo de “concreto” em prol de uma nova realidade. Uma luta cômica e inusitada contra o Império. É verdade que estes textos podem estar motivando o surgimento de novos delinqüentes, vanguardistas e provocadores que se disponham a fazer coisas que nem mesmos estes tais de *Os Delinqüentes* tenham sequer imaginado em fazer. E esse é o alvo. Entretanto novamente surgirá a pergunta: *Ficção ou Realidade?* Seja como for o mérito será deles, mas muito melhor (maior) se for verdade.

Por: Danni-el MACEDUSSS
Autor do livro ainda inédito: 68 manifestos contra 68

**O Macarrão da mamãe é mais gostoso
(ato um)**

Foi logo depois de começar a falar em Vandalismo & Barbárie mais seriamente que um amigo apareceu com a idéia dos pique-niques em supermercados. A princípio achei pouco prática: os seguranças logo nos colocariam para fora com chutes e pontapés. Eu estava equivocado, é preciso ser esperto para subverter a ordem cotidiana. Quando se fala em pique-nique logo vem à memória aquela imagem da toalha estendida ao chão, cheia de frutas, doces e salgados.

Quem disse que pique-niques tem de ser assim? Essa foi a primeira pergunta que me ocorreu. Depois foi o seguinte: o que, realmente é um lugar público? Supermercados são lugares públicos? É proibido comer dentro de um supermercado? Pra mim, estas são perguntas inspiradoras. Por exemplo, é perfeitamente normal sentar em banco de praça, tirar da bolsa um sanduíche e comê-lo em paz. Mas fazer o mesmo em uma loja de departamentos pode ser diferente.

De repente lá estava eu imaginando estas coisas acontecerem. De repente lá estava eu entrando em contado com amigos Delinquentes & Doentes e pronto: uma inconsequente ação dos Novos Bárbaros estava sendo arquitetada, descobrimos que sim, podíamos criar situações que subvertissem a rotina cotidiana e turbinasse a realidade banal com um pouco mais de arte. O material utilizado foi o mais básico e prosaico possível: marmitas de alumínio e a sobra da comida do fim de semana. O mundo moderno e seu tabus ocultos permite ótimas diversões pra quem curte criar situações.

Domingo à tarde já estávamos com tudo pronto: quarto marmitas cheias macarronada. O alvo: a C&A na segunda à tardinha, assim que todos tivessem abandonado seus trabalhos forçados. Fariamos uma operação sincronizada. Cada um levaria uma marmita e estaria com um relógio marcando a hora corretamente. Cada um abriria sua marmita em um setor diferente da loja com uma diferença estratégica de cinco minutos, o suficiente pra deixar os funcionários doidos em sua correria.

Seis e meia eu sento no setor de calçados, logo depois de dizer à atendente que estava apenas olhando os modelos e puxo minha marmita de macarrão. A funcionária fica visivelmente constrangida sem saber se fala algo ou não. De canto de olho vejo que ela se dirige ao segurança e pergunta algo. O segurança fala ao walk-talk e cochixa ao ouvido. Foi mais rápido do que eu esperava.

- Moço, eu sinto muito, mas aqui não é o lugar adequado pra fazer uma refeição.

- Porquê?

- Sabe como é, tem os outros clientes e pode ser que alguém não se sinta muito à vontade.

- Sentir-se muito à vontade? Quem não está se sentindo muito à vontade aqui sou eu.

- Senhor, procure entender...

- Moça, preste bem atenção, se o filho daquela mulher de vestido vermelho que está experimentando as sandalias, quiser comer as batatinhas fritas que a mãe dele tem na bolsa, não vai poder?

- Mas senhor, é diferente...

- O que é diferente? Pelo que me consta aquelas batinhas tem muito mais cancerígenos que esse belo macarrão feito com todo amor e carinho por minha mãe.

A discussão estava se prolongando por mais tempo que a pobre funcionária planejara e o segurança logo se deu por conta disso e veio em seu auxílio.

- Algum problema?

Nem deixei a moça responder.

- Claro que estamos com um problema, um problemão! Parece que o filho daquela mulher ali de vermelho não está podendo comer seus salgadinhos.

- Não é isso, o problema não é com o menino... (a funcionária começou a ficar realmente nervosa)... esse senhor aqui não quer entender que isso aqui é uma loja de departamentos e não um restaurante!

- É claro que isso não é um restaurante, não comprei essa macarronada aqui, não roubei ela de lugar algum e não vejo porque não comê-la.

O segurança era um daqueles típicos grandalhões seguros de si e sem medo algum que as discussões descambem pra violência.

- É o seguinte seu panaca, acho bom você levantar daí meio logo antes que as coisas se compliquem de verdade pro teu lado.

- As coisas não podem se complicar muito, comer macarronada é uma tarefa extremamente simples.

- Rapaz, eu não tô aqui pra conversa fiada não, tenho mais o que fazer.

Nisso começou a me puxar violentamente pelo cangote; pelos meus cálculos o Jean já estaria abrindo sua marmita no setor das calçinhas e sutiãs. Hora de chamar pelo gerente, sem esquecer da salutar dose de escândalos, para que não só o gerente deixe de vir e ainda leve umas porradas na saída de serviço ou no depósito.

- Ô seu macacão, eu quero falar com o gerente!

- Cala a boca rapaz!

- Calo a boca o cacete!! (eu já estava começando a gritar) Compro nessa loja à anos, nunca atrasei um pagamento e exijo a presença do gerente!!!

Nisso alguém chamou ele pelo rádio e me tranquilizei sabendo que o Jean tinha se manifestado. O grandalhão me soltou pra falar no rádio e pude me recompôr. O gerente já estava vindo. Finalmente eu veria como se saem os gerentes quando os problemas saem da rotina.

- Com licença, posso saber o que está acontecendo aqui?

Nessas horas um bom arruaçeiro deve saber se comportar dignamente e utilizar aquela cartinha bem educada que estava guardada na manga.

- Senhor, está ocorrendo um grande equívoco.

Nisso uma pequena multidão de curiosos já começava a se formar ao nosso redor.

- Essa funcionária, que me atendeu muito bem, diga-se de passagem, confundiu tudo e não permitiu que eu desse uma leve enganada no estômago antes que escolhesse um par de tênis, estava realmente me interessando por aquele Nike de 349 Reais.

- Mas senhor, tudo bem que você esteja um pouco faminto, nesse caso era só comunicar algum de nossos funcionários que prontamente conseguiríamos um lugar mais resevado para fazer sua refeição, o senhor concorda?

- Não! Não concordo não! Quer dizer que o menino vai ter de sair da loja pra comer seu salgadinho?

- Creio que o senhor não está entendendo.

- Do meu lado eu creio que alguma coisa muito errada está acontecendo aqui, este não é um ambiente em que eu, como cliente em potencial, não deveria estar me sentindo em casa?

- Mas senhor...

E aí começou toda uma ladainha gerencial cheia de palavras bem colocadas & chavões de bom atendimento & aquele velho papo furado de que "o direito de um acaba onde começa o direito de outro". O Jean devia estar se saindo bem, pois uma funcionária veio falar ao ouvido do gerente e os seguranças (agora eram três) desciam apressadamente as escadas em direção ao setor de moda masculina. Era o Vinicius e olha que o Vinicius é muito mais sarcástico e panfletário que eu.

O gerente gaguejou pela primeira vez, pediu pra funcionária que tinha me atendido que ficasse um pouco comigo e pediu licença prometendo voltar em poucos minutos. A menina ficou comigo sem dizer uma palavra, totalmente indignada pela situação. E eu contendo a vontade de rir; bem que alguém podia chamar a polícia para as coisas começarem a realmente ficarem grandes. Grande dia! Grande dia!

O combinado era que assim que a quarta marmita fosse aberta pelo Fábio no térreo, quinze pra sete, todos fossem para lá e daríamos abraços e beijos em todos. Foi um plano perfeito, diga-se de passagem, devíamos ter filmado a coisa toda, mas tudo bem, essas coisas vão ficar fotograficamente registradas em nossas memórias para o resto de nossas vidas.

O gerente estava demorando e a funcionária estava muito inquieta.

- Querida, pode dar uma volta pra relaxar que não tem perigo de eu voltar a comer, quer um pouco?

- Não, obrigada, respondeu ela, com a melhor cara de nojo que conseguira.

- De nada, baby.

Nisso bateu as sete e quinze e levantei-me de onde estava sentado. A funcionária deu um salto assustada de onde estava e logo voltou a sentar-se, reconhecendo o ridículo da situação. Triunfantemente dirigo-me ao térreo onde o Fábio estaria sem enxergar um segurança sequer, deviam estar todos ocupados. Encontrei a galera toda reunida com o Vinicius ainda discutindo com o gerente sobre o conceito de lugar públicos e privados e uma considerável multidão em volta. Eu tinha panfletos no bolso. Gosto de carregar certos panfletos no bolso. Jamais esquecerei a cara de tacho que o gerente fez quando o Vinicius fez uma cara de bravo, falou que não discutiria mais e catou nossas marmitas e jogou no lixo mais próximo.

- Realmente vocês tem razão! Este é um sagrado lugar de comprar onde não se deve nunca, jamais, cometer a heresia de não gastar. Senhor gerente! Estes três delinquentes juvenis são meus irmãos e o senhor pode ter ser certeza que contarei tudo, tim-tim por tim-tim para nossa mãe e esses três marginaizinhos ficarão pelo menos um mês sem comer macarrão.

Então começamos a nos dirigir para a saída da dando tchau e beijinhos em todos os curiosos que estavam com algum sorriso no rosto. Distúrbios Cotidianos são aquilo que eu considero mais divertido ultimamente. Antes de sair, virei-me para trás e joguei todos os panfletos com a frase "Seja realista, exija o impossível" que tinha no bolso, falando em alto e bom tom:

- Um forte abraço para todos vocês!!!!

O Crime Não Compensa (ato dois)

Ainda não tínhamos analisado a arte sob a ótica do Distúrbio Cotidiano até que Sergio Augusto, nosso amigo das antigas, metido a artista plástico, chegasse do interior com dezenas de colagens, frutos de seus trabalhos mais recentes. Digo que ele é metido a artista por considerar que chamar alguém de artista plástico hoje em dia equivale a xingar os parentes do sujeito até a oitava geração ascendente. Me chame de filho da puta,

mas não me chame de artista. A arte encontra-se mercantilizada, afetada, eletizada, enfim, totalmente corrompida de sua original função transgressora.

Os trabalhos do Sergio estavam bons demais para serem vendidos a um advogado ou a algum empresário do ramo das seguradoras. Todos nós éramos unânimes quanto a isso, mas o consenso sumia quando pensávamos em qual destino adequado a uma autêntica obra de arte. O Vinicius queria queimá-los em praça pública por considerar que a arte autêntica deveria soar como uma heresia. E o destino dos hereges é a fogueira. O Fábio considerava que o ideal era solenemente esquece-los no Terminal de Ônibus do Boqueirão. Eu cogitava a hipótese de enviá-los pelo correio a destinatários escolhidos ao acaso na lista telefônica. Após horas e horas de papo intelectual besta foi o Jean quem veio com a idéia definitiva: o crime, a ilegalidade, o impacto de um Terrorismo Poético ou de uma Arte-Sabotagem.

Invadir uma casa e pregar os quadros na parede, substituindo os eventuais quadros que já estejam lá.

Ótimo. Perfeito. Explêndido. Só tinha um problema, uma questão crucial: nenhum de nós jamais tinham invadido uma casa e a possibilidade de sermos pegos ou dispararmos o alarme era altíssima.

- Seria se eu não tivesse uma carta na manga, não teria tido essa idéia se já não pensasse numa solução.

- E qual é? Você conhece algum ladrão?

- Não! Mas você lembra da Juliane, que eu agarrei a uns tempos atrás?

- Aquela patricinha que fazia direito na PUC?

- Exato! Faz uns quatro meses que a gente não se vê, mas... Bingo! Tenho cópias das chaves da casa dos pais dela!

- Não acredito!

- Não boto fê!!

- De onde vocês acham que eu tirei aquele candelabro de prata que a gente vendeu pra poder acampar na Serra dos Órgãos?

Genial. Um plano perfeito (e sempre fomos viciados em planos perfeitos). Analisando friamente, não era um plano difícil de levar a cabo. Era só escolher o dia e a hora certa e ter muita cara-de-pau, o que, modéstia à parte, nunca nos faltou.

O mais difícil foi convencer o cagão do Sergio a ir junto, já que considerá-los sua presença fundamental. Deveria ser ele o Maravilhoso Vândalo a pregar o primeiro prego na "parede da burguesia". Alguma pesquisa e alguns telefonemas depois e pronto: domingo à noite a família inteira da Jú estaria num jantar no Clube Sírio-Libanês de Curitiba.

O pior é que o Sergio demorou mesmo a se convencer, ainda tava naquelas de sonhar com vernissages e resenhas em cadernos culturais.

- Sergio, isso é só um brinquedo, um exercício para depois sonhar mais alto. Se nada der certo, valeu a diversão e a sensação de fazer algo.

Ontem, domingo, lá pelas nove e meia da noite estávamos todos prontos. Mais ou menos prontos, pois nossas mãos suavam de cagaço. Podíamos muito bem ser presos. Minha mãe diria que DEVERÍAMOS ser presos. O Jean já conhecia bem o bairro e a casa, tinha namorado a Ju por uns três meses. Isso me tranquilizava um pouco. Mas não tranquilizava o Fábio. O Cara tava cagado de medo.

- Não tem alarme lá não, cara?

- Tem, só que fazia um ano que o vô da Ju não trocava a senha, o velho é meio supersticioso, se trocou agora é muito azar, tá ligado?

- Puta que o pariu!

- Não dá nada, cara, não dá nada.

O cara que falou que o crime não compensa é um puta de um mentiroso. Compensa pela adrenalina. A Juliane morava no bairro do batel e fomos de ônibus. Não conversamos nada a viagem toda, tamanho era o clima de tensão no Interbairros I. Grandes invasores! Grandes Terroristas Artíficos. Um bando de cagões, isso sim.

Descemos e contornamos a quadra até a rua paralela que daria nos fundos da casa. Escalamos um muro que dava em um estacionamento para funcionários de uma loja de sapatos que estava fechada.

- Não tem vigilante aqui?

- Cala a boca!

Escalamos a "Churrasqueira de Confraternizações" da loja de sapatos e encaramos a parte mais difícil do plano do Jean, que era a cerca eletrônica da casa da Ju.

- Esse troço dá um choque de uns 100 volts.

Um de cada vez, nos agarramos num galho de uma mangueira e pulamos, quase nos estoporando no chão do pátio. Salto mortal mesmo. Eu pulei na boa. Pulou o Fábio numa boa também. Depois o o Vinicius eo Jean. Mas o cara mais sem jeito do mundo chamado Sergio Augusto caiu todo errado e torceu o tornozelo.

- Aaaaaaiiii!!!!!!
- Cala a boca seu paunocú!!!! - susurramos todos.
- Quer foder com tudo?
- Mas tá doendo, porra!!
- Te fode cara, aguenta as pontas!

O Jean estava realmente com pressa e nem nos deixou discutir.

- Vamos correndo por esse corredor que tem um trinco maneiro na janela do banheiro do quarto da Ju.

- E as chaves?

- As chaves são pra nós sairmos, é muito bandeira um bando de malucos entrar numa mansão dessas pela porta da frente.

Realmente era muito fácil. Com um simples pauzinho o Jean empurrou alguma coisa e a janelinha do banheiro se abriu.

- Agora vocês ficam aqui que eu tenho quinze segundos pra desligar o alarme!

Ficamos. E olha que o cara demorou pra caralho. a cada segundo parecia que o alarme ia disparar. Todo mundo se olhava nervosamente. O Fábio estava prestes a sofrer um ataque cardíaco. O Sérgio só gemia com seu tornozelo torcido.

- Ou torceu o tornozelo ou quebrou mesmo.

- Cala a boca, sua bixa!

Devem ter passado uns trezentos minutos até que o Jean apareceu na janelinha do banheiro com a cara mais safada do lado de cá da Galáxia.

- Beleza galeraaa!!!! O alarme tá desligado.

- Urrúúú!!!!

- Calem a boca seus paunocús!!!!

A casa era de burguês mesmo. A Juliane tinha mais dois irmãos e cada um lá, com seu quarto individual, com banheiro e tudo em cima, som, TV, micro. Filhos da puta. tinha tudo: sala de leitura, sala de home teacher. Bem que podiam fazer uma sala para peidar, uma sala para se masturbar. Deu vontade de quebrar tudo ou pelo menos roubar um monte de coisas, mas o objetivo não era esse.

Trocar os quadros que já estavam na parede era fácil: o Fábio e o Vinícius já estavam fazendo isso. Pregos novos pregos e modificar o lay out de tudo é que era o desafio. Pra isso dar certo só faltava o último item do plano do Jean: a empregada. O quarto da Rosicleide ficava lá nos fundos, as chances dela ouvir nossos cochichos eram baixas, mas pregar coisas nas paredes era bem mais foda.

A esperança do Jean era que, conhecendo ela do jeito que ele conhecia, ela tivesse dormindo ouvindo seu sonzinho. Ela quase sempre fazia isso. Fim de semana sozinha em casa então: era batata. Jean voltou correndo feliz:

- Massa! Ela tá ouvindo Bruno & Marroni!!

Foi então que o Sergio solenemente, com todo o senso de gradiloquência que a situação exigia, pregou o primeiro prego. No lado esquerdo da lareira. No lugar exato que ele cuidadosamente escolheu. Ali, no seu ponto escolhido, pregou sua obra preferida. Nós pregamos todos os outros pregos enquanto ele ficou ali, vivendo seu momento único com a obra que mais admirava.

Não demoramos muito. O sucesso do trabalho dependia da velocidade, mas posso te garantir que o Sergio viveu seus três minutos de perfeição. Por três minutos viveu sua própria arte e a arte, exaltada em sua essência, viveria ali por ele, quando todos nós fugíssemos do lugar.

O que não demorou. era o Jean quem dava as ordens.

- Toque de recolher, povooooo!!!!

Começamos todos instintivamente correr pra janelinha do quarto da Ju quando o Jean nos lembrou: "O alarme tá desligado e eu tô com as chaves seus manés". Saída triunfal pela porta da frente. Tomando o cuidado para deixar tudo fechado, é claro. Saímos todos em silêncio com os respectivos peitos estufados.

Foi só chegar na rua que o cagaço bateu de novo, saímos correndo feito uns loucos. Corremos umas três quadras e começamos a correr e rir feito uns loucos. Foi só um começar a rir que ninguém mais conseguiu parar. O Sergio até curou o tornozelo e garagalhava demencialmente. A adrenalina e o cagaço eram tantos que corremos por umas duas horas. Foi massa.

Hoje é segunda feira e estou aqui no trampo com as pernas todas doídas da correria. Ninguém conseguiu dormir à noite. Sono do caraaalho e ainda não sei explicar direito o significado do que fizemos, mas me sinto feliz. Muito feliz. O cara que falou que o crime não compensa é um puta de um mentiroso.

**O Foto do Tijolo na Vidraça Todo Mundo Acha Bonito (mas o tijolo na
vidraça mesmo...)
(ato três)**

Uma vez li em algum lugar, acho que no site da Fraude: "sempre se envergonhe daquilo que você escreve". É assim que funciona comigo quanto à poesia. Passa um ano, um ano e meio e são raros os poemas que eu leio e não me envergonhe. Já faz um tempão que não escrevo poesia e o primeiro sujeito que me aparece dizendo que a poesia está morta já vou aplaudindo.

Outro dia eu estava andando no calçadão da Quinze e apareceu um cabeludo oferecendo livrinhos de poesias por dois reais. Soltei meu chavão preferido:

- A poesia está morta! E só curto necrofilia quanto tô bêbado.

O que anda me desanimando na poesia é justamente isso: a gaiola onde ela anda aprisionada. Você escreve lindos versos e, ou os deixa na gaveta, dando-lhes vida apenas nos momentos em que lhes dá atenção, ou então você os explora feito o cabeludo do calçadão, imitando aquelas senhoras pobres que levam seus filhos pra esmolarem no centro da cidade e ficam cuidando escondidas na esquina, recolhendo as moedas dos filhos a

cada meia hora.

Andei pensando muito nisso porque depois da invasão da casa da Ju, o Fábio ficou meio traumatizado devido ao estresse e à overdose de adrenalina e andava escrevendo feito um aluscinado. O poeta oficial da turma sempre foi o Sergio, com seus arroubos de paixão, só que ultimamente andava se ocupando demais com as telas.

- Ari, a gente podia fazer alguma coisa com as poesias...

- Fazer o quê, Fábio?

- Sei lá, tipo alguma coisa parecida com o que a gente fez com as telas do Sergio.

- Que tal a gente xerocar uma porrada de poemas e colocar cada um dentro de um livro na Biblioteca pública, O Tiba trabalha lá e dá pra gente fazer.

-Não, nada a ver, isso é idéia de gerico.

- O quê então?

- Sei lá... Vamos pensando, porra.

O Sergio torceu o tornozelo de verdade naquela noite. Na hora da correria não sentiu nada, mas no outro dia o negócio amanheceu inchado, teve até que ir no postinho de saúde enfaixar. A semana passou então com todos meio que recolocando as idéias no lugar. A invasão porém, foi um sucesso e ninguém estava a fim de parar. Foi na quinta-feira, quando o Sergio tirou as faixas do pé que saímos pra beber e comemorar que o Fábio veio com mais uma Fantástica Idéia & um Plano Perfeito.

- Galera! Já sei o que fazer com as poesias!

O Jean deu sua coçadinha de barba típica:

- Ih! Já tá viajando de novo!

O Vinicius sempre foi mais ácido:

- O Fábio tendo idéias? Dessa vez a gente cai com os home!

- Vão se fuder! O Plano é perfeito. Ouçam crianças: a gente escreve cada poema, no caso eu escrevo, à mão, em papeizinhos pequenos. Depois a gente amarra os poemas com linha de costura em bolinhas de gude e, com um estilingue e... (fez uma pausa para o suspense)... fizemos a distribuição nas vidraças da classe média. Perfeito! O terrorismo poético que o Hakim Bey falou.

- Olha a do cara, meu! Tava todo cagado de medo por ter arriscado o pescoço domingo e agora já quer sair quebrando vidraças por aí!

- Se é pra fuder, vamos fuder com tudo de uma vez, porra!

Curti a idéia pra caralho. O Fábio é o tipo do cara que fica na dele a maior parte do tempo e de repente surpreende a gente.

- Eu consigo faço umas cinco bicicletas lá em Colombo, depois a gente compra aquelas tocas pretas que os Zapatistas usam, vamos todos vestidos de preto e com luvas pra dificultar a identificação e pronto!

Gostei da idéia mesmo e nos dias seguintes ficamos tratando de conseguir o material, algumas roupas pretas emprestadas e tocas e luvas a cinco reais nos camelôs da Praça Osório.

Vinicius escolheu o bairro: Jardim Social e fez um mapinha esquematizado com rotas & fugas. Eu e o Sergio iríamos pela BR 116 com três poemas e pixaríamos cada um deles em algum ponto do trajeto. O Jean e o Vinicius iriam pela Av. Nossa Senhora da Luz com outros três poemas e a mesma tarefa com o spray. Idéia de quebrar o orçamento do Sergio: cada poema pixado com uma cor diferente, idéia besta de artista plástico besta, azar o dele, teve que pagar os sprays.

Fabio ficou com o último poema pra fechar o número sete, pois anda pirando com o Calendário Maia e umas paradas de numerologia. O cara tem umas piras com o número 23 que ninguém bota fé. Ele iria sozinho, à deriva, sem rota planejada e iria nos esperar às quatro da manhã na Praça Villa Lobos, de onde fujiríamos feito uns loucos novamente.

Logo depois da meia-noite eu e o Sergio partimos com nosso material terrorista. As bicicletas que o Fabio conseguiu pra nós eram umas belas bostas. A minha escapava a correia a cada duas quadras e a do Sergio era cor-de-rosa, altamente gay. Mas tudo bem, lá fomos nós BR à fora escolhendo lugares pra pixar os poemas.

Não posso dizer que fizemos um trabalho bem feito. Nossas bikes eram uma merda e meu colega, basicamente um inexperiente em vandalismos & delinquências. O primeiro poema ficou num muro de um terreno baldio meio nada a ver. O segundo foi melhor, foi numa daquelas passarelas pra pedestres que atravessam as rodovias. Foda foi escrever de cabeça pra baixo.

O terceiro foi mais massa. Pulamos um muro e pixamos do lado de dentro. Vandalismo exclusivo. Não é pra qualquer um. E o poema era bom, pixado de vermelho vivo. Muito louco.

Fiz uma gambiarra pra correia parar de escapar e tivemos que pedalar às ganhas pra chegar no Jardim Social às três da matina. O Sergio carregava os "Cartuchinhos Líricos" como eu chamava os poemas amarrados em bolinhas de gude e o estilingue. Eu iria atirar, já que ele nunca tinha caçado passarinho na vida. Se o Sergio fosse atirar acho que precisaria de uns 49 poemas pra acertar uma vidraça de 10 metros de largura a quatro

A primeira casa foi fácil: a vidraça era grande e o muro era perto. Um facilidade traiçoeira, pois fizemos a coisa rápido demais, sem pensar na fuga e a filha da puta da rua tinha uns duzentos metros até a próxima esquina. Correria dos diabos. Foi ouvir o som da vidraça quebrando e parece que o peso da realidade se abateu sobre nós, sobre mim principalmente.

Dessa vez corremos bem mais até eu achar um muro que desse num terreno baldio.

- O que foi? - Sergio parecia irritantemente calmo.

Jogamos as bicicletas e sentei ofegante no meio de um mato de ervas daninhas. Estava exausto e apavorado. Na casa da Ju era um lugar fechado que o Jean conhecia bem. Agora era diferente, estávamos na rua, onde qualquer insone podia encher da janela do quarto e não conhecíamos o bairro direito. Acendi um cigarro. Minhas mãos tremiam.

- Calma!

Aí parece que a realidade desabou novamente sobre mim. Era verdade, a mais pura verdade. Então parece que um raríssimo senso de heroísmo se abateu sobre mim. Corri uns cinquenta metro pelo matagal e pulei um muro altíssimo (sinceramente, não sei como consegui) que dava numa casa nos fundos do terreno. Cai no pátio e fiz tudo automaticamente sem raciocinar, o tipo de coisa que se você pensa, você não faz. Na janela que dava naquilo que eu achava ser o quarto dos donos da casa estiquei o estilingue e, a menos de dois metros de distância, soltei o projétil. Deu pra sentir os cacos de vidro no rosto. E deu pra ouvir gritos dentro da casa. Parei o mundo deles. rêrêrê.

- Você tá bem cara? Se machucou?

- Tem certeza?

- Porra cara, vocês demoraram pra caralho!

- Pensamos que vocês tinha sido pegos.

- Que diabos vocês estavam fazendo?

- O Fabio ainda tem que jogar o dele!

- Que foi isso no teu nariz, Ari?

- Bota pra fudêêêêêr!!!!

- Fugam que eu dou um jeito!!

Se a gente tivesse um cronômetro na hora acho que teríamos batido altos recordes de velocidade.

- Iaba daba dúúúú, me alcancem seus paunocúúúú! - Gritou o Vinicius se cagando de dar risada.

- Corra, Forrest, corra! - Respondeu o Jean.

Em menos de dez minutos estávamos todos sentados no escuro, ofegantes, na frente do Jardim botânico. Quer dizer, todos menos o dono da bicicleta da correia podre, eu, que levei outros dez minutos pra chegar. Dessa vez não ríamos tanto quanto na semana passado porque o Fábio tinha ficado pra trás. Quase

ninguém falava nada, até que o Jean foi num posto de gasolina próximo buscar umas cervejas e voltou com o Fabio no bagajeiro. O desgraçado escapou!

- Seus boiolas! Eu tava brincando quando falei pra fugirem sem mim.

- E a bicicleta?

O cara, emocionado com sua aventura, disse que tava tão feliz que deixou ela num viaduto de presente pro primeiro que a encontrasse, com uma sacolinha plástica cheia de panfletinhos com a frase: "Seja realista: exija o impossível" e veio andando até que o Jean o encontrou.

O Fabio realmente ficou em êxtase. Fomos andando a pé até a kitinete do Jean e do Vinicius bebendo uma cerveja de cada boteco que encontramos pelo caminho. Chegamos em casa oito e meia da manhã, selvagememente bêbados & feliz. Êita mundinho estranho, sô!

Quarenta e Dois Decibéis de Exorcismo (ato quatro)

Assaltantes de banco são o tipo de bandidos mais respeitados pelos colegas de cadeia. Ao contrário dos estupradores, que, dizem, tem seus cuzinhos comidos lá dentro, assaltantes de banco tem uma puta moral nos presídios. Isso porque todos sabem que banqueiro & ladrão são a mesma coisa. Sempre se soube de histórias de pessoas que deviam os tubos a bancos e cometeram suicídio. Crise financeira sempre foi a maior causa dos suicídios. Eu diria que bancos são contra a vida: definitivamente são lugares do mal.

Depois da aventura das vidraças quem ficou com sequelas físicas fui eu. O nariz todo vermelho de ralar no asfalto & o cotovelo direito doendo e inchado. Queria agora alguma coisa com menos riscos de tombos. O Fábio não cabe em si, de tanto orgulho do nobre destino que seus poemas tiveram. Está Feliz & definitivamente convertido aos Distúrbios Cotidianos.

- Me sinto um rei, um monarca dos meus atos loucos.

- Viajão!

- Você não tem espelho, não?

- Meu espelho são meus atos, neles eu me reconheço, rarárá!

Fábio já é um típico chato contador de vantagens, depois de sábado então, ninguém atura mais suas explosões de lirismo de boteco.

- Pessoal, eu tava afim de uma coisa mais light durante a semana.

- Que foi, Ari, tá com medo?

- Mais ou menos, sábado foi muito foda.

- O quê então?

- Tava afim de abençoar um banco de novo.

Vinicius, que tinha achado engraçada a história do dia em que eu tinha me vestido de padre e entrado num banco, concordou no ato.

- Claro, véio! Tô doido pra participar de um negócio desses!
- Quero ser o coroinha, falou o Jean.
- Eu faço um catecismo, com uma capa louca!!- Gritou o Sergio da cozinha, onde estava fazendo uma de suas indefectíveis tortas de maçã.

O Fábio mora em Colombo e sua mãe é costureira, entreguei meu vestido preto de 27 Reais que ainda estou devendo na firma, pra mãe dele dar um jeito pra que fique o mais parecido possível com uma batina. Ele diria a mãe que era pra uma apresentação de teatro. Não deixa de ser. O Sergio ia fazer umas hóstias, dessa vez ia ter que ter hóstias. Superprodução, com participação do time completo.

O alvo seria o Banco Santander da Av. Floriano, durante a semana na hora do almoço, quando todos estivessem livres de seus Trabalhos Forçados ou Aulas Alienantes.

A batina ficou espetacular, tinha até uma cruz prateada bordada no peito. Jean conseguiu outro candelabro de prata que tinha roubado da casa da Juliane, um vidrinho vazio de óleo de oliva importado para a água-benta e uma roupa para atuar de coroinha. Quando tentei exorcizar um banco, fui logo expulso do local porque minha roupa era altamente mandrake e minha água-benta estava numa garrafa de Coca-cola, tava na cara que eu não era um padre.

Agora seria diferente, nossa indumentária era decente. Vinicius queria ser o padre, ficou dois dias decorando umas passagens do Apocalipse e rabiscando sermões.

O sermão do caixa-eletrônico. O sermão da fila organizada. O sermão do saldo zero e por aí vai. Eu, o Fábio & o Sergio seríamos os fiéis penitentes, inadimplentes do Imposto de Renda.

- Não pagamos impostos, mas amamos Jesus Cristo Nosso Senhor.

Nos encontramos em frente ao banco cinco para o meio dia. Logo na entrada: o saguão dos caixas-eletrônicos. O Vini/Padre andava lentamente e com uma expressão grave inacreditável. Usava uma barba postiça e uns óculos redondinhos pra lá de cômicos. Quase caímos na garagalhada quando o vimos. O Jean de cabeça baixa, com a humildade conveniente a um coroinha iniciante, hilário. Aproximaram-se do primeiro caixa.

- Que Deus abençoe e livre a alma de quem se aproxima desta máquina criada para o mal.

Uma menina que estava no caixa ao lado deu uma risadinha, mas logo tapou com a palma da mão. Um senhor idoso, que estava mais longe e que não estava conseguindo digitar seus dados direito perguntou surpreso:

- O quê?!

- Que Deus perdoe a pobre criatura, cientista ou engenheiro não sei do quê, que projetou esta máquina satânica.

Todo mundo no saguão já estava olhando. O padre entoava umas orações com a voz baixa, quase sussurrando enquanto o coroinha abençoava as máquinas com sua água-benta. Uma das meninas que auxiliam os clientes chegou perto, toda educada & com um sorriso magnífico.

- Posso lhe ajudar em alguma coisa senhor?

- Deus lhe abençoe minha filha, como entro na agência?

- Pela porta rotatória, senhor, se tiver carregando alguma coisa metálica, como um molho de chaves por exemplo ou telefone celular, deixe na janelinha ao lado está bem?

- Obrigado.

Deixaram os apetrechos de metal na janelinha e entraram sob o olhar desconfiadíssimo do guarda de segurança. Eu e os outros olhamos de longe e entramos logo depois. O Padre & Seu Coroinha distribuíram os catecismos aos clientes que estavam na fila. O catecismo trava-se de um cartão dobrado ao meio, com um desenho colorido do Sergio na capa e com o seguinte texto dentro:

"A maior parte do dinheiro no mundo não existe, não tem ligação alguma com nada material. No entanto, tem uma influência decisiva nas coisas materiais. Inclusive em nossas vidas. Essa é a mais perfeita descrição de uma entidade espiritual. Uma entidade do bem certamente não é, dadas as desgraças que o dinheiro causa ao mundo. Com certeza essa entidade não está do lado de Deus. É um demônio, trazendo a miséria & a injustiça ao mundo. A fome, as guerras & o sofrimento.

O dinheiro é o mal"

Um catecismo simples, mas eficiente. Todo mundo na fila comentava algo com o vizinho, uns rindo e outros com sinais de desaprovação. Alguém deve ter dado a ordem, pois uma atendente veio imediatamente acompanhar o Reverendo Vinicius & Seu Coroinha.

- Não esqueçam, irmãos! Deus reserva o perdão às almas arrependidas. A entrada do céu é estreita, porém não se cobra ingresso, não há consumação & o Paraíso é infinito.

- Amém, esclamamos eu, o Fábio e o Sérgio, cada um em um ponto estratégico da agência, formando um triângulo.

A questão é que se a princípio a gerência deixou nosso teatrinho rolar solto, era porque não sabia se tratava-se de um padre mesmo ou não. Jamais um gerente de banco iria faltar com educação com um padre na frente de seus clientes. Só que depois que o "padre" começou com aquele sermão estranhíssimo ficou claro que alguma coisa estava errada.

- Você está com oitocentos e não sei quantos reais negativos na conta? Não se preocupe, Deus não consulta o SPC.

O Jean estava distribuindo as hóstias aos sorridentes clientes que visivelmente estavam adorando o sermão do simpático pároco anti-capitalista, quando o gerente aproximou-se. Mas o Universo de repente conspirou a nosso favor e na hora que o gerentealaria, uma senhora baixinha com uns 70 anos o interrompeu.

- Padre, Deus que me perdoe, mas acabei brigando com meu neto por não lhe dar o dinheiro que ele queria.

- Acalme-se minha senhora, sem saber, a senhora o ajudou.

- Mas senhor... (o gerente parecia atônito, muito mais que o gerente da C&A do dia das macarronadas)... vamos conversar um pouco?

- Conversar o quê, irmão?

Então um dos guardas de segurança passou pra ele um exemplar de nossos catecismos. Ele pôs os óculos e leu em silêncio, compenetrado. O negócio durou uns segundinhos apenas e o gerente olhou pro lado em direção a três seguranças que, no fundo da agência, já estavam doidinhos pra serem chamados. O maior deles veio correndo.

- Estes rapazes resolveram “brincar” de padre no lugar errado, chame por favor um policial que está de plantão do outro lado da rua.

Sujeitinho esperto & decidido, se ligou mesmo que era sacanagem nossa. Tirei o chapéu pra ele, mas de nossa parte resolvemos tirar o time de campo e zarpamos pela porta rotatória. O Jean mandou sua função de coroinha à merda e tentou sair pela tangente rapidinho também. Na hora em que estava saindo da agência o segurança grandão o agarrou pela roupa de coroinha.

- Onde pensa que vai?

- Tenho que voltar ao trabalho...

- Não sem ouvir umas verdades antes.

Então, na maior das intolerâncias, deu um tapa na cara do Jean, tão forte que o coitado chegou cair de costas no chão. Fábio viu o que estava acontecendo e voltamos correndo pro banco.

- Solta o cara, seu otário, ele não fez mal algum!

- Não se meta!!

- Me meto sim, não gosto de injustiças.

Enquanto o Fábio discutia com o segurança, eu e o Sergio juntamos nosso colega e o arrastamos pra fora, fingindo que ele estava mal, muito mal. Os clientes que assistiram a cena ainda nos olharam atravessar a rua e sumir de vista, logo depois veio o Fábio.

- Sujeitinho babaca, você tá bem Jean?

- Tranquilo, não foi nada, só um susto.

O Vinicius ficou sozinho e deu um monte de explicações ao gerente, na tentativa dele não chamar a polícia. Falou que era um seminarista novato e que acreditava em cada vírgula do que tinha dito e que curtia a Teologia da Libertação e que por favor, pelo amor de Deus, não fizesse nada que seus superiores pudessem descobrir e que jurava que estava fazendo a coisa certa e que Deus abençoa as almas sinceras e mais uma porrada de coisas. Encheu tanto o saco do coitado do gerente com sua ladainha que acabou se safando.

Acabou ficando por isso mesmo, o policial chegou a entrar no banco, mas o gerente pediu para deixar quieto, que a situação estava sobre controle e que o juvenzinho estava apenas um pouco nervoso. Quer dizer, mais ou menos por isso mesmo, a velhinha que tinha negado dinheiro ao neto virou sua devota, ficou dando tchauzinhos e jogando beijinhos enquanto ele saía do banco. Acreditou mesmo na parada. E a mina da risadinha do caixa-eletrônico, se engraçou no Vini e curtiu a cena toda do início ao fim.

Nos encontramos todos no termômetro da Praça Rui Barbosa. Foi divertido pra caralho, o tipo de história que fica melhor conforme se lembra & conforme se conta. O termômetro da Rui Barbosa tem uma parada que marca os decibéis pra medir o nível de ruído da praça. Berramos de felicidade e fizemos um duelo de gritos feito uns retardados.

Jean, trinta e cinco decibéis acima do que estava marcando. Sergio e Fabio empataram, trinta e oito decibéis cada um. Eu, tomei no cú, trinta e três decibéis, estava rouco.

O grande vencedor: o Padre Louco, São Vinicius, padroeiro dos cara de pau, quarenta e dois decibéis.

Umas Surpresinhas Para Uns CD-Players (ato cinco)

Um dia uma amiga me ligou contando que tinha recebido um estranho postal. Não tinha remetente, apenas uma frase escrita com letras recortadas de revista, no estilo dos bilhetes que os sequestradores enviam. A frase era: "O mundo está estranho ou sou eu que não presto?"

Lembrei disso porque no dia em que fizemos a "missa" no banco, Vinicius pegou o telefone e o endereço da mina que tinha se engraçado nele e estávamos discutindo como ele entraria em contato. Vinicius queria usar o "Método Sérgio Augusto de Abordagem."

O método usado por nosso amigo artista plástico consiste em presentear a pessoa com estranhos fetiches pelo correio. Um CD, um cartão, um verso, uma flor, tanto faz o presente, a questão é a distância e a aura de mistério. Sérgio sempre fez isso com as mulheres, se mantendo anônimo até onde era possível. Só que com o Vini teria de ser diferente, pois não era anônimo.

- Eu posso chegar perto da casa dela e mandar um moleque entregar um bilhete num tom dramático: "Socorro, ajude-me, salve um gato na frente casa tal, endereço tal". Aí espero ela em cima de uma árvore na frente da casa.

- Ih, cara! Não sei, acho que não, ela não vai levar a sério o bilhete. - Respondeu o Jean.

O Fabio ainda tava naquela viagem dos estilingues.

- Convida ela pra sair num bilhete e manda ver na vidraça da casa dela.

- Tá viajando, cara? Ele tem uma mãe e um pai que certamente não vão gostardo teu romantismo e é provável que nem ela vai levar a coisa na boa.

No fim acabou usando a maneira mais prosaica: ligar para sair. No entanto seguimos conversando sobre mandar coisas pelo correio e o assunto acabou chegando no postal de minha amiga e em Fraude Postal.

- Taí cara! Uma coisa massa pra gente fazer fim de semana! – Gritou o Jean do canto da sala.

- Fraude postal?

- Pode crêr!!

- Não dá, veio. O correio não funciona fim de semana.

- Correio o caralho! Nós seremos os carteiros!

- Que coisa mais brega...

- Seria se não fizessemos as coisas um pouco diferentes.

- Diferentes?

- Claro! Aos invés de deixarmos as coisas nas caixas de correio, podemos invadir o pátio ou talvez as casas e deixar em lugares estratégicos.

Grande Jeanzinho! A galera toda tava se coçando de vontade de fazer umas invasões de novo, invadir a casa da Ju tinha sido muito tesão. Só que dessa vez não teríamos manha nenhuma pra invadir nenhuma casa, seria território altamente desconhecido. O Fábio foi quem teve a idéia macabra da vez: gravar uns Cds com uns sermões do "padre" Vinicius e tentar deixar o disquinho dentro do CD-player das casas. Arriscadamente genial. O tipo de idéia perigosamente sedutora. Optamos por atacar um bairro mais da periferia com menos chances de terem alarmes.

Não deu outra passando a madrugada de sexta inteira fazendo planos e capinhas pros CDs. Vinicius foi que investiu grana no negócio, comprou dez Cds virgens e foi com o Fábio gravá-los na casa do Tharsis, que tinha o gravador. Gravou uns discursos verdadeiramente emocionados, no fim do discurso gravou aquele som brega do Evaldo Braga, "Sorria sorria" só pra avacalhar e não se levar a sério demais. Quase nos cagamos rindo ouvindo o resultado depois, ficou muito muito engaçado.

Sábado à noite pegamos o Interbairros V e fomos até o Terminal Fazendinha, desta vez com presença feminina, a mina do Vinicius, Marília é seu nome, topou ir junto. Levamos um garrafão de vinho pra beber depois e o mocamos numa árvore no parque que tem perto do terminal.

Decidimos não nos dividir e enquanto eu o Vinicius agíamos, os outros ficaram de campana pra avisar se qualquer coisa desse errado. Marília não quis ir junto de jeito nenhum. Afinal, sábado de madrugada é uma hora meio suja pra vandalismos. Muito movimento, muito gente acordada vendo TV até tarde...

Na primeira casa tudo indicava que seria moleza, todas as luzes estavam apagadas e as casas vizinhas estavam em silêncio, tudo indicava que daria pra arrombar e cada um dos outros ficou escondido atrás de uma árvore na rua. As aparências enganam, pulamos o muro e fomos em direção à janela da cozinha, que com apenas um vidro quebrado daria pra entrar. Quando chegamos perto, eis que surge um enooooorme cachorro de não sei que raça babando de raiva. Meu coração quase parou, gritei pro Vini e saímos correndo desesperados. O filho de uma cadela ainda acordou todos os outros cachorros da vizinhança. Corremos todos e abandonamos a rua. Tentativa frustrada.

Andamos um monte até acharmos uma outra casa em condições. Tinha um puta de um jardim na frente e era bem tranquila, entenda-se: sem cachorros. Forçamos todas as janelas até que uma cedeu, quer dizer, mais ou menos cedeu, foi só puxar um pouco e o trinco na verdade quebrou.

- Deus deve ser um vândalo - Disse o Vinicius sorridente.

Entramos com relativa facilidade, o mais difícil foi achar o som no escuro munidos apenas de um isqueiro. Encontramos o aparelho no que aparentava ser o quarto do casal. Enquanto o Vinicius colocava o disquinho, escrevi a frase padrão no guarda-roupa: "Seja realista, exija o impossível". Saímos rapidinho e sem deseperar nenhum cão alerta. Sucesso total.

No fim da rua encontramos outra casa vazia. Desta vez tivemos que quebrar o vidro da janela da cozinha e o cachorro da casa ao lado latiu. Incrível como tem cachorro nessa porra dessa cidade. Os caras ouviram os latidos e começaram a assobiar indicando perigo.

- Não dá nada, vamos nessa!!! - O Vinicius tava ficando ousado.

Entramos na cozinha e me cortei um pouco a mão com os estilhaços. O som estava na sala e desta vez não escrevi nada, o cachorro do vizinho e os assobios da galera estavam me deixando nervoso. O ousado Vinicius teve então a idéia mais imprudente da noite, talvez até da sua vida, pular o muro da casa ao lado que tinha o cachorro latindo.

- É um cachorrinho pequeno e barulhento, deve latir pra qualquer coisa e ninguém deve dar bola e além do mais parece que não tem ninguém em casa.

Não consegui convencê-lo do contrário, o povo da campana parou de assobiar e ele pulou o muro. Só que dessa vez o lazarento quebrou uma enorme de uma vidraça que fez um barulho assombroso. O cachorrinho quase se esganiçava de tanto latir. Bateu um cagaço incontrolável e fuji do local. Admito, fui covarde e abandonei um colega em pleno campo de batalha. Os outros, principalmente Marília, já estavam desesperados.

- Cadê o Vini?

- O cara fez um barulhão!! Vamos andando depois ele nos alcança!

- Nada! Vamos esperar senão vai ser foda achar ele de novo.

Uns três minutos depois ele surge com sua carinha deslavada dizendo que deu tudo certo. Ninguém quis saber de detalhes e saímos correndo todos. Corremos mais umas oito quadras até chegarmos a uma rua bem mais deserta mesmo, dessas esquecidas pela prefeitura, com os postes cheios de lâmpadas queimadas.

Sergio, sempre o mais cagão da turma, logo se manifestou:

- Nessa rua acho que entraria numa casa com voçês pra pintar umas paradas nas paredes.

- Cara de pau, fica aí!

Era uma rua bem tranquila mesmo, bem escura e com um terrenão baldio no fundo. Limpeza total. Só que a Marília começou a ter uns chiliques de nervosa e o Vinicius teve que ficar com ela, o Jean que foi comigo

dessa vez. Entramos numa que estava com as janelas abertas e as luzes apagadas. Arriscado pra caralho e minhas mãos suavam. Meus colegas estavam ousando demais pro meu gosto, acho que alguém vai ter que cair pra galera se ligar.

- Jean, você tá ficando louco?

- Esse não é um trabalho pra mariquinhas.

Espiamos pela janela da sala, tinha um sujeito deitado num sofá dormindo embaixo de um cobertor com a televisão ligada. Pulamos a janela bem devagarinho desejando loucamente sapatos de veludo. Pé por pé analisamos a sala na penumbra e localizamos o som. Jean trabalhava enquanto olhei rapidamente os outros cômodos da casa, ainda bem, o sujeito estava sozinho e eu fiquei cuidando. O cara deitado no sofá roncava & dava um peido a cada trinta segundos. A sala tava fedendo pra cacete, tive que tapar o nariz.

- Cara, tá me revoltando o estômago. – Cochichei.

- Se você vomitar aqui eu te mato!

Quando o eject do aparelho foi pressionado, fez um barulhinho que regelou minha alma, comecei a tremer incontrolavelmente, pensei que ia ter um troço.

Jean colocou o Cd bem devagarzinho e na hora que o negoçinho fechou, deu uma estaladinha que fez nosso mundo desabar. De baixo do cobertor do morador saiu um cachorrinho, acho que um filhote, latindo pra cacete, levantei de onde estava pra fugir e escorreguei no tapete. O Jean desapareceu pela janela da sala. A hora que levantei e dei uma olhada pra trás deu tempo do cara levantar o rosto e me encarar. Foda, foda, foda! Nem lembro o que se passou na minha cabeça, tá tudo meio confuso até agora, lembro apenas que pulei a janela num Cagaço Animal e cheguei na rua gritando feito um louco:

- Vamos embora! Embora! Embora!

- Cala a boca idiota!!!

O dono da casa saiu muito indignado, só de bermudão e camiseta regata com Uma Careca & Um Barrigão enormes & uma chave de carro na mão. Pulamos um muro a uns 50 metros de distância e ficamos todos em silêncio, acuados. O cara então entrou Caravan marrom podre de velha e saiu rondando o bairro atrás de nós. O cara ficou brabo mesmo, ele e seu cãozinho que não parava de latir na janela do carro.

Ficamos agachados atrás do muro um tempão. Eu estava nervoso, toda vez que alguém falava em saltar fora eu pedia pra esperar um pouco mais.

- O homem viu meu rosto, foi foda, a gente chegou a se encarar.

O Jean dava risada da minha cara e me tirava onda até me deixar louco.

- Ri baixo, cara, ri baixo!

Foi então que Vini e Marília vieram animados dos fundo do terreno baldio.

- Gente! Dá pra siar por aqui!

Tinham achado uma trilha no meio do mato que dava num campinho de futebol. Daí foi fácil, corremos e rapidinho estávamos de volta no Mocó do Garraão de Vinho. Bebemos & Rimos até enchermos a cara. Fábio subiu numa árvore do parque e uivou de bêbado feito um lobo. Eu bebi demais e acabei chamando o Hugo, vomitando cada vez que lembrava dos Peidos do Gordão. O Sergio que não bebe e é devoto de Nossa Senhora Dona Preguiça, dormiu. Vinicius & Marília sumiram, acho que transando em alguma Moita Anônima e o Jean ficou tocando sua mini gaitinha de boca que carrega sempre no chaveiro.

Uma melodia dormindo com a noite, pra embalar uns poucos sonhos.

O Discreto Charme de uma Briga de Boteco (ato seis)

Durante a semana que passou começamos a discutir mais seriamente os métodos e efeitos reais de nossa Panfletagem Subliminar. Em nossos últimos ataques ao cotidiano corremos riscos demais, cagaços realmente assustadores. Não esquecerei jamais o olhar daquele gordo peidorrento que me flagrou em sua sala. Ainda por cima no domingo, durante minha infernal ressaca do vinho que tomamos na comemoração no Parque da Fazendinha, um temporal diluviano desabou sobre Curitiba com direito a toneladas de granizo. Um sinal, interpretei como um sinal.

Sem contar que a imprudência de meus colegas, em especial do Jean, Vinicius e Fabio, certamente nos colocará em sérias enrascadas se mudarmos de atitude.

- É o seguinte galera, precisamos baixar a bola.

- Com certeza! - que o Sergio fosse concordar eu já sabia.

Sergio sempre foi um cara calmo e tranquilo. Foi muito foda convencê-lo a fazer aquelas paradas com os quadros na noite da invasão. Depois disso ele ficou mais decidido, passou a ir com a gente nos ataques, por exemplo. Mas enfim, dá pra se dizer que agora ele tá funcionando como uma âncora pra gente.

O problema é o Vinicius, que na hora do pega pra capar chuta o pau do barraco e se arrisca à toa; O Jean que anda numas de se misturar e puxar assunto com chaveiros e o Fabio, que tá pirando em comprar uma arma. O Fabio até que dá pra descontar porque é só papo, tipo aqueles cachorros pequenos que latem pra caralho e não mordem.

Pra resumir a questão eu tava afim de um negócio sem riscos pra dar uma relaxada e uma acalmada nos ânimos. O Sergio, aproveitando a oportunidade, foi o que mais insistiu nos conceitos de Panfletagem Subliminar.

- É legal, fazer um discurso sem que as pessoas se liguem na parada.

- Mas o que estamos fazendo não deixa de ser isso. - Retrucou o Fabio.

- Sim, mas eu tava pensando numa coisa mais ao pé da letra, tipo TFO, Terrorismo de Formação de Opinião.

Aí a galera foi à loucura com as viagens do sujeito.

- Agora eu vi que você pirou!

- Porquê que todo artista gosta de vir sempre com essa banca de surreal?

Mas o Sergio teve uma idéia, dessas tipo eclipse, a cada noventa anos.

- Pra fazer um TSO a gente bola tipo uma peça, tem que ser um troço que choque as pessoas, que toque a pessoa fundo e que clame por discussão, tipo construir uma opinião apartir do alicerçe.

- Não tô entendendo porra nenhuma!

- A gente faz num bar, tá ligado? Num bar. Vamos todo mundo combinado e começamos a discutir e levantar certas lebres.

Taí, Sergio demorou mas chutou a gol. Armar o maior rebuliço num boteco, como se fossemos todos estranhos e começar a discutir assuntos estratégicos.

Eu chamaria esse tipo de operação de TPAO, Terrorismo de Pulga Atrás da Orelha, mas tudo bem, a idéia foi dele, tenho que aceitar.

Por fim escolhemos um boteco perto do Terminal de Ônibus do Guadalupe, no centro. Escolhemos a Lanchonete Tropical porque tava frio e chovendo e achamos o nome palhaço. O assunto seria o "arrastão" que uns assaltantes fizeram num condomínio da alta burguesia aqui em Curitiba: discutiríamos o direito à propriedade privada. Sutilmente é claro.

Jean entrou no boteco com a Tribuna do Paraná da semana passada, pediu uma cerveja e ficou lendo a matéria do assalto. Uns minutinhos depois entrou a Marília, namorada do Vinícius, comprou uma carteira de cigarro e quando viu a reportagem que ele tava lendo comentou:

- Esses assaltantes se deram bem, hein? Devem estar na praia agora, só curtindo. Né tio?

O tio dono do bar deu uma risadinha meio sem graça.

- É! ... pelo menos roubaram gente rica, né?

- É isso aí! - Pegou seu cigarro e saiu fora

Então, quando a Marília sai do bar, Jean se manifesta:

- Quer saber de uma coisa? Aqueles caras fizeram uma baita dum trabalho bem feito, nenhum daqueles riquinhos sentirá muita falta das coisas que os assaltantes levaram.

- É isso aí, s-sangue bom! - Resmungou um mendigo com seu martelinho de pinga na mão.

Então o Vinícius se encostou no balcão e pediu um pastel e um pingado, ele seria O reacionário.

- Esses filho da p-puta p-precisam se fu-fuder um pouco. - O carinha tinha que se escorar no balcão pra não cair de bêbado.

- Se eu pudesse pagaria uma cerveja pros caras.

- Só!

Vinícius então olhou com uma cara de indignado pros dois. Eu o Fábio permanecemos quietos, cada um em uma mesinha, ele com uma cerveja e eu com uma Tubaína de framboesa de 600ml e 80 centavos.

- Escutem aqui vocês dois, estão elogiando pessoas que roubaram cidadãos honestos que ralaram pra comprar o que tem. Ladrão agora é gente?

- Ninguém fica rico trabalhando, tem roubar pra chegar lá, se o sujeito tem muito, pode ter certeza que é às custas de muita gente terem pouco.

- Ah, cala a boca, como você pode falar uma merda dessas? - Falou o Vinícius, já levantando a voz.

Jean baixou os olhos no jornal e ficou quieto. Então o Fábio gritou da mesinha onde estava.

- Caralho, não acredito nisso! Cidadão! Chegue aqui mais perto! - Estava fazendo uma cara de invocado e Vinicius se aproximou com uma expressão cautelosa.

- Na natureza não existem posses, todos os bichos vivem em harmonia porque nenhuma onça é dona de nenhum mato, nenhum peixe é dono de nenhum açude e nenhum pessarinho tem pagar aluguel pra fazer ninho.

O bebum deu uma sonora gargalhada e eu me meti na conversa.

- Os cachorros mijam e aquele mijado passa a ser dele, tipo fica dono.

Todos me olharam, até o dono do bar e os outros fregueses que começaram a prestar atenção na discussão. Nesse meio tempo entrou o Sergio e um engraxate que estava na porta e que começou a engraxar seus sapatos.

- Peraí rapaz, o cachorro não demarca o território como se fosse SEU, só faz isso pra fazer tipo uma residência e sentir um tipo de conforto, a natureza é harmônica. Se tudo fosse de todos não existiria roubo.

Aí o povo que estava no bar começou a se manifestar também, cada um com sua opinião, Vinícius que parecia o mais exaltado.

- Se um filho da puta ousar invadir minha casa pra pegar um pedaço de pão sequer eu encho o lazarento de bala.

O mendigo pediu mais um copo de pinga, desta vez dos grandes e começou a prestar atenção.

- Você fala isso porque deve ter tudo de bom em casa e não deve te faltar nada.

- Tenho! Tenho sim e foi às custas de muito trabalho.

- E se teu pai perder o emprego, como tá acontecendo com muita gente?

- Roubar é que eu não vou.

O mendigo tomou o resto da pinga de um gole só e soltou essa pérola:

- Quem n-nunca p-passou fome não sabe mesmo p-porque se rouba.

Todos olharam pra ele e dessa vez foi o engraxate quem deu risada.

- Você sabia que se pegarmos todo o dinheiro do mundo e repartissemos entre todos ficaríamos todos ricos e a economia ia pra cucuias? Sabe porquê? Porque essa merda de mundo do jeito que está precisa de pobres para que aquilo que os ricos possuem, tenha algum valor! A única vantagem de você ter um carrão importado é que os outros não tenha e assim poder esnobar.

O Jean fechou o jornal, não era mais necessário e deu sua opinião:

- Concordo com isso. - Só pra deixar o Vini mais puto ainda.

-Não acredito! Isso é papo de vagabundo que tem medo de trabalho. Você pensa que o desemprego é tão alto assim? Alta é a vagabundagem. Todo mundo tem direito de ter tudo aquilo que puder comprar.

- É, mas tem gente que tem demais. - Comentou o dono do bar.

- É verdade, falei.

Fabio tava começando a se entusiasmar:

- Se ninguém tivesse direito de possuir nada como se fosse seu, só seu, praticamente não existia crime, pois ninguém pode roubar nada se pertence a todos. Nem a polícia precisaria existir.

Dessa vez foi um frequentador do boteco quem se manifestou.

- E os assassinatos?

- Assassinatos? A maioria dos crimes é por causa ou de ganância ou pobreza mesmo, os poucos crimes que sobram tipo os devido a dor de corno poderiam ser decidido na base da justiça pelas próprias mãos.

- Ai já seria barbárie.

- Barbárie? Barbárie é o que está acontecendo hoje em dia. Do jeito que as coisas estão, com quem tem tendo cada vez mais e quem não tem tendo cada vez menos, você vai ver o que vai acontecer com os seus filhos.

Tinha um tio gordão mandando ver nos pastéis com café preto que fez um comentário debaixo de seu enorme bigodão.

- Uma coisa esse rapaz tem razão, tem muita gente com dinheiro demais, acho que tinha que ter alguma lei que regulasse a quantidade de dinheiro que a pessoa pode ter.

Dessa vez fui eu a acrescentar.

- Leis? Mais leis? Você já viu o tamanho dos livros que os advogados carregam? O senhor acha que lei resolve? Enquanto existir lei vai existir nequinhão desobedecendo a lei.

- É verdade, e polícia não resolve nada, já reparou que quanto mais polícia se bota nas ruas, mais as coisas descambam.

De repente todo mundo no bar tava questionando polícia, escola e até a igreja, teve um que falou.

- Essas Igrejas Universais são a maior prova de que nem a religião resolve mais, os pastores mantêm seu rebanho mais ou menos comportado, roubam seu dinheiro e cada fiel que abandona a igreja se revolta com o mundo, conheço um monte de gente lá no bairro que foi assim, menino saiu da igreja virou maloqueiro, menina saiu da igreja virou puta. O negócio vai complicar cada vez mais desse jeito.

Vinicius estava interpretando um reacionário com perfeição.

- Só sei dizer uma coisa meus filhos terão educação, roubar ou mendigar é que não vão.

Foi a gota d'água, o mendigo já tava bêbado e indignado com o Vinicius fazia uma cara, pegou a garrafa de cerveja do Jean, quebrou no balcão e foi pra cima. Imediatamente tivemos que esquecer nosso teatrinho e defender nosso amigo. O Sergio segurou o cara e o Vinicius saiu do bar chingando todo mundo. O engraxate se cagava de dar risada e o dono do bar chamou um PM que fazia ronda no Terminal Guadalupe.

Pela primeira vez tivemos um contato com a polícia, mas sem grandes estresses, o dono do boteco explicou tudo ao guarda e ele queria levar o mendigo em cana. Pagamos a conta e a garrafa quebrada e convencemos o policial a deixar tudo quieto, que o coitado não teve culpa e que foi tudo provocação de um mala que já tinha ido embora. Saímos do bar junto com o mendigo, quase que carregando-o.

Este foi nosso primeiro ato de Panfletagem Subliminar Teatral, teve suas falhas de funcionalidade mas até que foi divertido. Eu e o Sergio participamos pouco, mas já deu pra mais ou menos ver como as coisas funcionam, é só dar corda que a galera se enforca. Tenho certeza que todo mundo que estava lá saiu comentando a história e pensando um pouco mais na razão da existência da propriedade privada.

Nos encontramos todos no terminal depois e tomamos quentões com o mendigo até passar o frio e a chuva, comentando a história e rindo. Foi legal quando o Vinicius chegou, devagarinho, cagado de medo do mendigo. Tentamos explicá-lo que era uma farsa que tínhamos criado, mas ele tava tão bêbado que não entendeu bosta nenhuma, apenas abraçou o Vini, missão cumprida.

Os Don Juans do interbairros I (ato sete)

Domingo à noite fomos conferir a performance de Oneide, vocalista do Pelebrói Não Sei, lá no Empório São Francisco. Punk rock na veia & muita diversão. Teria sido uma noite comum de maloqueiragens diversas não fosse o Fabio ter bebido demais e agarrado a mulher mais feia do lado de cá da Galáxia.

Saímos do bar logo depois da meia noite e assim que o Fabio se despediu da mina já caímos logo na arriação.

- Caralho! De que planeta era aquele monstro?

- Vão à merda vocês todos!

- Fabio, de fê que se o meu cachorro tivesse aquela cara, te juro que eu raspava o rabo dele e ensinava andar de costas!

Enchemos o saco do cara, mas enchemos mesmo. Ele nem tentar se defender muito. Mandava todo mundo se fuder e seguia andando de cabeça baixa e cara amarrada. Na segunda ficou mais calmo e começamos a discutir.

- Pessoal, vocês precisam se ligar que beleza hoje é uma obrigação.

- Como assim São Jorge?

Todo mundo soltou aquela risadinha espremida.

- Hoje em dia todo mundo tem que interpretar um personagem que já vem pronto. Pronto mesmo, todos os acessórios se encontram à venda, roupas, discos, livros e maneiras de se informar.

- Tá, mas e daí?

- E entre todos os personagens desse teatrinho besta a questão da beleza é quase unânime. nem sei se dá pra dizer que é unanimidade, é tirania mesmo.

- Acho que tu tá falando, falando e não tá chegando em ponto nenhum.

-Aí que tem todo um mercado faturando em cima desses padrões de beleza que andam por aí. Ao contrário dos outros personagens, quedá pra escolher entre uma porrada de estilos e opções, o personagem bonito não, são poucas as opções para se "ser bonito."

- É... Você não deixar de ter um pouco de razão...

- Olha só galera, o que um cara não faz pra se defender por ter agarrado um dragão!

- Rárárá!!!!

- Vão tomar no cú e prestem atenção: existem Mais & Melhores Formas de Beleza.

- O filósofo das Raimundas!

- Hoje só se valoriza o externo e mesmo assim só o mais óbvio. Aquelas sutilezas, aqueles detalhinhos, não aparecem na fita.

- E onde você quer chegar?

- Quero chegar numa nova idéia para nossos ataques.

- Lá vem bomba!

- Pegamos um ônibus circular, sentamos todos espalhados, cada um sozinho num lugar diferente e começamos a encarar, mas encarar mesmo, usando todas as técnicas de sedução aprendidas na Longa Estrada da Vida, encarar aquelas minas excluídas pelo Mercado da Beleza.

- Pronto! O cara enrolou, enrolou e encontrou a explicação perfeita pra ter agarrado uma mocréia ontem à noite: estava fazendo Ativismo de Inclusão social.

Caímos na gargalhada, mas por fim admitimos que a idéia era boa. Sérgio, o apaixonado de plantão foi o que mais pirou com a idéia e implorou para escrever bilhetinhos para entregarmos pras minas quando elas descessem do latão.

Jean tem umas teorias de que pela manhã as pessoas estão mais sensíveis e inspiradas, então escolheu um horário meio maluco pra operação: Seis da manhã, interbairros I. Pelo menos estaríamos todos livres de nossos trabalhos forçados.

Dormimos todos na kit dele e do vini e o sergio passou a madrugada inteira escrevendo os "bilhetes".

Quando acordamos estava pronto. Ficou mais ou menos assim, inspirado em Tyler Durden, mas tudo bem:

"Este é um mundo oprimido pela Ditadura da Cintura Fina, dos Peitos Siliconados & das Bundas

Empinadas.

O Fascismo da Beleza Comercial.

Só que existem as seguintes verdades ocultas:

Você não é a sua cintura.

Você não é seus peitos.

Você não é sua bunda.

Você é especial, única no Universo e não cabe em nenhum rótulo dessa sociedade tirana.

Você é linda!"

Apedar da galera achar brega, eu particularmente gostei. Existe charme também na chinelagem.

Pegamos o buzum no Centro Cívico dez pras seis da manhã e tava um frio do caraaaaaaalho. quando sentei no banco do ônibus parecia que tava sentando numa barra de gelo. Isso que eu tava com duas calças: tradição particular pra sobreviver ao desumano frio curitibano.

Mal sentamos e já começamos a escolher nossos alvos. No banco do outro lado do corredor tinha uma moreninha de óculos & cheia de espinhas. Comecei a olhá-la e quando ela percebeu começou a olhar para a janela. Continuei. Quando elea se virou e viu que eu continuava olhando levantou-se e sentou bem longe. Pensei: "É Arizinho, você deve se rum dos excluídos da Teoria do Fábio!". Olhei para o Jean e quase soltei uma risada, tava com uma cara de tarado que era um sarro. Sempre foi o conquistador da turma, o Brad Pitt e tava se dando bem. Agordinha da ferente dele sorria envergonhada e olhava pros lados pra ver ninguém estava se ligando na paquera.

A onda do Vinicius era o sorrisinho monalisa que aprefeioou com o passar dos anos. Escolheu uma coroa, pinta de solteirona e parecia que ela tava meio inquieta. Tipo surpresa com o flerte mesmo. Lia um daqueles romances Julia que se vende nas bancas e não conseguia se concentrar.

Sergio, com sua timidez crônica, nunca tinha intimado uma mulher na cara dura na vida sem antes cercá-la com presentes & cartas anônimas, acabou que ficou dormindo no fundo do ônibus mesmo.

Agora em termos de Cara de Safado Fabio era quem bate os recordes. Escolheu criminosamente uma menininha novinha, uns 16 anos, sequinha de magra e com um óculos fundo de garrafa que de tão grosso o rosto dela aparecia pequenino por tras das lentes.

Uma japonezinha desajeitada entrou e ficou de pé ao meu lado e resolvi investir no negócio. Dessa vez não fui tão mal, ela não deu bola mas de vez em quando espiava curiosa para ver se eu continuava encarando. só que desceu logo, na hora que deu o sinal e foi em direção à porta de desembarque entreguei-lhe o bilhete.

- Pra você!

- Hã?

- Pra você, leve!

Desceu e ficou olhando intrigada pra mim conforme o ônibus saiu andando. Olhei para o Jean e o lazarento já tava sentado no lado da gordinha. Não dava pra ouvir o que falavam, mas estavam rindo animados. A magrinha do Fabio sentou num banco que vagou e ele pulou logo no lado. Ficava olhando de canto de olho e dando sorrisos, mas ela virava o rosto pra janela.

Vinicius era quem estava mais empenhado. A mulher guardou a Julia, conferiu alguma coisa no celular, olhou -se num espelhinho, pegou a Julia de novo, guardou, enfim, estava nervosa.

Então a mina do Jean levantou-se, despediram-se com beijinhos e desceu como o bilhete na mão, toda orgulhosa. Quando o ônibus saiu ela ainda ficou acenando da calçada. Jean sentou do meu lado e ficamos curtindo os olhares do Fabio pra magricela. Era engraçado, a mina virava o rosto completamente, ficando quase de costas pra evitar os ataques. Fabio perguntou-lhe as horas e ela respondeu já se levantando. ficou de pé ao lado da porta o resto da viagem. Na hora que ia descer Fabio entregou-lhe o bilhete.

Deu pra ver que ela saiu andando na rua a passos largos, invocada, sem nem ousar a olhar pro ônibus ou pro papel que levou na mão. Quando Fabio chegou perto da gente já começamos a tirar sarro:

- Cadê o São Jorge?

- É Fábio, ela era gata demais, tuas táticas só funcionam com as feias.

- Vão se fuder, pelo menos ela levou o papel. E ainda coloquei um poeminha massa junto

- E ela vai ler?

- Claro, senão nem tinha pego, braba do jeito que tava.

Nosso papo foi interrompido por um bate-boca lá na frente. Todo mundo no ônibus estava olhando. Era a coroa do vinicius.

- Você não tem vergonha na cara seu moleque? Só porque não uso aliança não significa que não seja casada!! Não acha melhor se informar antes de soltar uma cantada besta?

- Mas senhora...
- Você trata de calar essa sua boca!! Não ouse falar mais uma palavrinha. eu já vou descer mas ouve o que vou te dizer seu moleque! Preste atenção no que faz, muita atenção, ou ainda pode se dar muito mal!!
Vini entregou o papelzinho pra ela com as mãos tremendo.

- O que é isso?

- Um pedido de desculpas, acredite!

- É bom que seja, seu moleque descarado!

Desceu furiosa e Vinicius olhou pra nós com uma cara de perdido que era o fim do mundo de tão engraçada. Todo mundo no ônibus riu da cara dele. Sentamos juntos tirando onda uns dos outros até chegarmos no ponto perto da rodoviária onde desceríamos. Sergio era o que mais ria.

- Grandes Conquistadores de Araque!

- Eu me arreguei! - Cantou de galo o Jean.

- É, mas só você!

Saímos andando na calçada quando o Universo, Deus, Jeová, Alá ou sei lá o quê conspirou por nós. Na calçada, perto do meio fio eis um milagre: uma nota de cinquenta reais dobradinha. Fabio pulou pra pegar e quando desdobrou abrou um sorrisão de orelha a orelha: eram três notas iguais. Os Ativistas da Inclusão social foram recompensados pelo acaso.

Enchemos a cara de Capuccinos numa lanchonete da rodoviária, vestimos nossas máscaras e fomos para nossos trabalhos forçados com o coração leve e as almas lavadas.

A Gurizada Big Mac Feliz (ato oito)

Achar cento e cinquenta reais na rua não é para qualquer um. Quinhentos mil tipos de eventos devem ser sincronizados, acaso dos mais absurdos, para que a grana venha parar no seu bolso. Nós fomos os sorteados da vez neste Fantástico Evento Cósmico. Um Gigantesco Globo cheio de bolinhas numeradas e saiu justamente o nosso número. Coisa de louco. Tivemos discussões monstruosas pra decidir o que fazer com a grana. Todos concordavam que a grana era de todos, ia ter que sair um consenso de um jeito ou de outro.

Nem estávamos falando sobre isso quando surgiu a idéia. Jean estava contando do dia em que sua moto estragou perto da Vila zumbi e ele saiu em busca de ajuda e se sentiu cabreiro no meio de uma ambiente estranho. Foi na cabeça do Vinicius que acesa a lâmpada.

- A gente pode usar a grana pra gerar uma situação inversa a essa do Jean.

- Situação inversa.

- Lembra aquela que os caras do MST foram num shopping e os lojistas fechavam as portas de medo?

Não lembro nem se isso aconteceu mesmo ou eu sonhei. Pois é, a gente pode fazer parecido. Façam as contas: com cento e cinquenta reais dá comprar vinte McLanche Feliz!

- McLanche Feliz? Vai dar a grana pro Império agora, é?

- Ativista de boutique é foda!

- Calma, rapaziada estressada! É só a gente fazer as coisas de um jeito que pagariam o triplo para que não gastássemos a grana lá.

- Conclua o plano, por favor, conclua. - Falou o Fabio coçando a barba rala.

- Convidamos vinte piás de rua pra fazer um lanche numa praça de alimentação de algum shopping.

- Rapaz...

- O que vocês acham?

Não tínhamos muito o que falar: era um plano simpático. Todos ficaram quietos e cada um, mergulhado em seus pensamentos, foi sendo seduzido aos poucos pela idéia.

Não seria difícil encontrar a gurizada ideal. Sempre vagabundamos muito pelas ruas da cidade e conhecíamos muitas figuras da delinquência infantil. Eu mesmo conheço uns quantos e quanto mais pensava nas possibilidades mais ficava animado com a ação.

A ação foi marcada para um sábado à tarde, momento mais ou menos tradicional para compras.

Famílias inteiras passeando pelo Paraíso do Consumismo. Iríamos lembrá-los do custo social daquele conforto e daquele ar-condicionado central em meio ao frio do inverno curitibano.

Começamos nosso recrutamento perto das onze da manhã na Boca Maldita. Eu conhecia um polaquinho que dava beijos no rosto das pessoas antes de pedir moedas, mais duas menininhas, entre 4 e 5 anos que vendiam chicletes.

Meio dia já estávamos com o time completo. Um autêntica turminha do capeta. A aparência de nossa multidãozinha era tal que ninguém ficava no mesmo lado da quadra que nós. Fábio e Jean arrumaram uns cheiradores de cola e Vinicius ficava tentando explicá-los que se eles cheirassem antes do lanche não iam sentir fome.

- Sério tio? Se tú não fala nós não sabe.

- Fica sossegado aí!

tinha uns que ficaram amigos mesmo e enquanto íamos ao Shopping Müller começaram a contar histórias de como eles se viravam e como roubavam as paradas e que fome não passavam. Eram uns autênticos caçadorzinhos.

- E como é que vocês se escondem?

- É! Onde é que vocês dormem, pra onde é que vocês fogem quando o bicho pega?

Então nos mostraram uns lugares incríveis. Autênticos pontos que o mapa não cobre. O mapa não é o território. Lugares nos miolos dos quarteirões. Banheiros de fundos abandonados, depósitos esquecidos e pasme, até uma capelinha nos fundos de um troço que um dia foi uma mansão.

Fora os esgotos e os tuneis secretos. Em resumo: os guris eram feras. Chegando no Müller logo quebramos a cara. Um moreno muito bem engravatado, logo na entrada, cortou nossos embalos. Na hora que ele viu aquela maloqueiragem reunida disse não. Nem discutimos, apesar dos protestos do Panfletário Vinicius, afinal tínhamos ainda o Curitiba e o Plaza pela frente. É, Curitiba tem três opções de shopping pra você viver seu consumismo e escolher quem te enraba.

Quando estávamos indo para o Shopping Curitiba o passeio começou a ficar mais divertido. A gurizada começou a se soltar mais e os transeuntes realmente se impressionavam e se preocupavam com a cena.

Mulherada protegendo as bolsas, boas pintas escondendo os celulares. foda foi controlar os cheiradorzinhos. Os piás eram muito fodas mesmo, por mais que Vinicius cuidasse sempre davam um jeito. Você se distraía e lá vinha um com a boca mole.

- Ôooo tio! Cêeee é gent-te boa, viu?

Mas eram todos grandes personalidades, isso eu garanto. Era só trocar umas idéias com qualquer um deles e suargia uma história de Coragem, Resistência & Luta. Alguns equívocos, talvez muitos, mas eram sem dúvida histórias de Coragem, Resistência & Luta.

No Shopping Curitiba foi as crianças que queimaram o filme. Foi dobrar a esquina na chegada e começaram a gritar feito uns doentes. Quando começamos a subir a escadaria da entrada o segurança já veio em nossa direção fazendo sinal que não. Mandamos à merda e descemos a Sete de Setembro em direção ao Plaza Shopping. Lá foi nosso triunfo, lá conseguimos entrar. Eles estão em obras e foi bem mais fácil depistar os seguranças. Também porque aperfeiçoamos nosso método: dois por vez.

Na praça de alimentação o espetáculo foi grandioso. Foi cômico ver os casazinhos Mauricio/Patricia trocando de mesa por causa do cheiro das crianças de rua. As mães com filhinhos bem vestidos saíam da fila do McDonald's e procuravam outra lanchonete. Vinicius ganhou mais uma: realmente a cada um lanche que vendiam pras nossas crianças deixavam de vender outros três por causa das pessoas que saíam fora com medo.

Os funcionários da lanchonete também tiveram seu calvário porque armamos a palhaçada com requintes de crueldade, cada menino tinha sua grana contadinha para o seu McLanche Feliz. E muitos deles nem sabia pedir direito a bagaça.

Foi muito divertido. Acompanhávamos a cena de longe, observando a galerinha e os sete seguranças especialmente designados para garantir a ordem e manter a segurança do resto do shopping inteiro devido à preocupante presença de nossas crianças. E eram crianças menos, posso garantir que todos tinham menos de dez anos.

Já estávamos em clima de comemoração enquanto eles terminavam seus sanduíches quando vimos que ainda teria muito rolo pela frente. "Com a barriga mais cheia comecei a pensar, que eu desorganizando posso me organizar." Mais ou menos nesse estilo o negócio. A gurizada se repartiu numa euforia incontrolável. Uns foram pra uma loja de brinquedos no segundo andar. Outros nem pensaram duas vezes e foram para os jogos eletrônicos. Pra completar tinha os que entravam nas lojas mechendo em tudo. Um caos.

Não podíamos deixá-los ali. Éramos os responsáveis. Nossa paternidade começou quando achamos aquela grana no chão. Não podíamos negar a resposta. Nos dividimos e cada um ficou com um grupinho. Fui atrás dos que foram na loja de brinquedos.

Foi entrar na loja que já vi o tamanho da encrenca. Tinha um pirralhinho que não deveria ter mais que quatro anos que tinha sentado numa moto à pilha ou à sei lá o que fazia uma zoadinha do caralho. A funcionária só perguntava desesperada quem eram os pais da criaturinha. Tinha ainda os outros três que derrubavam tudo que era bonequinho que tinha nos mostruários.

Corriam com os bonequinhos e se escondiam atrás das prateleiras. Uma cliente da loja nem disfarçou o seu preconceito e saiu com seus filhos da loja, sob seus protestos, pois estavam se divertindo com a bagunça. Meus meninos estavam felizes. Alheios à discriminação, felizes por serem o que estavam sendo e nada mais. Uma funcionária se aproximou e perguntou se eu desejava algo. Falei que estávamos olhando pra ver se encontrávamos algo interessante. Na porta da loja dois seguranças babando de vontade de terminar com aquela zona assim que o gerente desse o sinal.

Se contar o resto da gurizada aos cuidados dos outros e os que tinham cheirado cola e tal e deviam estar doidões, acho que a direção do shopping teve que chamar reforços para a segurança. Segurei eles na loja o máximo que pude e quando os ânimos se acalmaram um pouco convoquei a turma pra sair fora.

- Seguinte galera! Temos que sair pra encontrar os outros!

- Aonde?

- Na praçinha lá na frente.

- Ahhh...

Saimos e quando chegamos já tinha um monte de gente esperando. Achei que tinha tido trabalho com os moleques, mas o Jean contou que os deles foram expulsos dos jogos eletrônicos por cheirarem cola. E isso nem foi o pior, jogaram um monte com três cartões roubados que o Jean nem viu como conseguiram. digamos que tratava-se de especialistas mirins, mão de obra qualificada.

Esperamos chegar o resto e quando vimos que ninguém mais viria & o sol estava se pondo & o frio chegando com a noite Fabio puxou de sua mochila uma caixa com seis rojões.

- Façam um fogueira! Será o São João dos excluídos!!

Fizemos uma fogueira meio mandrake e quando as chamas estavam bem altas a ponto de chamar a atenção dos desavisados ou da polícia soltamos os rojões.

Todos gritaram & pularam & dançaram em volta da fogueirinha ou de alegria ou de frio. Vivemos ali, por segundos que tenham sido, uma Zona Libertada.

A Televisão Me Deichou Burro Muito Burro Demais (ato nove)

Solidão: o espaço entre o carro e a televisão. Essa jóia é do Paulo Leminski, de longe a maior personalidade que Curitiba pariu. A dois fins de semana atrás caiu um Terrível Dilúvio sobre Curitiba, com Ventos, Granizos & Aguaçeiros que fizeram um estrago do caralho na cidade inteira. Naquele domingo à tarde

faltou energia em quase tudo que é canto.

É legal quando falta luz. As pessoas se vêem obrigadas a voltarem para si mesmas. A simples falta da Macabra Televisão já obriga todos a conversarem bem mais. Naquela tarde estávamos conversando sobre Leminski e relebrando seus poemas Curtos & Rasteiros, hai kais de efeito imediato. Esse da Solidão, do Carro & da Televisão foi o mais discutido.

Queríamos bolar alguma coisa a respeito disso. Com carros ou televisões, alguma coisa nesse sentido. Viajamos um monte, imaginamos intervenções estrambólicas e não chegamos a ponto algum. Nada realmente prático e eficiente.

Durante a última semana, no entanto, o Acaso Cósmico voltou a nos presentear. Sempre alimentamos tipo que um culto à coincidência. Quanto mais você valoriza e celebra as coincidências, mais elas ocorrem em seu dia-a-dia. A última onda de culto foi gerada por aqueles 150 Reais que achamos na calçada. Então parece que certos eventos começaram a se precipitar sobre nós. De um lado Jean conseguiu um chaveiro boa praça para nos dar um curso e por outro lado recebi um e-mail de um doido de Goiás com mais um Plano Perfeito.

- Piazada! Recebi um e-mail que pirou meu cabeça!

- O que foi ari? Alguma gostosa oferecendo seus préstimos?

- Não! Uma idéia pra um ataque!

- Idéia? De quem?

- Um maluco de Anápolis, teve uma noite de insônia e entre ficar pensando em vender a televisão que tinha no quarto e observar a escada no fundo do quintal teve a brilhante idéia de jogar a TV na calçada.

- Jogar a TV na calçada?

- Puta que o pariu ! Quê que eu posso te dizer, cara?

- Que coisa mais ridícula.

- Calma, seus merdas! Pra completar a inspiração o cara imaginou colocar uns bilhetinhos dentro, tipo assim:

"Olha o que a TV faz com seu cérebro."

Aí o povo passa na rua, vê aquela televisão espatifada na calçada, lê o bilhetinho e pensa: "Caralho! que diabos é isso?"

Ficaram calados. Dessa vez fui eu a apresentar um Plano Perfeito.

- Pensem no que podemos fazer com essa idéia.

Foi fácil convencer o povo. Desde o dia em que tínhamos lembrado o Leminski estávamos querendo algo com os televisores. De repente tava todo mundo pensando, raciocinando & bolando a ação. Não era difícil, o aparelho se despedaçaria no chão mesmo, logo não precisava ser novo nem estar funcionando.

Marília, namorada do Vinicius tem um primo que conserta essas paradas e conseguiu uma podre de velha, mas perfeita para nossos planos.

- A questão agora é onde a gente vai jogar a bagaça. - Sergio, a nossa âncora.

- Tem que ser no centro.

- Cara, mas no centro é foda, não é bem assim entrar num edifício e jogar uma TV pela janela.

- Eu sei que bronca, mas tem que ser num lugar que um monte de gente veja.

Foram várias as noites de Discussões & Cervejadas para aperfeiçoar o plano. Para levar o negócio a cabo várias etapas tinham de ser consideradas. Enrolar o porteiro pra entrar no prédio, cuidar pra nenhum transeunte se machucar e o plano de fuga. O sempre complicado plano de fuga.

Como nosso lema é nunca viajar na maionese e sempre admitir que somos cabaços optamos por um prédio residencial, num horário que o povo tá saindo pra trabalhar ou estudar e numa calçada perto de um ponto de ônibus movimentado.

Escolhemos o bairro do Juvevê. seis horas manhã (ai, ai, ai, de novo), com uma puta operação teatral pro Jean entrar com a TV no prédio. Escrevemos exatos 57 bilhetinhos pra colocarmos dentro da "bomba". As frases era mais ou menos as seguintes:

"Olhe o que a TV pode fazer com você."

"Olhe o que você pode fazer com a TV."

"Olhe o que a TV pode deixar você fazer."

"Olhe o que você pode deixar a TV fazer." E por aí vai, dezenas de variações do mesmo tema.

Vinicius & Marília ficaram com a parte de enrolar o porteiro. Jean entraria com uma caixa de palelão contendo nossa "bomba". Eu, Sergio & Fábio ficaríamos em baixo, cuidando pra que nenhum descuidado levasse uma televisãozada na cabeça.

Examinamos o prédio escolhido com cuidado. Fábio foi antes, pela tarde, dar uma olhada nas condições. tinha de ter uma janela grande na área das escadas e a distância da janela pra rua tinha de ser aceitável. Escolheu um perfeito, bastava subir uns andares, fazer uma forcinha ao lançar e a lazarenta iria para

no meio da rua.

"Caiu na contramão atrapalhando o trânsito."

Madrugamos, pegamos o Cabral-Osório no centro e fomos pra nossa "batalha". Todos, sem excessão, reclamavam do sono, do frio e do maldito horário escolhido. A guarita do porteiro ficava perto da grade e do interfone. Vini & Marília se escoraram perto e começaram a discutir. Estavam brigando e Vinicius visivelmente cagava na cabeça dela. Ficaram um tempão brigando desse jeito até que o porteiro começou a prestar atenção na cena, estava com pena da mina, que só chorava.

Então ela começa a passar mal, tipo ataque epilético mesmo, com babas e tudo mais. Vinicius se desespera e começa a olhar para os lados e gritar. O porteiro saltou da cadeira. Vini então se joga sobre os botões do interfone e começa a cordar todo mundo.

O porteiro vem imediatamente perguntar o que está ocorrendo.

- Água, senhor, por favor! Água!!!

- Vem aqui, moço! Traga a menina que eu consigo água, o que ela tem?

- É uns piripagues que dá de vez em quando.

Entraram detro da guarita e começaram a jogar água no rosto dela quando o celular do Vini tocou.

- Puta que o pariu, seu porteiro! É a mãe dela! a coroa não pode ficar sabendo que isso tá acontecendo! Fica aí com ela que eu vou enrolar a a velha ali fora. Abre o portão pra mim, rápido!

Saiu fora e deixou o portão aberto pro Jean entrar. Pra dar cobertura pro Jean, Marília começou a gritar e Vini correu para acudí-la.

- O que foi?

- Não sei, moço! Ela deu uma soluçada e começou a gritar desse jeito.

Jean aproveitou a deixa e entrou rapidinho com a caixa de papelão e correu em direção à escadaria. A "bomba" não era grande, 14 polegadas.

Marília então se acalmou e os dois saíram agradecendo pela ajuda e Vini simulando telefonemas cheios de explicações pra mãe dela. Foram pro "posto de observação" onde eu tava e já chegaram se cagando de rir.

- Ele acreditou, cara! O velhinho viajou!!

- Tava tremendo todo na hora que jogou água no meu rosto!

- Muito massa, doido, muito massa!

Ficamos então no aguardo da ação do Jeanzinho. Ele demorou, demorou & demorou até que vimos sua lanterna brilhar, numa janela do sétimo andar, em meio à neblina que sempre cobre Curitiba nas manhãs de inverno.

- Sétimo andar, mas que viado, porque não subiu mais?

- Vamos rápido! não dá nada, pelo menos ela não se espatifa muito. vê se não vem ninguém desse lado! tomara que ele consiga ver nossas lanternas com essa porra de neblina.

- Aqui tá beleza!

Pisquei minha lanterna cinco vezes. Deu pra ver uma luzinha fraca piscando na outra esquina, era o Fábio. Jean ficou só esperando o sinal do Sergio, que ficaria perto da portaria pra garantir a segurança da operação.

O desgraçado demorou quase um minuto pra dar seu sinal. Piscamos nossas lanternas feito uns doidos pro cara se ligar. Quando ele piscou a sua corremos todos pra perto pra ver a cena sem interferência de neblina nenhuma. Já dava pra ver o Jean com a parada na janela.

Foi um troço muito do caralho. Demorou apenas uns quatro ou cinco segundos pra cair e enquanto a TV descia todos nós demos aquele assobio agudo ficando grave que dá nos desenhos animados quando alguma coisa cai.

Quando a TV estourou no chão todos demos gritos pavorosos. Definitivamente não saiu como o planejado, a porra bateu num poste e em vez de cair no meio da rua acabou na calçada. Pelo menos teve a vantagem de não quebrar muito. O porteiro correndo olhar intrigado o que estava acontecendo. Olhava para os cacos e olhava pra cima sem entender bosta nenhuma. Deve ter pensado: "diazinho estranho esse."

Esperamos uns minutos e fomos ver de perto nossa obra como se fôssemos cidadãos normais. Quando chegamos o dia já estava bem claro e tinha um velhinho de óculos olhando os papeizinhos que tinha se esparramado por perto e um casal de irmãos indo pra escola.

Esteticamente falando, ficou perfeito: o tubo de imagem quebrou ao meio e os estilhaços ficaram cheios de papeizinhos. As pessoas chegavam, olhavam a coisa toda e alguns, nem todos, pegavam os papeizinhos. Tinha uns que saíam reclamando quando liam.

- Cada louco que me aparece nesse mundo...

Outros saíam rindo e tiveram alguns que até guardaram as frases. Sergio fez um trabalho legal com as frases, cada uma continha ums desenho ou um símbolo particular. lá pelas sete e pouco da manhã a síndica do

prédio desceu com uma faxineira pra limpar a tralha toda. O negócio ficou na calçada por pouco mais de meia hora, mas posso te garantir que um monte de gente viu.

Fomos então tomar café, comer coxinhas e esperar pelo Jean numa lanchonete próxima. Ele só saiu do prédio quarenta minutos depois de terem limpadado tudo e a poeira ter baixado, esperou o momento mais seguro que despertasse as mínimas suspeitas.

Quando chegou na lanchonete já estávamos impacientes. Demos Berros & Urras feito uns selvagens, pegamos ele o jogamos pro alto.

- Jean! Jean! Jean!

Na boa estávamos Históricos & Orgulhosos. Afinal, fizemos um trabalho de profissional.

Os Dia em Que a Churrascaria Parou (ato dez)

Uma tendência que tem crescido pra caralho no "meio libertário" é o vegetarianismo radical. Os caras defendem os direitos dos animais até as últimas conseqüências. São completamente diferentes dos vegetarianos aos quais estamos acostumados, não usam nem sapato de couro. Nosso amigo Sergio Augusto, além de vender a alma como artista plástico anda pesquisando sobre o assunto e se misturando com essa gente.

- Tigrada! Hoje teremos uma janta Vegan!

- Blargh!! - Vini e Fabio são doidos por um churrasquinho.

Sergio anda fazendo essas comidas, mas ainda nao foi "convertido". Tá mesmo é praticando e experimentando pra ver se vale a pena. Estávamos todos na peça única que é a kit do Vini e do Jean conversando sobre os argumentos pró e contra o vegetarianismo radical. Eu e Jean éramos os Vegans, apesar de eu ser um onívoro convicto. Nisso nosso cozinheiro virou-se pra nós com um sorriso estampado no rosto.

- Tive uma inspiração pra uma ação!

- Lá vei ele.

- Ai, ai ...
- Do que se trata seu monstro?
- Atacaremos uma churrascaria.
- Atacar churrascaria? Você quer fazer o que? Explodir uma bomba?
- Não, uma coisa mais artística.
- Putz!
- Já sei! Você vai se vestir de alface e vai entrar apavorando.
- Não viajem, o plano é perfeito. a gente vai num matadouro...
- Matadouro?
- E grava numa fita os berros dos bois sendo mortos.
- E?
- E aí entramos numa churrascaria e demos um jeito de tocar a fita.

Sergio e seus fulminantes chutes a gol. A idéia me seduziu de imediato. Só de imaginar neguinho ficando garfo e faca numa suculenta picanha mal passada e ouvindo um berro de boi morrendo já era o suficiente pra mim me cagar de rir.

Difícil foi definir os aspectos práticos e técnicos da operação: como botar a fita pra tocar dentro da churrascaria num volume adequado? Cada um pensava numa coisa diferente. Jean, milagrosamente, estava sendo o mais prático.

- É fácil, a gente arranja alguém que tenha um carro com um som "foderoso", estaciona na frente e arregaa o volume.

- Não, tinha que ser dentro da churrascaria, falou Fabio. O som tem que ser interno pro povo ficar mais puto ainda.

- Mas como?

- Sei lá, tínhamos que dar um jeito de tocar no sistema de som ambiente.

Seria perfeito mas era difícil de executar. Estávamos nos debatendo em estratégias quando tocou a campainha, era Marília com seu primo técnico em eletrônica e a TV 14 polegadas que usamos em nossa última ação. Contamos nossos planos pra eles e riram adoidados da viagem. Marcelo era o nome do cara e motivado pela palhaçada de nossas atitudes deu uma sugestão pra resolver o problema.

- Vocês podem conseguir quatro tocafitinhas baratos do Paraguai e quatro auto falantes. Eu consigo umas plaquinhas amplificadoras à pilha, bem simples mesmo e vocês põe as paradinhas embaixo das mesas.

Ficamos em silêncio, pensando, pensando & pensando.

- E dá pra fazer isso?

- Tipo assim: é fácil?

- Claro! Se fizer as contas, mesmo que comprem todo o material novo vão gastar no máximo 50 Reais, se dividir vai dar uns 10 Reais pra cada um. Mas acho que dá pra conseguir muita coisa na sucata lá da oficina.

Topamos. Topamos e já conseguimos mexer nossas bundas gordas. Vini & Marília, nossos atores oficiais foram pro matadouro gravar os sons. Foram na casa do Tarsis, que tem scanner, e fizeram umas carteirinhas falsas de estudantes de veterinária. Bolaram uma viagem de que estavam trabalhando num projeto de otimização do abate.

- Otimizar é uma palavra que soa bem aos ouvidos dos homens de negócios.

Enquanto os dois picaram a mula pra fazer o teatrinho que tanto curtiam eu e o Fabio fomos ajudar o tal Marcelo a preparar os "aparelhinhos". Jean & Sergio ficaram preparando a TV e os bilhetinhos da ação anterior.

No fim acabamos não gastando quase nada. Marcelo aproveitou um monte de coisas de seu ferro velho particular e só precisamos investir em pilhas alcalinas tamanho grande. Trampamos pra caralho soldando componentes eletrônicos e encaixando pecinhas de mecanismos velhos de toca-fitas. Deu pra montar quatro "bombas sonoras" e, de quebra, pegar uma certa prática em soldagem. Não é difícil.

- Se vocês tocarem as quatro fitas ao mesmo tempo vai dar um efeito estéreo massa que vai confundir os ouvidos e eles vão demorar pra achar de onde está vindo.

Vinicius & Marília voltaram rindo das palhaçadas que fizeram no matadouro. Sergio ficou puto da cara.

- Porra cara! Mas vocês não se sensibilizaram com os bichos morrendo?

- Eu gosto de bife.

- Ah, vai te fuder, meu!!

Gravamos as quatro fitas e marcamos a ação pro sábado, logo depois do meio dia. chegamos numa hora que o negócio tava lotado. Tinha fila pra esperar liberar mesa. Nos dividimos em quatro, cada um com uma bomba e gradativamente entramos.

Foi planejada uma verdadeira orquestra de sinais pra executarmos a operação. Cada um colou com Silver Tape sua bombinha embaixo da mesa. As fitas eram de 90 minutos, o que significava 45 minutos de cada lado. Isso nos dava 40 minutos para desbaratinar e apreciar o resultado.

Inicialmente cada um deu o sinal de que a bomba já estava colada. Depois o segundo sinal, ambos discretíssimos, diga-se de passagem, pro início da contagem regressiva. Cinco, quatro, três, dois, um, play! Pronto.

Saímos um por um, cada um inventando uma desculpa diferente pra um graxon diferente, tipo ter que ligar pra alguém ou a carteira esquecida em casa. Nos encontramos todos na rua, esperamos um tempinho e voltamos pra fila. Desta vez todos juntos e ansiosos, muito ansiosos.

- Cara! Não boto fê que nós estamos fazendo isso! - Jean não conseguia se segurar, ria de doer.

- Relaxa cara! Não dá bandeira, senão vão desconfiar!!

Estávamos conferindo o relógio toda a hora. A fila tinha aumentado e levamos exatos 33 minutos pra sentarmos em uma mesa. Mais do que o planejado, mas tudo bem, a operação ainda estava sob controle. De cara já pedimos três cervejas e Sergio, o Vegan da hora, um suco de manga, sem açúcar.

- Não vou usar açúcar pois provavelmente eles usam animais pra carregar cana no canaviais pra depois fazer o açúcar, melhor não arriscar. A manga já acho que não, as plantações de manga não são tão grandes quanto os canaviais.

- Ó a do cara, meu! Viação! Não vou nem discutir a besteira que você tá falando.

Rimos todos. Estávamos alegres, ríamos por qualquer bobagem. Nem bem tínhamos começado a dar nossos primeiros goles em nossas beras e começa o Apocalipse Now da churrascaria.

Marcelo tinha falado com um amigo e tinha conseguido um carro com o tal som "foderoso". Foi a idéia do Jean sendo usada pra incrementar o ataque. De repente, um horripilante berro de boi saiu de um carro estacionado na frente da churrascaria.

Foi um momento único. Todo aquele barulho de talheres batendo e esfregando pratos e e toda aquela conversa alta e ruídos de fundo diversos e tudo mais, tudo parou. Silenciou. O povo todo ficou meio que se olhando sem entender que diabos era aquilo. O berro durou uns dez segundos e então eles tiraram o time.

Quando o negócio parou e o carro saiu o silêncio era absoluto dentro da churrascaria. O silêncio durou eternos três décimos de segundo, interrompidos por uma criança que mal sabia falar perguntando:

- Pai! que foi isso?

Então quebrou o gelo e muitos riram nervosos com a pergunta do menino que ecoou por todo o ambiente e quase todo mundo ouviu. Foi então que começou a sair os mugidos e berros de nossos aparelhinhos. Primeiro baixinho, muito baixinho. Quando notamos que os sons começaram a sair já levantamos e pedimos a conta sem comer, apenas as bebidas. Era o nosso plano de fuga, sair assim que o troço fosse executado pra ninguém ligar os pontos e nos acusar.

Olhávamos pro povo almoçando e notávamos que muitos inclinavam a cabeça pro lado como que se tentando ouvir algo. Muito engraçado. começaram a fazer umas expressões intrigadas que iam ficando cada vez mais graves conforme o som ia aumentando.

Vinicius & Jean não conseguiam se segurar.

- Olha que massa, véio! Olha que massa!!! Olha a cara daquele bigodudo!

- Fica quieto seu paunocú!

Falei mas nem eu me continha. Era engraçado pra caralho! Os sons começaram a aumentar e as pessoas começaram a comentar umas com as outras e os garçons começaram a correr feito uns loucos. Foram espertos, já estavam quase encontrando os aparelhinhos, um deles chegou a achar um sob a mesa que estava limpando e inutilizá-lo pois a pilhas caíram no chão. Mas o som dos outros três saiu, no grand finale. Foi um berro de boi arrepiante de uns cinco segundos, que ficou mais macabro ainda devido a não termos sido tão perfeitamente sincronizados na hora do play. No fim uma voz grave, cheia de eco.

- Comer carne é crime! Comer carne é crime! Comer carne é crime! - três vezes mesmo.

Foi uma confusão dos diabos. Muita gente se levantou. Muita gente chamou o garçom. Muita gente chamou o gerente. Um pandemônio do cacete. No meio daquele barulho pudemos rir à vontade. Tinha um velho barrigudo que gritava histérico:

- Isso é uma absurdo, um absurdo!!!!

Abandonamos o local do crime em clima de carnaval. A três quadras de distância Marcelo nos esperava com seu amigo de carro. Entupimos o carro de gente e saímos com o som com o volume no último grau.

- Eu quero é ver o ôcoooooo!!!!!!!!!!!!

A Arte de Sacanear Bancos para as Novas Gerações (ato onze)

Sacanear bancos é melzinho na chupeta. É apoio popular garantido. Por mais que você escroteie, não será mais safado e anti-ético que eles. Eles sempre serão piores que você. Você pode cagar no prato que eles estão comendo e mesmo assim não vingará dez por cento das vigarices que eles aprontam.

Uma onda de revolta contra esses filhos da puta surgiu depois de irmos a uma festa onde o Fábio pagaria as entradas. Na hora fomos sacar a grana num banco 24 horas perto da festa e a porra do cartão não funcionou. Puta que o pariu! Tínhamos pego dois ônibus pra chegar na quitação onde seria a festa e não tínhamos grana nem pra entrada.

Não teve jeito, tiver que voltar pra casa com o rabo entre as pernas. Na kit dos piás naquela noite o assunto foi só revolta.

- Temos que fazer uma ação contra os bancos de novo. – Fabio estava profundamente indignado.
- Mas fazer o quê?
- Ah, cara, imaginação minha situação, sabendo que tenho saldo e não poder fazer nada pra transformar aqueles números em dinheiro.
- É que você não é alquimista.
- Pode crer, Vini. É bem isso mesmo. – Jean, o místico, curtiu a comparação. – É quase como uma transmutação. Chutando o pau do barraco dá pra dizer que o teu cartão é como uma pedra filosofal.
- Um toque de Midas e a porra da máquina vomita o dinheiro.
- Se souber a senha
- Decifra-me ou devoro-te.

Ficamos nessa viagem praticamente a noite inteira. Um verdadeiro bando de paranóicos obcecados. No meio dessa nóia acabei lembrando do Antonio Silvino de São Paulo, que tinha comentado comigo sobre a possibilidade de fazermos uns sacrifícios de animais nos caixas eletrônicos.

Comentei isso distraidamente, mas o Fabio imediatamente saltou de onde estava.

- Caralho! É isso aí, cara, é bem isso daí!

- O que, veio?

- Lembra do nosso catecismo do dia em que o Vinicius abençoou o banco? Aquela parada do dinheiro virtual, espiritual mas com poderes sobre o mundo material. Um demônio! Lembra?

- Só!

- Então! A gente faz um despacho pro Exu Dimdim.

Todos caímos na gargalhada. É incrível o que a delinquência juvenil faz na cabeça de um desocupado.

- E a gente ainda pode fugir do óbvio.

- Como assim?

- Toda a macumba que se preze tem que ter uma galinha preta morta e a gente pode fazer uma parada em prol dos direitos dos animais.

- Não captei, juro que não captei. Você não vai matar a galinha? Vai deixar a galinha viva, é?

- Não, a galinha será uma suicida, um mártir, a gente pode fazer uma cruz e crucifica-la como um cristo morrendo pra salvar os pecadores.

- Fabio, você está se sentindo bem?

- Olha galera, pode ser engraçado. A gente pode deixar uma carta de despedida toda invocada, vai ser massa.

Falei que o Antonio tinha comentado comigo sobre isso também e tinha também sugerido de colocarmos um “carimbo” com a pata da galinha como se fosse uma assinatura.

- Então? Perfeito! O que vocês acham?

Mais uma vez não tínhamos muito o que discutir, era uma proposta tentadora. Acabamos, depois de todas as nossas ações, nos tornando uns fracos diante desse tipo de proposta. Óbvio que topamos.

Durante a semana tratamos de conseguir o material. Dessa vez não teve como economizar um troco, pra fazer um trabalho de profissional tivemos que investir uma grana numa loja de artigos de umbanda pra comprar o material necessário.

Fabio estava engajado no negócio, era como se fosse sua “causa pessoal” por excelência. Pagou tudo sem pestanejar.

- Essa grana a gente ia gastar naquela festa mesmo. Acho cabalístico usarmos essa grana pra vingar o ocorrido.

- E o pior é que é...

No outro dia mandei um e-mail pro Antonio Silvino contando os planos e ele entusiasmou com a idéia e acabamos por combinar de fazer um ataque sincronizado, ele e os amigos dele em São Paulo e nós em Curitiba. Combinamos pra quinta-feira de madrugada e tratamos de fazer uma “carta de despedida” igual para os dois ataques. A galera se entusiasmou com essa parada de ataque sincronizado.

- Massa, as coisas estão começando a ficarem grandes.

Compramos três galinhas. Tivemos que ir até o mercado municipal pra conseguir galinhas vivas, com penas. E pretas. Não foi tão fácil como possa parecer. Uma vez conseguidas as galinhas vivas o empenho foi mata-las.

- Eu quero! Eu quero! – Vinicius é um escroto, completamente alheio a esse papo de direitos dos animais. Participou da ação da churrascaria mais por delinquência mesmo. Aliás, todos nós, não se pode negar.

Por fim teve um tio que nos indicou um açougue de um conhecido que matou as penas pra gente na faixa. Não sem perguntar:

- O que é que vocês vão fazer com essas galinhas?

- Macumba mesmo.

- Ta certo... – falou com um ar pouco convincente.

Depois fomos atrás das cruzeiras, iríamos crucificar as coitadas mesmo. Sergio pintou as cruzeiras e fez até aquela inscrição INRI. Escolhemos três caixas eletrônicas da Rede 24 Horas, aqueles vermelhos que aceitam cartões de vários bancos. Combinamos com os caras de São Paulo de fazermos a parada na mesma hora pra ficar mais “místico”: duas horas da madrugada.

Logo depois da meia noite saímos a pé carregando os despachos dentro de mochilas. As galinhas mortas que tínhamos deixado dentro da geladeira tinha endurecido e tivemos que dar uma cozinhadinha na água quente pra amolecer. As penas e tudo mais deixar a kitnete dos guris fedendo pra caralho. Tudo bem, ossos do

ofício. Escolhemos um caixa perto da Praça Japão, que eu curto pra cacete, um no Batel e outro perto do CEFET. Não eram nada perto um do outro, o que nos obrigou a fazermos um verdadeiro caminho de Santiago.

No primeiro entro o Sergio e o Jean enquanto eu e os outros ficamos cuidando pra ver se ninguém interromperia a cerimônia. Colaram três cópias da carta de despedida, crucificaram a galinha, acenderam as velas e com o sangue escreveram a frase: “O dinheiro é o mal”

Ficou massa, esteticamente apavorante como deveria ser. Seguimos pro segundo alvo muito animados pela facilidade que tinha sido fazer o primeiro despacho.

No caixa do Batel as coisas não foram tão simples. Entrou eu e o Fabio, crucificamos a penosa (tivemos que usar pregos grandes e o martelo de bater bife do Jean) e na hora em que íamos acender as velas os guris soaram o alarme. Um carro estava estacionando ao lado pra sacar grana. Não queríamos ser vistos e recolhemos tudo imediatamente. A mochila do Fabio ficou cheia de sangue. Na hora em que saímos deveríamos estar com uma cara muito estranha pois o sujeito desistiu do saque e foi embora, provavelmente imaginando tratar-se de um assalto. Fiquei cabreiro.

- O cara pode chamar a polícia.

- Então vamos logo!

Tiramos a galinha da mochila e acendemos as velas. Enquanto Fabio colava as cartas de despedida molhei os dedos no sangue e escrevi nas paredes a frase: “Livre-se do mal, vandalise os bancos”.

Estava tão cabreiro com a possibilidade da policia chegar e tão orgulhoso da tarefa que desisti de acompanhar os guris no terceiro alvo e decidi me esconder numa árvore pra esperar alguém chegar e ver a cena. Aparentemente aquele caixa era movimentado e eu estava curioso.

O resto do pessoal sumiu pra dar continuidade na operação e eu fiquei esperando. Demorou pra caralho pra vir alguém. Já estava quase pegando no sono quando estacionou um carro. Era um casal de velhos. O marido ficou no carro e a mulher entrou no caixa. De onde eu estava deu pra ouvir o berro. A mulher saiu desesperada gritando histérica.

- Ai meu Deus do céu! Ai meu Deus do céu!

Deviam ser um casal de evangélicos ou coisa que o valha pois ela usava uma saia longa. O carro saiu cantando pneus, deviam estar indignados. Eufórico, sai correndo em direção ao CEFET pra encontrar o resto do pessoal. Cheguei lá e os viados tinham colocado o despacho do lado de fora do caixa e não estavam mais lá. De longe já dava pra ver as velas.

Cheguei perto e tinha um guardinha de rua e casal de namorados rindo e olhando a cena.

- Quem será que fez isso?

- Não sei, vi uns garotos saindo daqui correndo e quando cheguei vi isso. Coisa de louco.

- Foda, muito foda.

Quase não consegui conter o riso. Quando cheguei na kit estavam todos acordados, inclusive os vizinhos. Os caras chegaram tão animados que arregaçaram o som pra comemorar e gerado a maior confusão no prédio por causa do som alto.

Estava cansado. Dormi feliz sem saber o desfecho da confusão com os vizinhos e me mordendo de curiosidade de saber se os colegas de São Paulo também tinham sido bem sucedidos. Naquela noite os anjinhos devem ter velado por mim, pois mais uma vez tínhamos sacaneado aqueles lugares do mal que são os bancos. Deus deve ser um vândalo.

Os Pobre Que Me Desculpem, Mas Beleza Custa Caro (ato doze)

Semana passada fomos a uma festa burguesa. Cada vez que vou num troço desses mais me convenço que burgues não sabe se divertir. Era uma festa de aniversário de uma colega de aula da Marília e os delinquentes foram em peso entrar de peru e comer e berber às custas dos ricos miseráveis.

Tinha gata pra caralho. Como diz o Eduf, às vezes dá vontade de desistir de destruir a burguesia, afinal elas rendem boas filhas. Tudo muito bonito. Tudo muito fashion, mas no final das contas ninguém dançou à vontade e mais uma vez: ninguém comeu ninguém. Fabio foi quem saiu mais revoltado.

- Rapaz, se nós tivéssemos ido num aniversário em Colombo, lá perto de casa, duvido que teríamos ficado sem agarrar ninguém.

- Mas eram gatas, ah isso eram.

- Gatas porque tem grana. Ser bonito custa caro, mano véio.

- É, acho que todas aquelas minas passaram a tarde toda no salão.

- E não repetem roupas nunca, jamais.

Estávamos voltando a pé, em seis pessoas se economiza dez reais na grana do latão, quando cruzamos com uma catadora de papelão pra lá de retardatária eu tive a inspiração.

- Galera, já sei de um troço massa pra gente fazer.

- Óia! Ari saindo ta tumba, o que é?

- Lembra dos meninos no Shopping? Lembra que o povo da internet caiu de pau em cima, dizendo que usamos a gurizada?

- Tá e daí?

- Daí que levamos um adulto – e aponte pra catadora de papelão que já ia longe.

Ficaram pensando, em silêncio...

- E fazer o quê? Pagar um Mac Shit?

- Vocês são burros mesmo, ainda não se ligaram, baseado no que o Fabio falou, que beleza custa caro, poderemos dar uma de Xuxa, o antes e o depois, estão ligados agora?

Toparam. Toparam no ato. Levar uma catadora num salão de beleza fresco, todo metido. Foi massa porque pareceu que todo mundo se ligou na idéia ao mesmo, sem ninguém falar nada. Vinicius saiu correndo atrás da catadora, demorou uns minutos e voltou correndo, quase sem fôlego.

- Marquei com ela. Perguntei como fazia. Pra achar ela. Pode ser ela. Né?

Ficou então combinado. Só que andando depois nos ligamos num detalhe: e a grana? Aquelas bostas daquele salão frescos cobram uma fortuna. Foi um autêntico balde de água fria nos nossos planos, voltamos cabisbaixos o resto do percurso. Foi Jean quem salvou a pátria com um telefone no outro dia à tarde.

- Cara! Descobri um jeito de conseguirmos a grana.

- Que jeito?

- Surpresa, vou passar aí de moto pra pegar vocês.

Jean trabalha com entregas de moto e usou a moto do trampo pra nos buscar. Largou todos nós, um por um, na frente da PUC sem ninguém entender bosta nenhuma do que estava acontecendo.

- Olhem os calouros da facul cobrando pedágio.

Então esse era seu plano, fingir de calouro pra cobrar pedágio. Realmente, deu pra notar que em cinco minutos eles devem ter levantado uns cinco reais. Um negócio altamente rentável.

- É, só que precisamos de umas minas. – Falou Vinicius, já tomando a iniciativa de ligar pra Marília convocando as amigas mais caradura que ela tinha. Mais ou menos uma hora depois já estávamos todos a postos, camuflados e embarrados no cruzamento da Guabirota com a Av. Das Torres, nem muito longe, nem muito perto da PUC, perfeito.

Não foi tão fácil quanto imaginávamos. Muita gente nem olhava na nossa cara. É a crise. Levamos mais de três horas pra levantarmos os 120 Reais necessários. Voltamos pra casa cansados e torramos dez reais em chopes pra comemorarmos. Uma vez conseguia a grana tratamos de definir um dia massa pro “ataque”. Tinha que ser num sábado, salão lotado, galera se enfeitando pra night... Foi Marília quem deu o toque.

- Se é no sábado, acho melhor ligar antes pra marcar hora, até os salões mais fuleiros lotam no sábado.

Foi ela quem ligou. Marília é uma verdadeira atriz, um dos grandes talentos esquecidos nas periferias. Falou com um tom de voz absolutamente de madame. Quase nos rachamos de rir e ela tapando o bocal do telefone e nos xingando.

- Calem a boca seus bostinhas!

Depois foi Vinicius quem teve que se mexer. Era ele quem tinha o contato com a catadora de papelão. Saiu atrás dela no outro dia à tarde e quando anoiteceu apareceu com ela no prédio das kitnetes. Fábio pirou quando viu pela janela.

- Não boto fê que o Vini trouxe a mulher aqui!

Pirou tanto que viajou de bancar o estacionamento da corrocinha numa garagem a uma quadra dali. Foi cômico ver o funcionário da garagem sem saber o que dizer e acabar deixando estacionar ao lado de uma Mercedes preta. A mulher chamava-se Denise, era gente boa pra cacete e acabamos firmando uma baita amizade. Tinha cinco filhos e a menina mais velha cuidava da pirralhadazinha enquanto ela trabalhava.

- Rafael, o mais caçulinha, andou comigo na charrete dos três mês até um ano e meio, tá ficando em casa agora por causa daquela gripe que não cura, sabe? No inverno fica mais difícil.

Tomamos um lanche todos juntos e Jean acabou se emocionando e dando cinco motos de brinquedo de sua coleção pra ela dar de brinde pros pequenos. Nos despedimos com tudo combinado pro sábado. Sérgio estava meio descrente.

- Eles podem não deixar entrar, vocês tão ligados que ela cheira mal pra cacete.

- Se não deixarem a gente se vinga.

- É, e dizer pra ela tomar banho antes é ridículo.

- Sim, só tô dizendo pra ficarem ligados, pode ser que os caras não deixem entrar.

Sábado à tarde estávamos todos ansiosos. Tínhamos dito pra Denise que ela não precisava passar em casa antes. Trabalharia amanhã, do jeito como sempre fazia, deixava a carrocinha estacionada perto das kits e pronto. Não precisava de frescura, tínhamos conversado sobre a razão daquilo tudo e ela concordava com a gente.

- Aquelas dondocas tem que me aceitar.

Fomos ao Shopping Curitiba a pé e animados, Jean ficou de nos encontrar lá. Denise estava feliz, orgulhosa de si & contava uma piada besta atrás da outra. Ela é uma grande figura, mas é fã do Ratinho e votou no filho dele nas últimas eleições.

Mal entramos no shopping e o povo já começou a olhar atravessado. Eu reparei, quando a gente cruzava pelas pessoas ninguém olhava na nossa cara, mas depois que passavam era só olhar pra trás e ver como ficavam olhando, fazendo gestos e comentários maldosos com quem estava ao lado.

Sentamos tomar um café antes, pois estávamos quinze minutos adiantados e o Jean estava por chegar. É indignante ver que até a funcionária do café, ralé fudida como nós, nos esnobou. Trouxe o café e esqueceu o açúcar de propósito. O povo se ilude fácil com esse status podre. Fábio jurou vingança.

- Cara, a gente ainda tem que voltar aqui e aprontar uma feia com esses merdas.

- Calma, relaxa que agora estamos aqui pra outra coisa.

Estávamos terminando o café quando chegou o Jean com uma sacolinha se desculpando pelo atraso.

- O que é isso aí?

- Nada não, uma surpresinha pra depois do ataque.

Então fomos ao maldito salão. Marília entrou antes, deu o nome Denise a funcionária falou que estava tudo pronto e que era só deitar no negócio de lavar o cabelo. Marília então chamou Denise e ficamos olhando do lado de fora e posso te garantir: foi uma cena muito muito engraçada.

Todas, sem exceção, olharam pra nossa amiga de cara feia e torcendo o nariz. A funcionária de lavaria o cabelo ficou atônita, perdidaça, sem saber pra que lado ou pra quem olhar. Esqueci de dizer mas o cabelo de Denise era crespo e alto e duro e devia se erguer a uns vinte centímetros acima da cabeça.

Denise deitou-se a mulher começou a lavar o cabelo lentamente, parecia nervosa, parecia na verdade uma funcionária inexperiente em seu primeiro dia de trabalho. A outra que parecia ser a gerente aproximou-se de Marília com uma prancheta com os horários marcados e perguntou com um ar de desdém:

- É pra fazer as mãos e os pés também?

- Sim, é pra fazer tudo, hoje será uma noite muito especial pra ela.

Afinal, estávamos com a grana, estávamos pagando aquela porra. Marília ficou controlando e fiscalizando tudo, uma verdadeira pentelha, queria o trabalho bem feito.

Quando Denise sentou-se pra escovar o cabelo e a manicure e a pedicure e tudo mais, entramos todos no salão pra curtir mais de perto. Antes que alguém viesse nos perguntar algo Marília adiantou-se.

- São nossos amigos, estão nos esperando.

Aceitaram a contragosto. O clima no salão era horrível, ninguém conversava nada e tinha três minas que ficavam se abanando pra demonstrar que não estavam gostando nem um pouco do mau cheiro da nova cliente. Não se preocuparam nem em disfarçar o preconceito.

A obra de arte no visual de Denise demorou pra caralho pra ficar pronta. O escovamento do cabelo foi uma coisa interminável. Os pés as funcionárias tiveram que lavar e escovar por completo e várias vezes, Marília o tempo todo em cima, controlando. Nesse meio tempo entrou uma senhora esperando a vez, esperou cinco minutos e saiu resmungando que iria a outro salão mais bem frequentado. Que se foda ela.

Quando ficou pronto olhamos todos pra Denise. Apesar de 28 anos de sofrimento, dá pra dizer que ficou bonitos. Todos nós a elogiámos e ficou toda boba, rindo à toa. Pagamos a conta e saímos sorridentes, deixando pra trás uma multidão de aliviados com nossa ausência.

Já estávamos na rua quando nos damos por conta da caixa do Jean com a surpresa pra depois do ataque. Ele tinha esquecido no salão.

- Porra, deixa eu ligar lá pra ver se elas encontram.

Foi num orelhão e voltou se cagando de rir. Se torcia todo de tanto rir, não conseguia nem falar.

- O que foi cara?

- A caixa véio, tinha umas duzentas baratas dentro e um fundo falso, era só levantar que as baratas caíam. Caralho! Eu pedi pra mulher que atendeu o telefone pra guardar a caixa pra mim e foi foda, deu ouvir a gritaria do outro lado da linha!

Jean se superou. Caímos todos na gargalhada e se tem uma intervenção que pro resto de meus dias vou lembrar como bem sucedida, foi essa.

- Longa vida à delinquência juvenil!!!!

As Andorinhas tem Duas Casas (e não alugam a que está vaga) (ato treze)

Morar em kitnete é foda. A maioria só tem um cômodo e se bobear até o banheiro é conjugado. Jean e Vinicius já repartiam apertadamente aquele cubículo e desde que Sergio veio do interior está morando junto e olha que o cara é metido a artista plástico e faz uma bagunça do caralho com sua criatividade. Estávamos todos discutindo a possibilidade de alugarmos algo maior quando o neo-revoltadocontraosistema Fabio, começou a discursar.

- Aluguel é o fim do mundo! Já não concordo com propriedade privada, aluguel então, é muito porco.
- Realmente... é uma grana que só sai, que morre.
- E veja bem, é um negócio que não produz, só suga.
- Me diz uma coisa, a maioria das pessoas mora de aluguel, né?
- Em cidade grande pelo menos acho que é assim.
- Tínhamos que fazer alguma intervenção cutucando nessa ferida.
- É, mas o quê?
- Não sei...

É interessante como as inspirações às vezes brotam das coisas mais bestas. Desta vez foi Vinicius que saiu pra ir na Lanchonete da esquina pra comprar refri pra nossa tuba e voltou com um sorriso de orelha a orelha.

- Olha o cara!
- Parece aquele gato rosa e rocho do Alice no País das Maravilhas.
- Tive uma idéia pra fuder com esses caras que alugam casas.
- Ó o cara! Ó o cara!
- Eu tava voltando. Viajando. Olhando pra cima e vi um placa “aluga-se” na janela de um apê vazio.

Todo escuro, absolutamente vazio, completamente limpo pra gente entrar.

- Invadir apartamento?
- E aí a gente pinta as paredes e faz altas obras de terrorismo poético.
- Não é um má idéia. – comentou Fábio coçando sua barbinha rala.
- É, só que não podia ser um apartamento, esqueceram as dificuldades de se entrar num prédio do dia em que jogamos a TV? O que dirá então de entrar num apartamento...

Todos concordaram que apê era a princípio inviável, mas que era preciso fazer algo nesse sentido.

Fábio sugeriu uma casa num desses bairros mais burgueses.

- Se der uma banda nos bairros vai ver uma porrada de casa grande, massa, pra alugar.
- E o alarme?
- Já andei pensando nessas paradas noutro dia e me liguei num negócio. Tem uma casas que tem cachorro cuidando. Nessas casas não deve ter alarme, se não, pra que cachorro?
- Tá, mas e os cachorros?
- A gente consegue um negócio pra eles dormirem. Tipo alguma coisa pra misturar num naco de carne.
- É Fabio, parece que você não é tão tongo quanto aparenta.
- E voce não é tão ligado quanto aparenta.

A operação aos poucos acabou sendo definida. Eu e Fabio saímos dar um rolê de buzum lá pelas bandas do Bacacheri numa tediosa tarde de domingo pra definir o alvo. Fabio é mestre nesse tipo de coisa, foi ele que escolheu o prédio pro Jean jogar a TV naquela vez. Marília se encarregou de conseguir calmantes com sua tia hipocondríaca pros cães dormirem. Acabamos por encontrar uma casa limpeza, bala, no Bairro do Tingüi, com dois São Bernardo e um Pastor Alemão, próxima de uns terrenos baldios. A casa era grande, um sobrado com um quintal arregado. Era o alvo perfeito.

Tratamos então de conseguir o material pro ataque. Sergio batalhou e conseguiu vender umas agendas e uns cartões que ele faz e com a grana comprou uns quantos tubos de tinta a óleo. Jean comprou uns sprays. Eu giz de cera das Casas China, afinal ando duro pra caralho. Fabio imprimiu uma porrada de poemas e comprou umas fitinhas coloridas pra amarrá-los não se sabe onde e Vinicius comprou fósforos e álcool.

- Que merda você vai fazer com isso?

- Só o Jean que pode fazer surpresas agora? Na hora vocês vão ver.

- Tá bom, só não vai fazer merda, não vai foder com tudo.

Perto da meia noite de quinta-feira pegamos um latão até o Terminal do Cabral e o resto do trecho seguimos a pé. Caminhar é bom pra pensar e precisávamos de uns momentos de concentração. A uns quinhentos metros do alvo nos dividimos, Fabio, Vinicius e Jean foram na frente pra sedar as feras e eu fiquei com o Sergio, estava um pouco nervoso com essa coisa de invadir casa com cachorro.

Demoraram pra caraaaalho, mas demoraram mesmo. Umas três horas ou mais, já estávamos preocupados que tivesse acontecido alguma coisa e já estávamos pensando em “operação resgate”, quando chegaram.

- Porra cara, onde é que vocês estavam?

- Os filhos das putas dos cachorros não quiseram comera a carne de jeito nenhum, tivemos que achar outra casa com um Pitbull mané que topou comer. A casa é massa também só que temos que apurar antes que aquele monstro acorde.

Fomos correndo e chegando lá pulamos uma grade alta do lado esquerdo da casa, os piás já estavam ligados das manhas. Difícil mesmo foi entrar dentro da casa. O curso de “chaveiros” que o Jean tinha conseguido pra gente foi altamente mandrake, não aprendemos a arrombar portas bosta nenhuma. As janelas do térreo tinham grades e a única janela alta disponível, que era o plano de invasão do Fabio, revelou-se de difícil escalada. Pra completar não tinha nenhuma escada ou algo semelhante no quintal.

Acabou que tivemos que arrombar uma porta. Foi um cagaço dos diabos o barulho que aquela porra fez. O cachorro se mecheu onde estava deitado e todos nós prendemos a respiração. Quando entramos na casa estávamos todos tensos.

- Galera, vamos sentar aqui no escuro, relaxar um pouco e ouvir os ruídos. – eu estava tenso, muito tenso.

Todos sentaram enquanto eu fumei dois cigarros pra me acalmar. Jean foi o primeiro a se levantar e começar a trabalhar com seu spray. Primeiro fez a pichação delinquente número um: cú. Depois foi escrevendo outras frases. “Toda propriedade é um roubo”. “Estamos em território inimigo e o inimigo está em nós”. “Na natureza não existem leis, apenas hábitos”. Relaxei, pedi o spray emprestado e mandei ver: “Em mim também dói.”

Então todos assumiram suas tarefas e damos início ao circo de horrores. Engraçado foi ver Vinicius, o homem da surpresa, só sentado nos olhando na penumbra com seu sorrisinho de Monalisa. Sergio acendeu uma vela pra iluminar e começou a jogar umas tintas na parede pra fazer uns fundos coloridos. Fabio saiu com seus poemas e fitinha coloridas pro quintal e eu comecei a desenhar umas charges toscas na parede com meu estojo de giz de cera de um e noventa e nove.

Jean esvaziou seu spray e ficou sentado com Vini curtindo o trabalho do Sergio que estava realmente ficando muito louco. Todos nós criticamos o meio artístico e suas afetação mas admiramos o trabalho do Sergio, o cara é bom. Ele já estava quase no fim quando ouvimos alguém bater palmas na frente da casa.

- Puta que o pariu! Quem será que é?

- Olha lá, rápido.

Vinicius rastejou teatralmente até a janela da frente e deu uma espiada discreta.

- É um carinha de moto, desses que fazem ronda nos bairros.

- Merda deve ter visto a vela, apaga essa porra Sergio!

Apagamos e nos escondemos todos na área de serviço perto da saída. Vini ficou de butica no cara da moto. Ele deceu da moto, olhou no escuro primeiro, depois acendeu uma lanterna, iluminou e viu o cachorro dormindo. Apitou pra acordá-lo e todos nós quase tivemos ataques cardíacos simultâneos. Ufa, o viado não acordou, só que o ronda ficou desconfiadíssimo, sentou na moto e esperou um tempão pra ver se ouvia algo. Tava na cara que era hora de sairmos fora antes que as coisas se complicassem ainda mais.

- Vamos embora povo! – chamei.

- Espera o cara sair.

Só que ele não saiu. Quer dizer, saiu e estacionou a moto na esquina próxima e montou campana no escurinho da sombra duma árvore.

- É... o cara não vai em bora tão cedo.

- Vamos embora! – eu estava muito nervoso.

Sergio foi pé por pé e terminou sua genial obra no escuro mesmo enquanto fomos conferir o que Fabio estava aprontando no quintal. Fez um troço até que bem massa. Tinha umas árvores pequenas e ele fez uma autêntica decoração de natal com seus poemas em todas as árvores, de dia deve ter ficado esteticamente alucinante. Sergio voltou e fomos todos até o muro dos fundos pra saltar fora quando nos demos por conta que o Vini tinha sumido.

- Onde aquele viado se socou?

Sergio já estava saindo em sua procura quando o lazarento revelou sua tão misteriosa surpresa: um enorme clarão saindo de dentro da casa, o paunocu tinha tacado fogo em alguma coisa.

- Você incendiou a merda da casa seu bostinha!!!!

- Nada, só açendi a lareira com uma Revista Veja que encontrei no canto sala, essas revistas merecem, vamos embora.

- Seu mané, porque você fez isso?

- Bora! Não discute! Depois a gente conversa.

O guardião do bairro apitou, acelerou sua moto e veio rapidinho quando se ligou do fogo. Dessa vez o cachorro acordou com o barulho e avançou em nossa direção. O cara mais sem jeito do mundo chamado Sergio Augusto se amarrrou pra conseguir pular o muro e levou uma senhora duma dentada na barriga da perna. Ainda bem que a calça jeans que estava usando era bem grossa e os dentes do cão não chegaram a furar a perna, mas deixou umas doloridas marcas de dentes. Quando pulamos o muro descobrimos que tínhamos dado um azar fudido, o terreno era um lamaçal infernal.

Chafurdamos feito uns fugitivos desesperados. Foi um verdadeiro recorde dos cem metros chafurdados.

- Que porra! Que zica do caralho!

Vinicius estava em êxtase por causa de sua fogueira idiota e ria feito um demente. Sentamos no outro lado quarteirão pra descansar e desbaratinar o cara da moto que iluminava o lamaçal com sua lanterna tentando nos localizar. Altos momentos de tensão, o décimo terceiro ataque não podia terminar mesmo bem. Se o treze fosse mesmo o número da sorte como o Zagalo diz tínhamos ganhado a copa da França. Cabalístico isso.

O dia já estava clareando quando saímos cabreiros nos esgueirando pelos cantos das ruas pra fugirmos do local. Enquanto esperávamos ouvimos sirenes da polícia, mas felizmente não fomos pegos, a manha foi esperar uma cara até a poeira baixar. Quando já estávamos relativamente longe corremos. Corremos muito até chegarmos numa lanchonete pra comer e beber pra poder voltar pra nossas bestas rotinas de criaturas sociais. Estávamos Exaustos, Sedentos & Famintos, apesar da descarga de adrenalina.

O tio da lanchonete estava desconfiadíssimo com nossa imundície e falamos a ele que estávamos saindo de uma festa.

- Passamos em Medicina na Federal, tio. O senhor não bota fé o quanto é difícil e o quanto estamos felizes.

Não gargalhávamos desta vez devido a estarmos podre, mas sorríamos em silêncio enquanto o lanche não chegava e no íntimo todos pensavam.

- Foi massa!!!

A radioatividade do ar leva até vocês: mais um programa da série Delinquência (ato quatorze)

Tem dias que a vida parece coca-cola sem gás. Nenhuma música agrada, nenhuma conversa progride e a apatia vence o jogo. Estávamos neste estado deplorável, assistindo São Paulo e Cruzeiro na televisão sem volume, quando a Ana Paula Padrão interrompeu nosso tédio com aquela cara de peito contido que faz na hora de noticiar algo grave. Era a morte do filho da puta dono da Globo.

Foi show a gritaria da galera, urros selvagens e gritos primais celebraram o momento. Sergio Augusto então se emociona e toma a atitude mais inesperada pela qual já passei. Arrancou da tomada o fio da televisãozinha dos piás e jogou a lazarenta pela janela.

- Enfim livres! – berrou para todo vizinho que quisesse ouvir.

Foi um choque. Ficamos todos paralisados. Absolutamente não esperávamos aquilo. Tínhamos jogado uma TV do sétimo andar outro dia, mas, porra, era a TV dos piás. Pequena, preto e branca, mas era a TV que eles tinham. Não falei nada, não sabia o que dizer. Fábio ria que se cagava e Jean, um dos donos do aparelho, ficou atônito. Mas Vinicius explodiu em fúria.

- Puta que o pariu! O que tu fez seu viado?

-Ué? E a campanha “Jogue Sua TV Pela Janela”?

Ele estava coberto de razão. Vinicius resmungou e começou a ficar vermelho de raiva. Sergio tinha em seu favor falácias passadas, é um desses caras que nunca perdem a calma.

- Jogar uma TV que não funciona de um edifício invadido e manter uma funcionando em casa é ridículo.

Vinicius respirou fundo e deve ter contado até mil até que a realidade começasse a bater. Aliás, bater não, socar violentamente o rosto, dele e de todos nós que estávamos lá. O paunocu do Sergio conseguiu fazer com a gente o que provavelmente não conseguimos fazer com ninguém.

O tão aclamado choque na percepção das coisas, na rotina bestial enraizada em nossa psique. Num segundo o Galvão Bueno estava lá, queimando um filme puxando o saco de seu patrão e noutro segundo a televisão estava na calçada. Não era muito alto, só rachou o tubo de imagem, mas o suficiente pro fantasma do Galvão sair pelas rachaduras.

Levamos um tempão pra começar a conversar novamente. Foi Jean quem quebrou o gelo.

- É seu monstro, você tem razão, veio.

- Com certeza! – ria o Fábio.

- Você fala porque mora com os véio em Colombo e não era tua.

- Relaxa, mano! A TV era podre e merecia um descanso, com uns poucos reais você compra outra igual.

Não! Não vou mais comprar televisão. Nunca mais!

Por fim acabaram se abraçando com desculpas e obrigados que mais pareciam duas bichas locas. Acabamos ficando acordados até altas horas falando merda e profanando a alma do pobre milionário que acabara de morrer. Lá pelas tantas já estávamos normais, viajando em inventar delinquências. Fabio estava hilário, foi ele quem deu o toque.

- Ari! Lembra daquela tua viagem de montarmos uns transmissorzinhos de FM para interferirmos nas televisões?

- Lembro.

- Pois então, a gente pode aproveitar essa deixa pra fazer a parada.

- Tens razão...

- Pois então, vamos mexer nossas bundas gordas. Depois daquela baia invadida em que quase ninguém viu nossa ação eu tava afim dum esparro.

No outro dia Vinicius tratou de encontrar Marcelo, aquele primo da Marília que é técnico e que quebrou nosso galho no ataque da churrascaria. Naquela vez ele participou junto, pirou e se dispôs de quebrar outros galhos.

E este era um novo galho.

- Porra gurizada, esse é fácil! Com um transistorzinho besta e vocês montam um transmissor com mais de duzentos metros de alcance.

- Mas é fácil mesmo?

- Claro, numa tarde a gente monta e é baratinho, arrumamos quase tudo que precisa na minha sucata de novo.

Passamos então a considerar os aspectos práticos da operação. Com alcance 300 metros de raio resultaria numa área de abrangência de um círculo de 600 metros de diâmetro, isso sem nenhum prédio ou montanha no meio. Uma barreira de edifícios, por exemplo, atenuaria o sinal. Escolhemos então um bairro residencial. Jean estava interessado em atingir a maior quantidade de casas possível.

- Não tem como aumentar a potência do sinal pra atingir mais casas?

- Até tem, mas vai encarecer e complicar um pouco mais.

- Muito?

- Passa de cem reais. Mas escuta o seguinte, vocês podem montar vários transmissores e se esparramarem, desse jeito dá pra cobrir uma área grande.

- E dá pra transmitir sons ou já é viajar na maionese?

- Dá sim, imagem é mais complicado porque o sinal de vídeo em AM e gerar imagens são um negócio mais foda, mas som dá, um microfonezinho de eletreto e tá feita a cagada.

Perfeito. Passamos o domingo inteiro confeccionando os transmissores, queríamos interromper a transmissão do Fantástico, queríamos ibope. Todos trabalharam juntos, cada um no seu, menos o Sérgio.

- Dessa vez quero ficar de camarote, vamos escolher o bairro do Água Verde e eu fico na casa da Marília assistindo a TV com ela e a família dela fazendo de conta que não sabemos de nada. Quero conferir se a parada vai funcionar mesmo ou não.

Sérgio, Vinicius e Marília foram até a casa dela antes com os transmissores. Eu, Jean e Fábio fomos definir os pontos onde iríamos transmitir de modo a atingir a maior quantidade de lares possível. Fomos criteriosos pra cacete. Escolhemos quatro árvores das quais era possível encher as TVs pelas janelas das casas. Uma vez definidos os locais fomos buscar os aparelhos com Sérgio. Porém um teste rápido na casa da Marília revelou o pior, o viado tinha carregado eles na mochila sem o menor cuidado, amassou as bobinas e ferrou com o ajuste de frequência.

Mas tem males que vem pra bem e enquanto passei a segunda-feira inteira me desviando de minhas funções no trampo reajustando tudo me dei por conta de que poderíamos fazer uma grande palhaçada: esperar pelo dia da missa de sétimo dia e interrompermos o Jornal Nacional. Liguei pros piás imediatamente.

- E aí Jean, o que você acha?

- Acho a idéia boa, mas dá pra melhorar.

- Como assim?

- Lembra do Tiba e do Ribamar, que rachavam o apê com a gente nas antigas?

- Sim, mas e daí?

- Eles são feras em imitar a voz de pessoas famosas. Ele podiam imitar a voz de figuras conhecidas e aí poderíamos tirar onda verdade.

Perfeito. Vini se encarregou de falar com os caras e explicar os detalhes de toda a nossa viagem, pois eles estavam absolutamente por fora de nossas ações. O etílico Tiba pirou com a idéia, mas fez uma exigência.

- Tá certo, a gente faz, mas tá um frio do caralho e eu queria fazer a cabeça antes com uns quentões. Sabe? Aquecer os neurônios.

- Eu falo com minha namorada e a mãe dela faz o quentão.

Terça à noite então tomamos um belo trago e saímos aquecido e levemente chapados de quentão pra nossas atividades. Eu e os outros delinquentes de sempre ficaríamos cada um em sua árvore ciceroneando a transmissão e Tiba e Riba (bela dupla, não é verdade?) ficariam se revezando nas imitações, teriam que correr de um lado pra outro.

Seria na hora do Jornal Nacional e quando o programa começou Sérgio, que novamente estava de plantão na casa da Marília soltou um rojão quando William Boner deu seu formal boa noite em rede nacional. Liguei meu transmissor e comecei:

- Senhoras e senhores, interrompemos a transmissão da Globo pra homenagearmos esse grande filho da puta chamado Roberto Marinho e sua nefasta Rede Globo de televisão. Transmitiremos uma série de depoimentos emocionados de personalidades conhecidas.

Nesse meio tempo chegou o Tiba.

- Com vocês: Leonel Brizola.

Soltei o microfone que tinha sido previamente adaptado a um fio longo pro Tiba e ele caprichou no seu sotaque de gaúcho.

- O povo brasileiro tem que entender o motivo de minha angústia com essa morte. Minha vida perdeu o sentido, foi-se meu inimigo predileto.

- E agora: George W. Bush, presidente dos Estados Unidos da América:

Tiba então mandou ver num sotaque de gringo em praias tropicais:

- Lamentamos com profundo pesar a morte desta importantíssimo jornalista argentino.

De repente mais um rojão, era Sergio sinalizando que a bagaça estava funcionando. Tiba correu pra árvore do Fabio e enquanto esperava pelo Riba seguiu discursando sobre os males que a Globo infligiu na história recente de nosso país. Jean fez uma bela pesquisa na internet sobre as filhadaputices globais.

Discursei abençoado por Marte, que brilhava majestoso no céu logo abaixo da lua. O céu das frias noites curitibanas é simplesmente sensacional. Ribamar chegou logo e a palhaçada continuou com Dercy Gonçalves.

- É, seu filhos de uma puta! Vou enterrar vocês todos!

Silvio Santos veio com a nova última piada nacional:

- Hahaê! Ele me ganhou! Ele me ganhou! Ameacei morrer pra melhorar meu ibope, mas ele me ganhou, morreu de verdade! Hahaêê, Lombardi!!

- É patrão! Ele saiu na frente!!

Então Anthony Garotinho se mete na conversa:

- Graças a Deus não foi nenhuma bala perdida!

- E atenção pessoal! Temos aqui a importante presença de um membro da ONG Greenpeace! “Primeiro acabaram com o Leão Marinho, depois foi a extinção do Cavalo Marinho, e agora, o Roberto Marinho. Enfim, uma grande perda pra biodiversidade.”

Ribamar saiu correndo e fiquei esperando pelo Tiba novamente, sem parar a transmissão. Quando Tiba chegou perto e pegou o microfone eis que acontece a tragédia, ou a comédia, o futuro dirá. Um gordão saiu correndo de uma casa no meio da quadra totalmente indignado, se ligou na fita.

- Seus vagabundos! Vocês não tem mais nada o que fazer seus merdas do caralho!!!

Trazia um porrete na mão e me viu em cima da árvore segurando o fio do microfone. Imediatamente gritei:

- Fuja locôôôo!!!!

Saímos correndo nos mijando de rir do jeito desajeitado que o gordão corria com o porrete batendo no ar e do vastíssimo repertório de palavrões com os quais nos esculhambava. Tivemos que nos esconder e esperar o resto da turma terminar a ação.

Apesar desse percalço foi um sucesso. Sergio nos contou que a mãe da Marília se torcia rindo no sofá e não deixou o marido trocar de canal. Curtiram a transmissão até o final e isso nos dá uma noção do efeito de nosso ataque nos lares do bairro. Aos poucos fomos nos reunindo de volta na casa e é óbvio que a velha se ligou.

- Foram vocês, né seus desocupados?

Mostramos a ela os aparelhinhos e demos belas gargalhadas. Jantamos todos lá e depois fomos comemorar o sucesso da ação no Pacatatucutianão, um bar muito louco que fica ali no Água Verde mesmo. Os deuses nos premiaram com uma louquíssima noite de festa e Jean tirou a sorte grande: agarrou uma gata fenomenal chamada Alana.

Provavelmente o capeta deve ter dado umas quantas espetadas no jornalista morto em nossa homenagem.

- Obrigado Capetãããoo!!!!

Uma Missa para o Lado Selvagem

(ato quinze)

Nos últimos tempos o movimento pelos direitos dos homossexuais tem crescido no mundo todo. De um lado gays, de outro homofóbicos e as discussões muitas vezes saem da argumentação pra caírem na violência física pura e simples. Esse é um assunto polêmico em que os preconceitos ocultos mais se manifestam.

Na kitnete dos Delinquentes o assunto veio à tona quando Jean ligou pra mina que conheceu no Pacatatucutianão depois de nosso ataque dos transmissores. Quem atendeu foi o irmão dela, com um alô totalmente boiola.. Jean ficou de cara.

- Porra, o irmão da mina é viado!

- Que é que tem, cara? Você tá agarrando ela ou o irmão dela?

- E ainda falou que o nome dela não é Alana merda nenhuma, é Alice, a mina viajou.

Logo depois entramos num longo bate-boca sobre os gays quando comentei aquelas paradas do Vaticano insistir em condenar o casamento dos homossexuais. Jean e Fabio vieram com um discurso escrotamente homofóbico.

- Tem que matar essas bixas todas!

- Já sapatão eu curto. - Escroteou Jean.

Os dois são mesmo uns palhaços safados, Bukowskis degenerados. Vinícius é o mais cabeça aberta, pra ele que se foda.

- Cara, o que cada um faz com seu rabo não me interessa. O cú é teu, mano, faz dele o que quiseres, estou pouco me fodendo.

Sérgio que me surpreendeu; porra, parece que o cara tá sempre querendo me surpreender.

- Olha, eu penso o seguinte: não tenho nada contra a relação de homem com homem ou mulher com mulher. Não vejo nada de errado nisso, a imagem é que choca.

- Como assim?

- Ah... por exemplo, você olha a foto de um casal heterossexual se beijando e enxerga amor, mas se o casal for do mesmo sexo não se vê o amor, apenas o beijo.

- Deixa de ser ridículo!

- Só porque você não vê o amor, não significa que ele não exista e que mais ninguém vê. À merda você com esse seu raciocínio.

O bate-boca foi longe, com momentos até de agressividade, aquela kitnete acabou transformando-se num microcosmo da questão homossexual. Várias bandeiras foram erguidas, várias foram baixadas e no final das contas, como de costume, chegou-se numa espécie de consenso.

Só que infelizmente o consenso não veio porque ninguém convenceu ninguém. O consenso veio porque Vinícius teve uma idéia genial pra um ataque. Só assim pra chegarmos a um consenso mesmo nesse assunto, o que nos une é a delinquência, é o desrespeito total às instituições. E a idéia do Vini era atacar a Igreja, instituição que a tempos estávamos afim de sacanear.

- Prestem atenção no que eu estava pensando.

- Lá vem bomba...

- O Papa não quer que eles casem, lançou uma campanha mundial e a homofobia só fez crescer no meio católico. Podíamos fazer um belo protesto contra essa atitude conservadora.

- Sim, mas que ataque?

- Compramos um monte de revistas pornográficas de gays, colamos a cara do Papa em cima de cada um que tiver trepando e colamos os papéis numa igreja.

Ficamos em silêncio, pensando, até que Jean caiu na gargalhada.

- Cara! É muita palhaçada! Que plano do caralho, meu!!!

Sérgio também riu, curtiu a viagem.

- E a gente podia avacalhar ainda mais, nos vestindo de travecos e indo assistir a uma missa.

Aí a galera emudeceu mesmo. De verdade. Opa, perai caceta. Apoiar o movimento é uma coisa, dar uma de traveco já é outra bem diferente. Fábio logo já tomou a frente.

- Tô fora!

Fiquei indiferente, até que Vini começou a se mijar de rir pensando na puta cena que seria fazermos isso.

- Imaginem galera, o constrangimento causado pela presença espalhafatosa de bixas locas numa missa. Cara, isso pode realmente ser hilário!!

Acabou que bolamos um plano altamente constrangedor pra nossas masculinidades. Uma verdadeira prova de fogo em que nossos preconceitos mais íntimos seriam postos em cheque. Vinícius ligou pra sua namorada Marília pra conseguir as roupas e as maquiagens. Ela simplesmente não botou fé na nossa piração.

Não conseguia nem falar direito ao telefone de tanto que ria.

- Você pára de palhaçada, sua tonga! - Vini ria junto.

Chegou na kit com um sacolão de roupas e uma cara de debochada.

- Essa eu quero ver, se cobrarem vinte reais de ingresso nessa missa eu pago mesmo assim, vale, pode ter certeza que vale.

Fábio e Jean se encarregaram das pornografias. Compraram umas revistinhas e foram na casa do Társis, amigo nosso que tem micro com scanner. Társis também achou a idéia engraçada pra cecete e eles acabaram entrando numas e fazendo altas viagens no Photoshop. A carinha do papa em cima dos gays ficou perfeita. Acompanhando cada panfleto colaram um texto dizendo: "O Ministério do Caos adverte, o mais importante é o amor". Procuraram na net outras imagens sadomasô e avacalharam ainda mais com o Papa e colocaram cada colagem dentro de um envelope branco pra plantarmos na igreja.

Escolhemos a Igreja Padre Agostinho na missa do domingo de manhã. Não era uma igreja nem muito grande, nem pequena e ficava num bairro, mais sossegado. Passamos a madrugada de sábado dando um trato em nossos visuais. Éramos todos cabaços nesse tipo de coisa e Marília foi nossa diretora artística, dando os toques principais na hora das maquiagens.

Sérgio ficou horrível, seria uma bixa assustadora se o negócio fosse sério. A ironia é que os homofóbicos Jean e Fabio foram os mais perfeitos. Se fossem bixas, seriam bixas de sucesso. Claro que tirei onda deles.

- Hummmm!! Vocês tem é medo! Cabreirisse, rárará!

- Olha a bundinha delas, hummmm!!! - Vini também não desperdiçou a bola na marca do pênalti.

- Vai te fuder Ari!!!

Eu e Vini ficamos meia boca, com uns vestidos compridos até o tornozelo e uns colares breguíssimos. Combinamos que entraríamos todos separados na igreja, pois entrar junto seria muito chamativo e queríamos apenas dar umas alfinetadinhas nos católicos, não porradas. Tolerância religiosa é importante e acreditamos que não estávamos sendo muito intolerantes, apenas estávamos sendo uns palhaços delinquentes.

Domingo cedo pegamos o Água Verde-Abranches e descemos perto do Bosque do Papa, só pra dar um grau cerimonial a nosso ataque. Estava um frio desumano e a grama ainda tinha uma camada de geada por cima. No meio do bosque tem uma estátua de um papa com uma expressão pra lá de macabra no rosto. Maquiamos o papa e fomos pra Igreja.

Vini foi "a primeira" a entrar e ficou bem na frente, na primeira fileira de bancos. Depois entrei eu e fiquei lá pelo meio, do lado esquerdo. Carregávamos todos nossas colagens nos envelopes na mão. Marília e Társis foram vestidos normalmente pra serem platéia e não perderem o show. Jean e Fábio, as duas "bixas gostosas e enrustidas" entraram quase juntos e ficaram próximos uma do outro, no meio, do lado direito. Sérgio que demorou pra caralho.

A missa já tinha começado e já pensávamos que ele não entraria quando chegou e se mocou no fundão. Ele é o tipo do cara que gosta de dar idéias pra que os outros ponham em prática, fazer ele participar de nossos ataques tem sido nossa maior vitória.

Foi incrível como ninguém nos olhava diretamente nos olhos. Era como se fôssemos invisíveis. E também parecia que estávamos fedendo, ninguém ficava perto. No mínimo um metro e meio de separação física.

O padre foi quem se fudeu bem mais pra disfarçar que não estava enxergando nada. Vinícius estava bem na sua frente, bancando uma autêntica bixa loca. Na hora do sermão ficou descaradamente dando em cima do padre e nos cânticos era totalmente "desafinada e estérica".

Só tinha mulheres na primeira fileira e algumas começaram a se invocar, principalmente quando Vini meio que se emocionava e insinuava que iria dançar no embalo dos hinos. Eu tava olhando pra ele na hora em que levou uma cotovelada de uma delas.

Começou então a dar açenadinhas pro padre, que teve uma hora que chegou até a gaguejar. Nesse momento foi difícil conter o riso. Estávamos sendo o mais escrotos possíveis, cantávamos desafinados, fazíamos comentários bestas sobre trechos do sermão para os vizinhos, que ignoravam solenemente, até que as coisas começaram a se complicar. O padre emendou um sermão contra o casamento homossexual, primeiro insinuando e depois descaradamente. Foi ele quem chutou o pau do barraco primeiro.

A princípio colocaríamos nossas colagens pelos bancos discretamente, mas o sermão improvisado exigiu de nós também um improviso. Era a hora de agirmos diante do inesperado. Um dia isso teria de acontecer, pelo menos foi sob o teto de um deus.

Vinícius tomou uma atitude drástica e interrompeu o sermão.

- Isso é um preconceito absurdo!! Isso contraria completamente a frase de Cristo que diz que o mais importante é o amor.

Falou isso balançando os braços e deixando cair os envelopes com nossas colagens. Caíram vários,

próximos ao altar. Sem querer viajar e já viajando, o silêncio dos fiéis chegava a fazer eco. Vini terminou de falar e dirigiu-se à saída a passos largos e resmungando palavrões. Vi muitas almas se benzerem.

Em solidariedade à sua atitude saímos todos juntos, indignados também.

- Isso é uma falta de respeito para com o ser humano!

Fomos pedindo licença pras pessoas e deixando propositadamente os envelopes caírem no chão. Sérgio tava tão escondido que nem vi ele sair. Jean foi o último a sair e quando estava na porta virou-se e falou pra todos:

- Êita coração de pedra!

Saimos da igreja todos correndo e rindo. Não sei porque corremos tanto, mas corremos. Chegamos no Bosque do Papa e nos jogamos no chão extasiados pelas gargalhadas e imaginando como a missa poderia ter prosseguido depois daquela cena. Foi muito engraçado. A geada já tinha desaparecido e a maquiagem da estátua também, algum guarda municipal deve ter se ferrado e lavado tudo, efeitos colaterais de nossa guerra, seu guarda, foi mal. Trocamos nossas roupas enquanto esperávamos Marília e Társis.

- Gurizada! Muita cara de pau a deles, seguiram a missa como se nada tivesse acontecido!

- E os envelopes?

- Fizeram de conta que não estavam lá, mas deixe quieto que depois tenho certeza que irão conferir o que tem dentro, aí sim levarão o verdadeiro susto.

Ainda era de manhã e fomos a um bar na Mateus Leme tomar umas cervejas escuras pra comemorarmos. Não tínhamos dormido à noite nem comido nada antes de sair de casa, de modo que o jejum fez com que as beras pegassem valendo.

Voltamos pra kit meio bêbados e dormimos o resto do dia cada um com um sorriso no rosto imaginando a abertura dos envelopes.

Foi muita palhaçada.

Eu Não Pedi Pra Nascer, Nem Vou Nascer Pra Perder (ato dezesseis)

Dinheiro é como droga e estamos quase todos viciados. As crises de abstinência são terríveis. Cada vez mais se faz cada vez menos sem ele. Sérgio está desempregado e tá foda de arrumar alguma coisa. Se dar bem hoje em dia é como tirar a sorte grande, ser uma criatura iluminada pelo Deus Mercado. Até os que tem trampo fixo, como eu e Jean, estão pela bola oito, com sérios riscos de perdê-los.

Somos uma autêntica geração de Fudidos & Mal Pagos. Na segunda-feira à noite estávamos chorando as mágoas e brincando de rotular nossa geração.

- Desistam, vocês só vão conseguir isso quando ficarem velhos e a geração da vez já for outra. -

Vinicius é um pessimista apocalíptico incurável.

Sérgio é enfático, esse seu chavão até que já é meio antigo, mas ele sempre solta essa.

- Somos os Palestinos do cotidiano, expulsos dos nossos sonhos e das nossas aspirações e refugiados numa realidade que nos exclui.

- Pô, que foda isso...

Eu e Fábio somos do palpite de que somos múltiplos em rótulos, dá pra chamar de uma porrada de maneiras, a Geração Queda-livre, a Geração "O Atrasado Que Paga a Conta" ou então mais perfeito: somos a Geração "O Que é Um Peido pra Quem Tá Todo Cagado?"

- Vocês estão viajando. - Falou Jean calmamente, fumando um Charuto que arrumou não sei onde. - Na verdade somos mesmo a "Geração Espermatozóide".

- É...

- O prêmio é bom, se você fecundar, fica nove meses curtindo e desenvolvendo o corpinho, depois nasce pros prazeres da vida. Mas o vestibla é fudido, são bilhões de candidatos por vaga. Mas tem gente que consegue...

Ficamos naquela, pensando na viagem dele, até que ele deu uma baforada em seu charuto e quebrou o silêncio.

- Inclusive eu tenho um plano de uma ação nesse sentido, não curti a dos travecos, queria fazer algo diferente.

- Que ação?

- Um autêntico ataque.

- Ataque?

- Uma grande palhaçada, pra dizer a verdade.

- Fala logo, porraaa!

O cara falou só isso e ficamos todos nos olhando e pensando: "Olha a do cara!". Nem falamos nada, simplesmente ficamos esperando por maiores explicações.

- Fácil! A gente consegue um feto falso, um feto de uns três meses, um pouco de sangue de animal e deixa no banheiro de algum shopping.

- Rapaz, não boto fê nessa tua mente macabra!

- Mas calma aí, não é só, não pode ser só.

- O quê?

- A gente deixa um manifesto, como se o bebê mesmo não quisesse nascer. Tipo um feto suicida.

- Feto suicida?

- Eu não quero nascer nesse mundo de merda!

Pronto. A idéia estava lá. Uma daquelas típicas idéias monstruosas que se agigantam e te dominam. Operacionalizar a idéia já foi mais difícil, pois precisávamos de uma mina, Jean não se encontrou com Alana Alice e essa mina teria de ser a Marília.

Foi foda convencê-la. Nós somos uns malacos, mas ela tá apenas iniciando nos caminhos da delinquência. Somente depois de bolar um bom disfarce que ela acabou topando.

- Vou sair loira, com uns óculos grandes e um casacão de frio.

- É limpo, no banheiro tem várias portinhas, vão demorar pra entrar na que você usou, dá tempo de sumir. - Jean foi o arquiteto da ação.

Fez um mistério lazarento, disse que comprou curtiça e que ele mesmo daria um jeito de esculpir o feto. O manifesto seria com ele também. Aceitamos o mistério porque desde a surpresa do ataque ao salão de beleza do shopping ele, digamos assim, ganhou uma certa moral no grupo.

Eu e os guris cuidamos então do resto.

E o resto era o sangue e os outros apetrechos realísticos. Fábio veio com uma de que víceras de porco são muito parecidas com as humanas e acabou usando seu humor negro pra dar uns toques aterrorizantes ao resultado. Conseguimos umas paradas parecidas com cérebro, muito horrível. Fomos até Campo Comprido pra conseguir o material na casa de um tio, amigo do pai dele.

Vinicius ficou com Marília e seus disfarces e o Sérgio participou do mistério do Jean. Jean queria dar um acabamento artístico no ataque e convocou o monstro.

O sangue colocamos numa garrafa de Tubaina vazia de dois litros e as víceras numa sacola de lixo preta. Antes de sairmos de casa Jean nos chamou num canto e mostrou seu "precioso". Era um feto com dois braçinhos recém formados, sendo que o lado esquerdo estava pra baixo e o braço direito inclinado em direção à cabeça.

- Tá, mas todo esse segredo pra isso? É um feto comum.

Então tirou do bolso uma seringa e colocou na mão do feto.

- Com vocês, o feto suicida!!

Ficou perfeito, hilário, o feto apontava a seringa na têmpora direita, igualzinho a um suicida com uma arma apontada pra cabeça. Depois mostrou o manifesto: O Movimento dos Fetos Conscientes, apresentando quinhentos mil motivos pra não nascer nesse mundo de bosta. Jeanzinho acabou fazendo um manifesto altamente hard-core. Revoltado mesmo.

Marcamos a ação pra quarta-feira no início da noite, lá pelas sete horas. O desafortunado alvo da vez foi o Shopping Müller, que ainda não tinha sido vítima de nossas sacanagens delinqüentes. Vinícius entrou com Marília e rapidamente se dirigiram ao banheiro. Marília entrou e ele ficou esperando. Logo chegamos nós, que ficamos nas proximidades observando o desenrolar dos fatos.

Marília demorou, demorou e demorou. Deve ter ficado uns vinte minutos lá dentro.

- Será que ela não vai mijar pra trás?

- Relaxa, a mina é das nossas.

Até que por fim ela saiu, apressada, nervosa, a passos largos. Vinícius foi atrás pra saber se ela tinha feito tudo conforme o combinado e também para tranquilizá-la um pouco. Ficamos esperando, torcendo pra que rolasse o maior escândalo possível. Nosso real objetivo ao atacar os shopping é que essas igrejas do consumismo deixem de ser a ilha da fantasia que proclamam ser. Lutamos, digamos assim, contra o apartheid social que é fortíssimo em Curitiba.

Vinícius voltou e contou que saiu tudo conforme o planejado. O bebê ficou com o braço desocupado virado pra cima e somente quando fosse erguido que a palhaçada seria revelada. Marília, mesmo contra a vontade e morrendo de nojo, molhou os dedos no sangue já quase coagulado e escreveu na porta do toalete a frase: Movimento dos Fetos Conscientes.

O tempo foi passando e entrou uma pessoa, depois outra e outra e nada. Já estávamos pensando que o shopping fecharia sem ninguém se ligar quando ouvimos o tão esperado grito. Um autêntico grito de quem leva um cagaço.

- Ai meu deus! Tem sangue lá dentro! Tem sangue lá dentro!

Era uma velhinha, quase morremos de pena da coitada, se mijou de susto, ou se cagou, pois caminhava lentamente com as pernas meio abertas, parecia cagada mesmo. A coitadinha tremia toda e não conseguia pronunciar uma frase inteira, só gaguejava.

- O que foi, minha senhora? – Perguntei disfarçadamente.

- Eu, eu, eu, eu não sei! T-tem muito sangue lá d-dentro. Eu não sei! Deus que me perdoe, mas parece que abortaram!

- Abortaram? Lá dentro?

- Eu não sei! Eu não sei!

Fiquei com o coração partido, a apavorada senhora começou a chorar. Não demorou até que um segurança do shopping chegasse junto.

- O que está acontecendo aqui?

- Seu moço! Seu moço! Tem muito sangue lá dentro, eu não sei, eu não sei, mas deve ter acontecido alguma coisa horrível lá dentro!

O rapaz pediu licença, falou alguma coisa no rádio e entrou no mictório. Naquela hora eu desejei ter nascido mulher, só pra ver a cena. Sérgio não desperdiçou a chance e tirou onda.

- Se tivéssemos vindo vestidos que nem fomos à missa, poderíamos ver nossa magnífica obra de arte.

- Cala boca, seu animal!

Vinícius saiu com Fábio falando aos quatro ventos que tinha ocorrido um aborto dentro do banheiro. Todos que ouviam levavam a mão à boca e murmuravam deusmelivres e coisas do gênero.

Quando as pessoas começaram a se aglomerar pra ver o que estava acontecendo chegaram mais três seguranças e fecharam o banheiro.

- O que está acontecendo?

- Estamos verificando, mas a princípio não é nada de mais

Vinícius não cansava de repetir:

- Foi um aborto, a senhora que viu me garantiu que foi um aborto.

O segurança parecia seguro de si.

- Calma, parece que não é nada de mais.

De repente, o circuito interno de som do Müller anuncia.

- Informamos nossos clientes que houve um vazamento de água num de nossos mictórios, mas nossos técnicos já estão resolvendo o problema e em breve ele já estará funcional novamente.

Filhos de uma puta! Lacraram a entrada do toalete em questão e não deixaram ninguém mais entrar no

banheiro enquanto o “problema” estava sendo resolvido. Vimos várias faxineiras entrarem com baldes e panos. Bom, pelo menos elas e alguns funcionários viram, melhor que nada.

Marília voltou sem seu disfarce e ria toda vez que via a cara de deboche das faxineiras que saíam do banheiro. Desta vez foi Marília quem mais riu, merecidamente, foi o primeiro ataque com ela como protagonista principal. Várias pessoas acompanhavam o entra e sai do banheiro e todos, sem exceção desconfiavam que alguma coisa estava acontecendo.

Mas a direção do shopping no mínimo empatou com a gente, conseguiu, na medida do possível, abafar o caso.

No manifesto do Jean estava escrito mais ou menos assim: “Já foi uma concorrência dos diabos pra mim, como espermatozóide, conseguir fecundar o óvulo. Não quero nascer pra ter que concorrer de novo, com outros bilhões, por uma vaga bem sucedida nessa sociedade porca.”

Voltamos a pé pra casa rindo muito deste e de outros argumentos engraçadíssimos que Jean usou em seu manifesto. Realmente, se houvesse uma opção de escolha, será que todos iriam querer nascer nesse mundo doente?

“O Mundo tá muito doente. Tem gente que mata. Tem gente que mente.”

Salte Fora e Puxe a Descarga (ato dezessete)

Nesse século que se inicia estamos vivendo uma época de profunda confusão. Quem não está confuso ou está mal informado ou está sendo desonesto consigo mesmo. Ninguém sabe o que está acontecendo e ninguém sabe pra onde estamos indo.

Ficamos muito impressionados com o manifesto que Jean escreveu sobre o bebê que não queria nascer. Ficou um enorme sentimento de desesperança no ar. Não dá vontade de correr atrás das coisas quando se sabe que é impossível alcançá-las.

Era esse o clima na kitnete dos Delinquentes na sexta-feira à noite, depois do aborto no shopping center. Cada um acabou fazendo um breve perfil de sua condição neste mundo de bosta.

Saquem nosso perfil.

Vinícius estuda e batalha pra passar num vestibular enquanto faz bicos como músico. Jean trabalha de moto num serviço de tele-entrega e todo começo de ano volta a estudar e todo meio de ano desiste de estudar. Eu, trampo num escritorzinho sem futuro. Fábio mora com os velhos, tenta sair de casa e vive fazendo planos de vida mirabolantes sem nunca levar nenhum a sério e Sérgio é uma dessas almas de artista, que nunca se

encaixam na normalidade da sociedade.

Enfim, temos tudo pra dar errado, somos um caco de vidro esquecido na areia da praia, esperando alguém pisar em cima.

- Às vezes dá vontade desaparecer. - Vinícius, o pessimista.
- Esqueça o futuro, te contenta com o teu presente e te consola com o teu passado.
- Besta isso.

Jean foi o único que não ficou pessimista depois do ataque.

- O canal não é se contentar com o presente e sim potencializá-lo, fazê-lo valer a pena.

Sérgio então se inspirou.

- Temos que valorizar os instantes.

A noite prosseguiu com mais uma daquelas nossas longas discussões filosóficas que não muito raro, dão em merda. Merda no sentido de que sempre acabam surgindo inspirações pra delinquências diversas.

Sérgio queria empreender mais uma obra de Terrorismo Poético.

- Queria criar alguma coisa que simbolizasse essa vontade de sumir, esse desejo de desaparecimento.

Fábio, ainda com o orgulho abalado pelo ataque dos travecos, queria viver emoções mais fortes.

- Tô com saudade da ilegalidade, de cutucar a cobra com vara curta.

- Você é lóki.

- Podíamos invadir uma casa. - Interrompeu Sérgio.

- Pra fazer o quê?

- Uma performance de desaparecimento.

- Como assim?

- Se liguem na idéia que eu tive. Altos atos de Terrorismo Poético, só não sei como invadir a casa, isso não é comigo, mas a idéia eu tenho.

- Então fala que estamos curiosos.

- Entramos na casa, vamos até o banheiro e no lado do vaso deixamos todas as roupas de alguém.

Como se o cara tivesse se despido ali dentro. Tudo; sapato, meia, cueca, tudo. E no vaso a gente deixa uma meia, simbolizando que o dono das roupas sumiu pela descarga. E com as roupas, talvez no bolso, uma carta de despedida.

- Que louco isso... - Vini curtiu.

- Muito louco mesmo!

Cada um bolou um jeito de aperfeiçoar a idéia. Cada um mexeu na panela acrescentando seu tempero particular. Concordamos todos que podia ser uma casa da periferia, que a burguesia não merece tão poderosa obra de arte. Pelo menos em uma família, plantaríamos uma sementinha.

Jean e Fábio se encarregaram dos planos de invasão. Deram uma banda de moto pela cidade e escolheram um bairro. Deram uma banda, diga-se de passagem, em pleno horário de serviço do Jean. Fizeram aquilo que costumamos chamar de Subversão de Baixa Intensidade, SBI (Vini costuma dizer que andar sujo em ambientes chiques, também é SBI).

Sérgio, Vinícius e eu nos encarregamos da obra de arte em si. Enquanto Sérgio se internou sozinho na kit pra escrever os textos, eu e Fábio fomos até a casa de Târsis, que já é quase um delinquente, scanear imagens e preparar os documentos do desaparecido.

Tive uma idéia do mal. O cara iria se chamar Jesus Cristo e em todos os documentos colocamos uma imagem padrão do "filho do homem" como fotografia. Fizemos tudo direitinho. Data de nascimento: 25 de Dezembro de 0000. Filiação: Maria de Nazaré (não sei se esse é o sobrenome correto, mas ficou esse mesmo) e José/Deus (a parceria com deus dispensa sobrenomes). Órgão Expedidor: SSP-Belém.

As roupas cada um doou alguma coisa e no sábado à tardinha já estávamos com tudo pronto. Os guris escolheram o bairro Cidade industrial e três casas como alvo.

- Pelo menos numa das três a gente tem que conseguir entrar.
- Escolhemos umas que tem moral de a gente entrar pelos fundos.
- E aparentemente não possuem cachorros.

Os dois, principalmente Fábio, estão ficando especialistas em campanar bairros. Sábado à meia noite juntamos nossos apetrechos, pegamos o biarticulado Santa Cândida-Capão Raso e descemos no terminal Capão Raso, depois pegamos o Rondon. Marília não quis ir, estava se recuperando do estresse do último ataque e ainda não tinha nem aparecido na kit. Já estávamos ficando preocupados que ela fosse desistir do Maravilhoso Mundo da Delinquência Juvenil.

Descemos e chegamos num boteco pra bebermos algo e nos concentrarmos um pouco.

- O que você acha Ari, é melhor começar pela casa mais fácil ou pela mais difícil?
- A mais fácil, contar com a sorte é o primeiro passo para conquistá-la.

Saímos do boteco e nos embrenhamos numa rua pouco iluminada. Andamos umas seis ou sete quadras até que Jean fez sinal pra que parássemos. Olhou pra todos os lados, prestou bem atenção nos ruídos e pulou o muro em que estávamos ao lado.

- Venham! - Cochichou.

Fábio tinha pulado quase ao mesmo tempo que ele e pulamos todos juntos logo depois. Era um desses terrenos vagos esperando por uma construção, especulação imobiliária. Fábio apontou para o fim do terreno, mostrando qual era a casa.

- Mas fiquem espertos porque a casa da esquerda, não a primeira, mas a segunda, tem cachorro e esses porras tem um fúido de um ouvido sensível!

Fomos até o muro da casa devagar, agachados em silêncio, brincando de hobbits carregando o um anel. Pulamos o muro um por um, menos Sérgio, o desajeitado, que precisou de três ajudando para conseguir. O quintal da casa era grande, tinha até uma horta. O Vegan Sérgio não se segurou e chutou umas verduras, enchendo os bolsos.

- Vamos fazer altos cremes de verdura com suco de couve quando voltarmos!

- Blarghh!!

- Psssiu!!

Atravessamos o quintal pé por pé até uma janela que guris falaram ser a do banheiro-alvo. Era uma janela fácil de abrir, dessas inteiras, que se empurra pra fora. Como sou o mais magro da turma fui o escalado para entrar. Se o vaso ficasse perto da janela era só jogar as coisas, mas também seria muita sorte ter as duas facilidades, janela fácil e vaso perto.

Enquanto entrei, Jean e Fábio ficaram cuidando em baixo da janela enquanto Sérgio e Vinícius montaram sentinela no resto das janelas da casa pra tentar ouvir se alguém acordasse. Coloquei tudo direitinho, as roupas ao lado do vaso, os sapatos, uma meia jogada num canto e a outra dentro do vaso. Quanto estava terminando minha tarefa pensei ter ouvido algo e me assustei. Estava sugestionado.

Com o susto levantei-me rápido, escorreguei no piso molhado e caí sentado. Foi um puta de um pacote. Doeue pra caralho. Fora o som do baque no chão, que assustou os dois que estavam no lado de fora.

- O que foi isso Ari? O que houve?

- Nada...nada.

Mas que estava doendo a bunda, isso estava. Escalei a janela pra voltar todo errado por causa da dor e me esforçando pra não gemer. Os guris me puxaram pelo braço e eu tomando todo o cuidado do mundo. Só que na hora que meu pés puf!, caíram no chão, a porra da janela se fechou de uma vez só, fazendo um tremendo de um barulhão. Sérgio e Vinícius, que não estavam ligados do que estava acontecendo ficaram indignados.

- Caralho! O que foi isso? O que vocês fizeram?

- Merda!

O cachorro que tinham falado começou a latir furiosamente e entramos todos em pânico. Corremos feito uns loucos em direção ao muro dos fundos. Não era a intenção, mas na correria acabamos pisoteando a horta toda. Eu corria que nem um manco por causa da dor no traseiro. Acabou que eu também precisei da ajuda de três pra poder pular o muro. Sérgio, obviamente, tirou sarro de mim.

- Viu com deus castiga?

- Vai te fuder, seu panocú!

Dessa vez atravessamos o terreno baldio correndo. "Os Cavaleiros Negros estão atrás de nós, corram hobbits, corram!" Saímos na rua de trás e corremos as seis ou sete quadras até o boteco em que tínhamos estado antes.

Ainda estava aberto. Era um bar boêmio, de madrugada e de cachaceiros mesmo. Resolvemos curtir a noite ali mesmo e ficamos até quase amanhecer o dia, nos vangloriando pra nós mesmos das virtudes de nossa obra de Terrorismo Poético.

Esse ataque acabou servindo pra recuperar nossos ânimos, pois se somos a ralé dessa sociedade porca, pelo menos temos a arte em nossos corações e o que é melhor: arte não corrompida.

Ali Babá e as Dez Mil Baratas (ataque dezoito)

Se você odeia shopping center, ir ao cinema tornou-se um programa incômodo. Se você não dispõe de muita grana, ir ao cinema tornou-se um programa caro. Todos os cinemas do centro da cidade fecharam, Curitiba ainda tem alguns, mas em cidades como São Paulo eles simplesmente desapareceram. Restaram apenas os pornôis, que provam seu valor de contestação de tabus sobrevivendo como marginais.

Essa introdução foi pra contar de um ataque que a horas já tínhamos planejado. Desde o dia em que Jean surpreendeu a todos deixando uma caixa de baratas no salão de beleza, queríamos repensar esta idéia.

- Cara! Soltar uma porrada de baratas num shopping center num dia que tiver lotado é do caralho!
- Pode crer!

Jean tinha conseguido todas aquelas baratas naquela vez porque tinha ajudado na faxina do depósito onde trampa. Na hora teve a idéia brilhante e catou todas que conseguiu, respondendo que era comida pra iguana da namorada a todos que perguntavam intrigados porque ele estava juntando tantas baratas.

Conseguir baratas na quantidade suficiente revelou ser o primeiro grande problema. Como soltá-las no shopping sem ser flagrado pelas câmeras de segurança foi o segundo. Jean estava perigosamente otimista.

- A gente pode ir na Shopping Curitiba, que tem aqueles canteiros com flores que o povo fica sentado e soltar as baratinhas no meio das flores.

- É, até dá, mas analisando as imagens das câmeras os caras vão se ligar em quem fez.
- Tens razão...

Fui eu quem teve a idéia do cinema, resolvendo antes o segundo problema.

- Podemos soltar as baratas dentro de um cinema.
- Dentro de um cinema?

- Porra Ari, aí já é terrorismo puro e simples.

- Nada véio, a gente pode deixar umas mensagens pra galera ver quando acenderem as luzes.

- Que mensagens?

- Vocês fecharam os cinemas do centro da cidade! Vocês me obrigam a vir aqui! vocês racham comigo o caríssimo aluguel e por aí vai.

- Não é uma má idéia...

A gurizada começou a se empolgar com a idéia. Fábio foi o primeiro a se animar.

- E é limpo, no escuro ninguém vê nada, todos concentrados no filme.

- Rapaz, - Vinícius começou a rir. - Imagine só, quando se ligarem será tarde demais, as baratas já invadiram toda a sala de cinema!

- Genial!

- Mas tem que ter barata pra caralho.

Restou então resolver o primeiro grande problema. Como conseguir baratas pra caralho? Pensamos em mil e uma soluções, cada uma mais estrambólica e furada que a outra.

- Se formos na lanchonete ali da esquina acho que conseguimos umas quinhentas.

- Vai tomar no teu cú, fala sério.

A solução acabou vindo através de um e-mail do Antonio Silvino, do grupo dos cangaceiros de São Paulo que tinham feito um ataque sincronizado com a gente. Conteí pros piás.

- Ele falou que existe uma lenda de que se deixarmos umas baratas dentro de uma caixa de papelão lacrada, após alguns dias elas se multiplicam e enchem a caixa.

- Sério?

- Não sei, a gente tinha que checar.

Vinícius lembrou então de uma mina que faz biologia na federal. Procurou o número na agenda e saiu pra ligar de um orelhão, pois o telefone da kit está cortado de novo.

Voltou em estado de graça.

- A mina falou que dá certo! Olha como ela explicou: se você colocar dez baratas na caixa hoje, ainda hoje elas colocarão ovinhos. No segundo dia estes ovinhos já terão se transformado em dezenas de baratinhas. No terceiro dia essas baratinhas já estarão botando seus próprios ovinhos. Sacaram?

- Que massa, lôco!!!

- Em dez dias já vai ter mais de mil baratas. Se fizermos dez caixas teremos dez mil baratas!

A idéia teve o efeito de uma bomba entre nós. Cada um abraçou com vontade sua tarefa. enquanto Sérgio, Jean e Fábio ficaram montando as cixas, fui com Vinícius e Marília no lixão catar baratas. foi divertida pra caralho nossa aventura no lixão. Munidos de sacos plásticos e luvas de borracha reviramos tudo em busca das bichinhas.

Acabamos achando e levando pra casa um monte de coisas legais. E acabamos conhecendo um monte de catadores de lixo legais também. Ser a escória e viver de achar coisas faz deles pessoas com uma visão de mundo maravilhosa. O Palestinos do Cotidiano que o Sérgio falou. Voltamos pra casa impressionados e com umas trezentas baratas.

As caixas que os guris montaram ficaram fora de série. Sérgio apresentou o resultado orgulhoso.

- Cada uma delas é uma cidadela.

Montaram só sete.

- São as Sete Cidades .

- Olha o que eu fiz. - Fábio apontou pra uns buracos na lateral das caixas. - Aqui é a entrada de serviço, você puxa esse cordãozinho e tem acesso a um buraco pra jogarmos comida pras nossas procriadoras.

Jean mostrou um papel com a "planta" das cidades, colocaram pranchas de papelão e assim construíram vários ambientes. A maior viagem. distribuímos as baratas nas caixas e nos cobrimos de toda a paciência do mundo pra esperar pelo resultado.

Depois de uma semana já dava pra ver que a parada estava funcionando. Sacudindo as cidadelas dava pra notar que já tinha barata pra cacete lá dentro. Nessa semana chegamos à conclusão que já tinha quantidade suficiente pra montarmos nossas "bombas de baratas", marcamos pra quinta-feira à noite a ação. Escrevemos vários panfletos pra jogar no chão e colar nas poltronas.

Entramos no cinema todos separados carregando mochilas nas costas como se estivéssemos voltando da aula. Só Vini e Marília que entraram juntos como namorados.

Estávamos ansiosos, todos com um sorrisinho no rosto e meio que olhando pros lados e analisando a laje das vítimas. Coitados.

O combinado era que na hora em que apagassem as luzes sincronizássemos nossos relógios. Após meia hora de filme soltaríamos nossas bombas. Acabamos adquirindo uma verdadeira paixão por aqueles bichos,

eram como se fossem nossas tão estimadas filhinhas.

Aguardamos impacientes a primeira meia hora, nem conseguimos prestar atenção no filme. Só pensávamos em soltar as bombas, soltar as bombas, soltar as bombas. Quando venceu o prazo abri minha mochila, tirei a bomba (as baratas estavam em sacos plásticos, era só furá-los com o dedo para acionar), coloquei cuidadosamente no chão e abri um salgadinho pra disfarçar. Levantei e pedi licença fingindo estar indo ao banheiro e fui me encontrar com o resto da turma pra aguardarmos o desfecho. Fui ao banheiro e encontrei Vini e Marília, os dois se espremendo de vontade de rir.

Quando todos chegaram confirmando que tinham soltado as bombas voltamos ao cinema. No ambiente escuro o clima era de total expectativa entre nós. Meu coração acelerava cada vez mais a cada minuto que se arrastava pra passar.

Foram dois longos minutos até que ouvíssemos o primeiro gritinho de susto vindo lá da frente.

- Tem barata aqui!

- O que foi? Onde?

- Aqui, aqui, aqui!!

- Pssssiu!!!

Era um casal de namorados. O cara tava tentando disfarçar e acalmar a mina. ficaram murmurando não sei o que baixinho até que deram um outro grito no outro lado da sala.

Assistíamos a tudo extasiados.

- Tem uma barata na minha perna!!

O casal de antes, ao ouvir isso, acho que se ligou que alguma coisa muito estranha estava aconteceu e saiu fora em direção à saída. Mais pessoas começaram a ficar desconfiada. Vinícius se partia de dar risada. Mais gritos.

- Isso é um absurdo!

- Onde está a higiene disso aqui?

Algumas pessoas começaram a sair e se dirigir à bilheteria exigindo seu dinheiro de volta. Liberou umas poltronas e sentamos todos juntos, longe de onde tínhamos deixado as baratas, é claro, pra curtir a cena e dar risadas. O bafafá já era grande dentro da sala e podíamos rir bastante sem despertar suspeitas.

Gritos de "ai que nojo" para todos os lados, pessoas se dirigindo à saída, o bicho estava pegando quando acenderam as luzes. Os que saíram antes não viram nada, mas quem esperou as luzes acenderem viu nossos panfletos, tínhamos deixado um monte esparramado pelos corredores.

A mensagem, afinal de contas, foi passada. A direção do shopping foi rápida no gatinho pra evitar o escândalo. não sei qual foi o genial gerente a ter a idéia, mas devolveram rapidinho dinheiro pro povo e ainda deram mais um ingresso de brinde.

Lutar contra o capitalismo é mesmo foda, os caras são muito ensaboados e o dinheiro compra tudo. De nossa parte recusamos o presente e saímos fora realizados. Orgulhosos de nossas filhinhas. Orgulhosos de nossa prole.

Saímos do Shopping com a adrenalina a mil, foi um de nossos ataques mais arriscado, diferentemente de invadir casas estávamos expostos a uma multidão de pessoas e sem dúvidas seríamos presos se fôssemos pegos. Fomos até um botequinho nas proximidades e tomamos A cervejada pra comerar. Menos Sérgio, o Vegan, que não bebe.

O São Gulik da religião dos Discordianos é uma barata. Dedicamos esse nosso ataque a ele.

Tá Vendo Aquela Calçada Ali Seu Moço? Escrevi Meu Poema Lá (ataque dezenove)

Muitas pessoas afirmam que tentar passar uma mensagem sem se importar com os meios é um crime. Argumentam isso toda vez que invadimos casas ou qualquer outro espaço privado para fazermos nossos Terrorismos Poéticos. Concordaria com esses argumentos se não existissem tantos out-doors poluindo nosso campo de visão. Se for assim, então socar propaganda goela baixo também é crime. Uma vez definido isso começamos então a nos entender.

Partindo desse ponto de vista, o que a Prefeitura de Curitiba fez, ao privatizar os pontos de ônibus, é crime. Crime contra a Imaginação Pública, entupindo a cidade de propaganda. Os pontos agora possuem um enorme e luminoso painel publicitário, que além da poluição visual, ainda atrapalha a passagem de pedestres. Não adianta, pedestre sempre se fode. Na kitinete dos Delinquentes, aquele antro de inconformados, a indignação quanto à isso foi grande.

- É muita sacanagem, ponto de ônibus é um lugar público - Vinícius é o mais indignado.
- Ainda se fossem informações úteis...
- É, um mapa da cidade ou alguma coisa do tipo.
- Mas não, é só telefones celulares, concessionárias de veículos e etc.

Agora uma pergunta, que é mais terrorista, nós que invadimos casas pra expor nossos quadros ou eles que invadem nosso cotidiano pra nos convencer de mentiras, induzir-nos a falsas necessidades?

Óbvio, chegamos à conclusão que são eles, pois ganham dinheiro com isso. Perto deles invadir casas não é nada. Jean começou a contar que as principais técnicas de propaganda usadas hoje em dia foram criadas e testadas pelos nazistas.

- Disso ninguém fala.

Concluimos que nosso próximo ataque deveria ser em relação à isso, retomada do espaço urbano, sabotagem publicitária, enfim, mais uma ação de Terrorismo Poético. Vinicius parecia ser o mais inspirado.

- Se você analisar bem, as cidades estão organizadas de modo a nos condicionar a pensar de um certo modo, a fazermos somente certas coisas e nos comportarmos de uma certa maneira.

- Tudo bem, muito bonito esse discurso, mas e daí?
- Vamos bolar algo, injetar uns vírus nesse sistema condicionante.

Ficamos nessa uma cara, viajando nas possibilidades, porém com mil críticas e nada prático e concreto para fazermos. Jean e Fabio quase fundiram os cérebros pensando em algo. Nessas horas parece que o descaso resolve. Sérgio, que não estava nem aí pra bagaça, foi quem trouxe a solução. Logo ele, que ainda estava curtindo o sucesso de sua idéia concretizada, o cara que sumiu pela privada. Mas não curtiu que o cara se chamasse Jesus Cristo.

- Muito clichê.

Mas tudo bem, agora são águas passadas e nada nos impede de reutilizarmos a idéia outra vez, sem equívocos.

- Quero escrever poemas.

- Ué, escreve, ninguém está te impedindo.

- É, escreve. - A galera não perdoa, é sarcástica mesmo.

- Mas eu queria eternizá-los

- Ih! Lá vem discurso...

Foi uma coisa absurda. O que tipo de idéia demente que, na boa, não existe, só mesmo sainda da cabeça delirante de um artista plástico sem o que fazer. Saca só a do cara:

- A gente cimenta uma calçada, vestidos de funcionários da prefeitura, joga cimento por tudo, eu escrevo os poemas em baixo relevo e depois deixamos tudo coberto por uma lona preta. Local interditado, uma placas, tão ligados?

Todos rimos, rimos não, gargalhamos. É o fim da picada! Onde fomos parar? Claro que uma idéia dessas não podia passar batida. No ato pensamos na mãe do Fábio, que é costureira e já tinha feito os trajes de padre do dia em que abençoamos o banco, pra providenciar os macacões necessários para pôr em prática o plano de Sérgio Augusto.

Roupas de garis da prefeitura, mais cones e aquelas tiras listadas que os caras usam pra isolar a área. Fora cimento, areia, pá, cimento e o escambau.

Um idéia, como diria Nelson Rodrigues: difícilzinha, mas extraordinária. Uma idéia que nos seduziu devagarinho, feito conversa de boteco. Jean e Fabio se encarregaram da parte civil. Massa de cimento, areia, ferramentas e a logística, entenda-se transporte da tralha toda. Eu e o resto do pessoal cuidamos das roupas, placas e demais apetrechos.

Fizemos tudo no fim de semana. E estava fazendo um frio desumano em Curitiba, sem sol e com um vento fudido. Vinícius e Marília, os românticos da hora, saíram juntos pra escolher as calçadas. Mais uma vez optamos por um bairro classe média, pois a burguesia não merece tal prêmio.

A parte da mãe do Fábio até que foi fácil, afinal trata-se de uma profissional da costura, foda mesmo foi pintar o logotipo da prefeitura nos macacões. Ainda bem que Sergio deu o sábio toque de fazermos dois a mais, para o caso de cagada. Ferramos exatamente com dois, Deus é pai não é padraço.

Jean e Fábio conseguiram o material de pedreiro e uma pick-up do trampo do Jean.

- Aluguei eles de que precisávamos fazer a mudança da kitinete.

- E precisamos mesmo, essa porra tá pequena.

Marcamos a ação pra Terça-feira à tardinha, afinal os funcionários da prefeitura só trabalham de dia e não queríamos que a obra ficasse um dia inteiro com o cimento fresco dando sopa. Algum curioso poderia meter o bedelho e ferrar com tudo. À noite as chances de isso ocorrer são menores. Pra mim e pra Jean, que trampamos, foi necessário enrolarmos nossos respectivos chefes pra sair mais cedo.

Fomos todos juntos, Agachados & Felizes na carroceria da pick-up, com Jean de motorista paunocuzeando a três por quatro fazendo curvas brucas pra ferrar com a gente. Na porta do carro: a logomarca da prefeitura improvisada. Só que ela ficou tão horrível que era só dar uma olhadinha com mais atenção e você se ligaria que se tratava de uma palhaçada. Jean então encostou pra que descêssemos com o material e foi estacionar longe do local do crime.

Eu e Vinícius colocamos os cones, as faixas e as placas: “Homens Trabalhando” e “Desculpe o transtorno, estamos trabalhando para embelezar a sua cidade”. Fábio e Jean abraçaram a função de pedreiros. A argamassa já tínhamos deixado pronta pra facilitar as coisas. Esparramaram pelo chão e fizeram a “planagem”, não sei se esse é o termo correto. Sérgio ficou só olhando, com um ar insuportavelmente superior.

- Trabalhem seus manés, aos artistas só cabe o trabalho estético.

- Cala a boca!!!

Nesse meio tempo passou uma senhora com uns setenta e não sei quantos anos e doze pães numa sacola, estava voltando de uma padaria.

- Ah, vão ajeitar a calçada? Já era em tempo, está toda quebrada.

- A senhora vai gostar, isso podemos garantir. – Vinícius, dando uma de cavalheiro.

- Vão ajeitar a rua inteira?

- Gostaríamos. Gostaríamos muito, mas infelizmente hoje só vai dar pra ajeitar essa.
- É, mas a senhora vai gostar.

Seguiu pra sua casa com um sorriso no rosto e nós ficamos “poetando”, também com sorrisos no rosto. A parte do cimento até que foi rápida, Sérgio que se amarrou pra escrever o poema, fez uma embromação do caralho. Não queria dizer o que estava escrevendo e nem deixou ninguém vê-lo escrever.

Por fim ergueu a lona um pouco e nos deixou vislumbrar a obra:

“Os meus sonhos afogavam as minhas tristezas, mas as minhas tristezas aprenderam a nadar.”

Ficou perfeito, o cara ainda jogou umas tintas e o resultado ficou psicodélico em todos os seus aspectos. Recobrimos com a lona e sorrimos satisfeitos. Foi fácil, muito fácil e ainda por cima sobrou um montão de cimento. Quando vimos o quanto tinha sobrado olhamos uns para os outros.

- Não podemos desperdiçar tudo isso. – Fábio, pensativo.
- Vocês viram que não foi difícil, o povo nem desconfiou de nada.
- Poderíamos sacanear um bairro burguês.
- Bora, então.

Fabio encasquetou que queria cimentar a calçada diante da casa em que tinha mandado seu primeiro poema com estilingue, naquele que foi um de nossos primeiros ataques. A autoconfiança é algo perigoso, mas como era eu quem estava falando ultimamente que contar com a sorte é o primeiro passo para conquistá-la, acabei topando.

Subimos todos em cima da pick-up a partimos pro segundo tempo de nossa intervenção. Jean conduziu a “viatura” até o Jardim Social e mais uma vez estacionou pra que descemos com o material. Colocamos os cones e outros itens e Fábio imediatamente começou a espalhar o cimento. Desta vez não estávamos tão tranquilos. Sérgio olhava nervoso para os lados.

- Olha galera, acho isso precipitado, sei que vocês já tem uma certa experiência, mas acho que essa porra não vai dar certo. Espero vocês naquela lanchonete.

- Vai seu cagão.
- Ele não deixa de Ter razão, apura aí com essa merda. – Eu e Vinícius também estávamos cabreiros.

Fabio terminou de aplinar o cimento e na hora em que estava escrevendo saiu um senhor de dentro da casa. Pela sua cara, não era muito simpático, parecia invocado. Provavelmente vacinado contra vandalismo desde o dia em que recebeu um poema através de sua vidraça quebrada. Fabio enfiou sua cabeça sob a lona preta e ficou escrevendo enquanto Vinícius ficou dando explicações.

- O que vocês estão fazendo?
- Estamos corrigindo umas imperfeições da calçada.
- Imperfeições? Ninguém aqui reclamou nada pra prefeitura.

Imediatamente sacamos que aquilo não tinha como terminar bem. Pisquei o olho pra Jean e fiz um gesto discreto em direção aonde o carro estava estacionado. Jean saiu fora e ficou dentro do carro enquanto vini seguiu discutindo com o morador.

- Fique tranquilo senhor.
- Vocês são mesmo funcionários da prefeitura? Tem algum documento de identificação?

Realmente, tiozinho esperto, se ligou que alguma coisa estava errada. Fiz um sinal pra que Jean viesse com o carro. Estacionou e jogamos tudo sobre a carroceria. Fabio tinha terminado sua frase que nem chegamos a ver.

- Estamos indo, concluímos nosso serviço
- Esperem, quero ver os documentos de vocês.

Saimos literalmente correndo, fugindo. Uma vez todos em cima do carro Jean acelerou e saímos cantando pneu. Ainda bem que Jean tinha improvisado uma placa falsa.

- O que você escreveu, Fábio?
- “Toda propriedade é um roubo” - A mesma frase de sempre.

Olhamos pra trás e ainda vimos o morador misturando o cimento, completamente indignado. Não deve Ter gostado da frase. Rimos pra caralho e paramos num boteco pra comemorarmos. Da próxima vez, precisamos tomar mais cuidado.

As Terríveis Bananas Assassinas Transgênicas Geneticamente Modificadas (ataque vinte)

No último sábado aconteceu o segundo Flash Mob Curitiba. A fantástica mobilização relâmpago reuniu cerca de uma pessoa na praça de alimentação do Shopping Curitiba. O elemento solitário ficou em torno de dois minutos em pé ao lado de uma mesa portando uma sacola de bananas, logo depois dispersou-se. Um evento espetacular .

Infelizmente era eu o elemento solitário da cômica mobilização. Estava com uma gripe do cassete e foi um parto me arrastar até aquele antro do consumismo. Voltando pra casa eu era todo indignação. Ainda mais que nenhum dos outros delinquentes é chegado em Flash Mobs e estariam todos me esperando na kitnete, ansiosos para rirem da minha cara até me deixar me deixar puto .

- E aí Ari? Como foi ?

- Um sucesso! Eu e mais ninguém.

Olharam pra minha sacola cheia de bananas e se partiram de dar risadas.

- Porra véio! Quer dizer que não foi ninguém?

- E o que você vai fazer com essas bananas?

- Enfiar no cú de vocês!

- Estressadinha a boneca.

Era inútil tentar me defender, os malas tinham razão em tirar sarro. O que eu fiz não foi pagar um mico no shopping, o que eu paguei foi um gigantesco King Kong com mais de dez metros de altura. Muito foda, até as dores de cabeça e de garganta que tinham dado uma aliviada voltaram. Me deitei num dos colchões no chão da kit e apaguei, tentando esquecer do mico e da gripe.

Sonhei com o personagem do Tony Ramos daquela novela Torre de Babel que vivia noiado em explodir o shopping. E no meu sonho ele explodia o shopping em todos os capítulos. Eterna recorrência.

Não sei dizer se era sonho ou pesadelo. Acordei horas depois com Fábio chacoalhando o meu braço.

- Ari! acorda, Ari!

- Há, o que foi?

- Tá melhor?

- Tenho uma surpresa pra ti. Talvez te anime um pouco.

- Que surpresa?

- Olha só isso.

Ao lado da minha malfadada sacola de bananas tinham outras três, do mesmo tamanho. Juro que não entendi o que significava aquela palhaçada.

- Que merda é isso, seu viado?

- Calma Ari! Trata-se de material para nosso próximo ataque.

- Que ataque? Você tá ficando louco ?

Eu estava mais perdido que filho de puta em dia dos pais e ainda mal humorado por causa da gripe.

- Alguém pode me explicar que merda está acontecendo por aqui ?

Então Fábio fez uma longa e didática explicação. Meu cérebro parecia engarrafado por causa da gripe, a cada dois minutos eu interrompia Fábio com um “como assim”?

Tratava-se de algo que a horas eu queria fazer, mas não me ocorria exatamente o que. Eu queria bolar uma ação que dissesse respeito aos transgênicos e que se possível fosse ambientada num supermercado. Foi invadindo minha privacidade e fuçando nos meus e-mails que recebi, que os guris compilaram o plano. Mostraram-me um estilete, um rolo de durex, algumas tirinhas de papel e mais umas coisinhas.

- Preste atenção velho Ari. Marília conseguiu uma lista do Greenpeace com os alimentos que utilizam transgenicos. Então a gente vai num supermercado e com o estilete faz um corte na embalagem e enfia mensagens de alerta contra os transgenicos. E depois cola com durex.

Fiquei mudo, apenas tossi sem conseguir rir da demência do plano. Vinicius parecia animado com a idéia.

- Ari, pode ser divertido, agente pode enfiar um pedaço de alface numa caixa de sucrilhos. Sucrilhos geneticamente modificados.

Realmente, não era ma idéia , principalmente se não levássemos em consideração o risco de sermos flagrados por câmeras ou vigilantes.

- Nada! É só sermos discretos e caras de pau e isso eu te garanto que somos.

Mas ainda faltava um detalhinho.

- E as bananas?

- Enfia no rabo...

Pronto. Caíram todos na gargalhada. Aquelas bixas nunca perdem uma oportunidade para sacanear.

- Tô falando sério, seus merdas.

- Calma Ari, essas bananas são pra Segunda parte do plano, pra sensacional saideira.

- Saideira?

- Sim, vamos no estacionamento e enfiamos elas nos escapamentos dos carros.

- Pra que isso?

- Bom, além de protestarmos contra o excesso de automóveis nas cidades ainda deixamos um papel nos pára-brisas avisando para tomarem cuidado com as bananas transgênicas.

Sensacional! Foi o tiro de misericórdia para acabar com minhas dúvidas. Se precisassem de alguém pra enfiar a banana no rabo de algum carro, poderiam contar comigo.

- Só tem que ser logo.

- É, pra ser massa, tinha que ser hoje.

Sábado à noite é uma hora em que os supermercados estão cheios e marcamos a ação pro Sábado mesmo, no Mercadorama do Bigorrilho.

Chegamos logo depois das oito e Vinicius entrou abraçado com Marília, eram o casal fazendo as compras do mês, cada um com um carrinho. Eu e os guris ficamos dando bandas dentro supermercado desbaratinando enquanto esperávamos pra agir na fase das bananas. Sérgio não foi, se revoltou com todos por causa da cagada feita no ataque da calçada. Estava gelando a turma.

Vinicius e Marília trataram logo de encher os carrinhos com as “compras”. E então disfarçadamente faziam os cortes com os estiletes e enfiavam os aditivos. Foi alface nos sucrilhos (e um papelzinho com a frase: cuidado com a terrível alface transgênica assassina). Baratas em geleias (baratas, como outros bichos escrotos, gostam de transgênicos e outras porcarias). Serragem em açúcar (as canas transgênicas assassinas são estranhas). Enfim, uma tremenda sacanagem.

Na verdade ferramos apenas com os donos do supermercado, pois os clientes, assim que vissem as mercadorias alteradas, simplesmente devolveriam ou trocariam. Quem levaria o “preju” seria mesmo a rede Mercadorama. Depois de colocar as coisas eles davam umas voltas pelas prateleiras e devolviam as mercadorias aos seus lugares. No fim abandonaram os carrinhos cheios e deram o sinal pra partirmos pra segunda parte do plano.

Era a fase mais foda, a mais adrena. Tinham três fileiras de carros. Cada um escolheu uma tomando todo o cuidado do universo pra que não fôssemos vistos pelo guardião nem disparássemos nenhum alarme. Deitei no chão e me arrastei por debaixo do primeiro carro. Tava escuro lá embaixo e tive que esperar pra vista acostumar e conseguir enxergar o escapamento. Primeiro usei uma varetinha pra enfiar uma bucha de papel. Depois entupi a porra do escapamento com bananas. Era Vectra preto. Juntei as coisas e me arrastei até o próximo carro.

Fazia horas que não empreendíamos um ataque tão “cagaçento”, meu coração a mil e minhas mãos suadas. O segundo carro deu pena. Era um fusca e fuscas não merecem. Deixei o fusca intacto. O terceiro carro era um Kadet cinza, mandei ver. Lá pelo quinto carro eu já tinha pego as manhas e estava trabalhando rápido, só não conseguia enxergar os outros guris.

Demorei mais ou menos uns vinte minutos pra terminar minha missão. Quando saí do outro lado do estacionamento os piás já estavam lá.

- Porra, demorasse!

- Tava fazendo o que? Piquenique com as bananas?

- Cara! Juro que pensei que estava sendo rápido!

Quando Vinícius viu que tínhamos acabado tudo atravessou o estacionamento com Marília colocando nos pára-brisas papéis com a seguinte frase:

“Cuidado com As Terríveis Bananas Assassinas Transgênicas!!”

Cômico. Hilário. E não precisa dizer mais nada.

Nos reunimos na saída do supermercado e simulamos uma fila no orelhão pra ficarmos aguardando o resultado. E não demorou. Logo saiu um gordão cheio de sacolas com carne. Abriu o porta-malas de seu Palio, jogou as coisas, entrou no carro e tentou dar a partida. Nem se ligou no papel no pára-brisa.

Tiziziziu! Tiziziziu! Nada. O carro não pegou. Foi então que ele se ligou no recado das bananas no vidro. Leu, olhou para os lados desconfiado e tentou dar partida de novo, obviamente sem sucesso. Saiu do carro pra tentar descobrir o que estava acontecendo com seu carro e então ouviu outro carro, a uns dez metros dali, também engasgando.

Foi conversar com o dono do outro carro levando o papel com a frase da banana. Conversaram um pouco. Dava pra ver de longe que estavam desconfiadíssimos. Quando o terceiro carro também não pegou os dois foram conferir o escapamento e tiveram a revelação: estavam sendo vítimas das Terríveis Bananas Assassinas Transgênicas

Quase nos cagamos rindo. Não dava pra segurar, a cena toda era muito engraçada. Nenhum carro no estacionamento estava pegando. Logo começaram a se formar grupos de pessoas indo reclamar com a gerência. Negadinha enfiando pauzinhos pra tentar tirar as bananas, mulheres reclamando, crianças aproveitando a deixa pra fazer festa no estacionamento, show, completamente show de bola. E então o mais engraçado de tudo, no meio de todos aqueles carros novos engasgados, eis que o fusquinha que eu tinha poupado funciona e sai cheio de moral com uma velhinha simpática na direção. Saiu sorrindo e dando tchauzinhos pro povo.

Demos um tempinho e saímos fora pra não darmos bandeira. Todos riam, menos eu que só tossia por causa da gripe. Não dava pra rir que a tosse vinha. Tossi tanto que quase cuspi os pulmões pra fora. Foi massa. Acabei melhorando mais da gripe com esse ataque do que com qualquer Benegripe ou chá quente.

Delinquência Juvenil também é homeopatia.

Podes crer que é.

Fé Cega, Pé Atrás & Um Monte De Gente Batendo À Porta (ataque vinte e um)

Futebol, política & religião não se discute, certo? Errado. Se discute e se discute muito, por isso a razão da existência desse ditado. Intermináveis argumentações e não raros chiliques nervosos e agressões físicas. São assuntos maravilhosamente polêmicos e o problema não está na polêmica. O problema está na intolerância.

O arranca-rabo começou na kit dos delinquentes quando Marília contou que tinha sido professora de catequese e Vinícius, seu próprio namorado, começou a esculhambar.

- É ridículo, a igreja católica é muito ridícula, como podem batizar uma criança que não tem ainda a mínima capacidade para escolher.

- É costume, tradição, cultura.

- Cultura o cacete!

Jean, Sérgio e eu começamos a dar uns pitacos e a discussão pegou fogo. Só pra azarar e colocar ainda mais pimenta no molho resolvi defender as posições de Marília.

- A parte ritual da missa católica eu acho massa.

Vinícius, o niilista, dava pulos de dois metros de altura.

- Massa? O que é massa? Os caras comungam e depois vão pra casa beber e bater nos filhos.

- Isso é geral, não atinge só os religiosos.

- Mas um religioso fazer isso é muita cara de pau, você não acha?

O debate foi interrompido com a chegada do Fábio, careca, com a cabeça completamente raspada.

- Caralho! O que foi isso, véio?

- Raspei ué, não posso?

- Mas pra quê?

- Tava de saco cheio de me olhando mesmo jeito no espelho, precisava dar uma mudada no look.

- Ficou ridículo.

- Parece uma bexiga.

- Vão tudo se fuder!

Imediatamente já mudou de assunto perguntando o que estávamos discutindo.

- Dava pra ouvir gritos de exaltação lá do outro lado da rua.

- Religião, discutíamos religião.

- Não boto fé, esse tipo de coisa não se discute.

Mas não teve jeito, o assunto avançou madrugada a dentro. Vinícius estava inconformado com Marília. Todos estranharam, porra, logo ele que não se importava com nada. Acabou com ele intimidando todos a executarmos mais um ataque, envolvendo religião,

- Mas o que?

- Uma ação para demonstrar com todas as religiões estão certas e erradas ao mesmo tempo.

- Mas como isso?

- Sei lá, acordem seus neurônios.

Então contei de um e-mail que recebi de um cara que assina com o nickname de Sabotage, em que ele sugeria que escolhêssemos uma casa e que de tempos em tempos enviássemos cartas de diferentes religiões convidando para algum evento. Todos custando alguma grana.

- Rapaz! Não é uma má idéia. - Vini se empolgou no ato.

- Só que mandar coisas pelo correio é muito palha.

- Podemos ir pessoalmente.
- Como assim? Juro que não entendi.
- Pois não, olhem para o Fábio.

Todos olharam. Entenderam menos ainda.

- Veja só não parece um hare-krishna? Falta só aquele vestidão.

A gargalhada foi geral. Com uma roupa adequada ele poderia muito bem passar por um monge tibetano. Mais alguns detalhes acertados e o plano foi definido e aceito. Seria uma peça de teatro invisível, nos moldes daquela em que discutimos propriedade privada no boteco. Cada um tratou de escolher seu papel. Vinícius tomou a frente.

- Serei católico!

Fábio, seria budista. Jean que sempre sonhou em ter barba, optou por ser um rabino. Sérgio que é negão seria do candomblé. Sobrou pra mim ser evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus. Marília quis ficar de fora.

Quanto ao local do ataque desta vez nossa decisão foi definitiva: esquecer a burguesia. Chega de querer destruir a burguesia. Destruí-la implicaria em colocar alguém no lugar e isso só significaria trocar os nomes dos bois. A burguesia já cumpriu seu papel na história, a questão agora é supera-la. Mais uma vez então, escolhemos um bairro da periferia para nossas atividades.

Sérgio falou com um conhecido que pratica capoeira e conseguiu umas roupas parecidíssimas com as de um pai de santo, um sarro. Até um cachimbo de pau pra dar um toque final. Pra mim ficou fácil, uma simples calça social, um sapato careta e uma Bíblia em baixo do braço já fazem de você um evangélico.

Vinícius também não precisou de muitas indumentárias pra travestir-se de católico.

Fábio e Jean que se fuderam. Fábio penou pra encontrar um tecido adequado e convencer sua mãe a costura-lo. Com aquela cara e o seu currículo de vida, a coroa estava desconfiadíssima de que ele queria realmente virar um hare-krishna. Jean só conseguiu trajes de rabino depois de trocentas ligações e depois de fazer contato com uma ex-namorada que participa de um grupo de teatro.

Marcamos a parada pra quinta-feira à tarde, eu passando o miguê no trampo de que tive uma recaída da gripe e Jean, que trabalha a maior parte do tempo na rua, matando serviço mesmo. Nos encontramos todos na praça Tiradentes e pegamos um buzum pras quebradas da cidade.

Não tínhamos uma casa/alvo definida. Iríamos na tentativa até encontrarmos alguém que nos desse trela. Não foi tão fácil quanto imaginávamos, muita gente não dá trela pra missionários e crentes em geral. O ceticismo avança e só não sei dizer se isso é bom ou ruim.

Lá pelas duas da tarde alguém finalmente nos atendeu com atenção. Era um cara de uns trinta anos, desempregado, que estava em casa cuidando das crianças enquanto a esposa trabalhava no Pollo Shop numa perfumaria, Vinícius, o católico, foi a primeira visita.

- Bom dia senhor!
- Bom dia.
- Faço parte dos carismáticos.

Assim começamos. Vini convidou para um mocotó na sua paróquia e comentou que estavam clamando por os novos fiéis.

- Vinte reais o mocotó pra família toda e depois, se virar devoto, é só pagar o dízimo.

Vinícius despediu-se depois fui eu. Levei sorte, pois o cara era evangélico e até comentou que se tivesse dinheiro em casa contribuiria com minha causa de assistência social aos pobres. Sérgio, o pai de santo macumbeiro não teve a mesma sorte. Chegou de cara convidando o indivíduo para uma enorme matança de galinhas pretas.

- Uma cerimônia a Ogum, organizado pelo babalorixá Barbozinha de Oxalá.
- O senhor ponha-se daqui pra fora! Em minha casa não entra um adorador do diabo da sua marca!!
- Mas senhor...
- Eu já falei! Não me tira do sério!

Não teve jeito, Sérgio teve que enfiar seu rabinho “satânico” entre as pernas e tirar seu time de campo. Depois foi o budista Fábio, vendendo incensos e exemplares do Bagavad Gita.

- O quê? Eu não acredito! O senhor já é o quarto a bater em minha porta hoje.
- Isso é um sinal de que você deve lutar pra atingir sua harmonia interior, superar a dor.
- Harmonia interior? Superar a dor? Do que está falando?

Os três filhos do homem estavam espiando Fábio por detrás do pai, estavam se torcendo de rir. De certo nunca tinham visto uma criatura tão esquisita.

- Gostaria também de lhe convidar pra participar de um jantar vegetariano no nosso templo.
- Jantar vegetariano? – O cara já parecia nervoso e impaciente.

- Sim, por apenas trinta e cinco reais.

- Trinta e cinco? Não, o senhor me desculpa, mas não tenho condições. Dá licença por favor.

E bateu a porta na cara de Fábio, que se comoveu e enfiou um envelope de incenso por debaixo da porta. O rabino Jean não demorou mais de cinco minutos pra aparecer. Quando olhou para os trajés de judeu começou a demonstrar explicitamente sua impaciência, colocando a mão na testa.

- Eu não acredito! Eu não acredito! Posso saber o que o senhor deseja?

- Quero convidar o senhor para ir em nossa sinagoga participar de um jantar para angariar fundos de ajuda para os israelenses vítimas dos terroristas palestinos.

- Vítimas do terrorismo palestino? Eu? – O cara coçava o cabelo, já tava ficando com raiva.

- Apenas cinquenta reais.

- Cinquenta reais? Isso é um absurdo! Ponha-se daqui pra fora seu turco ganancioso!

Então damos início a nosso ato final. Enquanto o rabino discutia com o morador, o macumbeiro Sérgio voltou, com uma sacola que parecia conter uma galinha preta. O judeu indignou-se com aquela presença e os dois começaram a brigar. O rabino chamando o macumbeiro de satânico e o macumbeiro ameaçando soltar a galinha preta.

Os ânimos estavam alterados quando chegou o budista Fábio.

- Paz! Paz! A paz é mais importante que a discórdia! – Então agachou-se e acendeu um incenso fedorento.

O ambiente estava caótico, o morador inquieto sem saber o que fazer, os meninos rindo que mijavam, quando chegou o católico carismático Vinícius que começou a rezar um padre nosso e jogar água benta nos três. Quando aproximei-me da casa o morador logo me reconheceu e me chamou, parecia confiar nos evangélicos. Cheguei perto estavam todos em frenesi, discutindo quem explorava mais os pobres, quem eram os. Uma zona, quase impossível não rir, Vinícius quase não se agüentava.

Mas foi só descobrirem que eu era evangélico que começaram todos a me criticar e me apontarem o dedo, até o pacífico hare-krishna. O morador saltou em minha defesa e a discussão pegou fogo. O pessoal gritava tanto que alguns vizinhos até foram à janela ver o que estava acontecendo e outros chegaram e se encostaram no muro da casa do cara apreciar a baixaria. Tinha um certo público, posso te garantir, palavra de delinqüente. Por fim me indignei e tomei uma atitude inesperada.

- Quer saber? Exploramos sim! Mas o dinheiro é muitíssimo bem aplicado na construção de novas igrejas.

- O quê?

Foi a gota d'água, o rapaz se indignou e correu a todos com ameaças de chamar a polícia. Nos dispersamos rapidamente, um pra cada lado com expressões furiosas nos rostos. Nos encontramos de ônibus rindo feito uns dementes. Foi muito engraçado. Com certeza aquela pessoa lembraria da cena para o resto de sua vida e para sempre alimentaria uma desconfiança contra esses pregadores. Pensaria sempre duas vezes.

Missão cumprida. Se existem deuses lá em cima ou no além, devem Ter nos agradecido por termos livrados sua barra suja por esses representantes mortais de araque.

Fnord.

De Todos os Fogos o Fogo *(ataque vinte e dois)*

O crime contra a Imaginação Pública cometido pela Prefeitura Municipal de Curitiba voltou nessa semana a ser assunto entre os delinquentes. Começaram a instalar as malditas propagandas luminosas no ponto de ônibus da kitnete. Os filhos da puta privatizaram os pontos de ônibus.

Agora você chega na janela e o negócio tá lá, impondo-se no escuro da noite. A Sabotagem Publicitária acabou voltando à nossa pauta de negociações. Fábio demonstrou ser o mais obstinado de todos.

- Aquela viagem de cimentar a calçada foi Intervenção Urbana, não Sabotagem Publicitária.

- Ah, mas foi massa.

- Eu sei, mas nós temos que atacar é esses abusos como o ali de fora.

Jean e Vinícius não estavam nem aí pra conversa, só davam risadas e azaravam.

- Tem que tacar pedras nessas porras!

- Fuder com tudo! Meter fogo.

Sérgio está concluindo mais uma série de trabalhos artísticos, os primeiros de sua fase na delinquência. Dá pra ver que mudou muito o estilo. Ultimamente ele anda completamente envolvido com o processo criativo. Entusiasmado mesmo.

- E não tá nada pronto, só estará pronto quando tudo estiver no seu lugar.

- Que lugar?

- O mundo. A vida. As pessoas.

- Não viaja...

Por fim Jean e Vinícius acabaram se interessando pelo assunto e começaram a tramar seriamente alguma coisa. Quer dizer, o mais sério possível tratando-se de nós. Jean anda lendo o Clube da Luta do Chuck Palahniuk e tendo uns planos incendiários.

- Queria experimentar aquelas misturas caseiras, tipo gasolina com coca ligh.

- E será que funciona?

- Pois é! Eu queria testar a parada.

Conversa vai e conversa vem e dos pontos de ônibus privatizados acabou-se chegando ao velho e bom plano de botar fogo em algum out-door. Antigamente o cagaço sempre vencia, só que agora estamos irremediavelmente viciados em cagaços.

As idéias logo começaram a brotar.

- Agente joga gasolina. Chegamos por trás do out-door. Com toda a calma do mundo. Escalamos e vamos derramando gasolina, até encharcar.

Fábio parecia confiante e metódico, era dele principalmente o sonho de queimar um out-door.

- Pode crê! Litros e litros de gasolina.

- Só! Na frente e atrás.

- Nossa o negócio vai queimar pra caraaaaalho!

Quem acabou dando o toque de mestre no plano acabou sendo o Sérgio. Efeitos pirotécnicos ilegais.

Uma coisa de louco, um absurdo.

- A gente arma uma fileira de fogos de artifício por trás do out-door, na hora que a parada tiver pegando fogo, soltamos os fogos.

Uma idéia fantástica. Fantasticamente arriscada.

- Não dá véio, bem na hora de fugir vai ter uma zoadá do inferno?

- Culhones, meu filho! Culhones – Sérgio Augusto com uma machíçe surpreendente.

- Não viaja, o negócio é arriscado.

- Temos que pensar num jeito...

Como somos um bando de inconseqüentes, fomos logo providenciando material sem ter bolado um plano de fulga decente. Tivemos que investir um troco legal que mesmo repartido em cinco, ainda vai fazer com que fiquemos duros por uns quantos dias. O mais caro foram os fogos de artifício.

O out-door vítima foi escolhido pelos especialistas em alvos Jean e Fábio. Por motivos óbvios não posso dizer onde, mas era um lugar manero. Não digo que tinha muita visibilidade e que seria visto por milhares de pessoas, mas era limpeza pra executar e pelo menos aparentemente, limpeza pra fugir.

Quinta-feira em Curitiba fez um dia esplendoroso, céu azul, coisa rara, interpretamos isso como um sinal. Passamos o dia ligando uns para os outros e dizendo: É hoje! Tem que ser hoje!

Nos encontramos todos na kitnete e aguardamos com uma paciência dos diabos o tempo passar pra chegar uma hora adequada pra ação. Chegou a meia-noite vazamos. Jean, Vinícius & Fábio com as mochilas contendo o material.

Levamos gasolina pura e um pouco de mistura que o Jean fez com coca light. No ônibus ele ia explicando como que o negócio funcionava.

- A gasolina queima fácil, só que pra ser um explosivo ela tem que queimar rápido, de uma vez só, aí sim vira um explosivo.

O viado falava alto, o povo do ônibus todo ouvindo.

- Pra queimar rápido precisa de oxigênio. Os refrigerantes dietéticos possuem uma substância que quando esquentada libera oxigênio. Sacaram?

Então encarou todo mundo que tava olhando pra ele, fez uma careta e gritou:

- Buuum!

Descemos do ônibus nos partindo de dar risadas. Descemos um pouco longe do local pra ir desbaratinando. Foi no caminho que bolamos o plano de fuga.

- Vamos todos juntos montar a parafernália toda e depois saem todos e fica só um pra botar fogo. — Fábio foi quem tomou a voz.

- É! É uma boa.

- Um só é bem mais fácil de fugir. Os outros esperam num lugar seguro.

- Tá mas e quem fica?

- Eu é claro! Ô pessoal, é uma causa antiga, quase um sonho pessoal.

- Tá certo...

Pulamos o muro e andamos todos no escuro em meio a vegetação. Nada de Lanternas & nada de Pressa. Foda-se que a madrugada fosse alta & que talvez Ninguém visse. Um espetáculo destes, pra nós mesmos, já estaria louco de bom.

Logo chegamos na parte de trás do out-door. Eu e Jean escalamos a estrutura enquanto os outros montaram sentinela e ficaram alcançando o combustível. Sérgio ficou montando o esquema dos fogos de artifício, apesar de ter sido idéia sua, estava completamente cagado de medo.

- Vamos apurar logo com essa merda.

- Cala a boca e trabalha.

A porra da estrutura do out-door tava podre. Um pedaço de madeira quebrou e Jean quase caiu. Vini e Fábio alcançavam a gasolina obstinadamente.

- Ponha mais! Ponha mais!

Então levei o maior susto dos últimos duzentos mil anos. Do nada, surgiram duas crianças gritando. O susto foi tão grande que pisei em falso, um pedaço de madeira quebrou e despenquei de uma altura de uns quatro metros. Foi um negócio do caralho, o chão parecia que nunca chegava.

Quem diabos eram aqueles meninos? Que caralho eles estavam fazendo ali? Vinícius conversou com eles e saquem o grau da coincidência:

Tinha uma casinha abandonada, minúscula, tipo a única peça de alvenaria de uma casa que muito antigamente existia por ali, no meio do mato, e eles, que eram meninos de rua, dormiam dentro. Mal estava coberta e eles dormiam ali. Puta que o pariu! Definitivamente, o mapa não é o território.

Sem sombra de dúvidas, nossa ação ferraria com o dormitório dos meninos. No calor dos acontecimentos Vini os convidou para dormirem na kitnete.

- Beleza!

- É, a gente dorme lá então.

Os meninos acabaram saindo-se ótimos ajudantes e em poucos minutos encharcamos o painel publicitário de gasolina. Só tivemos que esperar o lezera do Sérgio terminar seu serviço.

Sair fora e deixar somente Fábio acionar as bombas foi de partir o coração. Sérgio terminou, mostrou & saiu correndo com os meninos. Queria fugir dali mesmo. Eu e Vinícius saímos de cabeça baixa, nos esgueirando por entre os arbustos. Lentamente, pois estava com a adrena a mil por causa do susto dos meninos. Jean ficou discutindo com Fábio, queria ficar de qualquer jeito.

Sérgio sumiu enquanto eu e Vini nos escoramos na sombra de um muro pra esperar Jean. Passou um tempão com eles discutindo e a gente vendo e não ouvindo nada até que fizeram sinal pra gente se mandar. Foi

quando nos ligamos que eles acabaram resolvendo mandar o plano de fuga à merda e tacaram fogo na bagaça. Assistimos tudo colados no muro num ponto perdido entre Aterrorizados & Maravilhados.

Fábio ateou fogo no out-door e na hora em que as chamas subiram as ganhas Jean acendeu os fogos. No momento senti como se já pudesse morrer, como se já tivesse vendo tudo que bastasse. Nossa fogueira queimou mesmo, queimou pra cacete, o clarão iluminou todo o matagal que até então estava nas trevas. O show pirotécnico dos fogos de artifícios deu o charme supremo, a sofisticação necessária para o momento.

Dez segundos de perfeição. Dez eternos segundos que quando acabaram cobraram seu preço através daquela situação fulminante de queda-livre.

- Sujou! Sujou!

- Fuja locôôôôô!!!!

Sem nenhum plano de fuga corremos feito uns desesperados. Passamos no ponto combinado e Sergio estava lá com meninos e com um sorriso congelado no rosto.

- Foi massa, foi de matar a pau.

- Bora, véio! Boraaa! Sujou!

- Sujou o que?

- Fugimos todos juntos!

- Foda-se.

- Bora, cara, bora!

Não teve jeito, por mais que ele tivesse razão nosso pânico era maior, corremos todos, até os meninos, coitados. No caminho Fábio teve um acesso de loucura e quebrou um daqueles painéis de propaganda dos pontos de ônibus. Corremos ainda mais, os meninos riam que se mijavam, quase não conseguiam correr, tínhamos muitas vezes que puxá-los pelo braço.

Não sei quanto, mas corremos acho que uns três quilômetros. Quando paramos num posto de gasolina pra descansar, tomar uma bera e apresentar um rango pros piazzinhos não conversamos nada, apenas ríamos.

Dez segundos pra marcar uma vida inteira e na madrugada:

Uma fogueira.

O Ritual Do Mais Tongo ou Como Eu Celebrei a Deusa & O Que Eu Fiz Para Ela Quando A Celebrei (ataque vinte e três)

O humor salvará o mundo. Uma das regras básicas do nosso grupo é nunca nos levarmos a sério demais. Isso já confirma a nossa contribuição com pelo menos um pouquinho do humor que salvará o mundo. A gente, pelo menos, se diverte.

Quando apresentei a Religião dos Discordianos pra galera a identificação foi imediata. O Discordianismo é uma religião freak criada nos EUA, no início dos anos 60. É uma mistura doida de nonsense com mitologia grega, religiões orientais e anarquismo, onde "todo homem, toda mulher e toda criança são um Papa". Um negócio palhaço o suficiente pra conquistar seus corações. Vinícius devorou o Principia Discórdia e desde então encasquetou que teríamos que fazer um ataque envolvendo esse assunto.

- Tipo uma cerimônia absolutamente sem sentido aparente, uma cerimônia de uma autêntica Religião Livre que o Ari tanto fala.

A idéia ficou pendente. Estávamos aguardando o ataque 23, que é o número sagrado dos Discordianos. No Domingo passado, dia 21 de setembro, foi o dia da árvore e o dia em que colocamos em prática nossa idéia mais besta dos últimos tempos para angariarmos fundos para nossos ataques. Nessa data aqui em Curitiba alguns estudantes de Biologia ou então Engenharia Florestal ou Ambiental costumam vender mudas de árvores nos semáforos. Resolvemos usar essa técnica, só que ao invés de vendermos mudas de árvores sacanearíamos às ganhas vendendo mudas de maconha. Isso mesmo, mudas de maconha.

- A gente inventa um nome científico bem estrambólico e ninguém contestará.

- Cara, que massa! Imagina depois de umas semanas... O sujeito olha meio invocado pra planta e pensa: "cacete, que porra de planta é essa?"

- Uma tremenda sacanagem.

A idéia foi do Fábio e ele mesmo se encarregou de conseguir sementinhas com uns amigos do mal lá de Colombo. Isso foi no início de agosto, desde lá plantamos num viveiro improvisado na kitnete e conseguimos latinhas pra depois vender as mudas. Foi então que o universo nos presenteou com mais essa Magnífica Coincidência, o ataque vinte e três no dia vinte e três, dois dias depois do dia da árvore e a possibilidade de usarmos a grana pra bancar a cerimônia. Fnord, sem dúvida. Fnord.

No Domingo 21 acordamos cedo, alguns, pois Jean & Fabio saíram pra night e simplesmente viraram a noite sem dormir. Fomos vender nossos produtos no cruzamento da Silva Jardim com a Brigadeiro Franco, umas nove da manhã. É incrível como no domingo pela manhã o povo está mais Amável & Propenso a Caridades, como se nessa hora os corações ficassem moles. Pelo menos para pais de família. Conseguimos vender quarenta e sete pés de maconha a um real. Um espetáculo, sucesso absoluto. Voltamos a pé pra casa dando risadas e planejando nossa Cerimônia a Éris, a Mais Bela, a Deusa da Discórdia.

Passamos num sacolão e compramos cinco quilos de maçã.

- Na segunda a gente compra tinta e pinta elas de dourado. – A Maçã Dourada, símbolo do Discordianismo.

Uma das coisas mais massa no Discordianismo é a liberdade de culto e de métodos. Fizemos um bom uso dessa passagem do Principia: "Se por acaso você achar que as suas próprias revelações d'A Deusa se tornaram substancialmente diferentes das revelações de Mal-2, então talvez A Deusa tenha planos para você como um Episcopo, e você deve considerar a criação de seu próprio secto a partir do rascunho, sem impedimentos." Consideramos o fato de termos conseguido a grana um sinal da deusa.

Isso significa que contrariaríamos a recomendação de comermos cachorro-quente na sexta-feira, comeríamos na terça e de também outras bobagens inventadas do nada. Quanto ao local da cerimônia a discussão foi longa. Basicamente dois planos estavam em debate. Um era fazermos uma celebração para os ônibus bi-articulados vermelhos em algum terminal tubo.

- Cara! Seria massa, rituais para a Grande Serpente Vermelha & Para os Espectros Dos Trocadores.

Outra idéia era nossa tendência de nos dirigirmos para a periferia. Vinícius era quem queria os terminais tubo. Jean tinha outra idéia.

- Vamos celebrar junto aos catadores de papelão.

- Catadores de papelão? Como? De que jeito?

- Lembra o dia em que damos uma de calouros na avenida das torres perto da PUC?

- Tá, mas e daí?

- Ali na Vila Pinto, vindo embora depois, me liguei que tem uma dessas paradas que compra latinha e papelão. Aquilo ali de tardezinha enche de carrinhos de catadores de papel negociando a coleta do dia.

- E tu quer fazer o negócio lá?
- Com certeza eles serão mais receptivos.
- Não sei, talvez, mas a idéia é boa.

Batemos o martelo e tratamos de providenciar o material. Cachorro-quentes, um garrafão de vinho, maçã douradas, garrafas de pinga com rótulo com uma maçã dourada, copos com desenhos de maçãs douradas e mais uns panfletos com os mandamentos. Fábio ainda preparou mas misteriosas tábuas que pintou e que só revelaria no local. Coisas de Fábio Samwise. Sérgio foi quem se fudeu preparando todos aqueles cachorro-quentes, fizemos uma porrada, não contei mas eram mais de cinquenta. Colocamos tudo numa caixa de isopor pra não esfriar muito, juntamos o material e partimos em Missão Sagrada. Vinicius & Sérgio foram na frente com os cachorro-quentes, Vinicius seria o Diácono Legionário e Sergio seu assistente. Nós chegaríamos depois tendo Fábio como candidato a Discípulos Legionários.

Quando chegaram lá o dono do estabelecimento demonstrou-se meio cabreiro com aquele papo de tratarem-se de religiosos daquela seita que nunca tinha ouvido falar. Mas como a proposta de pregação incluía a distribuição de cachorro-quente grátis pra galera, acabou topando. Quando começaram a comer a gente chegou.

- Boa noite Diácono Vinicius O Mais Tongo.
- Boa noite Humanos Quem Sabe Numa Dessas Repolhos.

Os caras abriram uns olhões desse tamanho! Mas depois logo desencanaram, devem conhecer loucos de toda espécie. Mal chegamos e já começamos a distribuir as oferendas da Deusa A Mais Bela pro pessoal. Era pinga pra cacete, compramos uns dez litros. A galera curtiu, começaram as risadas e as batidas nas costas.

- Os meninos são gente boa!
- Desses crentes que eu gosto!

O Diácono Vinicius O Mais Tongo aproveitou o clímax e começou seu Sermão da Origem da

Discórdia:

- A muito tempo atrás., um filho da puta chamado Caracina, encasquetou que o mundo era tão sem humor quanto ele, e embestou que Diversão era pecado porque ia contra a Ordem Séria. Esse corno convenceu todo mundo que a sacanagem era coisa do mal.

Por incrível que pareça os caras estavam prestando atenção.

- Hoje em dia não dá pra acreditar como tanta gente se deixou levar por essa idéia. Mas deixaram levar e muita de gente se fode se for contra isso. O resultado é essa merda que o mundo tem se transformado.

Chamamos isso de Maldição do Caracina.

Os futuros Discórdianos caíram na gargalhada.

- Escutem, mentiram pra vocês! Vocês já estão livres! Tudo é permitido! Um brinde a Éris, A Mais Bela, A Deusa da Discórdia.

Então fizemos o nosso pentagrama de iniciação, afinal eu, Jean & Fábio éramos meros discípulos legionários. Ficamos os cinco na formação e Vinicius falou:

- Agora todos se agacham e se levantam. Todos, incluindo os que estão só olhando.

Não teve muito sucesso, só três neguinhos fizeram isso. Mas tudo bem, continuou o ritual de iniciação. Fábio ficou na posição destinada aos candidatos a Discípulos Legionários. Vinicius O Mais Tongo aproximou-se.

- Eu, Vinicius O Mais Tongo, iniciado nas Ordens Nem Tão Secretas Das Saideiras Das Festas Podres, Sacerdote Ordenado da Putakyuparyu, com a Autoridade investida em mim pelo Alto Sacerdote da Mesma, Escritório do Polipadre, pela Casa do Caralho de Asas e pelo Templo do Caos; pergunto agora pra ti: tu és um homem ou um repolho?

- Um homem!

Os caras nessa hora começaram a se partir de dar risada, Vinicius O Mais Tongo teve que erguer a voz para continuar.

- Isso é mal! Isso é muito mal! Queres mudar de vida?

Aí uns poucos riram, teve gente que não entendeu.

- Sim! Quero mudar! – Exclamou Fábio.

- Que besta, que coisa mais imbecil! Onde você quer chegar aceitando qualquer proposta idiota como essa? Aceita mesmo?

- Sim!

Parecia um circo. Parecíamos os palhaços ou pior, os macacos do circo. Não sei se estávamos sendo bons ou a pinga estava sendo boa, a gargalhada era geral.

- Quer então se tornar um Discórdiano?

- Acho que sim.

- Então faça o juramento!

- Eu acho que juroooo!!!! – Berrou Fábio.

- Eu te proclamo como o Discípulo Legionário Fábio O Mais Mala, Legionário da Legião de Discórdia Dinâmica. Salve Éris! Salve Salve!

Então todos nós começamos a gritar e incentivar os outros a gritarem também e como a maioria já estava bêbada mesmo não foi difícil. O dono do estabelecimento já começava a dar sinais de impaciência. Sérgio foi quem se ligou e avisou Vinicius O Mais Tongo, que tratou de puxar o garrafão de vinho e distribuir pra platéia junto com as maçãs douradas e os panfletos com os mandamentos. Quando pegaram o papel ele logo avisou.

- Peguem essa porra desse papel e limpem a bunda com o que está escrito e riam como um idiota do que está escrito. Tomem o vinho no Nada por trás de Tudo, enquanto a merda não aumenta.

Nessa hora fizemos uma espécie de confraternização e paramos de agir como Religiosos Loucos & Fanáticos. Muitos caras vieram apertar a nossa mão e bater nas costas e perguntar que merda era aquilo que tínhamos feito e que porra era aquela de maçã dourada. Os cachorro-quentes acabaram todos e posso te garantir que estavam todos felizes.

Fábio pegou seus painéis e foi conversar com uns catadores de papelão no lado de fora. Ficamos um pouco mais e quando saímos encontramos Fábio com os caras. As tábuas que ele tina feito continha frases e Fábio deu dez reais pra cada um deles, e eram três, para colocarem as tábuas no carrinho. Ficou massa. Altas idéias. Chupada da lista de discussão dos delinqüentes. As frases eram: “O Seu Lixo É O Meu Sustento”, “Obrigado Por Tudo Isso” e “Até Aqui Sua Misericórdia Tem Me Acompanhado”.

- Salve a Discórdia, pessoal! Salve a Discórdia! – Fábio estava satisfeito com o resultado.

Voltamos etílicos pra casa bebendo a Pinga Sagrada da Discórdia e rindo na medida do incontrolável, pois está escrito em algum lugar e se não tiver escrito a gente escreverá:

“O humor salvará o mundo.”

Merda & Ouro (ataque vinte e quatro)

Nesta semana ouvimos o disco novo do mundo livre S/A onde o Fred Zeroquatro canta numa música “não existe guerra alguma, apesar de todo esse barulho é só o capital cruzando o mar”. A letra é pequena, mas deixou todos impressionados. Manda-se um país como o Brasil à merda com um simples telefonema .

Capital Especulativo é uma coisa do diabo. Na boa, Eu queria que o cú dos especuladores pegasse fogo e o caminhão dos bombeiros tivesse cheio de gasolina . O problema é que eles estão longe, são invisíveis, são meros números numa conta corrente de um banco multinacional. As sombras desses invisíveis do mal são os bancos como os conhecemos.

Nos cabe então vandalizar os ícones dessa pouca-vergonha toda que estão ao nosso alcance, ou seja, as Agências Bancárias de Curitiba.

- Tínhamos que fazer alguma coisa nos bancos que tivesse merda no meio. – Vinicius sempre se anima quando o assunto é vandalizar bancos.

- Merda? O que você quer dizer com isso ? - A pergunta foi meio que geral, ninguém entendeu .

- Tínhamos que deixar uma grande quantidade de merda em um banco .

- É, dá pra meter merda naqueles envelopinhos do auto-atendimento .

- Dá também pra deixar sacos de merda nos lixos

Aí a galera começou a viajar, o Bukowskiano Degenerado Fábio Samwise soltou essa:

- Podíamos comer feijoada com chucrute por uns três dias e fazer um atentado de peidos. Imagine nós todos peidando ao mesmo tempo.

Por fim concordamos que o ideal seria largar merda nas calçadas e acessos, bloqueando a entrada das pessoas. O plano ficou marcado, só que parecia que faltava um toque final que desse brilho a coisa toda. Um fator de diferenciação de um simples ato de vandalismo.

Passou-se uma era até que da lista de discussão dos Delinquentes nasceu uma estrela dançarina. Alguém chamado Gustavo e com o nickname Anarki3a postou uma idéia maravilhosa que imediatamente apresentei pro pessoal .

- Lembra o que estávamos discutindo outro dia? Que os bancos são os ícones do mal ?

- Só...

- Pois é, já repararam que todos eles ostentam hipocritamente um belo jardim.

- Flores do mal.

- Imagina agora largar sal grosso ou óleo queimado naqueles jardins.

Fez-se então o tradicional silêncio após uma sacada de mestre. Aquelas caras pensativas e aqueles risos contidos.

- Era o que faltava.

- Temos que fazer isso.

Começamos então a aperfeiçoar a estratégia. Esquecemos o óleo queimado e optamos pelo sal grosso. Poderíamos atacar em uma noite de chuva, a água dissolveria o sal e os banqueiros teriam uma curiosa surpresa alguns dias depois.

Convencer o Rafael, amigo do Jean, a empenhar a picapezinha dele pra carregar bosta já foi difícil, agora carregar a tal bosta revelou-se uma encarnação do inferno.

E a merda optamos por de vaca , já que merda de gente é complicado de conseguir em grandes quantidades. Mais uns enfeites vandalísticos. Um placa pra colocar na escada de acesso com o aviso: “passagem, somente se pisar na merda”. Uma faixa pra esticar entre uma árvore e outra escrito com letras garrafais: “Este é um lugar do mal ”. Os especialistas em alvos Fábio & Jean escolheram uma agência na Erasto Gaertner, no bairro do Bacacheri. Perfeitinha, jardim, escadas de acesso fácil de obstruir e lugar pra esticar a faixa.

A faixa e a placa doeram em nossos bolsos. Essa série de ataques minaram nossas finanças. Isso, convém lembrar, se passou dias antes da Imobiliária nos infenizar com a ameaça de despejo de nossa Sagrada Kitnete. Só tínhamos que esperar por uma noite chuvosa. Eu no cagaço de que minha gripe assassina voltasse.

Não precisamos esperar muito. Na Esquizofrenia Climática de Curitiba, noites chuvosas são normais. Jean conseguiu umas capas de chuva pretas no trampo e com o Rafa, o veículo para transportar a carga fedida.

Achamos um sítio na Fazenda Rio Grande e convencemos seu dono a ceder o material. Tivemos que carregar a merda na entrada da cachoeira das vacas, de noite e na chuva. Foi muito empenho, o esterco ia até o meio da canela e o esquema era o seguinte: você escolhia um lugar, se posicionava e então afundava nos escrementos e então fazia uma força do caralho com a pá pra jogar até onde outro recolhia. Uma merda, literalmente. Dez mil banhos depois ainda fedíamos.

Carregamos tudo, cobrimos com uma lona e voltamos pra sagrada kitnete. Logo antes da meia noite a chuva apertou e decidimos que era a hora. Jean foi de carro com o Rafael e eu e os guris fomos na frente, de ônibus.

A Erasto é movimentada, mesmo na madrugada. Era uma operação complicada, o banco ainda por cima era muitíssimo bem iluminado. A vantagem era que com a chuva forte ninguém andava na rua, ainda mais numa hora daquelas. E os carros, quem estava dentro estava mais preocupado prestando atenção na pista.

Mesmo assim tivemos que ficar eu & Sérgio de campana, cuidando o movimento e emitindo sinais quando necessário.

Maldita hora que topei essa tarefa. Era diferente de ficar alerta na periferia como nos outros ataques, num bairro escuro, silencioso e sossegado. Ali passavam carros, um a cada minuto e o trabalho era demorado. Somente ver os outros se mexerem me deixava ainda mais agoniado. Chovia tanto que parecia que não ia parar nunca. A impressão que se tinha era que a qualquer momento iria aparecer Noé, de arca, acenando pra gente, “e aí gurizada, não tem ninguém da espécie de vocês aqui dentro!”

Fábio & Jean carregaram sacos com uma porrada de merda até perto de uns tonéis de lixo. Vinicius sumiu no meio do jardim analisando as possibilidades pra realizar suas sabotagens. Assim que descarregaram o material, Rafael sumiu com sua picape, não queria ter nada a ver com aquilo.

Quando os guris começaram a esparramar a merda eu já tava prestes a ter um ataque cardíaco. Minha vista já estava embaçada com a água da chuva e cada farol que brilhava na frente eu pensava que era de um carro que ia estacionar pra sacar um troco no caixa-eletrônico.

Jean & Fábio ainda se alugaram em aplinar com uma tabuazinha, queriam cimentar de fezes a entrada do Templo Monetário. Eu ali, no cagaço do perigo iminente e os dois, Viajando & Enrolando.

Não agüentei e fui correndo dar esporro.

- Seus pau no cú! Um desses carros podem parar e ferrar com tudo.

- Relaxa, Ari.

- O caralho que vou relaxar!!! Vamos trocar de função, vai lá cuidar o movimento Jean!

Fiquei no lugar do Jean e comecei a jogar merda feito um psicótico. Fábio ficou só rindo da minha paranóia, Vini que surgiu do nada pra me acalmar.

- Relaxa véio, tá limpeza, agente tem pra onde fugir no aperto. Tá vendo aqueles latões de lixo onde deixamos os sacos? É só correr pra lá e desaparecer na noite

Desencanei e tratei de concluir a obra. Vinicius ficou só escondido atrás das moitas. Completamente invisível. Só dava pra ver o sal grosso voando em meio a chuva que ele jogava da moita onde estava escondido. Dessa vez admito, Vini foi o mais seguro de si dentre nós.

A chuva era tanta que tive que colocar uma camada grossa de estrume pra água não levar tudo para o esgoto. Enquanto fiquei ali, Fábio & Jean trataram de colocar a faixa. Ela seria armada num poste e numa palmeira.

O poste foi tranquilo de escalar, a palmeira foi bem mais foda. O aguaceiro fazia com que o tronco ficasse escorregadio feito sabão. Somos especialistas em escalar palmeiras, mas não daquele jeito. A solução foi chamarmos o Sérgio para que eu, que sou o mais magro e leve, subisse nas costas dele pra amarrar a corda da faixa.

Bem na hora que dei o último nó, uma luz de lanterna, vindo de dentro do banco, fez com que nosso mundo parasse. Tinha um vigilante lá dentro que provavelmente estava dormindo ou fazendo outra coisa o tempo inteiro e que agora estava fazendo sua ronda.

Correr, correr & correr. Essa é mesmo a nossa sina.

Sérgio O Mais Cagão simplesmente desatou-se a correr me jogando violentamente na grama salinizada. Quando consegui me levantar só vi os piás desaparecendo na esquina. Nem olhei pro vigilante e já tratei de correr pra salvar minha pele.

Minha fuga desesperada foi interrompida pelo pior tombo dos últimos tempos. Estava descendo a escada quando escorreguei e cai deitado, de corpo inteiro, em cima daquela merda toda. Não ficou uma partezinha sequer do meu corpo sem estar cagada.

Putá que o pariu!

Quando encontrei o resto da turma era uma gargalhada só. Se jogavam no chão e riam batendo pés e as mãos na calçada. De longe pareciam um bando de epiléticos tendo um ataque simultâneo.

- Para Ari! Minha barriga tá doendo.

Mande todos tomar no cú e saí atrás de calhas pra me lavar. Fedíamos tanto que voltamos a pé pra casa, de modo que salvamos os ônibus de toda aquela fedentina.

Uma semana depois, passamos por lá pra dar uma olhada no efeito do sal e constatamos que acabamos por ajudar na geração de emprego. Dois jardineiros estavam trabalhando lá e a grama tinha sido toda substituída. Mais uma batalha vencida, mais um banco vandalizado.

Uma merda tudo isso.

Não é mesmo?

Nossa Vingança Sarà Maligrina ou Fazer Feitiçaria É Brincar Com O Universo *(ataque vinte e cinco)*

Uma estranha espécie de vudú abateu-se sobre mim nos últimos dias. A má fase no campeonato começou no dia em que Vinícius telefonou dizendo que estavam com três meses de aluguel atrasado e que se não pagassem em cinco dias seriam despejados. E os guris ainda tinham como agravante as constantes reclamações dos vizinhos por causa do som e das zuadas. Não somos aquilo que pode se chamar de sociáveis. Era a oportunidade de ouro para a imobiliária. Se não fizéssemos algo MESMO, estaríamos fudidos.

Quer dizer, quem estava fudido eram os piás, pois não moro com eles, mas mesmo assim me senti meio culpado. Más companhia, tá ligado? Doeu na alma. Tivemos que colocar nossos respectivos rabinhos entre nossas respectivas pernas e correr atrás de dinheiro. Salvem o capitalismo! Deixem ele se manter até sexta-feira que precisamos de dinheiro! Desnecessário dizer que foi foda. Não temos o dom natural para ganhar dinheiro.

Eu & Jean, que temos trampo, fornecemos momentos de glória a nossos chefes, que a muito sonhavam com uma chance de nos esnobar. Saímos de mãos abanando, mas rindo da babaquiça daqueles malas. Sérgio quebrou a cara tentando vender em vão suas telas na Rua XV. Fábio tornou-se um VASP (Vagabundo Anônimo Sustentado pelos Pais) sem a mínima chance de conseguir troco com seus velhos.

A luz no fim do túnel, por incrível que pareça, acabou vindo do Vinícius. Ele toca violão e teclado e volta e meia faz uns bicos nuns barzinhos. Depois de tentar arrumar alguma coisa de última hora e não conseguir, resolveu acionar sua cara-de-pau. Tocar na rua e nos terminais de ônibus feito um pedinte.

Aí começaram a aparecer os primeiros reais e a gurizada começou a verdadeiramente se espertar. Cada um tratou de descolar coisas que pudessem vender. Resolvi fazer um sacrifício à causa, vender vários de meus já poucos livros, discos & revistas. Meu esforço foi recompensado por um e-mail. O Papa Fong da Cabala Discordiana dos Eremitas Onanistas Românticos nos daria uma força.

Genial! Fantástico! Conseguimos negociar, tínhamos grana e conseguimos nos safar por uns dias. Eles perderam e o sinal ficou aberto pra nós, que somos Delinquentes. Eles feriram Corações Delinquentes, o que significa que isso não ficaria por isso mesmo, jamais.

Desde então nossa sede de vingança só aumentou. Na época em que estávamos negociando mesmo, fui junto com os piás e fiquei de butuca, analisando o ambiente. Notei que não tinha sensor de presença, me liguei nas janelas e anotei o nome de sete funcionários. Quem mandou usarem crachás?

O foda é que entre conseguir a grana que faltava e se recobrar do susto o tempo foi passando, e os ânimos se acalmando. Não tem como evitar, cada um à sua maneira, interpretou aquilo como uma lição, como um sinal. Acabou que foi sendo eu o que mais entrou numas. Me ilhei do resto do mundo e teci meu casulo, ser uma Metamorfose Ambulante requer esse tipo de trampo de vez em quando.

Até que no Sábado, um dia horroroso com Chuva Fina, Frio & Vento, os piás vieram me abduzir.

- Bora, véio! Vamos caçar os sapos pra lançar um feitiço contra a imobiliária!

A aventura que estavam me propondo era ridícula. Caçar sapos nos esgotos mais fedidos da cidade. Saímos com sacos de supermercados na mão e andamos o sábado inteiro, nos molhamos inteiros e não encontramos um único sapo. Não que não tenhamos conseguido caçar, não vimos nenhum mesmo. Eu babava de indignação.

- Seus viados, vocês acham que vai ter algum sapo nesse esgoto fedido?

- As vezes tem...

- As vezes tem o caralho!

A idéia dos piás, pelo menos a princípio, era uma idéia de gerico. Desenrolar sapos e o diabo a quatro sem ter ao menos a mínima idéia do que fazer com aquilo tudo. Qual feitiço? Como? De que jeito?

Mas aquela palhaçada pelo menos me sacudiu um pouco. O toque final foi no fim de semana, dia da criança, que fomos visitar Denise, a catadora de papelão que levamos ao salão de beleza do shopping. Montamos uns bonecos e carrinhos de papelão e fomos fazer a festa com os filhos dela.

Fomos todos. Eu, Sérgio, Jean, Fábio, Vini & Marília. E posso dizer aprendemos mais com eles do que eles conosco. Aprendemos por exemplo a resolvermos o problema dos sapos. Eles moram em Pinhais e sacam de altos Açudes & Banhados para esse fim, caçar sapos.

Como se não bastasse nos ensinaram a técnica da lanterninha. Fizeram agente esperar a noite chegar pra caçar. Parecia que estávamos sendo iniciados num conhecimento secreto. A técnica consistia em mirar a luz nos olhos dos sapos, eles ficam hipnotizados e aí é só catá-los. E funciona que é um espetáculo, catamos treze. Eles ficaram numa bacia com água dentro de uma caixa de papelão na litnete por três dias.

O problema é que por mais que eu tivesse reparado que eles não tinham sensor de presença não fazíamos idéia de como invadir a maldita imobiliária. Jean de cara manifestou-se como o mais pé no chão.

- Invadir é foda, temos que torcer pra que tenha uma entrada pelos fundos. A porta da frente é que não dá pra arrombar.

- E tem mais, vai saber se o Ari não viajou e não se ligou dos alarmes – Sérgio visivelmente não estava muito a fim da empreitada.

- Eu acho que não tem.

Na madrugada de quinta pra sexta saímos em missão impossível, carregando os sapos, um bonequinho vudú que Sérgio confeccionou, sete envelopes nominais para os funcionários, treze folhas de papel com a maldição escrita, mais umas velas & outros apetrechos.

Chegamos lá e apesar de ser no centro, a rua estava um deserto só. Damos a volta na quadra e o único jeito de entrar nas “entranhas” do quarteirão era pulando um muro, de três metros de altura. Não teve jeito, tinha que ser ele. Tive que subir nas costas do Sérgio e depois ajudar o Jean a subir, então em dois, puxamos o resto da turma.

A escuridão ali dentro era total, depois de acostumar a vista reparamos: Tratava-se de um corredor minúsculo de uma oficina de alfaiate, não levava a lugar algum. Pra seguir a jornada teríamos que pular um muro com aqueles cacos de vidro cimentados.

- Não dá nada, agente quebra tudo.

Jean nem vacilou e com uma pedra começou a bater nos vidros freneticamente. Fez picadinho deles. Fábio tirou a camisa, colocou por cima e pulamos todos. Chegamos na segunda fase da jornada e era pior ainda, o quintal de uma oficina de fogões ou coisa parecida. Cheia de tralhas. Sérgio, o cara mais desajeitado do Universo mais uma vez torceu o tornozelo.

- Aaaaaaaaaaaaaai!

- Cala a boca seu merda.

- Pô, que foda!!

Nos esgueiramos por entre aquela montoeira de ferro velho e o terceiro muro pelo menos era mais fácil. Fácil em termos de altura, por que dava numa área de serviço de umas kitnetes estranhas. E tinha gente acordada nelas, gente brigando.

Aparentemente era a kit de um casal e a mina berrava:

- Não me interessa! Não tinha que ter falado bosta nenhuma!

Não tínhamos mais nenhum muro pra pular, a janela da imobiliária estava ali e tínhamos que fazer todo o serviço ali mesmo. A janela era daquelas tipo de banheiro e era impossível entrar por ela, teríamos que jogar tudo por ali. Na hora em que o cara começou a berrar de volta pra mina, Vinícius quebrou o vidro e abriu a janelinha. Tínhamos 20 centímetros pra enfiar tudo. A primeira coisa que fizemos foi enfiar os sapos. Coitados, a janela era alta e se estribuxaram no chão.

Imaginávamos que seria mais fácil. Então me liguei de que daquele jeito não faríamos nada decente.

- Cara! Vamos voltar pro outro lado do muro e dar um tempo pra analisar a situação.

Sentamos todos em cima das tralhas do ferro velho e ficamos meditando em silêncio. Ficamos um tempão todo mundo quieto. Matutando. Tentando esfriar a cabeça. Nossos pensamentos eram volta e meia interrompidos pelos berros do casal, que dava pra ouvir dali. Jean quebrou a inércia e começou a juntar uns ferrinhos e fios.

- Quê que cê tá fazendo, véio?

- Relaxa!

Remendou as paradas e fez uma vareta de uns três ou quatro metros de comprimento. Ficamos encantados com sua maestria e como que num passe de mágica acordamos o MacGyver da série Profissão Perigo que cada um trazia dentro de si.

Um troço fantástico. Cada um tratou de fazer uma gambiarra para aperfeiçoar a vareta. Vinícius começou a montar uma segunda enquanto eu, Sérgio & Fábio fizemos “ponteiras multitarefas”. Chapinhas flexíveis presas com borrachas, coisa de mestre.

Pulamos o muro de volta e o lazarento do casal continuava brigando. Acabou facilitando as coisas, apesar de não termos mais podido contar com o Sérgio, que quis ficar acompanhando a discussão. Foi massa. Deu pra colocar o giz nas ponteiras, desenhar um pentagrama no chão. Com as duas varetas conseguimos acender as velas em torno do pentagrama. O boneco vudú mocamos num lugar difícil de achar, para aparecer só uns dias depois, pra deixar os caras mais cabreiros ainda.

Jean ajeitou um pincel com tinta vermelha e desenhou uns símbolos nada a ver apavorantes na parede. Era uma briga pra ver quem espiava pela janela, todos queria ver como estava ficando, estava um espetáculo a cena.

Sérgio acabou sendo útil com sua curiosidade, garantindo nossa tranquilidade.

- Ih, cara! Podem continuar tranquilos, eles não estão nem aí pros sons de fora. O mundo pra eles não existe. E os outros vizinhos vão pensar que o barulho são eles que estão fazendo.

Por último largamos os envelopes pros funcionários e as treze folhas de papel esparramadas pelo chão com a seguinte mensagem chupada do Hakim Bey:

Esta empresa foi amaldiçoada por magia negra. A maldição foi realizada de acordo com rituais corretos. Esta empresa foi amaldiçoada porque tem oprimido a Imaginação e profanado o Sagrado Ócio & a Santa Vagabundagem, degradado as artes devido a estupidificação da vida cotidiana com o único objetivo de pagar suas Tachas de Aluguel Abusivas & seus Lucros Obscenos, além das mentiras pregadas através do Direito de Propriedade & o Arruinamento Estético promovido pelo pouco caso que dão a algo sagrado que é um lar...

Os funcionários desta empresa agora correm perigo. Nenhum indivíduo foi amaldiçoado, mas o local foi infectado com Má Sorte & Malignidade. Aqueles que não se ligarem não passarão a tratar os outros com mais humanidade, irão gradualmente sofrer os efeitos desta feitiçaria. Desrtuir ou dar um fim em

todos esses instrumentos de magia que foram deixados aqui não fará nenhum efeito. Eles já estiveram aqui e este lugar foi amaldiçoado. Recupere sua humanidade e revolte-se em nome da imaginação – ou será considerado (sob o ponto vista deste feitiço) um inimigo das pessoas do bem.

Ainda ficamos uma cara sentados ali, Fumando & Bebendo & Cochichando & Acompanhando o desenrolar da briga do casal. E não é que eles se acertaram? O amor venceu. Altos sinais, sem sombra de dúvidas, o Universo está disposto a brincar com a gente quando se dá a devida atenção a ele. Fábio se folgou e escalou uma parede para ficar voyerizando os dois pra ver se rolava sexo. Quando foram pra cama fomos embora.

Fomos embora Cansados & Felizes, pois sendo do mal fomos do bem e, na boa, acho que fomos além do bem e do mal.

A Madame, Os Poodles, A Cegueira & O Castigo **(ataque vinte e seis)**

O problema da burguesia não é o fedor. O problema da burguesia nem é a ânsia de riqueza. O que irrita na burguesia é a ostentação. O que me trinca o saco é que mesmo com a miséria que é suas vidas, iludem-se que são superiores e o pior, não desperdiçam uma única oportunidade de exercitar essa ilusão de superioridade.

Essa semana a dança do acaso me colocou diante duma situação dessas. Estava trabalhando, numas carreiras pra entregar uns documentos, almoçar e voltar pro trampo, pelas bandas do Batel. Então cruzei com uma mendiga. Odeio rótulos, chama-la de mendiga é matar a descrição. Era uma senhora com três crianças, todas com menos de cinco anos, uma no colo, uma que recém aprendeu a falar que alcançava as coisas e a maiorzinha espertinha, que ajudava a mãe a catar lixo.

Eram três meninhas e as três choravam. A iniciante na linguagem não tinha como esconder a sinceridade!

- Eu tô com fome!

Tive que reduzir o passo com aquilo tudo e então acabei vendo o que preferiria não ter visto. Vi sair pelo portão a dona da casa, madame padrão, a descrição dela deve ser o que aparece no Aurélio quando se procura por isso, com dois quilos de cosméticos e não-sei-que-lás no rosto e dois poodles. Odeio poodles. Nada contra animais. Admiro todos que defendem os direitos dos animais e todo mais, mas odeio poodles.

Com as crianças chorando e meio que sem saber o que fazer a senhora perguntou se a madame tinha alguma moeda.

- A senhora tem alguma prata pra me ajudar minha senhora?

Então a madame faz o infazível, ignora a mãe de três filhos e segue com seus poodles. Ignorou por completo. A mamãe olhou pra mim e sei lá se foi o fato de eu ter parado quando vi aquilo ou não, o que sei dizer é que ela teve um acesso de indignação, correu até a frente da madame e perguntou:

- Ôu! Eu estou aqui?! Não está me vendo não?

E não é que filha da puta continuou com sua cegueira? Nem os poodles deram bola. Aquilo me empueteceu de uma maneira que nem que eu contasse até mil conseguiria me conformar. Intimei ela.

- A senhor está precisando de alguma coisa?

- Olha moço, o que o senhor puder ajudar...

Só tinha um ticket-refeição pra almoçar no centro, um vale-transporte e uns centavinhos que não fariam a menor diferença. Foda-se o almoço, apresentei o ticket.

Foi massa. Deu pra ver o brilho nos olhos dela.

- Muito obrigado, seu moço! Deus te abençoe! O senhor não sabe como é difícil. Tá vendo essa rua toda? Os lixos tão tudo cadeados.

Na mão ela tinha uma sacolinha de supermercado com alguns restos de comida.

- O que a senhora tem aí?

- Frango assado. Tava tudo aí no lixo da casa dessa senhora dos cachorros. O resto dos lixos tavam todos chaveados.

Peguei aqueles restos de frango e depois de esperar a senhora ir embora almoçar com suas crianças olhei pra casa da madame dos poodles. Tinha uma janela aberta do lado esquerdo. Analisei a distância e concluí que era possível. Peguei cocha por cocha, osso por osso dos restos de frango e mandei ver na janela. Já estava terminando quando ouvi alguém gritar no outro lado da rua e tive que sair correndo.

Não consegui engolir essa história direito. À noite contei pros piás na kitnete e não teve um que não ficasse revoltado. Vinicius se exaltava em sua fúria.

- Cara, precisamos matar essa velha!

- Uma morte lenta e dolorosa...

- É! Fazer picadinho de seus cachorros e fazê-la comer tudo, matar a lazarenta de overdose de poodles.

Jean foi o único a ficar quieto, com um estranho brilho no olhar.

- Já sei o que fazer.

- O quê, seu monstro?

- Vamos invadir a casa daquela filha de uma puta.

- Invadir? Mas é uma mansão brô, deve ter quinhentos tipos de alarmes e proteções.

- Calma! Nós não precisamos fazer as coisas na louca, de qualquer jeito.

- E o que Vossa Delinqüência sugere?

- A gente pega nossos uniformes de gari e finge estar trabalhando no quarteirão da casa pra analisar com calma todas as possibilidades de entrar lá.

Uma excelente idéia. Cada vez mais me convenço de que aqueles uniformes com logotipo da Prefeitura Municipal de Curitiba foram uma grande sacada. Os desempregados Fábio, Vinicius & Sérgio foram convocados para a missão, durante a semana à tarde. Quarta-feira eu estava nas masmorras de meu trabalho quando Fábio me liga entusiasmado.

- Ari do céu! Você não bota fê!!

- O que sua bixa?

- A velha tem uma empregada muito gostosa.

- Tá, mas e daí?

- Daí que Sérgio escreveu uns hai-kais apaixonados, entreguei a ela quando estava indo na padaria buscar o café da tarde pra patroa e ganhei a gata.

- Ganhou a gata??

- Só! Vamos sair tomar umas beras hoje à noite.

Não podia ser mais perfeito. Fábio descolou informações importantíssimas. A velha é viúva, tomas uma boletas pra dormir e desmaia na cama e nenhuma empregada agüentou trabalhar lá por mais de seis meses, tamanha a Mesquinhez & Arrogância da patroa. Sai do trampo na quarta crente que faríamos a invasão de noite. Fábio porém, pediu mais um dia para os preparativos & as investigações.

- Milene me falou que amanhã à tarde a patroa vai sair e me convidou para ir até lá.

- Dentro da casa? Sério?

- Bem isso mesmo, se pedíssemos a deus e fossemos atendidos não seria tão perfeito.

Traçamos então o mais perfeito plano de invasão de nossas carreira. Pelo menos era o que achávamos. Não que tivéssemos grandes facilidades, afinal todas as janelas e portas tinham grades, mas pelo menos

tínhamos um “mapa” do território, sabíamos que não tinha alarme e ainda contaríamos com as instruções de Fábio, o especialista mor em definição de alvos.

Esperamos a meia noite e saímos a pé e em silêncio: Momentos de Concentração. Jogamos todo o material que utilizaríamos na mochila que Vini levava nas costas e seguimos Firmes & Confiantes. Sabíamos que a tarefa não seria nada fácil. O muro que tínhamos que pular ficava numa avenida movimentadíssima, mesmo de madrugada, e tivemos que nos separar uma quadra antes. Foi um por vez pular o muro, uma coisa estressante pra quem fica por último, como foi o meu caso. Saber que as possibilidades de alguém se ligar na parada depois de quatro neguinhos pularem o mesmo muro são altas é foda. Quando saltei vi que se tratava do quintal do único estabelecimento comercial do quarteirão. E era pequeno e era apenas o interlúdio entre dois grandes problemas.

O primeiro grande problema era atravessar o quintal da casa vizinha. Tudo iluminado, não tinha cachorros, mas a luz era muito forte mesmo. Sujo pra cacete. Colocamos nossas “tocas zapatistas” que guardamos desde a noite dos poemas nas vidraças e fomos um por vez de novo. Dessa vez fui o primeiro. Fui também o primeiro a encarar o jardim da megera.

Era bonitinho. Mas certamente ordinário. Eu sei que é foda, mas a culpa foi dela e naquele momento a velha era a encarnação do mal. Tínhamos que sacaneá-la. Os piás chegaram logo e Fábio foi logo dando os toques.

- Tão vendo aquele pé de manga ali? Temos que subir nele e saltar em cima do telhado.

Era o grande problema número dois. O único modo de entrar na casa era pelo telhado. Segundo Fábio tinha uma banheiro nos fundo, próximo do quarto da velha que tinha um alçapão que dava acesso ao sótão. Subir a árvore e saltar no telhado foi fácil, emprenho foi soltar as telhas pra entrar. Elas estavam muito bem presas e Jean, depois de demorar a chegar devido a uma misteriosa frase que escreveu com óleo queimado na grama, teve que arrancar um galho da árvore para alavancá-as. Como era de se esperar o sótão tava escuro pra cacete.

Quando acendemos a lanterna notamos que o finado marido era fã do Reader's Digest, caixas e mais caixas da revista, mofadas e em estado de decomposição. O tampão de madeira foi fácil de abrir. Fábio então nos olhou com uma expressão grave.

- Piazada, agora é o momento mais importante. Vocês ficam aqui, eu vou primeiro e checo se as portas dos quartos delas estão fechadas. Se não tiverem tenho que fechar. Depois eu fecho a porta que tem na entrada do corredor dos quartos, se conseguir isso nenhuma das duas vai ouvir os barulhos, se fizermos algum. Aí eu volto e dou o toque pra vocês descerem e lembrem-se: tem dois cachorros no quarto da bruxa, nada de barulho!

Desceu e ficamos no aguardo. Não sei se o tempo se dilata nestas circunstâncias, mas a verdade é que passaram dois séculos até que ele voltasse.

- Foi foda, a porta rangia e levei dez minutos pra fechar cada uma, agora desçam

Com todo o cuidado do Universo descemos e cada um tratou de pegar seu material de ataque. Jean estava morrendo de curiosidade de conhecer a despensa, geladeira e descobrir se tinha alguma adega. Vinícius foi no armário onde estavam as comidas dos poodles e encheu as sacolas de bilhetes com frases chupadas dos comentários de Rogério Coacho no blog dos Delinquentes: “Seus cachorros comem enquanto irmãos passam fome”. “Esta comida foi desenvolvida para cachorros de todas as raças mas os donos que pensam como Hitler podem consumir sem contra-indicações”. “Se não souber ler pergunte a sua arrogante dona”. “Coma tudo crianças. Para não sobrar nada aos mendigos que reviram a lixeira”. “Esta ração deixa o pêlo macio e o latido mais forte contra os pobres de sua rua.”

Fábio ficou de butuca na porta do corredor pra ver se alguma das duas acordava e emitindo constantes pssssius. Eu e Sérgio nos encarregamos do resto. Sérgio colou bigodes e chifres adesivos nos retratos da parede. As paredes era de um azul de tonalidade forte e me desatamos a escrever frases com giz. “Os Mendigos Invisíveis Estiveram Aqui”. “A senhora foi selecionada pra pagar os pecados da burguesia”. “Tome cuidado com os Mendigos Invisíveis”. “Dinheiro não pode comprar felicidade, mas pobreza não pode comprar nada”.

Vinícius acabou primeiro, se juntou a nós e ficamos esperando Jean. Depois de alguns minutos ele apareceu carregando sacolas.

- Vinho, muitos vinhos e queijos, muitos queijos. Teremos festa na saída.

- Maaaasss!

- Calem a boca seus merdas! – Fábio era o mais visivelmente estressado.

Pedi pra darmos um tempo, abriu a porta do corredor e foi escrever com giz na parede diante da porta do quarto da velha: “Não abra seus olhos Dona Jassira, a senhora não ira gostar do que vai ver”. Imediatamente tratamos de sair fora, foi bem mais difícil subir de volta no sótão. Encaixamos as telhas de Mal & Porcamente saímos em fuga desesperada. Não sei porque, mas na hora de fugir a adrenalina sempre dispara. Nessas hora mal

se consegue pensar, atravessamos todos juntos o quintal vizinho iluminado e em segundo estávamos na rua, gargalhando de nervosismo.

Corremos até uma praça próxima e quando nos jogamos na grama desatamos a rir.

- Cara! Imagina a cara da bruxa quando ver aquilo...

- Foda! Muito foda!!!

Abrimos os vinhos provavelmente caríssimos e devoramos os queijos. Já estava bêbado quando me liguei que nem tínhamos visto o que Jean escreveu com óleo queimado na grama.

- Fala cara, o que era?

- “A senhora não entendeu, mas isso é maravilhoso”.

Quem passasse na rua ao longe provavelmente veria umas das mais loucas cenas desta metrópole, cinco malucos fazendo um pique-nique etílico nos confins da noite.

Realmente, isso é maravilhoso.

Os Anjos Delinquentes do Bem & Seus Poemas Proibidos (ataque vinte e sete)

Dizem que no Oriente os caras misturam poesia com música e que o efeito é uma verdadeira catarse coletiva. Aqui no Maravilhoso & Moderno & Civilizado Mundo Ocidental a poesia não tem essas regalias. Salvo gloriosas exceções tipo o hip-hop, o pancadão carioca, e os repentistas do sertão, poesia aqui nestes pagos é considerada um troco chato pra caralho. Coisa de acadêmico afetado, na maioria das vezes.

Desde o dia em que distribuimos poemas com estilingues que esquentamos nossas cabeças a procura de novas soluções. Sábado fui obrigado a trabalhar o dia inteiro, e em meio ao tédio e o marasmo recebi a ligação de um Sérgio Augusto animado, quase eufórico.

- Ari! pintei uns cartões e escrevi uns poemas que ficaram tão legais não podemos deixar parados aqui na kitnete.

- Não da pra distribuir cartões com estilingue.

- Tô ligado, tava pensando em outra coisa.

- Que coisa seu Monstro?

- Invadir casas, meu velho Ari, invadir casas.

- Você? O Rei dos Cagões falando isso? De onde saiu essa sua macheza toda?

- Vai te fuder! O que eu queria era que esses cartões se transformasse em Misteriosas & Enigmáticas surpresas.

- Explica melhor.

- Não, vem aqui na kit que eu te explico melhor.

O cara tava animado mesmo, cheguei lá e o cara tava numas de fazer as invasões naquela mesma noite. Jean & Fábio de mau, só colocavam defeitos em tudo.

- Tá, mas fala de uma vez do que se trata, o que tu quer fazer com esses cartões.

- Agente entra nas casas e abandona os cartões em lugares estratégicos tipo no meio de um livro, no bolso de uma roupa ou numa gaveta.

- A gente entra nas casas... olha a do cara, até parece que e faço assim, melzinho na chupeta, a gente entra, deixa lá e pronto. Se, liga veio!

- Não vai ser a primeira vez...

- Tá, mas a gente tinha um método, tínhamos uma engenharia toda por trás.
Caímos todos na gargalhada e Sérgio acabou ficando meio invocado, disse que ele definiria os alvos e ele mesmo, bolaria todo o roteiro do ataque.

- Cara decidido!

- Olha que isso é raro entre poetas, hein?

Não deu nega, o cara sumiu o domingo inteiro. Voltou com um Mapinha Mandrake em mãos.

- Aqui esta! Tenho cartões pra quatro casas e escolhi seis, uma margem de erro de duas casas para o caso de pintar sujeira.

Analisamos cuidadosamente seu plano e chegamos à conclusão que sim, era possível. O monstro Viajão finalmente estava ficando metódico. Apesar de termos criticado sua idéia a principio, estávamos todos doidinhos pra fazer mais invasões. Fora a eficiência e poesia ilegal da ação a adrenalina e altamente recompensadora. Preparei uns papéis adesivos com Mensagens Discordianas copiadas do blog do Fong pra colar nas paredes.

Marcamos a parada pra segunda-feira à noite. O bairro que o monstro escolheu? Alto Boqueirão. "Voarei por toda a periferia". E tava uma noite nojenta: Fria, Nublada & com Vento. Fábio catou a última garrafa de vinho que tinha sobrado do último ataque e fomos bebendo aquela coisa caríssima pra aquecer os ânimos e por que não dizer? Criarmos um pouco mais de coragem.

O bairro era uma escuridão só. Esse tão alardeado urbanismo curitibano é uma tremenda fraude. Consiste apenas em esconder o que não deve ser visto. Fora o apartheid social violento que ele gera, mas esse é um assunto revoltante demais pra ser falado aqui. A questão é que nesse caso o descaso da Prefeitura Municipal de Curitiba nos foi útil. Sérgio era o maestro da vez.

- Pra termos acesso a primeira casa precisamos ir por aqui.

O cara estava orgulhoso de si, depois de troçentos ataques ele, O Mais Bundão, estava se sentindo um verdadeiro delinqüente: Ousado & Abusado.

Era um matagal do caralho cheio de Pega-pegas e Amores-de-sogra. Nada de lanternas, fomos no escuro mesmo pra minimizar as chances de sermos descobertos.

- Cara! Não tinha um caminho mais fácil?

- Não, tem que ser por aqui mesmo.

O matagal terminava numa cerca de madeira toda podre e dava num quintal cheio de tralhas e ervas daninhas. Pulamos todos e cada um tratou de encontrar um modo de entrar na casa. Alguns minutos depois Vinicius veio animado.

- Vocês não vão botar fê, mas a porta da cozinha está aberta.

É incrível como as pessoas fecham todas as portas da frente e se descuidam com as dos fundos. Como estava sendo perigosamente fácil, pedi aos outros que esperassem e entrei com Sérgio pra depositar os "presentes" nos locais apropriados.

Como eu já imaginava a casa não tinha nenhuma estante com nenhum livro que pudéssemos colocar no meio. Sérgio ficou analisando a sala e a cozinha enquanto fui dar uma geral no resto. Duas crianças dormiam candidamente com a porta do quarto aberta enquanto o que parecia ser o quarto do casal tinha sua porta fechada. Peguei um cartão colorido e deposei dentro da sandália da menininha. Sérgio colocou um cartão estilosamente em meio as flores do vaso da sala e um pregado na geladeira, junto aos imãs bregas que elas costumam ter. Por último coleí minha Mensagem Discordiana na parede:

“Seja cauteloso com a bebida, ela pode te levar a atirar em políticos – e ERRAR.”

Em tempo recorde saímos fora com a primeira missão cumprida. A segunda casa foi bem mais foda, não tinha nenhuma porta de cozinha aberta. Mas tinha uma janela com possibilidades de arrombamento. Tudo o que precisávamos era de algo fino e comprido pra soltarmos o trinco.

O gambiarreiro Jean se dispôs a dar um jeito. Voltou até o quintal das tralhas e depois de longos minutos apareceu com uma varetinha de metal, e deu início as exaustivas tentativas. Tentou, tentou & tentou e passou a bola pro Fábio. Fábio também fracassou e depois de mais de meia hora tentando passou a missão pro Vini.

Vinicius bancou o ignorante e começou a dar pequenas batidas no trinco até que o pior aconteceu. A janela abriu mas a vareta caiu fazendo barulho. Todo mundo gelou. A macheza do Sérgio evaporou-se.

- Vamos embora galera! Vamos embora!

- Calma! Relaxa! Vamos ficar ouvindo.

Passaram-se longos minutos de tensão. Nenhum ruído. Aparentemente ninguém se ligou. Dessa vez foi Sergio & Vinicius, o homem que abriu a janela. Tinha gente pra caralho dormindo lá e também tinha uma estante com meia dúzia de livros, mas como provavelmente nenhum daqueles livros eram abertos a séculos escolheram outros lugares.

Num quarto tinha uma vovó dormindo e roncando. Ela merece, ganhou um lindo cartão. No meio de uma lista telefônica e outro glamorizadamente pendurado numa iluminária. Minha mensagem: “Aquilo que não é proibido é obrigatório”, ficou pregada na parede do banheiro.

Já estávamos impacientes quando os guris voltaram. Estavam estressados pra caralho por causa da lotação da casa.

- Vamos andando, rápido!

As próximas casas ficavam a alguns quarteirões distância e eram todas de madeira, bem simples. Sérgio confessou que estava nervoso demais e passou os cartões pra gente fazer o serviço. E não era fácil, a maioria das casas tinha cães e faziam uma zoadinha dos diabos. Depois de várias vistorias escolhemos uma verde. A porta era fechada por uma trancadeira, com um canivete Jean conseguiu abri-la facilmente. Já estávamos dentro quando nos damos por conta que num dos quartos tinha uma televisão ligada. Será que estavam acordados? Será que não? Antes que descobrissemos jogamos um cartão de qualquer jeito mesmo, em cima da mesa. Colei minha mensagem e tratamos de dar o fora dali logo. A Mensagem Discordiana da vez: “Dificuldades são como criança, elas só crescem se você as alimenta”. Na hora de fechar a porta a filha da puta rangeu muito mais alto do que ousávamos imaginar que uma porta pudesse ranger. Um grito assombroso veio do quarto da TV

- Quem caralho que tá aí???

Os estrondos de passos pesados vindos do quarto foi a última coisa que ouvimos. Saímos correndo desenfreadamente até onde estava Sérgio.

- O que foi? O que foi?

- Sujou! Sujou! Fuja lôcooooooooo!!!

A merda é que tinham dois carros passando na rua, seria sujo se ele visse um bando de maloqueiro correndo pela rua em plena madrugada. Olhamos pros lados em total desespero, o dono da casa chegou na porta, acendeu a luz e nos viu. Puta que o pariu! Ele nos viu!! Jean deu um berro:

- Por ali, cara! Por ali!!!

Um córrego fedido era a única opção de fuga. Fui o primeiro a me jogar no esgoto e chafurdar na lama podre. Cara, o desespero foi grande. Estávamos nos achando muito românticos distribuindo poemas daquela maneira e não esperávamos por aquela reação. E não foi só aquilo, não. Eu não tinha dado nem dez passos quando ouvi um tiro. Caralho! O cara estava armado e estava correndo atrás, parecia disposto a nos perseguir no córrego mesmo. Na hora que ele deu o segundo tiro nós praticamente voávamos dentro do córrego, eu particularmente não senti a água nem o mau cheiro, era o mais puro instinto de sobrevivência em ação. Nem olhava pra trás, nem sabia se estavam todos bem.

Então todos os deuses do Universo fizeram uma força tarefa pra nos ajudar e construíram um bueiro de esgoto na lateral esquerda do córrego e me enfiei dentro chamando os outros. Mais tiros & mais tiros, o Alto Boqueirão em sua noite Bagdá. Felizmente todos conseguiram se enfiar ali. Rastejamos uns dez metros pra dentro daquele cano contra a correnteza. Eu estava sem fôlego, sou capaz de dizer que ontem devo comido merda, muito provavelmente. Quando o breu era total paramos pra descansar. Ficamos horas ali dentro, perdemos a noção de tempo. Sérgio, o maestro do ataque ficou desconsolado.

- Pô, que foda, que foda, que foda!!!

Quando nossos narizes recuperaram a sensibilidade e caímos na real de onde estávamos saímos fora. Cagaço total. Nos embrenhamos por entre os arbustos e só respiramos sossegados quando já estávamos a quilômetros do local do crime.

Foi o maior susto da nossa carreira na Delinquência, mas tem males que vem pra bem (ou vem de trem, como dizem os pessimistas) e Sérgio fez um belo verso/resenho.

- Toda poesia merece um tiro, nem que seja um dia.

Legal, recuperou nosso humor e até damos umas risadas imaginando que o cara da arma não entendeu bosta nenhuma de nossos objetivos. Mas como ficou escrito com óleo queimado na grama da velha burguesa: “Embora você não tenha entendido nada, isso tudo é maravilhoso.

Não Contavam Com os Delinqüentes (ataque vinte e oito)

Uma das coisas mais escrotas desse capitalismo agonizante de hoje são as fábricas montadas nos trópicos pra aproveitar a mão-de-obra barata. Não bastasse isso ainda tem a isenção de impostos e mais uma caralhada de benefícios. A podridão impera nas entranhas dessa instituição do mal. Aqui em Curitiba temos a presença maligna da Renault. Fábio conhece um cara lá em Colombo que trampa na Renault e conta historias terríveis de caras que passam o dia inteiro enroscando o mesmo parafuso, e de três ou quatro dedos por semana que abandonam as mãos de seus donos.

Uma autêntica Central de Escravidão Voluntária.

Ao invés dos caras de chicote acoitando os escravos como no século passado, temos os robôs e as centrais automatizadas impondo o ritmo da produção. Chibatadas com relho de veludo, sutilezas de uma civilização doente.

Enquanto estava me recuperando da caganeira alienígena que peguei discutimos muito no hospital sobre a merda que é o trabalho. Com a intoxicação fui automaticamente “obrigado” a não trabalhar. Quando as bactérias alienígenas abandonassem meu corpo seria um fudido, mané, cuzão e otário novamente.

O assunto da montadora acabou surgindo e o velho vício de planejar alguma ação também.

- É Ari, da pra aproveitar esse tempo amarrado nessa cama pra bolar coisas.

Começamos a pensar em algumas sacanagens que pudéssemos aprontar com aqueles franceses filhos de uma puta, files de le pute ou sei lá como é que é em Francês. Citei a idéia do Anarqu3a da catapulta de merda. Vinícius se entusiasmou no ato.

- Cara, essa idéia é muito massa! Só faltava mesmo um alvo.

- Mas que alvo? A fábrica da Renault? - Fábio estava meio desconfiado.

- Claro! Enchemos aquele estacionamento de merda!

Confesso que fiquei meio enjoado com a idéia a principio. É cair na merda na noite do banco, é comer merda na noite dos cartões, é foda mesmo, minha vida anda uma bosta ultimamente. Mas acabei concordando, o plano não era ruim. Sérgio deu uma incrementada.

- A gente manda umas mensagens pelo correio antes, alertando eles para algo, mas sem deixar claro o que é.

- Ah, mas tem que descobrir a lista com o nome dos figurões.

- Fábio! Fala com teu amigo.

- Só! Vou ver o que eu consigo...

Fábio falou com ele, mas o cara demonstrou-se meio cabreiro. Tem uma porrada de carros naquele estacionamento, mas também tem uma segurança que não é tonga nem nada. O cidadão acabou nos convencendo a mudar o plano.

Discutimos muito o assunto na sequência e chegamos à conclusão de que jogar merda diretamente na fábrica poderia ser uma literal cagada. Podiam aparecer os jornalistas e tchauzinho pra nossa invisibilidade.

Optamos por um meio termo. A Autovessa de São José dos Pinhais, cidade vizinha a Curitiba. Tem uma parada igual no Barigüi, mas a de Pinhais é bem mais limpeza.

Com a garantia que não cutucáramos a multinacional com vara curta, o amigo de Fábio acabou desenrolando os nomes pra gente. Sérgio se encarregou das mensagens.

Escreveu umas coisas assim:

“Para Fulano De Tal, tendo em vista um alerta dado pelas pessoas, pelos bilhões de pessoas deste planeta esquecido, mandamos esta mensagem.

De tanto cagar fora do penico o quarto pode ficar fedendo.

Ass:”

Nada de viajar um monte e mandar um monte de cartas diferentes pra um monte de gente. A mesma mensagem pra todo mundo, pra fixar bem a bagaça. Saca só, uma mensagem dessas na torre de controle e chove merda na pista mais tarde. Terrorismo painho, terrorismo mesmo.

Montar a catapulta foi um buraco muitíssimo mais em baixo. O mestre das gambiarras Jean não conseguiu pensar em nada prático. Só que o universo saca de nossa jornada pelo Reino da Mediocridade e pelo Império da Apatia e nos deu uma forçinha. Essa forçinha manifestou-se com um nome de Josimar, popular Marmita, irmão da Milene namorada do Fábio. Éita descrição comprida, sô.

O cara é uma figura. A família deles veio do interior de Minas e o cara é uma figura e não tem outro jeito de descreve-lo. Baixinho, cheio dos agás e vejam só, muito mais gambiarreiro que o Jean. Trabalha em gráficas consertando máquinas de off-set e vive socado em oficinas de automóveis ou então fazendo bicos de eletricista e outras coisas. Em resumo, um cara desenrolado em trabalhos manuais.

Na divertidíssima noite em que Milene o levou na kit apresentamos nosso problema e o cara desenrolou.

- Conheço uns dois ou três caras que tem ferro-velho e esse negócio aí, como é o nome?

- Catapulta.

- Pois então, é fácil de fazer.

Só que de mane ele só tem a cara e o jeitinho de andar.

- Agora me diz uma coisa. Pro que é que vocês querem um troço doido desses?

Não teve jeito, tivemos que contar tudo. Milene é claro que estava junto, mas não contamos que fomos nós que invadimos a casa da madame patroa dela. Deixamos a eles a facilíma tarefa de ligar os pontos.

A construção de nossa Arma de Cagação em Massa finalmente saiu do papel. Cara, a aparência final do aparelho foi o troço mais Mad Max que já vi em minha vida, e funcionou espetacularmente em todos os testes.

Com tudo em cima tratamos de conseguir as fezes em questão. Na Fazenda Rio Grande de novo, dessa vez sem chuva e com experiência. Delinquentes Veteranos, tá ligado? Marcamos a palhaçada pra uma quinta-feira à noite.

Uma noite antes do ataque fizemos uma coisa escrota. Passamos três os dias sem defecar e combinamos de evacuar coletivamente na frente da concessionária como forma de aviso, tipo jogar limpo, dar uma chance a vítima, não atirar por trás.

Marmita além de gambiarreiro é um cara de pau pragmático. Nos fez desencanar de conseguir alguém de carro pra levar a catapulta e nos convenceu a levar a lazarenta desmontada de ônibus, com tudo mocado em mochilas.

O foda foi carregar a merda. Colocamos tudo naqueles sacolões pretos de lixo com cinco camadas. Cinco sacos um dentro do outro. Foram três pacotes e apesar de nossas várias camadas, o cheiro acabou vazando. Por fora das sacolas colocamos umas das Lojas Americanas e todo mundo no latão olhava desconfiado pra gente pensando que diabos tínhamos comprado nas Lojas Americanas que fedia tanto.

Todos fazíamos caras de indiferentes, não lembro de nunca ter sido tão foda conter uma risada antes em minha vida. Era Marmita quem estava com os sacolões ao seu lado, o cara fazia caras muito engraçadas toda vez que alguém o observava de canto de olho ou então abanava o nariz. Quando descemos do ônibus ríamos feito uns doentes a ponto de se jogar no chão, tamanha a dor na barriga. Nenhum gás hilariante seria tão eficiente quanto aquele transporte de cocô num coletivo.

Demos muitas risadas com as palhaçadas do Marmita, mas quando chegamos nas proximidades do alvo o carinha ficou serio. É incrível, mas parece que tem pessoas que nasceram pra delinquência. Marmita é um desses, se sentiu mais em casa que alguns de nós.

Entretidos com as dificuldades da montagem da catapulta acabamos ignorando por completo a análise anterior do alvo. Um erro de principiante eu sei, mas o que será de nos quando nos sentirmos maduros? Apodreceremos, provavelmente.

Tivemos que parar uma quadra antes e analisar friamente a situação. Acabou que temos mais sorte do que juízo. No outro lado da rua tinha uma casa de madeira desocupada, com muro baixo e tudo. A gurizada ficou montando o equipamento enquanto eu e Sérgio bancamos os sentinelas.

Era de madrugada, a rua estava deserta, mas se alguma alma passasse por ali e olhasse pro terreno da casa desocupada ia pensar que se tratava de alguma geringonça criada pelo Coiote para pegar o Papa Léguas.

Jean & Vinícius ficavam abastecendo a catapulta com munição enquanto Marmita caprichava na pontaria, eu e os outros observávamos tudo ao lado da grade da concessionária.

Foi um espetáculo. Mais um daqueles momentos únicos nas nossas vidas, que afinal de contas por serem tantos, já nem sei dizer se são tão únicos assim. Aquela merda toda voando pelo céu e caindo em cima de todos aqueles carros novinhos e inalcançáveis foi um troço de lavar a alma. Isto não é uma metáfora: Aqueles excrementos que choveram sobre os carros é os preços que eles custam.

Milhares de coisas passaram pela minha cabeça enquanto eu assistia aquele bombardeio. As milhares de vidas perdidas em acidentes, os danos ao meio ambiente, o arruinamento estético das grandes cidades, os falsos desejos plantados pela publicidade na Imaginação Coletiva. E mais uma lista interminável de malefícios.

Vingamos tudo isso. Pode ser que poucos entendessem nossa mensagem, mas nós e esses poucos já está louco de bom. É o bastante nesta ingrata-mas-nem-tanto guerra no Reino da Mediocridade & da Apatia. Meus devaneios foram interrompidos pelas sirenes do alarme da concessionária. Ou o vigia não era um bom profissional e provavelmente merece cada centavo que ganha ou os filhos de uma égua tem alarme de invasão de pátio adaptado pra detectar fezes. Não sei, o que sei é que a porra do alarme era uma sirene ensurdecedora que deixou todos em pânico.

Ignoramos todas as regras de invisibilidade e corremos todos em auxílio a Marmita e sua Maravilhosa Máquina Lançadora de Merda. O cara ainda por cima tava numa calma inexplicável.

- Calma, galera! O vigia não vai atirar e a polícia não pode chegar aqui por tele-transporte.

Não damos ouvido. Abandonamos ali a munição que restava, catamos a catapulta montada mesmo em três e saímos correndo de qualquer jeito. Os delinquentes mais desajeitados da história da humanidade. Se o bicho-do-corre-feio aparecesse nos prenderia também.

Paramos pra descansar uns quinze quarteirões depois. Estávamos exaustos, mas nos cagávamos rindo. De nós mesmos e do naipe de nossa ação.

As Megacorporações Transnacionais, em sua ânsia neoliberal realmente abriram novos mercados e obtiveram alguns lucros fabulosos.

Mas cometeram um erro grave

Não contaram com os Delinquentes.

O Nonsense, Meu Nego, No Combate Ao Desemprego (ataque vinte e nove)

Era uma vez num programa de entrevistas... Era da Bruna Lombardi? Não lembro... O Maguila, ao ser questionado sobre o que fazia antes de lutar boxe, respondeu que trabalhava como pedreiro. Pra complementar e salientar que não tinha vergonha do seu passado, nosso herói soltou essa pérola.

- O trabalho danifica o homem.

Desde então esta frase ficou estampada na minha mente como uma Profunda Verdade Universal. O trabalho mata a criatividade humana e cria milhões de esquizofrênicos em todo o planeta. Discutíamos isso no Hospital Evangélico na noite anterior à minha alta e ao meu fatal retorno ao trabalho.

Jean discursava sobre a esquizofrenia do homem moderno.

- Saca só, você tem uma montoeira de problemas particulares. De repente você está vivendo um inferno amoroso e no trabalho tem que sorrir a todos os superiores. A gente pode estar numa pior, deprimido e desanimado pra caralho, mas sua produtividade não pode diminuir.

- Se diminuir: pé na bunda!

- Sacaram que somos obrigados a desenvolver duas personalidades?

- Só! As vezes até mais.

- E o que me deixa puto é que essa psicopatia é o padrão normal de conduta. Se um caradura invocar de não dividir sua vida em duas partes será ele o louco e o desajeitado.

Aproveitei a oportunidade pra falar de umas viagens que tive em meio a meus delírios de febre.

- Isso sem contar com falta de sentido cada vez maior nos tramos que restam.

Não sou um grande teórico, nunca frequentei nenhuma academia e a intelectualidade me dá náuseas, mas gosto de arriscar uns palpites e tentar entender, do meu jeito, como as coisas funcionam.

- O capitalismo, pra medir o valor das coisas sempre se baseou no tempo de trabalho gasto na criação das mercadorias.

- Pelas barbas de Karl Marx! A onde que você quer chegar?

- Acontece que hoje o tempo gasto e zero por conta das automatização e o valor das coisas tornou-se abstrato.

- Continue professor.

A gurizada reunida só sabe mesmo é avacalhar. Tiram onda de tudo feito uns retardados. E na hora de trocar idéias, um sempre discorda do outro, unicamente por esporte. Mas continuei, sem nem saber ao certo como expressar minha idéia.

- Só que tem uma contradição gritante nessa parada toda. A tecnologia dispensa os trabalhadores e sem compradores a máquina não roda. É preciso mercados, muitos mercados, daí privatizarem tudo. Não duvido que ainda vão inventar trabalhos sem sentido só pro capital continuar circulando e o sistema se manter.

- Ari, confesso que isso tá confuso pra caralho.

- E, você está andando em círculos sem chegar em ponto algum, ainda bem que você não é professor de nada.

“Felizes são aqueles que andam em círculos, pois serão conhecidos como rodas.”

Resolvi partir direto pros finalmentes e deixar as teorias mal interpretadas e os conceitos distorcidos de lado.

- Bom galera, durante um delírio de febre vislumbrei um Movimento do Trabalho sem Sentido, alguma coisa do tipo MTS ao invés de MST.

- O que significa isso Ari?

- A gente pode plagiar as cores e a bandeira do MST pro negocio ficar ainda mais palhaço e criar mesmo o movimento.

- Mas que caralho! Que movimento?

- Por alguns trocados, oferecer vagas pra uns trampos totalmente nonsenses.

- Tá vamos virar empresários, empregadores agora...

- É Ari, o Fábio tem razão. E a grana? E o cacife?

- Calma cambada de pessimistas. Não é um mês de trabalho com carteira assinada seus tongos! São bicos. Bicos Nonsenses & Cia Ltda.

- Explica melhor, dischava, desmurruga esse bagulho.

- Por exemplo, por cinco pilas contratamos pra cavar um buraco e depois tapá-lo. E depois um outro cava e tapa mais um buraco mais lado e por ai vai.

- Que coisa mais ridícula e absurda.

Tenho que admitir que os caras não aceitaram a coisa de imediato. Literalmente trata-se de algo saído de uma mente delirante. Por fim a bizarrice da idéia acabou seduzindo o povo.

O problema eram os tais cinco pilas pra pagar os “salários.” Passou-se uma semana até que sobre a cabeça de Vinícius que aquela famosa lampadazinha acendeu-se.

- Cara! lembra as idéias daquele doido do Rogério Coaxo do blog dos delinquentes?

- Só!

- Pois então, aplicamos aquele migue do sobrinho do interfone pra conseguirmos a bufunfa pro MTS do Ari!

O caso foi de um típico meme, pulando de cérebro em cérebro, Mutando-se & Replicando-se sem nenhuma interferência nossa. Jean & Fábio surgiram também num plano B. Circulou pela Internet a historia de um neguinho que dá curso de mendicância pregando que é possível levantar duzentos paus se escolher os lugares certos pra mendigar. Marimita irmão da Milene namorada do Fábio se escalou pra tentar cuidar de carros em estacionamento em dia de jogo no Couto Pereira.

Para a operação Interfones Vinícius voluntariou-se. É uma boa idéia, mas requer toneladas de paciência e muita dedicação. Escolheu um trecho da padre Agostinho com bastante prédios e no horário do Jornal Nacional.

Apertava o interfone e falava.

- Tia? Oi tia!

Quando não se tratava de uma mulher com um único sobrinho as pessoas ou perguntavam “o que?,” “como?” ou então desligavam o interfone. É uma idéia que requer paciência, eu falei.

Até que lá pelo milionésimo toque a Profecia de Coacho se concretiza.

- Oi ... É você Marcelo?

Com o sinal verde dado, Vinicius soltou essa que estava com o carro estragado cinco quadras a baixo e que precisava de quarenta reais emprestados.

- Eu te avisei que aquele carro ia te dar problemas e prejuízos. Sobe aí que eu te empresto, mas que isso não se repita, hein? Dê um jeito nessa cangalha veia.

- O carro ficou aberto, tenho que correr lá. Vai subir o Vinícius aí pra pegar, ok?

- Tá bom. É ate melhor. Se não eu ia ter que te dizer muitas verdades.

Deu certo. Ela caiu. Fábio & Jean ainda conseguiram vinte e cinco pilas. Marmita quebrou a cara no dia do jogo, já existe um cartel explorando os estacionamentos, não conseguiu um único centavo. No total levantamos 65 Dinheiros para estarmos no nosso MTS. Com o tempo, todos gostaram dessa coisa de brincar de vanguarda.

Nosso movimento é quase artístico. Nosso movimento é quase vanguarda. Se nada disso é verdadeiro, então beleza. Ele no mínimo é QQQ, Quase Qualquer Qoisa.

Fábio conseguiu pás, enxadas, um balde e dois cavaletes na casa de seus coroaes em Colombo. A empreitada consistia em cavar um buraco, raso mesmo, pra não dar muito trabalho. Colocar a terra em cima de umas tábuas que colocaríamos sobre os cavaletes. Dar vinte e três voltas em torno do cavalete repetindo o Mantra Sagrado:

“Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer.”

Depois tapar o buraco, meter a mão nos cinco reais e partir para o abraço.

A definição do local da obra gerou discussões monstruosas. Sérgio & Vinícius queriam que fosse no centro, um Mega Evento. Fábio queria que fosse perto do viaduto Capanema, nas redondezas da rodoviária de Curitiba. Jean ficou do meu lado e vencemos o debate.

Continuaremos voando por toda a periferia. Ação de impacto é coisa pra rato de mídia. Estamos fora, não gostamos de aparecer na foto.

Escolhemos o bairro do Cajuú e fomos de ônibus mesmo, com a presença marrrrrcante do figuraço Marmita e com os cavaletes no corredor, dando quinhentas explicações aos curiosos que insistem em existir, graças aos céus, pois são os curiosos que garantem a evolução da espécie.

Chegando no Cajuú escolhemos o lugar mais pop das proximidades, o terreno baldio ao lado do bar do Espedito, tava escrito com "S" " assim mesmo. Montamos os apetrechos e esticamos a enorme faixa que Sérgio preparou.

HÁ VAGAS. SERVICO FÁCIL. DINHEIRO À VISTA.

Três frases com três palavras magicas para para ressoarem nas mentes de Desempregados, Vagabundos & Vadios em geral, essas criaturas lindamente românticas do mundo moderno. Não demorou muito pra chamar a atenção dos pingüços do boteco. Mas não foram falar com a gente, mandaram um moleque.

Explicamos para o pirralho e ele voltou rindo sozinho para o bar. Ouvimos gargalhadas e não demorou muito pra pintar o primeiro voluntário. Bêbado e provavelmente duro.

O cara mais se escorava na pá do que cavava propriamente. Devido ao estado de bebedeira do cidadão, o que era pra ser fácil tornou-se difícil. Era tão cômico que acabou se formando uma multidão de curiosos, sempre eles ao redor. Marmita ria tanto que nem participou da ação, seutou-se um pouco distante e ficou se contorcendo.

Na hora das vinte e três voltas a risada era geral. O povo não botava fê no que estava acontecendo. Não botavam fê mesmo, mas na hora que ele tapou o buraco e pegou as cinco pratas ganhamos respeitabilidade. O negócio era sério além de palhaço.

O segundo funcionário foi o moleque mensageiro que fez tudo rapidinho e saiu feliz da vida pra torrar a grana nos caça-níqueis. Foi uma ação muito divertida e até recompensadora no sentido do reconhecimento pela população local. Não faltaram trabalhadores e todos nos trataram bem.

Os 65 dinheiros acabaram rapidinho, o sucesso da empreitada foi total. Nosso movimento é viável e digo uma coisa, do fundo de meu Coração Delinqüente: o dinheiro da mulher que caiu no Migué do Interfone foi muitíssimo bem aplicado. Bem explicadinho acho ela até sentiria orgulha. Temos outras idéias ainda para por em prática. Descobrir um formigueiro e criar o "Sedex 10 Para Formigas", pega a carga de uma delas e entrega na porta de casa, cinco pilas pelo transporte. Ou então localizar todas as bitucas de cigarro de um quarteirão e orientá-las a Meca, bitucas Muçulmanas, saca? Dez reais por isso, pois sabemos que é foda, primeiro achar todas as bitucas, depois descobrir que diabo de lado fica Meca.

Enquanto esperávamos o ônibus no ponto tivemos que responder a um batalhão de perguntas a respeito de quem éramos, o que significava aquilo tudo e onde seria nossa próxima performance.

- Somos do MTS, movimento do trabalho sem sentido e infelizmente não sabemos quando haverão novas vagas.

Poluição Visual? Desejos Pré-Fabricados? Só Jesus Salva! (ataque trinta)

Nosso novo porão é massa. Pela primeira vez desde que existimos nesse planetinha véio ordinário de bosta que só é azul pra quem vê de fora, estando morando todos juntos. Só que nem tudo é perfeito. No outro lado da avenida tem uns quatro ou cinco out-doors emporcalhando a visão.

Uma puta sacanagem. Ainda mais tratando-se de nós, pela primeira vez reunidos, quase que uma provocação. Terminamos de transferir todas as nossas tralhas na sexta-feira à noite e essa porra de publicidade acabou sendo o assunto da vez. Fábio era o mais indignado.

- Esses filhos da puta se acham na moral de dizer quais são nossos verdadeiros desejos.
- Podes crer.

Gargalhadas. Todos caíram na gargalhada com o tom messiânico do sujeito. Um monstro. Um orador em praça pública, seduzindo milhares de almas com sua retórica hipnótica.

- Só que eles não estão sozinhos nessa.
- Óh! Existe uma conspiração por trás.
- Os Iluminatti devem estar envolvidos.

- Calem a boca seus paunocús! Sou eu, é você Vini, somos nós!

Nessa hora a galera baixou a bola. Só que numa pose de respeito tão caricatural que foi incontrolável, as gargalhadas voltaram. Nunca se leve a sério de mais.

- Cara, saca que na maior parte das vezes somos nós mesmos que matamos nossos desejos.
- Assassino! Assassino!

- Acabamos deixando de fazer as coisas por um medo ou uma vergonha que no fundo não sentimos, mas achamos obrigação senti-los.

Palmas. Desta vez não foram gargalhadas, desta vez foram palmas mesmo, Fábio foi ovacionado.

- Claro que tem gente querendo se aproveitar dessa fraqueza. Gente oferecendo desejos prontinhos, custam alguns trocados, mas estão lá, prontos pro consumo.

Jean foi o único que não ficou o tempo todo junto, viajando no discurso de Fábio. Ficou quieto, na dele, olhando os out-doors. Quando sentou com agente estava sorridente.

- Acho já que sei o que fazer pra aliviar nem que seja um pouco essa raiva de Fábio.

- Ih! Lá vem...

- Vamos sacanear esses especialistas em desejo tirando onda deles.

- Como assim?

- Sabe o que eu pensei? A gente bola um personagem. Tipo cartum mesmo. Desenha numa cartolina ou papel grande, recorta e cola nos out-doors. Minha idéia era que esse personagem ficasse o tempo todo expondo o lado ridículo e grotesco dos anúncios.

- Pode crer véio! Não é uma má idéia...

- Em cima dos bonequinhos colocamos balões com frases tirando onda da parada.

Uma tentativa e tanto e depois de uma semana parados não conseguimos resistir a ela. Sérgio que tem as manhas pra essas coisas de recortes saiu atrás dos papeis e do resto dos materiais enquanto ficamos ajeitando o resto das coisas. Foi o animal do Vinícius, que não pensa, que teve a idéia de dar o nome de Jesus pro nosso personagem gozador de propagandas.

- Eu sou Jesus e te digo uma coisa: você é mané a ponto de acreditar que isso vale a pena?

Foi massa. Curtimos pra caralho. Bolamos um racunho de nosso Jesus, nada daquela imagem padrão de barba grande, cabelo longo, vestido e sandálias de couro. Nosso Jesus era um baixinho e gordinho escroto, personagem típico de botecos da periferia. Damos altas gargalhadas imaginando as palhaçadas que nosso Jesus aprontaria. Quando Sérgio chegou com o material já estávamos com as idéias plenamente definidas.

Na tardinha de sábado Fábio & Jean saíram pra analisar os alvos e bolar as rotas de fuga pra no caso de dar alguma merda. Demoraram pra caralho e voltaram mudando todos os planos originais.

- Cara, aqui na frente não vai dar. Aqui na frente vai ser muito bandeira.

- E a escada? Como é que vamos carregar a escada num lugar muito movimentado?

Estávamos todos no tesão de fazer a coisa no sábado mesmo, só que não teve jeito. Tentamos localizar o Marmita, mas o cara tava acampado no Marumbi. Fábio teve que ir até Colombo batalhar uma escada dessas que se desmonta enquanto nosotros fomos definir novos alvos, que se adequassem aos nossos desenhos.

Não foi mole. Tivemos que fazer um mapa complicado, teríamos que andar um monte. Só que tudo meticulosamente planejado, com tudo pra dar certo. Nossa auto-confiança se baseava no fato de que estaríamos com tudo pronto, desenho recortado, cola esparramada, e que seria só fixar e pronto. Missão comprida.

Só que na hora a parada não foi tão simples assim. No fim da tarde de domingo o tempo fechou e uma enxurrada se abateu sobre Curitiba. E a chuva não tinha pinta de passar tão cedo. Ainda por cima mais uma vez cometemos um erro de principiantes. Até quando seremos cabaços? Analisamos as rotas de fuga e não sei que lãs e ignoramos por completo a escada e o plano de abordagem. Durou muito mais do que imaginávamos. Tínhamos calculado uns 30 segundos. 30 segundos o caralho!

Chegar, armar a escada no lugar certo, subir sem dobrar o papel ou rasgar por causa da chuva e ainda colar no lugar adequado sem enrugurar nem nada é uma tarefa muito foda. Pra cola pegar tivemos que antes dar uma enxugada meia boca no local da colagem e depois ainda segurar pressionando o papel por um certo tempo. A coisa toda durou quase dez minutos, uma eternidade perto dos 30 segundos que tínhamos imaginado.

Foi um negócio agonizante. Vinícius foi o primeiro a fazer a colagem. Eu & Jean ficamos segurando a escada e mandando apurar enquanto Fábio & Sérgio eram os sentinelas.

Era a propaganda de uma oferta de carro por trinta e poucos mil reais. No desenho que colamos Jesus segurava a barriga com uma mão e com a outra apontava sorridente para o carro:

- É fácil comprá-lo! Basta ficar trinta anos sem comer. Alguns mestres iogues dizem que o sol e o ar bastam pra se manter vivos!

Mais abaixo um outro balãozinho.

- E lembre-se! Eu sou Jesus e Jesus saca as coisas!

Quando Vini acabou estávamos com a nossa paciência esgotada e muito nervosos, aquilo era pra ser rápido e fácil. Nossa auto-confiança foi parar na puta que o pariu. Saímos correndo dali, nem conferimos com calma o resultado da colagem.

O segundo alvo ficava um pouco longe e tivemos que andar um monte. Tratava-se de um anúncio de uma nova escola de negócios, famosa na Europa e que agora esta se instalando em Curitiba. Na foto um casal de jovens empresários em pose de bem sucedidos. Ridículos os coitados.

Foi Jean quem subiu pra colar Jesus.

- Nada é tão ruim que não possa ficar pior. Agora os gringos vão ensinar seu chefe a ser um mala, explorador e folho da mãe de uma maneira que você nem sonhava ser possível!

Mais abaixo o mesmo balão de antes

- Jesus saca das coisas, meu filho!

Jean fez tudo certinho em seis minutos e meio. Apesar dos protestos de Fábio, foi eleito automaticamente “O Colador de Jesus Cristos” oficial. O próximo out-door era próximo, hehe, porém visível e perigoso. E também o mais odioso. Aquele da Master Card convidando todos a ficarem ou serem sossegados. De longe o mais falso.

Esse eu aguardei com expectativa pra ver como ficava. Esse eu quis curtir o resultado. E nesse Jean decidiu dispensar a escada. Maldita idéia. Mais segura, mas repito: Maldita idéia! Tivemos que escalar a parte de trás do painel pra segurar suas pernas sem enxergar bosta nem uma do que ele tava fazendo.

- E aí véio tá pronto?

- Relaxa tá quase.

- Apura sua bixa! Cê pensa que é leve?

- Agüentem aí suas putinhas, tá ficando massa.

- Anda logo com isso se não eu solto!

- Solta nada, você me ama.

Tenho certeza que ele demorou de sacanagem. Jean nunca desperdiça uma chance de sacanear alguém. Deve ter demorado uns quinze minutos.

Mas tenho que admitir que ele tinha razão: Ficou massa. Jesus se passou nessa.

- Você tem todos os motivos do mundo pra ficar sossegado, afinal sou Jesus e sua mulher me ama.

Sei que é meio óbvio e até chavão, mas colocamos uns chifrinhos no cara da foto da propaganda.

- E todos os hotéis aceitam Master Card! Veja só! Uma chance a mais de você ser sorteado.

E não foi só isso.

- E veja bem: Jesus saca das coisas e agora também saca que sua mulher é muito gostosa.

Exaustos que estávamos, sentamos na calçada no outro lado da rua, Ensopados & Imprudentes, pra dar risadas do corno sossegado sorteado pelos Delinquentes.

Tínhamos material pra sacanear mais três anúncios e agora estávamos mais sossegados. Nos sentíamos OS Vândalos Palhaços. Nos sentimos os salvadores da espécie humana.

Só que a chuva aumentou pra caralho e o quarto alvo ficava numa encosta, uma filial do Rio Iguaçu se instalou na frente dele, mais ou menos onde Jean botou a escada. E ele estava perigosamente Tranquilo & Seguro.

Odeio estar certo, massabia que ia dar merda.

Quando Jean esticou o braço pra colar o balão com frase de Jesus o terreno onde a escada estava armada cedeu e Jean desabou desajeitadamente de uma altura de mais de quatro metros.

O cara caiu todo errado e tragédia das tragédias: Quebrou a clavícula. Ele que trabalha de moto fazendo entregas, quebrou a clavícula. Na hora não atinamos o que tinha acontecido com ele, que só gritava, e simplesmente abandonamos a escada ali mesmo e torramos nossos últimos dinheiros pra levarmos o sequelado no posto do SUS vinte e quatro horas do Boqueirão.

Foi um susto dos diabos, o maior que já levamos até agora. Mas como somos uns incuráveis, na madrugada, de volta ao porão, já estávamos rindo do ocorrido.

A TIM celulares safou-se dessa, deixamos sua sacanagem pela metade. No out-door premiado ficou apenas a imagem de nosso Jesus baixinho, barrigudinho & careca, com cara de safado.

- Nunca esqueça! Jesus voltou e Jesus saca as coisas!

Cachorrada Doentia Delinquente
(ataque trinta e um)

Além do clima, que se comporta como uma mulher de fases, o pobre curitibano ainda tem que conviver com cocôs de cãozinhos de dondocas nas solas de seus sapatos. Sei que isso é uma reclamação pequena, banal, estúpida. Seria, se em Curitiba não existissem mais hoteizinhos e creches para cachorros do que pra crianças.

Nessa semana fui dar uma banda na baía de um amigo meu e o pau no cú se atrasou umas duas horas. Tive que dar um tempo na frente do prédio dele sentado bem na frente da vitrine de um desses estabelecimentos para cães de madames. É incrível como a cachorrada se arrega em termos de Apetrechos, Enfeites & Acessórios. Os viadinhos passam bem. É caminha, é roupinha, é escovinha, é xampuzinho, é coisa que não acaba mais. Fora os Rangos, as Atenções & os Carinhos. Só que em termos de filhadaputiçe o inesperado sempre se supera.

Lá estava eu, fumando meu cigarro e pensando na moral daquela cachorrada quando passou uma catadora de papelão. Junto a ela, uma menina de uns quatro anos carregando um bebê no colo e correndo para acompanhar o passo rápido da mãe. Fiquei olhando aquelas três criaturas até ver mais. Por último, carregando um carrinho de bebê só com as duas rodas de trás, uma outra menina, menor que a que estava correndo.

Aquilo me deixou puto. Quando olhei de novo pra vitrine do pet shop a vontade que eu tinha era despedaçar aquele vidro com um chute e tacar fogo em tudo. Tive que sair dali e andar um pouco pela quadra e acender mais um cigarro. Aquilo me deixou muito puto mesmo.

Nessa época estávamos nos mudando da kit pro porão e quando cheguei lá na noite a piazzada estava toda envolta as caixas de papelão e sacolas de supermercado.

- Galera, temos que fazer alguma coisa com essas veterinárias de burguês.
- Qualé Ari? Levou um fora de uma cadela?
- A cachorrinha não tinha telefone?

No meio da mudança ninguém levou a coisa muito a sério, mas a parada ficou pendente, incubando em nossas mentes delinquentes. Foi Fábio conversando depois com Milene sobre os poodles da madame do mal que o assunto voltou a tona.

- E não é que você tem razão Ari, quando critica os cachorros das madames.
- Num falei? Mas porque isso agora?
- A Milene falou que a patroa dela uma vez deixou aquela duplinha por duas noites num desses hotéis pra cachorros, pra poder viajar pro interior.

Começamos então a pensar em algo pra sacanear esses filhos de uma égua que lucram em cima dos burgueses esnobes. As idéias vieram facilmente. Foda foi convencer a galera a não fazer nem um mal com os pobres dos bichinhos que, no final das contas não tem culpa de nada.

Durante a semana Fábio estava disposto a andar. Estava pensativo, apaixonado e queria andar. Estava vasculhando cursos de inglês e encaixou na agenda vasculhar pet shops. É fácil viajar, planejar e rir com as idéias, executar a invasão são outros quinhentos. E uma loja fresca de animais é mais complicado ainda. O principal item a se considerar é o alarme. E eu te digo: com toda essa onda de violência ainda tem otimista (ou pão duro, vai saber) que não instala alarme.

Fábio identificou os alvos. Depois foi só levantar a ficha da vitima. Milene, acostumada com as frescuras de sua patroa com seus poodles, foi a tarde com eles e Fábio conhecer as instalações. A exemplo da invasão da mansão da madame do mal, Fábio cuidou de todos os detalhes da invasão.

Como prova de sua generosidade deixou a nós a tarefa de decidirmos que diabos fariamos lá dentro quando conseguíssemos entrar. Foi divertido pra caralho imaginar as coisas que podíamos aprontar com aqueles coitadinhos daqueles cãozinhos. Um festival de Humor Negro & Sadismo Inconsequente. Foi onda.

Acabou que fizemos um troço democrático. Isso pra ser bonzinho nas críticas ao nosso plano, porque na verdade o que fizemos foi um Frakeinstein, horroroso, com pedaços de idéias de todo mundo. O lachante pra eles cagarem adoidados é básico, mas os requintes de crueldade foram acrescentados pelo Velho & Bom Anarki3a das boas idéias. Saca só como o cara não pensa:

Mandar correspondências para os clientes com insinuações de zoofilia e informando que molestar os animais os deixa com diarreia. Vinícius sugeriu protestarmos contra a desigualdade social canina levando cães sem teto e deixando-os lá, passando a noite com seus semelhantes afortunados e Jean conseguiu tintas poderosíssimas pra misturarmos com os xampús e os “cremes pra pelos oleosos” dos au-aus mauricinhos.

Organizar tudo isso em termos de um plano concreto e realizável foi uma dura tarefa. Vinícius, responsável pela idéia de gerico dos cães, vasculhou meio Boqueirão atrás dos sem-teto e descolou dois exemplares. Jean conseguiu a tinta façinho enquanto eu e Sérgio nos encarregávamos das correspondências e informes de zoofilia.

Depois de muita insistência consegui convencer o Sérgio a fazer a coisa certa. Ficou de segunda até quarta, todas as tardes, de butuca seguindo os clientes pra ver onde moravam. Os nomes não deu pra descobrir, teria que ser uma correspondência impessoal.

Bolamos tipo que um jornal de bairro, uma associação nova formada por pessoas que apreciam ter animais de estimação. O tema da edição era maltrato aos animais. Milene cedeu gentilmente uma foto de sua mãe para escanearmos e ilustrarmos uma entrevista contendo uma denúncia. Seu cachorro havia sido estuprado na pet shop que atacáramos. Depoimentos de cientistas explicavam que os cães costumavam ser atacados por diarreias agudas após serem violentados sexualmente.

Sérgio seguiu e a notou o endereço de cinco clientes. Louco de bom, cinco clientes indignados ou no mínimo sem entender o que está acontecendo já tá mais do que suficiente. Agora Vinicius levar os cãezinhos sem teto na noite da ação é que foi elas. Fabio dava pulos de dois metros de altura de tão indignado.

- Porque é que vocês não me avisaram dessa cagalhoniça antes?

- Pensei que o Vini tivesse avisado. Você não falou nada seu animal?

- Pensei que ele soubesse...

Tentamos de tudo quanto é jeito levá-los no ônibus, por baixo de nossas jaquetas, mas não rolou. Ou eles latia ou eles se mexiam e o cobrador acabou mandando nós descermos. Tivemos que ligar a cobrar pro nosso amigo Társis que foi nos buscar e nos deixar nas proximidades do local da ação.

O plano do Fábio não era nada fácil. O cara estava coberto de razão em reclamar dos cachorrinhos. Era semelhante à vez em que fomos enfeitiçar a imobiliária, teríamos que pular muros e andar em terrenos inexplorados. Como fazer isso carregando dois cães que podem se desatar a latir a qualquer momento?

Dessa vez não houve coleguismo, Fábio deu um esporro e Vinicius teve que carregar sozinho os dois pestinhas. Fabio tinha sido perfeito em sua rota de invasão, tinha vários muros emendados uns nos outros e só teríamos que descer deles uma única vez, perfeito.

Perfeito não fossem os cães sem teto.

Equilibrar os bichinhos em cima do muro e mantê-los quietos era uma missão quase impossível. Pelo menos teve a manha de levar uns pedaços de salsicha pra eles ficarem lambendo. A merda é que a parada só funcionou com o menor, o maior começou a latir quando sentiu cheiro de comida. Tive que voltar com ele e deixá-lo de fora da missão. Ficou com Jean que estava de sentinela na frente da loja por causa de sua clavícula quebrada no último ataque. Fabio queria surrar o Vini.

- Vini, você fica aqui esperando com o cachorro e quando tivermos com tudo pronto aí a gente te chama e tu solta ele lá dentro.

Nos equilibramos por sobre o muro e andamos uns vinte metros até pularmos no quintal do que parecia ser um cartório ou alguma secretaria da prefeitura. O cagaço foi grande, pois Fabio não tinha checado esse detalhe e era bem provável que aquela porra tivesse vigia noturno. Quando caímos no chão ficamos uns cinco minutos com o coração disparado, suando frio e esperando o pior a qualquer momento. Como temos mais sorte que juízo não apareceu ninguém.

Todas as portas e janelas da loja tinham grades que impossibilitavam a invasão por ali, mas facilitava a escalada do telhado. Eram telhas de barro, fáceis de desencaixar. Tiramos oito telhas e Fabio pulou sobre o sótão. Péssima idéia, o animal não tinha se ligado que o forro era de madeira podre, rachou e ele quase despencou lá de cima. A cachorrada que tava hospedada se desatou a latir. Um barulho infernal. Por Éris! Teríamos que ser rápidos e rasteiros. Uma prova de fogo do nosso profissionalismo vandalístico.

- Caralho! Vamos rápido!!

Fábio bum bum bum, correu em direção ao tampão, abriu e pulou pra baixo.

- Rápido Ari! Joga a mochila com as tralhas!

O nervosismo se abateu sobre todos. Sergio se cagou todo nas calças. Isso não é uma metáfora, o cara se cagou mesmo, tava com umas broncas digestivas e a merda escorreu por baixo de suas calças jeans desbotadas. Eu pessoalmente não sabia se ria da situação ou chorava por causa do fedor. Dadas as circunstâncias deixamos Fabio fazer todo o trabalho, ficamos só iluminando com a lanterna e dando palpites.

Abriu uma porrada de frascos de xampu, jogou um pouco do conteúdo no vaso do banheiro e completou com tinta. Encontrou um grampeador e o fichário com o cadastro dos clientes em em todas as fichas grampeou um papel com o seguinte texto:

“Quem batalha pelos direitos dos animais deveria incluir em suas reivindicações o direito dos pobres coitados dos bichinhos de se verem livres de serem tratados como bebezinhos mimados por burgueses esnobes.”

Dentro do aparelho de som colocamos um CDR com uma única música, aquela do Eduardo Duzek cujo refrão é: “Troque seu cachorro! Troque seu cachorro por uma criança pobre”. O clima de tensão estava chegando a níveis insuportáveis devido a barulheira do latido dos chorros que estavam lá. Não demorou muito pra Jean se indignar e começar a bater na porta da frente.

- Seus viados! Que porra de merda de puta de bosta do caralho vocês estão fazendo aí dentro? Apurem suas bixas!

Fabio bateu o martelo.

- Tá beleza! Ari, traz o cachorro do Vini.

Saltei apressadamente no telhado e berrei pro Vinicius trazer o cachorro logo. Nessa correria o bichinho se assustou e começou a latir e tentar me morder. Ainda bem que era um filhote, mas mesmo assim me arranhou todo. Alcancei o Totó, e junto com Sérgio Cagado puxamos Fabio de volta pro sótão. As possibilidades de alguém ter ouvido a barulheira e acionado a polícia eram grandes e por isso nem tapamos as telhas. Que se fodam, eles notariam o forro quebrado mesmo.

Nos encontramos do lado de fora e fomos entregar as “correspondências” no estilo daquele carteiro do comercial do Sedex que alcança um maratonista em plena corrida. Corríamos feito uns doidos ensandecidos. Só não estávamos sendo mais rápidos por causa do Jean e do Vini, que se mijavam de rir do Sergio Cagado e do próprio, que nos deu o prazer de descobrir como é engraçado o jeito de uma pessoa cagada correr, de pernas abertas e todo duro. Fora o cachorrinho que tinha ficado de fora da operação e que latia no colo do Vinicius, acho que latia pra rir com a gente.

A descarga de adrenalina foi tão grande que ao acharmos um posto de gasolina com loja de conveniência compramos dois litros daquela pinga 44 de um real, sentamos na sarjeta e bebemos até o sol raiar. No outro dia (na verdade no mesmo, mas pra mim só troca de dia quando durmo) não consegui acordar pra ir trabalhar.

Mas não dá nada. O importante é que as dondocas e seus cachorros cagadores de calçada tiveram uma lição merecida. Vingamos todos os Tênis, Sandálias & Sapatos cagados de Curitiba. Au-au-au nós somos do mal!!!!

Pare, Olhe, Pense: O Inesperado Acontece *(ataque trinta e dois)*

Todo ser humano tem garantido o seu direito de ir e vir. Circular livremente pela face do planeta onde vive. Nada mais básico e justo. Será que ainda existe alguém que ainda acredita que esse direito é minimamente respeitado? Nem nas cidades (Não é qualquer um que entra num shopping). E nem no campo (experimente pular a cerca da fazenda errada) e agora, com as privatizações e os pedágios, nem nos caminhos que ligam um lugar ao outro.

A alguns fins de semana atrás descemos até Matinhos pra curtir uma praia de carona com o Társis e acabamos prometendo a nós mesmos que faríamos alguma coisa por nossas estradas. O Delinquente Pós-Romântico Sérgio Augusto, que odeia automóveis e tudo o que se relaciona a eles, era o mais exaltado.

- Reparem que não existe nenhuma poesia nas auto-estradas.
- Tem a paisagem maravilhosa. – defendeu Fábio.
- Mas a paisagem já estava aqui. Essa paisagem maravilhosa que você fala foi ferida de morte por esse asfalto obscuro.

- É, mas as auto-estradas tem seu charme.
- Charme falso, o charme reside no fato de reside no viajar. Elas são apenas um meio pra se chegar em algum lugar. As pessoas não querem nada além de chegar ao fim delas, aos seus destinos.
- Tá, mas o que você quer afinal de contas.
- Sei lá, que as pessoas curtissem mais a viagem. Cara, só tem out-door e placas de sinalização! Cadê a arte? Cadê a poesia? Cadê o prazer de viver?

- Não viaja, seu monstro?
- É, esse teu papo aí não tá com nada, só reclamações e ladainhas e nenhuma solução.
Acabou que a galera acalmou os ânimos de nosso amigo artista plástico e mudou de assunto. Só que como sempre, a idéia ficou apenas adormecida, esperando o momento certo pra ressurgir das trevas de nossas mentes delinquentes.

E renasceu através do Jean, que chegou animado depois de um dia de trabalho com sua moto.
- Tigrada! Lembram que o Sérgio queria aprontar alguma coisa nas be-érras? Pois então! Meu chefe pediu pra mim fazer um orçamento pra ele colocar umas placas de indicação no sitiozinho que ele tem acho que é em Cerro Azul.

- Tá mas e daí?
- Daí que existe à venda, em forma de adesivos, aquela material que os caras fazem as placas de trânsito. Saca? Aquela parada que brilha quando as luzes dos faróis dos carros iluminam?

Não posso mentir: Todos Os Nossos Olhos Brilharam.

- E é caro?

- É! Setenta paus o metro quadrado.

- Caralho!

Porcos capitalistas, sempre dificultando nossas ações. Seria perfeito! Sabotariamos placas de sinalização com chamadas subversivas ou quem sabe até Mensagens Discordianas. Só que nossos métodos alternativos jamais seriam suficientes pra juntar grana pra comprar uma quantidade decente desse tal material, o vinil refletivo.

Só que quando somos tomados pelo Tesão do Vandalismo não conseguimos sossegar tão facilmente. Alguma coisa tinha que ser feita. Foi colocando nosso amigo Marmita a par do problema, que a solução acabou surgindo. O cara é mesmo um Monstro Sagrado.

- Vocês poderiam fazer um disco voador pousar na BR parando o trânsito.

A frase dele saiu assim mesmo, simples assim, como se fosse a coisa mais banal desse mundo. A cara de sério que ele faz quando fala merda sempre nos levou as gargalhadas. Todo mundo riu, mas ao mesmo tempo todo mundo se ligou que se tratava de uma excelente idéia.

- Eu tenho as moral de a gente conseguir todo o material pra fazermos o disco voador mais do outro mundo que já pousou nesse mundo.

- Não tenho dúvidas a isso.

- Então? Vamos mexer nossas bundas magras!

Foi unânime a decisão de concretizarmos essa idéia. Cada um tratou de dar os seus pitacos. Vinícius, que no fundo sempre foi o mais misericordioso e preocupado com o efeito a terceiros dentre nós, propôs que colocássemos alguma sinalização na pista pra evitar que algum descuidado se acidentasse num choque com o estranho OVNI. Sérgio fez questão de fazer umas colagens loucas nas placas próximas ao local do “pouso”. Descolou uns trocos vendendo cartões e comprou vinil adesivo normal pra fazer suas artes.

- Confiam em mim, vai ficar massa.

- Não tenho dúvidas quanto a isso, só espero que não se amarre muito e ferre com tudo.

- E nem se cague nas calças.

Eu, Jean, & Fábio nos ocupamos em ajudar o Marmita a montar a aeronave. Jean nos convenceu de cara a descartar a idéia de disco, de coisa redonda.

- Vamos inovar. Vamos fazer algo realmente estranho.

- Fora dos padrões?

- Claro! Algo verdadeiramente de outro mundo.

Bom, tendo em vista a catapulta que o Marmita construiu pra jogarmos bosta nos carros novinhos da Renault, eu pessoalmente já sabia que o resultado seria uma geringonça absurdamente anormal. Montamos a “coisa” no Porão do Boqueirão mesmo. A cada dia Marmita descia do biarticulado, aquela estranha serpente

vermelha, carregando toneladas de tralhas esquisitas. Apenas ajudávamos alcançando as coisas ou dando palpites, ele mesmo se encarregou de enroscar os parafusos e ligar os fios que iluminariam o Carango Intergaláctico.

O cara trabalhou obstinadamente durante exatas oito noites. Quando falo obstinadamente, falo sério. Teve noites que bodiamos todos e ele seguiu na labuta, mergulhado de corpo e alma em sua obra. Nem Sérgio eu vi trabalhar desse jeito em seus quadros.

Quando o troço tava quase pronto começamos a ficar de cara.

- O que será que as pessoas vão fazer com isso?

- Chamarão a policia rodoviária? Chamarão a imprensa? O Padre Quevedo?

Então uma luz se acendeu em nossas cabeças de bagre e começam a bolar e montar objetos, esculturas e outras coisas que as pessoas pudessem levar pra suas casas quando parassem pra olhar o troço.

Saiu tudo quanto é tipo de bizarrice possível e imaginável. Estranhos bonecos.

Vinicius se alugou de montar réplicas de miniaturas de OVNI.

Jean deu uma fugida do trampo com sua moto e junto com Fábio saiu estrada a fora definir onde seria a aterrissagem. Quando Marmita concluiu sua obra máxima passamos a queimar nossos neurônios pra resolver o óbvio dos óbvios: Como carregar aquele baita trambolho até o local do crime?

Nem nós, nem Marmita tínhamos pensado nisso. Durante três noites ficamos para aquela coisa monstruosa que ocupava mais da metade do porão sem saber o que fazer. Foi no Sábado passado, na manhã do dia que seria feito o ataque, que Marmita apareceu pilotando o caminhãozinho de um conhecido.

- Galera! Pra todos os efeitos vocês estão de mudança.

Tivemos que dar quinhentas explicações aos sempre presentes curiosos na hora de carregar nosso amado artefato alienígena.

- É uma feira de ciências minha senhora, essa parada aqui é pra destilar água poluída.

Sábado de madrugada partimos em missão secreta. Andamos uma porrada de quilômetros até Marmita encostar e estacionar no ponto X. Estávamos cabreiros. Não sei se por causa do constante risco de sermos pegos ou de termos que fazer uma puta força pra descarregar aquela porra. E foi foda. Cada um reviu sua tarefa, acertamos os relógios e combinamos nos encontrar num ponto próximo ao caminhão.

Sérgio tratou logo de sumir pra fazer suas colagens nas placas. Eu dividiria com Vinicius a bronca de esticarmos as faixas. Cada um com a sua a um quilômetro do ponto X, teriam que estar as duas prontinhas para serem esticadas simultaneamente, na hora em que começássemos a aterrissagem.

Quando me separei dos piás o clima era de tensão, pelo menos eu estava tenso. Ficariam só os três: Marmita, Jean & Fabio pra em dois minutos montar tudo e “fazer o contato”, um pepino do cacete. Mas Marmita estava seguro de si.

- Relaxa Ari, é rapidinho de montar e não tem erro. Basta cada um fazer sua parte no tempo certo e na hora certa.

Saí andando no escuro da estrada assumidamente cagado de medo. Casa carro que passava eu imaginava que soubessem de nossos planos e tivessem armando uma cilada. Exatamente a uma e meia da manhã eu teria que esticar a faixa, em dois minutos. Primeiro amarrei a cordinha numa árvore do lado esquerdo da estrada. Então deixei a faixa esticada no chão fui soltando a corda até a árvore do outro lado. Daí seria só passar a corda por cima de outra árvore e esticar. Esse só esticar é que eu teria que fazer em 30 segundos.

Eu e Vinicius estávamos munidos de lanternas pra avisar em sinal de perigo, tipo algum carro se aproximando. Baseávamos no cálculo estatístico que tínhamos feito. Teríamos em média um minuto, um minuto e meio pra fazer tudo. Mais que isso era contar demais com a sorte. Quando chegou a hora constatei que era bem pior do que imaginara. A corda pesou pra caraaaalho. Minhas mãos suavam. Meu coração disparava. E quando tava dando o último puxão pra dar o nó vi a lanterna do Vini piscando desesperadamente. A única coisa que consegui pensar na hora foi: putz, FODEO.

Dei o nó mais toco e rápido da minha vida e voei de cima da árvore. Não tinha como, não dava tempo dos piás terem montado. Pelos meus cálculos não tinha dado nem um minuto. Corri de um jeito que eu acho que se gritasse o som ficaria pra trás. Era uma reta longa e logo vi que a luz no fim do túnel era uma jamanta no sentido contrário. Nada mais óbvio, como eu não previra antes? Corri demais, corri até topar com o inesperado. As luzes vermelhas da nave piscando fortemente. Quando cheguei perto e saí da estrada pra correr no mato ainda pude ver “a coisa” com suas luzes absurdas numa gambiarra cósmica, existem Punks nas Plêiades.

Quando vi que a coisa tava encaminhada tratei de correr pro ponto de encontro. Acabou que acabei dando uma de manézão apavorado. A piazada tava lá, dando risada porque já tinham parado dois carros. Os caras desciam do carro meio cabreiros pra olhar. Então viam o cartaz grande colado no “troço”:

“Putz! Não sakamuz o ky sygnfyka pedagýus y não temuz eçys taiz dynheyrus, deyexamuz então nossu kavalu aquy y seguymus a pé”

No chão um monte de papéizinhos com essa frases e tentativas de réplicas da nave em miniatura. Entramos no caminhão e fomos pra fila do engarrafamento. Fiquei com Marmita, estava acabado pela adrenalina, enquanto os piás correram pra tentar ver o fenômeno. O caminhoneiro jogou tudo, com ajuda de mais cinco cidadãos, pra cima da carroceria. Depois o resto das pessoas pegou as coisas pequenas. Não eram muitas, mas suficientes. Foi massa, quando os piás chegaram lá não tinha mais nada e o trânsito já estava pacificamente voltando ao normal. Nada como o prazer das coisas suficientes.

Massa mesmo, quando eles chegaram com as notícias sorri feliz. Foi um ataque estranho. Desta vez não gargalhamos, apenas sorrimos. Felizes e satisfeitos.

Os Pastéis Subversivos, As Coxinhas Revolucionárias & As Empadas Libertárias (ataque trinta e três)

Nossas ações não são boladas em termos de uma estratégia definida. Somos uns contingentes mesmo. Volta e meia acontece alguma coisa com algum de nós, nos emputecemos e fizemos algo. Dessa vez com foi com Jean que aconteceu a cagada. Como ele gosta muito de criança, foi buscar o piá mais velho da Denise, aquela catadora de papelão que levamos pra fazer escova no cabelo num salão de beleza fresco de um shopping, a algum tempo atrás, pra ele conhecer nosso porão.

Quando embarcaram no ônibus o piázinho sentou ao lado de uma menina mais ou menos da sua idade. Foi um troço por acaso, ele não tinha intenção de nada, a poltrona tava vazia. Aconteceu que a mãe da menina, que tava sentada no outro lado do corredor, tirou ela de lá indignada, com uns papos de que os marginaizinhos estão por todos os lugares e que não se pode mais nem andar de ônibus sossegado.

Desceram uns dois ou três pontos depois e entraram num curso de inglês. O guri perguntou pra que servia um colégio de inglês. Ele não sabia nem do que se tratava. Jean chegou no porão completamente revoltado contando essa história.

- Porra cara! Enquanto tem criança que não aprende nem português direito, tem outras que além de Ter tudo, ainda tem seus olhos tapados pra que não enxerguem a realidade, pra que não convivam com seus semelhantes que estão de fora.

Jean estava surtando. Ficou muito Puto, com “P” maiúsculo mesmo. Assim que chegou a Segunda feira ele levou Fábio junto pra analisarem as possibilidades de invadirem aquele cursinho de inglês pra aprontarem alguma coisa. Sem chance, segurança reforçada, alarmes por todos os lados e filmadoras. Fábio teve que se comprometer a escolher pacientemente um outro alvo.

Enquanto isso discutimos muito o que faríamos lá dentro se conseguíssemos invadir. Duas coincidências cósmicas vieram em nosso socorro. A primeira foi um e-mail que recebi do Duque Das Mil Faces, dando todas as dicas pra invadirmos sabe o que? Um cursinho de inglês! E a outra foi o relato daquele Vândalo Louco chamado Jubyleu contando da sacanagem que aprontou com uma velhinha numa lanchonete do centro. Vou resumir, a senhora foi ao banheiro, pediu pra ele ficar cuidando de seu lanche e o maluco colocou um poema dentro do pastel da pobre coitada

A piazada foi ao delírio quando ouviu a história.

- É isso cara! A gente sabota a cantina do cursinho! – Vinicius pirou.

- Genial! Colocamos diversas mensagens indignadas dentro dos salgadinhos.

O problema foi o alvo, os cursinhos de inglês, como cobram caro pelos seus serviços, não vacilam no quesito segurança. Fábio ficou duas semanas checando um por um, conhecendo as instalações e tal.

Praticamente todos tem um bom sistema de alarme ou então um vigia. Fábio apareceu com várias propostas, todas arriscadas demais. Inclusive o próprio duque, em seu e-mail, dava dicas de como invadir e como fugir, mas depois de uma análise realista, chegamos à conclusão de que seria arriscado demais.

Foi o próprio Fábio que chegou com uma solução altamente escrota.

- Galera, que tal se escroteássemos os nossos métodos?

- Escrotearmos os métodos? Como assim?

- Hehe, pensei em terceirizarmos o trabalho de facilitar nossa invasão.

- Fala logo seu puto, sem essa de mistério.

- É simples e de repente pode não sair tão caro, tenho uns contatos lá em Colombo.

- Fala logo seu porra!

- Contratamos uma puta pra seduzir o vigia

- Que merda você quer dizer com isso?

A princípio a galera ficou meio assim, mas depois começamos a analisar a proposta mais seriamente e chegamos à conclusão de que não era uma má idéia, só precisava ser bem pensada.

- Ele pode ser casado e ser meio camisolão do tipo: não vou trair minha mulher com qualquer vagabunda, sabe como é, não é mesmo?

- ele não precisa, ele não pode saber que se trata de uma puta

- Não entendi...

- Ela faz um trabalho metódico, a gente descobre que hora ele sai do trabalho ou então se frequenta algum boteco antes e coisas do tipo e ela chega devagarinho, dá em cima, seduz e pimba.

- Ih, cara. Assim ela vai cobrar muito caro pelo “serviço”

- Já falei que tenho contatos quentes em Colombo, meu irmão tem várias amigas desta área.

- tá, vamos considerar que a coisa role, ela seduza o cara e tudo mais, mas e aí, onde isso vai facilitar nossa invasão?

- Ela faz a cabeça dele pra se encontrarem onde ele trabalha e aí nós...

Perfeito. Uma boa idéia no final das contas. Jean fez questão de que já que o plano tava redondinho o alvo fosse o curso de inglês que ele tinha visto a mulher entrar com a filha. Fábio foi antes checar o local e a cantina e ficou três noites de butuca checando o vigia, seus hábitos, horários de entrada e saída e o boteco que ele tomava uma pinguinha antes do trampo. Sim, o cara carburava uma antes de trabalhar, sinal de safadeza e terreno fértil pros nossos intentos.

A puta se chamava Fulana de Tal e segundo Fábio achou o vigia bonitinho e topou a missão. Não chegamos a conhecê-la, essa era uma de suas condições pra topar a tarefa, ficávamos sabendo da evolução dos fatos através do Fábio. Enquanto isso bolávamos as frases pacientemente, dividimos os temas entre chamadas claras contra a desigualdade social e algumas Mensagens Discórdianas pra deixar a coisa mais confusa e inusitada. Por mais o mundo esteja uma merda o Maravilhoso TEM que estar presente.

Ficamos então na dependência da eficiência da fulana, porque a idéia era que ela convencesse o cidadão e se encontrar com o cidadão dentro do cursinho enquanto atacássemos a cantina e só a cantina. Não queríamos de modo algum que o coitado perdesse seu emprego. Foi Sexta-feira À tarde que o Fábio ligou animado.

- é hoje Ari! É hoje rapaz!

- Sério? Ela conseguiu?

- Arizito, chega a dar pena rapá, o cara tá apaixonado

À noite o clima era de festa. Fulana de Tal estava ligada de tudo. Fizemos praticamente uma planta do cursinho pra ela. Infelizmente nosso sonho de que tivesse uma porta ou uma janela que ela pudesse destravar não se realizou. Na adrenalina de um encontro proibido, de um amor ilegal, o vigia trancou tudo e checkou tudo. Invadir pelo telhado como das outras vezes era inviável, o famoso tampão do sótão estava chaveado. O único jeito era pelo estacionamento.

Eles teriam que transar no estacionamento. Essa era a verdadeira Missão Impossível de Fulana de Tal, transar no estacionamento. O encontro era meia-noite, “depois que ela saísse do colégio”. Nós teríamos que pular um muro no outro lado do quarteirão, passarmos por dois telhados, uma chaminé de churrasqueira, mais um telhado e então aguardarmos o momento certo, no muro do estacionamento.

Não tinha como saber que hora que ela conseguiria deixar a ponto de bala, louco, tarado, disposto a realizar a Fantasia Sexual de Fulana de Tal de transar num estacionamento escuro e vazio. Tínhamos que ficar de plantão, pacientemente. E o troço demorou pra caralho. Paciência é um negócio que não tenho e quando o espectro do tédio começou a se aproximar acabei sugerindo um joguinho. Ir, de telhado em telhado, de muro em muro, o mais longe que pudesse. Primeiro foi Vini, depois, Sérgio, Fábio, Jean e eu. O vencedor foi Jean, que percorreu o mais longo e difícil caminho.

Gastamos quase uma hora e meia nessa palhaçada e nada da Fulana e seu love aparecerem. Fizemos então outro joguinho. Percorrer o Caminho de São Jean no menos tempo possível. Esse foi divertido, foi muuuito divertido. Além de fazer o trajeto o mais rápido possível, o cara ainda tem que se ligar em não cair nem despertar a atenção de ninguém. Combinamos de um dia fazer um campeonato organizado.

Já era mais de três da manhã quando Sérgio e Vini que estavam de butuca no muro ouviram um barulho de chaves abrindo uma porta pesada. Jean ainda tava “correndo” em nosso jogo.

- Volta cara! Volta logo que tá na hora

A cena era engraçada. Nunca vi alguém agarrar alguém tão desajeitadamente. O cara tava todo errado, descabelado, a farda toda aberta, as calças semiarriadas e agarrava ela de um jeito que parecia um gorila querendo perder a virgindade.

- Será que ela ainda acha ele bonitinho?

Não teve como segurar as gargalhadas. Tivemos que respirar fundo e parar de rir pra nos mexermos. O casal se escorou na parede, ela tirou as roupas dele da cintura pra cima e jogou-se no chão. Era a hora. Saltamos todos e corremos pisando macio no chão. Tínhamos deixado nossos calçados no muro pra corrermos silenciosamente.

Estávamos relaxados por causa do jogo, mas foi só entrar dentro do recinto que bateu a real dos riscos que estávamos correndo. O meu coração disparou, quase que tive que sair correndo atrás dele. Fábio era o que mais conhecia o terreno e foi na frente em direção à cantina. Mostrou a todos que os salgadinhos e lanches ficavam em dois lugares, em cima do balcão, que seriam os primeiros a serem ingeridos no dia seguinte e no freezer, que eram os que seria aquecidos no microondas pra serem servidos mais tarde. Eu, Sérgio e Vini nos encarregamos do freezers enquanto Jean & Fábio barbarizavam os outros. Estávamos muito cabreiros, afinal só Fábio conhecia as manhas, em poucos instantes todos estavam nervosos. Eu olhava pros outros e notava que todos estavam com as mão tremendo. Sérgio nem conseguia pegar nos estiletes direito.

- Ô seu monstro, deixe quieto, fica ali no canto cuidando se tá tudo certo e deixa a gente fazer isso na boa.

Levamos quinze minutos pra terminar tudo. Os bilhetes com as frases foram todos colocados. E não eram só frases, tinham uns desenhos do Sérgio e umas figuras de umas galinhas cagando.

Você faz um cursinho bom, mas existem outras pessoas lá fora. Você quer se preparar pra competir com quem? Você não está entendendo nada. Você sabe que a grana pra uma pessoa aprender inglês paga a alfabetização de dez? Você está bem instalado, mas pessoas moram nas ruas. Você não entendeu nada, isso deve ser maravilhoso.

Na hora que nos reunimos pra sair o inusitado fez um gol contra. O vigia entrou fechando a braguilha com fulana pendurada no pescoço tentando convencê-lo a ficarem um pouco mais lá fora.

- Puta que o pariu! O cara fechou a porta. – sentenciou Fábio, que estava agachado espiando na frente. Parece que o chão sumiu de nossos pés. Esperamos ansiosos um tempão. Totalmente cagados, nos considerávamos presos, expostos e ridicularizados publicamente.

Jean, que estava ao lado do Sérgio, ainda conseguiu tirar onda da situação sussurrando.

- Pessoal, que ninguém se cague por aqui, senão o cara nos acha pelo cheiro.

O Vini teve que apertar o nariz pra não rir e ferrar com tudo. Então recebemos o sinal definitivo da Deusa de que o humor salvará o mundo. Fulana de tal foi carregada pelo vigia até o banheiro. Passou bem pertinho de nós e não nos viu. Entraram no banheiro e em cinco minutos ela saiu rindo e trancando ele lá dentro e com o molho de chaves na mão. Correu e abriu a porta que dava para o estacionamento.

- Corram seus moleques!
Saímos todos rindo. Ela fechou a porta e eu comentei com Jean.
- Essa é das nossas.
Saímos tão felizes que nem cabíamos em nós. Ainda jogamos um pouco mais nosso esporte noturno e proibido. Retalharam o espaço? Pra nós é tudo liso, plano e infinito. Não reconhecemos as cercas embandeiradas que separam quintais.

Agora é Proibido Pensar em Estéreo? (ataque trinta e quatro)

A dança do acaso é uma dança muito massa. Andar por aí à deriva, com o pensamento à deriva, totalmente à mercê do ócio é o céu. Sempre acabam pintando situações ou projetos de situações. Estamos vivendo nuns dias onde se vangloria demais a produtividade e a eficiência. A Batalha Cega pra fazer Mais & Melhor em menos tempo. Um cotidiano em que se vive em concorrência contra tudo e contra todos e que cada migalha conquistada carrega o peso de ter sido conquistada às custas de derrotados que ficaram sem pães inteiros. Em resumo: uma Loucura Planetária, precisamos recuperar a Cultura do Ócio.

Numa dessas minhas tentativas de Religamento com o Ócio me deparei com o inesperado. Estava este delinquento que vos escreve voltando dos trabalhos forçados em pleno domingo quando chegando perto do terminal tubo me deparei com a polícia dando geral numa gurizada. Entrei no terminal e eles entraram logo depois. Pensei: se safaram. O ônibus ainda demorou pra caralho e deu pra ouvir a conversa deles.

Os caras eram crentes e só aí que me liguei que as camisetas que eles usavam eram de cantores e bandas de rap estilo gospel. Os caras não tinham nada a ver, tomaram na tarraqueta só por causa do visual, das aparências que sempre enganam. E os Garotos Fardados tinham sido ignorantes, eu vi, já chegaram empurrando contra a parede.

Quando cheguei no PorãodoBoqueirão e deixei os piás a par do que tinha acontecido tive mais uma surpresa, mais um encontro com o inesperado. Jean abriu uns olho desse tamanho quando ouviu o relato.

- Cara, é isso!
- Isso o quê, seu porra?
- Esse é o Jogo Proibido que eu tava querendo bolar.
- O quê que você tá viajando, cara?

O paunocú tá lendo o livro Provos, da Coleção Baderna, na nóia de nosso famigerado Natal Delinquento e estava numas de ressucitar o Projeto Marihu.

- Queria fazer alguma coisa desse naípe, tá ligado?
- Projeto Marihu?? – Fabio tava de cara, nunca tinha ouvido falar.
- Que porra é isso? – Vini tava indiferente
- Acordem, quando é que vocês vão acordar? – Sergio sem comentários.

- Putz, fodeo! – Eu, jubileando e já sabendo que lá vinha mais uma idéia/cagada.

Jean estava propondo investirmos nessa parada de provocar as autoridades. Tipo cama elástica, fazer o coice delas voltar em dobro. Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.

- Mas munidos de humor. Vamos tirar sarro da cara desses filhos de uma puta.

- Tá Jean, a intenção é boa, mas fala de uma vez qual é o plano.

- Seremos os Levadores de Atrake Compulsivos.

- Que caralho você quer dizer com isso?

- Saca só: compramos fumo de enrolar, tipo Trevo ou um outro qualquer e enrolamos com Colomy que nem baseado. Então nos vestimos de uma maneira descaradamente bandeirosa. Vamos para um lugar bem sujeira e fumamos & Gesticulamos & Prensamos que nem fumando bégui. É só não estar premiado e ter todos os documentos em cima que saímos numa boa.

- É perigoso, mas de repente pode até dar certo.

O plano do Jean era ambicioso. O plano do Jean era chutar o pau do barraco e passar a noite levando atraques e decretar aquele dia como o Dia Sagrado de Levar Atraques.

- Tipo assim, toda a madrugada do dia oito é Madrugada de atraque.

Acabamos topando a parada mesmo sabendo dos riscos de os caras se indignarem e plantarem provas em nós. Se fôssemos revistados pelos mesmos cidadãos com certeza nos foderíamos. Jean estava obcecado, enquanto botava pilha pra que preparássemos uns papéis com frases pra guardarmos o fumo, ia de tempo em tempos ao orelhão do outro lado da avenida pra tentar convencer algum amigo de carro a fazer o carroto dos Delinquentes. Foi que acabou convencendo o velho Társis de sempre, quase um Delinquent.

Nos papéis que serviriam pra guardar o tabaco que Ozômi encontrariam na geral escrevemos a seguinte frase: “Na natureza não existem leis, apenas hábitos.” Foi uma ação bolada às pressas, sem grandes planejamentos, Combustão Espontânea. Onze e meia Társis buzinou na frente do porão e saímos todos Ansiosos & Nervosos. Sérgio ligou o “Tô Fora!”

- Fico esperando vocês no carro com o Társis.

O primeiro ponto quente escolhido foi na frente de uma igreja. Tinha uma viatura não muito longe dali. Só que quebramos a cara, ficamos ali fumando por mais de uma hora e ninguém nos denunciou. Onde estão os caguetas dessa cidade? Se fosse maconha mesmo, garanto que não daria pra fumar meio baseado e os Porcos já apareceriam. Fábio ficou tão indignado que pegou seu pincel atômico e a rabiscou a frente da igreja todinha com frases esculhambando o cristianismo.

- Não tem jeito, tem que ser no centro ou então num lugar mais movimentado.

Topamos todos, mas no fundo eu me sentia como se estivesse indo pra uma missão suicida. Mas tava tão revoltado por ter passado o fim de semana trabalhando que mandei tudo se foder. Escolhemos o segundo ponto quente ao acaso. Olha o acaso aí de novo geeente! Dessa vez a chapa foi mais quente.

Jean escroteou e começou a enrolar um descaradamente. Tinha um Porco na esquina, a uns cinquenta metros. Foi Jean acender, dar dois pegas e passar pra mim que o sujeito veio correndinho. Já chegou falando no rádio e chamando duas viaturas. Aí eu pensei: o cara tá chamando reforços, estamos podendo. O cagão ainda esperou os outros chegarem pra dar o atraque propriamente dito.

Vinícius tratou logo de disparar sua metralhadora persuasiva, quando as patrulhas chegaram o policial já tava ligado de que se tratava apenas de tabaco. Tínhamos entregado todos os “baseados” a ele. O cara ficou pateticamente constrangido ao ponto do Vinícius chegar ao cúmulo de sentir pena. Acabou que levamos um puta sermão do sujeito que se dizia Sargento da Polícia Militar.

- Vocês estão de brincadeira e saibam que estamos aqui num trabalho sério, não vamos tolerar piás pançudos prejudicando nossas operações, estamos combinados?

Quando saímos fora seguramos nossas risadas por um quarteirão e meio e depois explodimos. Droga nenhuma teria surtido um efeito tão hilariante. Quando chegamos no carro tiramos altas ondas do Sérgio.

- Seu boiolão, perdeu altas performances.

O terceiro ponto foi numa região onde tinham diversas festas e tal, altamente movimentado. Muito movimento, muita negadinha bêbada na saída da balada e uma presença policial quase ostensiva. Confiantes que estávamos depois do sucesso inicial, ninguém se preocupou com os riscos, exceto Vini.

- Galera, eu acho que tá sujo, é melhor deixarmos quieto.

- Vai amarelar agora, Ronaldinho?

- É tua primeira vez queridinha?

Era na frente de uma farmácia. Tinha gente passando toda hora. Sérgio dessa vez ficou fingindo que conversava com alguém num orelhão pra poder assistir. Jean naquela noite parecia possuído por Robert Jasper Grootveld, começou a enrolar um desavergonhadamente. Quando começamos a fumar não demorou a aparecerem uns malucos querendo dar uns peguinhas.

Foi engraçado, os caras tragavam e faziam altas caretas.

- Essa porra é fumo normal!

Então o Profeta do Caos Jeanzinho Pierrinho soltou um discurso inflamado a favor dos Distúrbios Cotidianos e da necessidade de quebrar a rotina, romper com as correntes da aparência, fazer coisas que fujam da normalidade da vida numa metrópole. O viadinho nem tocou no assunto de provocarmos as autoridades. E não é que começou a se formar uma pequena multidão de fumantes de falsos baseados. Fazia uma cara que u não me divertia tanto, foi muito engraçado, devido ao discurso do Jean a galera aderiu à causa sem nem ao menos compreender do que se tratava.

Jean parecia chapado de tabaco ou possuído por alguma entidade cósmica.

- Vamos jogar! Tô uma seda pra você, pra você e pra você. Peguem aqui o fumo. Vini, passa o fumo pra eles. A meta é ver quem consegue enrolar o baseado primeiro, isso é a primeira etapa. Depois é quem fuma primeiro. Se restarem dois... fazem um duelo.

Claro que quase ninguém topou, só quatro malucos. Só que Jean insistiu que os outros fizessem uma roda ao redor. Um troço chamativo pra caralho. Nós continuamos fumando nossos falsos baseados sossegadamente.

Foi muito louco. Nessa hora nem queríamos mais levar atraque, foda-se o atraque, estava massa. Mas os filhos da puta sabem ser inconvenientes, chegaram bem na hora do duelo entre os dois vencedores. Foi inevitável, chegaram junto, duros e diretos em cima de Jean. O Reverendo do Caos. Deram uma geral em todos e só acharam tabaco, mas encasquetaram com as frases. Começaram a falar grosso e baixar o nível da conversa dizendo que aquilo era um desacato à autoridade e apologia à contravenção.

Os manežões dos participantes do jogo sumiram e só ficou Jean nas mãos das Forças Imperiais. Nos sentimos na obrigação de dar uma força e deixamos apenas o Sergio de fora pro caso de precisarmos de algum contato externo. Jean está de rolo com uma mina que faz Direito na Federal e Sergio ligou pra ela. Nos encontrou uma hora depois na vigésima-não-sei-que-lá DP. A porra da DP tava lotada, o ambiente nervoso. O Delegado nos "atendeu" totalmente sem paciência e munido de toda a intolerância da face desse planeta que só é azul pra quem vê de fora.

Foi um bate boca do cacete e o lazarento insistia no lance do desacato e da apologia. A mina do Jean ligou pro pai dela pra pegar umas dicas e por fim o Delegado decidiu nos liberar sem sermos fichados. Mas com uma condição, que ganhássemos um pequeno castigo. Humilhante castigo, diga-se de passagem. Aceitamos humildemente devido a nosso tradicional objetivo de nunca sermos pegos.

O castigo: fazer uma faxina completa no estabelecimento.

Jean e Vinicius tiveram que limpar o pátio, bituca por bituca de cigarro, todas as palhas e folhas secas visíveis a olho nú. Eu e Fabio fomos jogados no banheiros, cheios de vasos com barros de bosta nas beradas, munidos apenas de um pano, um balde e um sabão comum. Limpar tudo, deixar brilhando... e não reclamar.

Fizemos tudo em silêncio. Distantes, como se não tivéssemos em nossos corpos. Funcionou. Cinco da manhã estávamos nas ruas, com nosso ódio pelas Autoridades Instituídas absolutamente renovado. Eles podem até pensar que venceram uma batalha, mas a guerra ficará bem pior pro lado deles, podes crer que vai. Pois o castigo não funcionou, saímos de lá acreditando ainda mais no nosso mote:

Na natureza não existem leis, apenas hábitos.

Quem Inventou O Trabalho Não Tinha O Que Fazer (ataque trinta e cinco)

Meu trampo tá foda pra caralho. Fim de ano, prazos vencendo, planilhas de produtividade, chefes querendo fazer média com seus superiores, enfim, sou um soldado lutando em uma guerra que não é minha. Só que minha indignação com o trabalho vai além do fato de que agora venho me ferrando. Simplesmente não concordo com o culto ao trabalho. A dicotomia entre trabalhar para viver ou viver para trabalhar não existe. Não existe vida, apenas sobrevivência. Ainda mais que o capitalismo agonizante acaba sistematicamente com os postos de trabalho e os poucos "felizardos" tem que trabalhar dobrado pra manter as taxas de lucro e a competitividade. Se não estamos vivendo a era mais paradoxal da civilização humana é porque não entendi porra nenhuma do que está escrito nos livros de história.

Nas últimas semanas até bem mais tarde todos os dias, sábados e domingos incluídos. Numa das vezes que cheguei tarde ao porão encontrei Fábio acordado com uma charuto aceso.

- Ari, tive uma idéia pra você extravasar essa tua indignação com o trabalho.
 - Fala, Monstro.
 - Mais uma encenação do nosso teatro secreto.
 - Prossiga Gerald Thomas do Boqueirão.
 - A gente encena a parada em algum bi-articulado de manhã cedo, quando o povo tá indo tramar.
- Cada um nós se veste como um jovem e bem sucedido executivo. Bem arrumado, cabelo molhado e... bêbado.
- Bêbado?
 - Sim, as pessoas são acostumadas a ver bêbados desarrumados ou maltrapilhos, já pessoas bem vestidas causam um certo impacto, foge da normalidade.
 - Tá, mas o que esses bebuns farão?
 - Como todo alcoolizado inconveniente, ficará discursando alto e falando mal do trabalho.
 - Esculhambando o trabalho?
 - Só! Minha idéia era encenarmos o manifesto contra o trabalho subliminarmente. Semear memes, saca?

Uma boa idéia, escravizado como ando ultimamente, topei no ato. O problema é que faltava um gran finale e a idéia ficou pendente aguardando um complemento. Foi aí que o chatzinho do Blog dos Delinquentes revelou-se uma grande ferramenta subversiva.

Coloquei o problema para a galerinha que faz SBI (Subversão de Baixa Intensidade), tecla em horário de expediente ou aula, e a solução acabou aparecendo. Um doido anônimo que assina com reticências(...) sugeriu que um padre, segurando uma garrafa de vinho, desse uma palestra eloquente sobre a origem do “dever de trabalhar” contando como era a vida na época em que o ócio era uma virtude.

Perfeito! Genial! Só faltava alguém pra fazer o papel de padre. Nenhum de nós tem o biotipo pra fazer isso de uma maneira decente. Foi Vinicius quem lembrou do Tiba, que tinha participado do ataque dos transmissores quando o filho da puta do Roberto Marinho morreu.

- Ele é careca, gordo e usa óculos, além de ser um completo palhaço, é o cara certo pra essa missão.

Fábio entrou em contato com ele e o viado deu uma de estrela, pediu uns dias pra pensar. Somente na sexta-feira da semana passada que me ligou confirmando. Faltava então só bolar o roteiro. Reli o Manifesto Contra o Trabalho do grupo Krisis e me encarreguei dessa parte. Era só marcar a data.

Só que a data foi marcada altamente nas colchas. Foi depois desse ultimo ataque, em plena madrugada de Domingo pra Segunda, limpando a fedida privada da vigésima e não-sei-que-mais Delegacia de Policia, que encasquei que teria que ser naquela manhã.

Procurem me entender: eu tinha trampado o fim de semana inteiro e na noite, ao invés de estar dormindo e descansando pra encarar a segunda feira, limpando merda de batedor de carteira. Puta que o pariu! Alguma coisa tinha que ser feita. Foi só nos vermos livres das correntes da lei que já bati a real pros piás.

- Tem que ser hoje?

- Mas hoje Ari? Agente não programou nada, não falou nem combinou com o Tiba nem nada...

- É, ainda tem as roupas e tal, não temos roupas de jovens executivos nem nada, hoje vai ser foda.

- Foda- se o universo inteiro, tem que ser hoje, não vou encarar aquele trampo de merda sem estar com a moral alta.

- Vamos fazer o que então?

- Acordar o Tiba e convencer ele, você faz isso Vini. E você Jean, liga no celular do Tarsis e convence ele a descolar umas calças, uns ternos e uns sapatos do velho dele.

- Mas cara, São cinco e meia da manhã!

- Que se foda, eu já falei, tem que ser hoje nem que dê mais merda do que já deu.

E assim foi feito. Sergio quis ficar de fora, só observando o teatro no ônibus. Fiquei de cara com a capacidade de articulação da pizada. Em tempo recorde estávamos no porão do Boqueirão nos embecando. Sabe que até fiquei bem de jovem executivo? Gel no cabelo e tal, falta só a tendência a submissão pra Ter sucesso nessa área, pelo menos eu acho.

Só que o Tiba ficou ainda mais redondinho no papel de padre, usando nossa antiga batina de abençoar bancos. Ainda mais que o cara é um palhaço que sabe entonar direitinho o jeito de falar de um pároco. Nos cagávamos de rir só no test-drive que fizemos no porão, seria foda controlarmos as risadas dentro do ônibus.

Tarsis deu um ferro no seu carango, e escolhemos o Santa Cândida-Capão Raso como palco de nosso espetáculo. Como eu era o mais podre da turma implorei pra ser o primeiro. Embarquei logo no terminal. Tínhamos parado antes num posto de gasolina pra comprarmos aquelas garrafinhas de bolso estilosas e um litro de vinho pro Padre Tibúrcio.

Resolvemos beber mesmo pra coisa ficar mais realista, bafo de pinga e aquela coisa toda. No aglomerado de embarque já fui apavorando. Tarsis ficou fazendo a logística, quando eu desembarcasse entraria logo no carro, trocaria de roupa e subiria no outro ponto pra curtir a cena. Fui bem dramático no que me tocava. Foi entrar no latão que já comecei.

- Vocês sabem o que está acontecendo? Hein?! Vocês sabem?

As pessoas me olhavam com cara de tédio.

- De cada dez pessoas somente duas conseguem um trabalho decente! Hein?! Vocês sabem disso?

Silêncio geral nas proximidades e gestos de reprovação.

- E esses dois sorteados tem que trabalhar pelos outros oito pra manter a empresa em condição de ser competitiva. Competitiva o caralho! Competição pra mim é o Campeonato Brasileiro, é a Fórmula Um ou o Pré-Olímpico.

Alguns deram umas risadinhas sem graça e dois piazões riram de verdade, acharam a parada engraçada.

- E quer saber mais? Tomei no cú feito galinha. É! Vocês dois ai tão rindo mas é verdade. Trabalhei Sábado, Domingo, feriado, todo dia até as dez e sabe o que eu ganhei?

- O quê cara? Ficou rico? – Os dois piás tiravam onda.

- Não! Não fiquei rico! Quem nesse país fica rico trabalhando? Sabe o que eu ganhei? Quer mesmo saber o que eu ganhei? Um par de chifres e um ponta pé na bunda da esposa.

Aí as risadas foram meio que generalizadas, umas disfarçadas outras nem tanto. Falei isso e dei o sinal pra descer. No mesmo ponto que descí subi o Fábio pra fazer a sua parte. No caso dele pegou uma úlcera nervosa por causa da obsessiva dedicação ao trabalho e depois de algumas faltas por causa da doença ganhou como prêmio: a conta.

Não consegui chegar a tempo pra ver a performance dele. Sérgio, que me contou. A do Jean e do Vini consegui assistir.

Os caras foram fodas. Jean se dizia convertido pelo “o mais importante é o amor do Jesus Cristo” e simplesmente não suportava saber que cada mil reais que caía na sua conta como salariode administrador de empresas era as custas de dezenas de seres humanos que passavam fome. Não conseguia suportar aquilo e que a cachaça era o único consolo, nem Deus era capaz de convencê-lo de que aquilo era justo. Vinícius dizia trabalhar no mercado de ações e esbravejava de bêbado que aquilo tudo era uma grande falcaturia. Que milhões de pessoas tomam no cú de uma hora para outra devido à paranóia de meia dúzia de investidores.

- Nossa vida não vale nada, entenderam? Nossa vida não vale nada!

Mesmo no improviso o cara foi perfeito, altamente convincente. Então chegou o tão aguardado momento do Padre Tibúrcio entrar em cena. E ele já chegou encarando todo mundo, eu me partia de dar risidas no fundo do latão. Se achegou perto de uma velhinha que estava de pé e deu um senhor talagaço no vinho que carregava. A velhinha arregalou os olhos.

- Porquê está olhando? Acha que é fácil ser padre nesse mundo hipócrita.

- Não falei nada padre.

- Nem deve! Nem deve falar nada mesmo!

O silêncio no bi articulado foi sepulcral depois que ele pronunciou esta frase.

- Deus sabe o que eu passo! Deus sabe o que eu passo! - Seu olhar era de um alucinado, chapado do sangue de Cristo.

- Eu sei o que fizeram com Cristo. Usaram sua mensagem como uma ferramenta para meter medo. Pra enfraquecer o ser humano.

Tava engraçado, mas eu pessoalmente nessa hora pensei que a coisa ia desandar pra uns lados filosóficos. Só que o Frei Tiba reagiu.

- Agora dizem que Deus morreu, agora o trabalho é um Deus. Trabalhar, trabalhar, trabalhar. As coisas já foram diferentes.

Emendou um sermão improvisado a respeito de como era a vida antiganmente e evoluiu rapidamente, ficando cada vez mais vermelho de nervoso (não sei como diabos ele consegue aquilo) até chegar na merda de vida de nossos dias, até que gritou:

- Cheeeeeegaaa!!!!!!

Mas gritou alto mesmo, todo mundo olhou. Aproveitando o Momento de Centro das Atenções e um terminal tubo que se aproximava, tirou a batina. Ficou só de cuecão e camisa regata branca e furada. Ridículo. Cômico. Teve gente que riu, teve gente que baixou a cabeça e teve gente que xingou. O Bi-Articulado parou e passamos pela catraca do tudo nos rachando de dar risada.

Só que o cúmulo da coincidência aconteceu, junto com a gente desceu um cara que tinha acompanhado toda a parada e foi “convertido” pelo padre, justamente tinha acontecido com ele aquilo que falei: perdeu a esposa e um mês depois o emprego. Abraçou o padre chorando de emoção.

- Tá na cara que vocês fizeram teatro, mas aliviou meu sofrimento. Posso pagar mais umas bebidas pra vocês?

Eu estava podre de cansaço, tinha que estar no meu trampo dentro de quinze minutos, só que sequencia de eventos foi fulminante sobre mim. Mandeí o Universo inteiro se foder e fui com o cidadão e os piás beber e comemorar. Jean que tem trampo fixo como eu, topou também.

Plena segunda-feira e eu chego no trabalho meio-dia e bêbado. E feliz.

É pra botar pra fuder mesmo!!!!

Presepada no Presépio *(ataque trinta e seis)*

No natal a hipocrisia capitalista manifesta-se em todo o seu esplendor. A televisão é abarrotada por belíssimos comerciais pregando o amor e a solidariedade, gastando-se alguns é possível redimis a consciência do peso acumulado de um ano inteiro de vistas grossas à injustiça social.

Jesus Cristo provavelmente é o sujeito cujas idéias foram mais indevidamente apropriadas em toda a história da raça humana. Não basta-se o cristianismo, que durante dois mil anos alimentou uma cultura de culpa, fraqueza e submissão, ainda “marcaram” seu nascimento na data de uma festa pagão que nos dias de hoje celebra-se o consumismo mais do que qualquer outra coisa.

Desde o início de novembro que demos início aos debates pra decidirmos o que aprontar neste natal. A idéia de distribuímos presentes aos excluídos dos shopping centers foi aprovada, mas nada, nunca, é definitivo. Eis que aos quarenta e pouco do segundo tempo surge uma idéia massa, vindo da mente insana de Antônio Silvino, um dos cangaceiros de São Paulo:

Seqüestrar o menino Jesus de algum presépio.

Apresentei a idéia pros piás e a aprovação foi imediata. Embora estando com o grupo reduzido, Vinicius & Sérgio já picaram a mula em suas viagens de fim de ano, resolvemos levar adiante a bagaça.

- Ari, o ideal seria os presépios de shoppings, a visibilidade é maior – Fábio queria mesmo era apavorar.

- A visibilidade e os riscos, esqueceu que lá tem segurança pra tudo quanto é lado e filmadoras registrando tudo?

- Realmente... tens razão.

Então contei a eles a técnica descoberta pelo anark3a pra burlar as câmeras de segurança. É um troço bem simples até. Tudo o que se precisa é uma daquelas canetas com um laser vermelho que projeta um pontinho luminoso a vários metros de distância. Aponta-se o laser para a lente e tudo o que aparecerá no monitor na outra ponta é um borrão vermelho.

- Genial! Massa saber disso.

- É, mas mesmo assim acho arriscado agente fazer isso num Shopping, não conseguiremos escapar dos seguranças.

Jean tinha razão. Depois da experiência frustrada com a policia nossa cabreiriçe ganhou novos tons. Depois de muita discussão optamos pela Velha & Boa periferia: os shoppings populares dos bairros.

- Caralho! É isso mesmo Ari! É muito mais limpeza!

- E acho que nesse caso é o momento ideal pra gente usar aquela técnica de provocar blecaute.

- Blecaute?

- Claro! A gente descobre a linha que fornece energia para o shopping e provoca o apagão.

- Sabe que não é uma má idéia?

- Na hora que escurecer vamos lá, pegamos o pirralhinho e deixamos sossegados nossas mensagens de indignação.

Com o plano mais ou menos arredondado tratamos de verificar os aspectos práticos da operação. Reduzidos a apenas três Delinquentes, pois Vini & Sérgio já picaram a mula em suas viagens de fim de ano,

seria muito foda provocarmos o blecaute e ainda capturar o menino Jesus. Não teve jeito, tivemos que ligar para o Marmita.

- E aí véio, você topa?

- Provocar um blecaute? Que pergunta mais besta, é óbvio que eu topo, sempre imaginei fazer uma coisa dessa e com uma “causa” ainda, ih, nem se fala!

Foi ele quem desenrolou os materiais necessários para a sabotagem. A técnica, apesar dos imensos riscos à vida de quem a executa da maneira errada, é até bem simples. Se você jogar uma barra de ferro ou qualquer outro tipo de metal nos fios de baixa-tensão, aqueles quatro que ficam mais abaixo nos postes, fará com que abra o fusível no transformador mais próximo. Dá certo, é o jeito mais fácil, mas se a parada tiver religamento automático você quebrará a cara, só vai dar uma piscada e a luz voltará em seguida. Regiões mais centralizadas ou de bairros burgueses geralmente tem essas paradas de religamento automático.

O certo mesmo é jogar uma barra de ferro nos fios de alta tensão, aí sim irá desarmar o disjuntor lá na subestação da concessionária de energia e se o ferro ficar lá em cima, que é o correto, os caras só vão poder normalizar o fornecimento de energia depois de retirarem o ferro. Escolhemos essa segunda opção, pois necessitaríamos de tempo hábil.

Marmita, que faz bicos como eletricitista e até já fez um estágio na Copel, abraçou a causa apaixonadamente.

- Carinhas! Desencanem dessa idéia de que precisamos usar barras de ferro muito pesadas. É massa, na hora que fechar o curto circuito na alta-tensão ela não derreterá, mas é muito foda jogar ela e acertar na primeira.

- Tá, seu monstro, e o que você sugere?

- Várias varetas.

- Como assim?

- Você sobe numa árvore próxima aos fios e mais alta que a linha. A primeira vareta que você jogar vai dar um puta xabú e desarmar o disjuntor da subestação. Geralmente leva uns cinco segundos pra religar. Nesses cinco segundos você joga mais umas duas. Te garanto que com umas dez varetas de aço garantimos que o religador da subestação vá a bloqueio e os caras terão que correr a linha pra descobrir onde é o curto-circuito. No mínimo meia hora sem luz, garantido.

- Ó a do cara, altos papos técnicos, de onde você manja isso tudo?

- Falei que sempre quis fazer isso e quanto fiz estágio na Copel dei um jeito de descobrir todas essas manhas. Mas essa parada toda ainda tem um galho.

- Que galho?

- Esse ataque não dá pra ser feito em quatro pessoas. Tem que ter mais gente pra coisa sair redondinha, se formos pegos pode sujar e se eu passar o Natal em casa minha mãe acho que morre de desgosto.

Marmita conseguiu então mais dois caras, amigos dele de confiança. Eles cuidariam do blecaute enquanto eu e os piás nos encarregaríamos do presépio. Já que trabalharíamos no escuro, preparamos umas cartolinas com frases e uma caralhada de panfletos anti-consumismo e anti-cristianismo. Pena que Sergio viajou, tenho certeza que ele faria altas piras. Marmita e os outros foram a mapear a rede de distribuição de energia próximo ao Shopping Popular do Capão Raso.

Sai do trabalho no sábado à tarde ansioso pra caralho, por mais que confie no Marmita e tal, seria a primeira vez que faríamos um ataque em que nem todas as coisas dependeria só de nós. Sete da noite pegamos todos o buzum carregando as varetas enroladas. Descemos próximo ao shopping e fomos junto com os guris checar a tal árvore de onde seriam lançados nossos mísseis inteligentes.

- É, realmente, vocês estão de parabéns, acharam uma árvore na moral mesmo.

Nos despedimos e fomos pro alvo com nossas mochilas abarrotadas de material subversivo. A merda é que no horário de verão a noite custa a chegar e tivemos que torrar nossos dinheiros bebendo cerveja. E os caras demoraram pra cacete. Eu particularmente já estava quase bêbado quando reparei que começou a cair uma chivinha fina.

- Cara, se eu conheço bem aquele baixinho invocado ele vai aproveitar o momento pra dar início às atividades.

Não deu nega, mal pagamos nossas contas e escureceu tudo. Entre os gritos de folia e susto da multidão estavam nossos gritos de euforia. Estávamos entrando no presépio e começando a desenrolar as cartolinas quando o inesperado fez um gol contra. A luz voltou. Caralho, quaaaaase fomos pegos em flagrante. Um senhora que estava ao lado do presépio nos olhou desconfiada.

- O que vocês iriam fazer?

- Pegar uma vela, tem uma senhora na loja de calçados que está passando mal por causa do escuro.

- Da próxima vez peçam que eu dou.

Devo confessar que ficamos todos desnorteados. Ou o apagão foi uma puta coincidência ou os caras fracassaram. Além do mais nem tínhamos visto as velas, as coisas não seriam tão simples quanto imaginávamos. De repente começamos a ficar pessimistas.

- É mano, acho que não vai ser dessa vez.

- Vamos lá encontrar os piás?

- Não, vamos esperar aqui pra ver o que acontece.

A cada minuto que passava ficávamos mais desbundados. O Shopping já estava quase fechando quando novamente escureceu tudo.

- É agora! Tem que ser agora!

- Calma! Relaxa e espera um pouco mais.

Passara-se dois eternos minutos enquanto a euforia tomava conta de nossas almas. Chegamos perto do presépio e a porra da velhinha estava lá. Tivemos que bolar um plano B pra resolver o problema. Jean chegou perto dela e com a entonação de voz mais desesperada da galáxia soltou essa:

- Vem comigo e trás uma vela minha senhora, PELO AMOR DE DEUS, venha comigo que tem gente passando mal ali na frente.

A coitada caiu feito uma patinha. Apaguei as velas e embolsei o menino em minha mochila enquanto o Fábio estendia as cartolinas em pontos estratégicos e entupia tudo com os panfletos. Tivemos que fazer tudo rapidinho no cagaço de que alguém se ligasse nas velas apagadas. Em um minutos estava tudo pronto e nós procurando Jean. Nos encontramos no banheiro masculinos e tratamos de dar o fora logo do local.

Foi só sairmos fora que encontramos o Marmita e os piás correndo e suando feito uns desesperados.

- Galeeera, fomos vistos, vamos dar o fora dessa porra!

- Como foram vistos?

- Dá primeira vez que deu o apagão um senhor nos pegou no flagra e tivemos que sumir e desbaratar. Mas o filho da puta ficou cuidando o lugar e esperou nós subirmos na árvore pra começar a ameaçar a chamar a polícia.

- E chamou!!! – O amigo dele estava realmente nervoso

- Então estão esperando o quê? Bóra daqui!

Esperamos escondidos atrás de um muro quarenta minutos até a luz voltar, quando voltou não resistimos a curiosidade e entramos no shoppings, mais calmos e com um sorriso de orelha a orelha. Lá estava, no presépio, junto com vários curiosos, o nosso cartaz:

Transformaram meu aniversário em símbolo do consumismo?

ME INCLUAM FORA DISSO!!

TÔ FORA! TÔ FORA!

Ainda chegamos perto e pegamos uns panfletos pra despistar. Realmente, nesse dia o Senhor deve ter sentido orgulho de suas ovelhinhas.

Amém.

Um Desconto de Natal (ataque trinta e sete)

Essa é mais uma Fábula de Natal. Era uma vez cinco piazzinhos, muito bonitinhos quando bebês e muito promissores em seus futuros. Certa noite o Destino embebedou-se e ao voltar pra casa em meio a uma chuva forte perdeu o registro dos cinco a essa altura quase rapazes. Os coitadinhos foram largados à própria sorte e foram felizes quase todas as vezes que puderam ser. Mas as historinhas na verdade não acabam quando as pessoas ficam felizes. Depois elas ficam tristes e algumas coisas ruins também acontecem. Então elas tem que se dar por conta que não é nada disso. Elas tem que se dar por conta que é apenas mais uma historinha que começa.

Com um dos piazzinhos esquecidos pelo destino, agora chamado de Delinqüente, a história continuou num domingo à tarde. Ele estava com alguns amiguinhos diferentes, não aqueles outros quatro esquecidos pelo destino e que agora também são chamados de Delinqüentes, no Castelo Encantado do Consumo. O consumo é um rei muito malvado, mas muito esperto. Vocês não acreditam do que ele é capaz. Ele capturou todas as brincadeiras. Para se divertir e brincar todos tem que ir em seu Castelo Encantado do Consumo.

Aí o Delinqüente saiu do Castelo Encantado pra brincar de uma coisa que não podia brincar lá dentro. O Rei Consumo anda meio brabo com umas coisas que andam fazendo e que ele não gosta. O Rei consumo não deixa fazer lá dentro. Então o Delinqüente estava brincando no lado de fora quando viu oito outros meninos, todos discutindo entre eles. Alguns pareciam brabos, mas tinha uns pareciam tristes. O rapaz foi ver o que estava acontecendo e ficou triste também, pois os outros oito meninos não podiam entrar no Castelo Encantado do Consumo.

Mas eles foram espertos, fingiram que eram todos irmãos e tentaram entrar no Castelo Encantado do Consumo como se fossem uma Grande Família. Só que os Agentes do Rei são muito mais malvados do que a gente pode imaginar e não só os oito outros meninos não puderam entrar, como ainda o Delinqüente esquecido pelo destino também ficou de fora e se perdeu de seus outros amigos.

Essa história, parece que está na cara, não poderia terminar assim. Então ele contou isso pra um monte de gente e um monte de gente tratou de dar uma bela lição no Malvado Rei Consumo e as regras muito feias pra se entrar no Castelo Encantado do Consumo. E como somos agora todos espertos, vamos dormir, pra que a historinha acabe com nossos heróis felizes.

Enquanto as crianças dormem, posso dizer que essa história praticamente aconteceu comigo. Como não estavam deixando fumar dentro do Shopping (O que fazia eu lá dentro? Fala sério) saí pra fazer um fumaçê do lado de fora. Foi quando vi os oito tais piás Indignados & Chateados por não poderem entrar. Quando cheguei perto vi que estavam planejando estratégias pra driblar os seguranças. Planejar estratégias o caralho, combinei com eles que dois seriam meus irmãos e o resto amigos e tudo certo, entraríamos naquela porra de uma jeito ou de outro.

Quebramos a cara e eu só não fiquei de fora com eles, como na fábula de natal, por que eles foram gente boa e desbaratinaram em tempo recorde. Jurei vingança, dessa vez igualzinho que nem na fábula.

O Menino Delinqüente chamou os outros quatro coleguinhas esquecidos pelo destino e planejaram uma vingança. Se o Rei Consumo continuasse fazendo aquilo, o Castelo do Consumo deixaria de ser Encantado e para um monte de gente não estava mesmo sendo Encantado. Os amiguinhos combinaram todos um monte de gente e mostrar pro Rei consumo que dava pra ser encantado do lado de fora do Castelo. Eles mostraram que também sabiam ser tão espertos quanto Malvado Rei Consumo.

Desde outubro, quando uma aparição chamada Rogério Coaxo apareceu no Blog dos Delinqüentes que tínhamos captado o meme pra nossa ação de natal. Trata-se do seguinte, sem meios termos: vai-se até uma loja de brinquedos portando um bloco de anotações. Finge-se que está olhando os brinquedos pra presentear alguém, de preferencia acompanhado de uma mina (uma barriga de gravidez mata a pau) e anota o número de série, lote e tudo o mais, assim como o e-mail ou serviço de zero oitocentos. E o principal, se ligar no funcionamento dos brinquedos e pensar no pior caso, ser macabro mesmo, imaginar que tal peçinha ou não sei o quê, se soltou e

machucou seu filho de uma maneira muito quase grave. Nunca vá às vias de fato, apenas insinue a possibilidade de uns escândalos. Então use de toda a sua dramaticidade nos e-mails.

Começamos em outubro e lá pelo dia vinte de novembro começaram a chegar brinquedos irados pelo correio. Uma coisa de louco, uma coisa de outro mundo, algo como forjar milagres, Rogério Coaxo deveria ser canonizado. É desses santos que precisamos.

A idéia inicial era fazermos um Potlatch de Natal, entrarmos numa loja de departamentos e darmos os brinquedos de graça pras crianças que estavam lá dentro com os pais, mas a coisa toda estava ainda muito palha. Foi o episódio dos meninos barrados no shopping ,mais as viagens do Jean lendo o Provos e pirando em provocar as autoridades que bolamos o Natal Delinqüente.

Os Meninos Delinqüentes não estavam sozinhos nessa, apesar de esquecidos pelo destino eles tinham um estranho super poder. É, até os esquecidos pelo destino tem seus super poderes. Eles tinham a Rede Mágica do Inesperado. Eles convidaram todas as pessoas que puderam pela Rede Mágica e várias pessoas legais toparam participar de sua brincadeira. Fazer com que as coisas fossem encantadas do lado de fora do Castelo era muito legal.

Essa parte da realidade já é uma adulteração grosseira da fábula pois muita gente achou legal e pouca mexeu suas bundas gordas. Depois de um quebra pau dos diabos convenci os piás a participarem de uma reunião aberta com o povo da lista de discussão dos Flash Mobs e a galera convocada pelo CMI e o caralho a quatro. Resumo: fora nós e uns amigos nossos, apareceram três neguinhos. E foi que não se chegou em nenhum acordo e a coisa, pelo menos na hora, teve que ser cancelada. Decidimos tocar no estilo foda-se mesmo.

Mas o Rei Consumo é muito esperto, não tem como lidar com ele sem ficar muito, muito ligado. E ele fez com que a maioria daquelas pessoas que acharam a brincadeira legal ficasse de fora. Mas eles não desistiram, tontos eles não é mesmo?

Depois da sujeira que rolou na delegacia, Sérgio simplesmente picou a mula e Vinícius, não sei se é verdade, tinha que estar com os véios em sua cidade ainda essa semana. Ficamos em três. Eu, Jean & Fabio. Os presentes estavam na mão. A fantasia de papai noel era fácil, era pra ser mendigo mesmo, o rolo era encontrarmos a criançada, isso eu já sabia de antemão. Domingo à tarde saímos em missão.

O ponto fraco de nosso plano não tardou em se manifestar. Aqueles meninos que ficam pedindo esmola ou vendendo adesivos e chicletes na rua XV não estavam lá. Os que ficam nos terminais de ônibus idem. Foi a mina que estava com Jean na noite da reunião que deu a idéia. Chutar o pau do barraco e sair nas praças procurando aqueles neguinhos cheradores de cola esquecidos pelo tempo, pra eles não tem a domingo. Era a única saída, mas decidimos que eu iria pra frente do shopping, esperar as coisas acontecerem naturalmente e eles sairiam atrás dos junkies. Acreditem, em Curitiba ser barrado na entrada de um shopping anda acontecendo naturalmente.

Esperei um tempão, comprei uma latinha de cerveja, tomei toda e comprei outra, perdi a noção do tempo até que o tão esperado inesperado aconteceu. Os seguranças conduzindo aos berros e caras feias, três meninos. Para servir como uma espécie de castigo para mim, eram todos Coxas Brancas. Saíram resmungando e fui atrás. Eram uns marmanjinhos de na faixa dos oito ou nove, mas eles podiam vender os brinquedos e adquirir seus próprios presentes. Toda cafagestice da parada poderia ser contornada explicando pros caras, de uma maneira curta e grossa, o que significava aquela atitude. Convenci os caras

Foi massa, por que aí a demora do Jean & do Fábio se converteu em vantagem a meu favor, tive tempo de alugar os piás pra caralho. No fim eles já tavam ansiosos que mais alguém fosse barrado pra montar as barricadas. Só que tiveram que experimentar o mesmo gosto amargo que eu, esperamos um tempão, eu já tava achando que Jean & Fabio estavam paunocuzeando. Resolvi torrar os últimos reais comprando mais uma bera e uma Cini de dois litros pros pirralhos Coxas lazentos. Chegando de volta na entrada do shopping apresentei O Inesperado pros Debutantes da Subversão. Cinco meninos menores sendo barrados pelos seguranças.

Os Meninos Delinqüentes do bem saíram em sua jornada em busca de outras crianças mas não encontraram ninguém para participar da brincadeira. Então dois deles foram atrás dos Garotos Perdidos enquanto o Delinqüente, nosso herói da fábula, foi pra frente do Castelo Encantado à espera das crianças que não estavam do jeito que as regras do Rei Consumo diziam que deveriam estar. Foi muito legal, ele conheceu três meninos que foram expulsos de lá, mas que apesar de ser vestirem de verde, eram do bem. O Delinquente contou a eles direitinho o que estava planejando e eles gostaram da brincadeira. Quando eles estavam já ficando impacientes pela demora em aparecer mais crianças uma Fada Madrinha de nome Éris fez com que aparecessem mais cinco crianças. Yabadabadú!

De repente parece que todas as portas se abriram, como se o universo desse o braço a torçer, Jean & Fábio finalmente deram as caras, com mais quatro. Eram junkie boys da maneira em que encontramos no Aurélio. Fábio já chegou se desculpando.

- Ari, relaxa aí, que nós demoramos por que estávamos fazendo a cabeça dos caras. Ari, os caras se

ligaram na parada, Ari de Éris, salvamos o dia dos caras.

Estávamos empolgados, Jean imediatamente desapareceu dentro do Shopping. Enquanto eu e os três coxas brancas preparávamos as cartolinas. Fábio se alugou de sair convencer outras pessoas que estavam por ali na frente a participarem da palhaçada. E não é que teve um grupinho de casais de namorados que topou? Com tudo pronto fui dar toque pro Jean no banheiro combinado.

Todos preparam os brinquedos animados. Naquela hora, todos os meninos que estavam lá se deram por conta que estavam recuperando, nem que fosse naquele momento, o Encanto a tanto tempo capturado pelo Malvado Rei Consumo.

Quando voltei foi o auge, cada menino estava segurando uma cartolina enrolada, Jean entregou-me uma e disparamos nosso arsenal altamente constrangedor pros hipócritas. Todos os cartazes tinham a seguinte frase escrita em caracteres toscos:

QUEM DIZER QUE O NATAL DO SHOPPING TAL, TÃO BONITO NA PROPAGANDA, NÃO É PARA TODO MUNDO??

Os primeiros instantes foram apoteóticos, os segundos já foram de “cadê o Jean?”. Os seguranças do Shopping Tal nos olhavam empuetados e falavam no rádio nervosamente. Naqueles instantes senti a gota de suor mais marcante da minha biografia, pra sempre vou lembrar dela. Estava com ela quando vi outra cena histórica. Um Papai Noel maltrapilho sendo carregado por dois seguranças. O viado saiu do banheiro “travestido de Papai Noel” cambaleando feito um bêbado com um saco de lixo cheio nas costas. Uma personagem impossível dentro de um shopping center, se eu estivesse tramando de segurança, inserido na realidade consensual, não toleraria tal ousadia

Então o menino sorteado para fazer o papel de Papai Noel surgiu, conduzidos por dois Agentes do Rei que, comovidos, resolveram contribuir pra que a Brincadeira ficasse ainda mais divertida. A criançada estava com cartazes com frases bonitas e deram três urras e fizeram uma fila pra ganhar seus presentes. Sim! Na brincadeira bolada pelos Delinquentes Esquecidos Pelo Destino tinham brinquedos. Sem dúvida, o encanto estava temporariamente recuperado das mãos do Rei Consumo.

Jean depois de ter encarnado Robert Jasper Grootvelt tem se demonstrado um ator mais do que genial, intergalático. Quando os seguranças o soltaram, jogou-se no chão e levantou-se lentamente, segurando o saco de lixo e encarando o único segurança que ficou. Quando virou os olhos pra Galera Excluída todos baixaram os cartazes e fizeram uma fila. Os Coxas Brancas demonstraram que para alguma coisa torcedores do Coritiba servem, subversão, como todo ser humano aliás, mas vamos dar uma chance pros caras: apavoraram na fila:

- Urrrúúú! Vamos ganhar presente! Ôou segurança bombado aí, vem pra fila pra ganhar alguma coisa!

- Garanto que é atleticano, vem cá que aqui você ganha!

E a gurizada ganhou os brinquedos, por mais que fossem palhas, por mais que eles reciclassem e acabassem dando pra seus irmãos mais novos, valeu pelo momento de abrirem os presentes (pois caprichamos nos papéis de presentes e nos laços), toda a galera de curiosos olhando naquela de “o que que é?” e “abre aí de uma vez!”. Massa mesmo, só não mais massa porque Rei Consumo corcoveou.

O Malvado rei Consumo ficou muito bravo. Chamou os Perigosos Gambés. Para acabar com aquela Brincadeira e recuperar o Encanto para seu Castelo.

Estávamos viajando na alegria do pessoal quando ouvimos as sirenes dos carros da polícia, o pessoal do shopping não tolerou aquela palhaçada toda, mesmo do lado de fora, alguma coisa os filhos de uma puta tinham que fazer. O cagaço nos paralisou por uns dois vírgula trinta e três segundos, então reagimos desesperadamente.

- Bóra galera, não tô afim de limpar banheiro

Os piás a princípio ficaram surpresos com nosso susto, mas acabaram correndo. Nós três corremos muito mais que todos, simplesmente sumimos de vista. A umas trocentas quadras de distância do shopping nos socamos na lanchonete de uns chineses, que é só o que tem no centro de Curitiba e nos mocamos bem no fundo, atrás de uns engradados de cerveja vazia. Pedimos um bera e a secamos nervosamente, pedimos a segunda e secamos de novo, agora relaxados e sorrindo. A terceira veio com gargalhadas e acabamos a noite bêbados e felizes.

Os Meninos Delinquentes saíram correndo do Castelo Imediatamente e na fuga se perderam dos amiguinhos novos, mas graças a Fada Madrinha Éris conseguiram encontrar uma Caverna Mágica bem segura e após se empanurrarem com o Liquido Maravilhoso viveram felizes para o resto do dia.

Boa noite crianças.

Fuja Imediatamente: Fomos Descobertos! (A última Dança)
(ataque trinta e oito)

Cagamos fora do penico. Nossos objetos de culto: o Inesperado, a Dança do Acaso & a Rede de Coincidências Cósmicas, que sempre jogaram no nosso time, fizeram um gol contra. Ainda não sei ao certo que diabos está acontecendo, só sei dizer que na quarta-feira à noite, lá pelas dez horas da noite, enquanto estávamos eu e o Jubikão no porão, um Policial Civil bateu à porta.

- Gostaria de falar com Jean.

- Eles não está. Sobre o que seria?

- Sou Investigador da Polícia Civil.

Gelei. O Chão sumiu de meus pés.

- Investigador?

- Sim. E você, quem é? É amigo dele ou mora com ele?

- Não, sou amigo do Sergio e estou cuidando da casa durante à noite enquanto eles todos estão viajando.

- Sabe me dizer onde Jean foi?

- Olha Seu Policia, o Jean só conheço de vista, sou amigo do Sergio mesmo, mas ouvi falar que ele saiu viajando de carona por aí, parece que queria chegar até o Espírito Santo ou coisa parecida. Mas não pode me dizer do que se trata?

- Temos uma denúncia de que ele anda participando de umas badernas por aí.

- Badernas.

- Sim, uma pessoa que trabalhava numa churrascaria e agora é segurança de um Shopping testemunhou dos casos envolvendo este sujeito.

- Ah, tá, mas será que se trata do mesmo Jean, o cara é tão sossegado.

- É o que estou investigando, vou deixar aqui meu cartão e se tiver algum contato com ele diga que queremos conversar, é importante.

Então o cara saiu prometendo voltar dentro de alguns dias e fiquei só com meus pensamentos Perdidos & Confusos & Temerosos,. Caralho, será que fomos descobertos? Passei a noite inteira quebrando a cabeça. Essa história estava muitíssimo mal explicada. Que pessoa é esse? Como sabia que o nome dele era Jean? Como achou nosso endereço? Porque só o Jean? Tentei de todo o jeito entrar em contato com o cara sem sucesso algum.

N outro dia trabalhei tomado por uma paranóia absurda. É foda a sensação de estar sendo seguido, investigado, monitorado. A impressão que eu tinha é que cada pessoa que olhava pra mim na rua era um investigado, um detetive ou um Agente da Conspiração querendo me ferrar. contei o ocorrido no Blog dos Delinquentes e Jubyleu sugeriu que a coisa toda estav totalmente sem lógica, tinha que ter cagüeta no meio. Cagüeta, mas quem? Então comecei a desconfiar de todo mundo, de meus amigos mais chegados até meu chefe, meu vizinho e o pessoal dos Flash Mobs.

À noite não fui dormir no porão. Aproveitei a deixa pra realizar um sonho antigo: passar a noite na rua, junto com os mendigos. Me lasquei por que justo nesta noite um frio totalmente fora de época se abateu sobre o verão Curitibaano. Mnido de uma garrafa de 51 fui atrás dos mendigos. A prefeitura correu com todos que dormiam no9 centro, tive que andar um montão e acabei encontrando os colegas indigentes no Mercado Municipal próximo ao Viaduto Capanema.

Fui bem recebido, não sei dizer se é porque os caras são gente boa ou por causa do litro de 51, que foi secado em tempo recorde. Foi uma noite legal, os cars me emprestar papelão e folhas de jornal pra enfrentar o frio e enquanto nos embebedávamos contamos altas histórias. Inclusive um deles me contou algo inédito para minha ignorância. A Revolta do Pente, que aconteceu nessa cidade no ano de 1959. Por causa de um militar que comprou um simples pente e começou a discutir com o lojista por causa de uma nota fiscal começou um bate-boca que acabou em pancadaria com o militar indo a nocaute. Os curiosos tomaram as dores do derrotado e começou um quebra-quebra na loja que surpreendentemente se alastrou para as lojas vizinhas e dentro de pouco tempo a praça Tiradentes inteira virou um Caos anárquico. Tiveram que acionar o exército para acalmar a turba e segundo o mendigo até tanques de guerra ficaram de prontidão para o caso de as coisas se complicarem ainda mais.

Noutro dia, de volta ao trampo, corri no Google pra checar a veracidade da história e qual não foi minha surpresa ao descobrir que sim, a coisa tinha mesmo ocorrido. Fiquei feliz e orgulhoso de meu amigo mendigo. No decorrer do cagar dos pássaros consegui contato com Jean.

- O quê Ari? Me explica melhor essa história!

- Não tem mais o que explicar, só falamos isso mesmo, simplesmente não sei te dizer o que está acontecendo.

- Puta que o pariu Ari, mas por que só eu?

- Não sei, cara! Eu não sei!

- Ari, você é o único que está aí em Curitiba, vai ter que ser você quem vai limpar nossa barra.

- Limpar a barra? De que jeito cara? A única atitude que tomei por enquanto foi contar o problema pro pessoal mais chegado da Internet e sacar as sugestões deles.

- Caralho, Ari! Nem tava me lembrando disso! Ainda essa porra de blog na Internet. Seu Viado! Desde o começo eu te avisava que essa coisa de ficar de ficar divulgando nossas paradas ainda ia dar merda.

- Relaxa cara, o pessoal deu altas sugestões.

- Que sugestões?

- Sumir, desaparecer, para de postar no Blog dos Delinquentes e passar a postar tudo como Timóteo Pinto, um convívio, um nome coletivo que criamos.

- Tá, beleza, só que você vai ter que dar um jeito de agente sumir desse endereço chave de cadeia aí.

- Jeanzinho de Éris, o que tu tens em mente.

- Infelizmente tá só você aí e vai é aquela velha história: “Já que não tem tu vai tu mesmo”. Vais ter que arrumar um novo mocó e transferir todas as nossas tralhas pra lá. Mas veja bem Ari, tens que ser discreto, pode ser que tenha alguém aí vigiando essa porra de porão o tempo todo. Procure fazer a mudança na night e por favor, seja discreto!

Jean & Fabio sempre foram os mais paranóicos e desta vez contavam comigo em sua neurose. Sem saber o que fazer nem pra onde ir liguei pro Marmitta, o único nome que me ocorreu, pois o Társis estava viajando também. Em Curitiba o pessoal tem o costume de desaparecer da cidade nos feriados prolongados e férias. O baixinho, sempre desenrolado, me arrumou uma meia água no sítio Cercado pra deixarmos nossas coisas temporariamente. Bolamos então uma operação quase ridícula de tão paranóica.

Atacamos nós mesmos. Como último ataque a coisa chega até a ser irônica. Saquem só o que planejamos. Fazer a mudança de madrugada, no escuro, como se estivéssemos roubando o porão. Para o caso de Jean estar certo, se tiver alguém de campana na frente do porão, seria mesmo a coisa mais correta a fazer.

- Mas veja bem Ari, se formos pegos vai ser muito foda você explicar pro delegado que estavam roubando você mesmo. Além de ser uma comédia do cacete, as coisas poderão se complicar ainda mais pro lado de vocês.

- Pro lado nosso? Esqueceu que você também está nessa? Rapaz, você participou de vários ataques, és um Delinquento também seu jagüar!

- E o pior é que é mesmo.

Fizemos tudo em tempo recorde. Marmitta conseguiu de novo aquele caminhãozinho que usamos pra abandonar o artefato alienígena auto estrada e duas da manhã estacionamos na rua de trás a umas quatro quadras de distância. No dia em que caçamos ratazanas pra atacar o Vegan radical mala sem alça, ataque que acabou não acontecendo, ficamos manjando de todos os terrenos baldios e prédios abandonados das redondezas.

- Marmitta, olha só meu plano. A gente trás as coisas pelo terreno baldio até esse armazém vazio, depois leva por esse outro terreno baldio e deixa tudo atrás do muro. Então faremos um esforço dos diabos mas em um minuto tudo tem que estar em cima do caminhão.

- Beleza então...

Chegando perto, pelos fundos, Jubikão, nosso cãozinho que herdamos do ataque da Pet Shop revelou-se um bom cão de guarda, chegou junto, latindo ferozmente até me reconhecer e vir chacoalhando o rabo. A mudança não foi nada fácil, transferimos tudo pela janela e a geladeira resolvemos deixar pra abater do valor do aluguel. Dentro do porão eu pichei uma frase que insinuava que o porão tivesse sido invadido por alguém que era contra os moradores por algum motivo desconhecido.

“Aqui se faz. Aqui se paga.” Ass: AC

O AC, pros menos ligados, significa: Agentes da Conspiração. Suamos pra cacete pra carregar tudo. Ainda por cima minha cixa de gibis se abriu no meio do caminho e tive que recolher tudo. Levamos quase duas horas pra carregar tudo até o muro que tínhamos combinado. Marmitta estacionou o caminhão debaixo de uma árvore e esperamos praticamente mais uma hora pra conferir o movimento, escutar ruídos e checar se dava pra fazer a carga sem chamar a atenção de ninguém.

Foi então que realizei o trampo mais sofrido dos últimos tempos, carregar aquilo tudo em um minuto com a adrenalina a mil nas veias foi uma coisa muito foda. Eu suava a cântaros. Marmitta suava a cântaros e Jubikão nos olhava com um olhar entre o curioso e o triste. Gosto dos cachorros por que eles sacam das coisas e não possuem o menos pudor em demonstrar seus sentimentos. Quando terminamos jogamos uma lona por cima e paramos pra descansar.

- E aí Ari, tem certeza que não esqueceu de nada

- Acho que não, mas em todo caso, você me espera eu ir lá dar uma última conferida.

Aquele porão, mais que tenhamos ficado apenas um mês nele, havia conquistado meu coração, ver aquilo tão vazio que parecia que até os pensamentos produziam ecos, me deixou profundamente chateado. Olhei pela janelinha que tinha vista pra frente e fiquei um tempão analisando se tinha algum filho da puta nos vigiando. Não vi nada. Realmente, talvez isso tudo não passe mesmo de uma grande paranóia, mas como dizia aquele velho Junkie & Genial: “Paranóico é aquele que tem pelo menos uma mínima noção do que está acontecendo.” Se quiserem me chamar de ridículo podem chamar, estão liberados, eu sei que mereço, mas dei uma vasculhada geral atrás de escutas eletrônicas e microcâmeras instaladas por possíveis Agentes da Conspiração. É aquela velha história: Se o que você faz, faz impunemente, é por que é inofensivo.

Peguei ainda uns cartões do Sérgio que estavam pelo chão, dei uma última cagada naquele banheiro fedorento e abandonei o recinto. Jubikão me acompanhou o tempo todo, até no banheiro, parecia mesmo que queria me dar um apoio psicológico. Acho que amo esse cachorrinho pulguento. Quando cheguei no caminhão Marmita já estava completamente impaciente.

- Porra cara, porque demorou tanto?

- Ah véio, foi foda ver aquele Antro de Delinqüentes vazio e ainda por cima saber que daqui pra frente tudo vai ser diferente.

- Tudo bem, mas não podemos ficar muito tempo aqui dando bandeira, alguém pode se ligar e dar merda.

- Então vamos embora de uma vez.

- E que carinha triste é essa aí, seu boiola?

- Vai te fuder seu pau no cú.

Marmita caiu nas gargalhadas e enquanto o caminhão andava e os fundos do porão sumiam de vista meus olhos começaram a ficar aguados. Foi uma cena triste pra cacete, odeio despedidas, sei que o fim das coisas é uma coisa absolutamente natural, mas tenho o direito de odiar despedidas e essa será uma que demorarei séculos pra esquecer.

- Ari, você está chorando?

- Já mandei você se foder caralho! Estou com sono, só isso.

Baixei a cabeça na janela do caminhão e fiquei fingindo dormir e chorando de verdade até chegarmos do sitio Cercado. Descarregamos tudo lentamente e em silêncio até o casebre de madeira no fundo do quintal da tia do Marmita. Quando acabamos sentei na calçada da frente pra fumar um cigarro. Marmita sentou junto e conversamos um pouco.

- Como serão as coisas de agora em diante, vão seguir com os ataques?

- Não sei, isso é uma coisa pra se analisar.

- Acho que vocês fizeram tudo certinho, seria muita sacanagem desistir de lutar contra o Império. Ari, somos os rebeldes, a humanidade precisa de nós, hehehe!

- Vou ter que esperar o pessoal voltar e decidirmos juntos as novas estratégias. De minha parte posso te garantir que não vou parar. Decidi seguir esse caminho e vou trilhá-lo até o fim, seja lá o que signifique esse fim.

- É, parece que essa coisa vicia.

- Realmente Marmita, liberdade causa dependência.

Então a melancolia voltou a me contaminar, fui até o casebre com os olhos úmidos novamente e fiz a única coisa que me pareceu digna na ocasião, peguei uma lata de spray, corri sozinho por cinco quadras, escolhi um muro adequado e, ainda com lágrimas nos olhos pichei:

SEJA REALISTA, EXIJA O IMPOSSÍVEL.